

JULIANA OLIVEIRA DE SOUZA

**ABRIGO:
TRAJETÓRIAS DE VIDA BEM SUCEDIDAS**

RECIFE
2008

JULIANA OLIVEIRA DE SOUZA

**ABRIGO:
TRAJETÓRIAS DE VIDA BEM SUCEDIDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Aécio Marcos de Medeiros Gomes de Matos

Recife, outubro de 2008

Souza, Juliana Oliveira de
Abrigo : trajetórias de vida bem sucedidas. – Recife: O
Autor, 2009.
191 folhas : il., gráficos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2009.

Inclui: bibliografia e anexos.

1. Psicologia social. 2. Abrigos para jovens. 3.
Privação dos pais. 4. Desenvolvimento pessoal. 5.
Afeto(Psicologia). 6. Identificação. I.Titulo.

159.9
150


CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)

UFPE
BCFCH2009/12

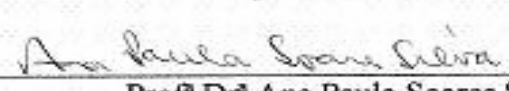
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**ABRIGO:
TRAJETÓRIAS DE VIDA BEM SUCEDIDAS**

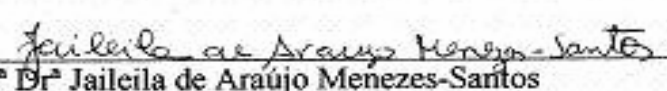
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Aécio Marcos de Medeiros Gomes de Matos
1º Examinador



Profª Drª Ana Paula Soares Silva
2º Examinador



Profª Drª Jaileila de Araújo Menezes-Santos
3º Examinador

Recife, 31 de outubro de 2008

AGRADECIMENTOS

À equipe do Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades (N.O.F.E.) da 1ª Vara da Infância e da Juventude da Capital, pela contribuição na minha formação profissional e na construção de uma visão crítica e complexa sobre os abrigos e crianças e adolescentes abrigados;

Às crianças do Lar Paulo de Tarso, pelo carinho e pela demonstração das potencialidades humanas para a superação e transformação da realidade (geralmente injusta e imprópria para tão tenra idade);

Aos amigos do Lar Paulo de Tarso, em especial a Bernadete e Alessandra, pela compreensão e apoio neste investimento acadêmico;

Aos familiares, amigos e companheiros de trabalho, pelo incentivo e apoio em todas as minhas conquistas.

Aos grandes amigos, Rafaela e Rosemberg, companheiros da graduação, do mestrado, da vida;

Ao querido Wolbert, importante incentivador deste trabalho, pela paciência, dedicação e carinho constantes;

Ao professor Aécio, por sua habilidade e competência no processo de ensino-aprendizagem, numa construção conjunta de saberes e, principalmente, por suscitar o desejo pelo conhecimento e por uma atuação crítica no campo da ciência;

A Deus, pela saúde e possibilidades de investimento no meu projeto de vida, em que se inclui este curso de mestrado.

*“Conhecer é produzir uma tradução das
realidades do mundo exterior”*

(Edgar Morin)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar os processos psicossociais envolvidos nas trajetórias de vida de sujeitos que conviveram em abrigo, separados da família durante a infância e a adolescência, e que obtiveram êxito na vida social (estudo, trabalho, família). As teorias psicológicas clássicas, ao enfatizarem a importância da família no desenvolvimento humano, exploram, de maneira muito insipiente, as condições e possibilidades de uma evolução saudável em contextos não familiares, como creches, internatos e abrigos – situação recorrente na realidade de muitas crianças e adolescentes pobres, no Brasil. Nesse sentido, embora esta pesquisa considere a família como *locus* privilegiado para o desenvolvimento bio-psicossocial das crianças e adolescentes, questiona que funções psico-afetivas, normalmente providas pela família, poderiam ser resgatadas em outros contextos de convivência. Nessa perspectiva, foram realizados estudos de caso em uma instituição de abrigo do tipo casa-lar, situada na Região Metropolitana do Recife, trabalhando com uma metodologia de caráter qualitativo baseada em *histórias de vida*, buscando uma aproximação com a dimensão subjetiva do objeto e sua correlação aos múltiplos aspectos da situação analisada. A fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa revela o exercício da pesquisadora de apropriação dos seus instrumentos teóricos, transitando entre as teorias psicanalíticas, com ênfase na teoria winnicottiana, e a Perspectiva da Rede de Significações. Os resultados apontaram para um conjunto de fatores de ordem afetiva e social – os vínculos, os modelos identificatórios e a natureza das instituições envolvidas – como *circunscritores* importantes do desenvolvimento saudável em situação de abrigo. Na pesquisa, esses fatores psicossociais aparecem no contexto de processos de significação na produção de sentidos, a partir das interações sociais, ligados às relações e práticas que circunscrevem a trajetória de vida de cada sujeito. As contribuições deste trabalho de investigação se integram num esforço maior para o estudo do desenvolvimento humano em diferentes contextos sociais, pautado na relativização do papel dos diferentes ambientes sócio-afetivos e, em particular, nas condições existentes nos programas atuais de abrigo.

Palavras-chave: história de vida; abrigo; privação familiar; desenvolvimento psicossocial; vínculos afetivos; identificação; instituição.

ABSTRACT

The present work held as objective to analyze the psycho-social processes involved in paths of the lives of people who lived in foster homes, away from their families, throughout their childhood and teenage years and somehow succeeded in their social lives (formal education, career, family). The classic psychology theories, when emphasizing the importance of the family in the human development, exploit in a very insipient way the conditions and possibilities of a healthy development in a non-family environment such as nurseries, boarding houses, and foster homes. Such situation is common for the reality of many poor children and teenagers in Brazil. In this way, although the present work considers the family the privileged *locus* for the biological and psycho-social development of the infant and adolescent, it questions which psychological affective roles, normally provided by the family could be supplied by other living environment contexts. Under this perspective study cases were carried out in a house/home shelter institution in the city of Recife, following a qualitative methodology based on *life stories* seeking an approximation with the subjective dimension of the subject and its correlations with the various aspects of the situations studied. The theoretical foundation used in this study shows the performance of the researcher on handling her theoretical tools, moving amongst psychoanalytic theory, with emphasis on Winnicott's theory, and on the Meanings' Network Perspective. The results point at a group of factors of affective and social nature – the bonds, the identificatory models and the nature of the institutions involved – as important actors of the healthy development in a shelter situation. In the research these psycho-social factors come up in the process of meaningfulness, production of meaning, from the social interactions related to the relations and practices throughout the life of each subject. The contributions of this research gather effort for the studies of the human development in different social contexts, seen upon the relativization of the role of the various social-affective environments and especially in the present conditions in the current fostering programs.

Key Words: life story; shelter; family deprived; psycho-social development; affective bonds; identification; institution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
OBJETIVOS	13
OBJETIVO GERAL:.....	13
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	14
1.1 – REPENSANDO A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA.....	14
1.2 – INSTITUIÇÕES SUBSTITUTAS ÀS FAMÍLIAS - UMA ABORDAGEM HISTÓRICA.....	16
1.3 – CONTEXTO ATUAL DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES EM ABRIGOS.....	21
1.4 – CONHECENDO O INSTITUTO GAMA.....	23
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
2.1 – TEORIAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	28
2.1.1 – <i>Contribuições da abordagem kleiniana</i>	30
2.1.2 – <i>A teoria winnicottiana</i>	31
2.1.3 – <i>Vínculos e relações afetivas</i>	37
2.2 – PRIVAÇÃO FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO HUMANO	39
2.3 – ADOLESCÊNCIA, PREPARAÇÃO PARA A VIDA ADULTA	42
2.4 – A VIDA NOS GRUPOS.....	46
2.5 – O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES NA FORMAÇÃO PSÍQUICA DOS SUJEITOS.....	49
2.6 – SOBRE O POTENCIAL DE RESILIÊNCIA.....	56
2.7 – ABORDANDO A COMPLEXIDADE DO DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	57
3 – METODOLOGIA.....	62
3.1 – CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE INSTITUCIONAL	62
3.2 – HISTÓRIA DE VIDA – O MÉTODO	63
3.3 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	65
3.4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	65
3.4.1 – <i>Participantes</i>	65
3.4.2 – <i>Levantamento de Informações</i>	66
3.4.3 – <i>Procedimentos para análise</i>	69
3.5 – IMPLICAÇÕES ÉTICAS	70
3.6 – IMPLICAÇÕES DA PESQUISADORA COM O OBJETO DA PESQUISA.....	71
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	73
4.1 – A HISTÓRIA DE VIDA DE PAULO	73
4.1.1 – <i>Rompimento com a família de origem</i>	74
4.1.2 – <i>Primeiros vínculos afetivos</i>	78
4.1.3 – <i>Relações com adultos e crianças</i>	82
4.1.4 – <i>Os modelos identificatórios na adolescência</i>	87
4.1.5 – <i>Idealizações da vida futura</i>	92
4.1.6 – <i>Saída do Instituto GAMA</i>	95
4.1.7 – <i>A sociabilidade na vida adulta</i>	96
4.1.8 – <i>A constituição de laços permanentes fora do GAMA</i>	98
4.1.9 – <i>Síntese dos principais circunscritores na trajetória de Paulo</i>	99
4.2 – A HISTÓRIA DE VIDA DE JOANA.....	102
4.2.1 – <i>Rompimento com a família de origem</i>	103
4.2.2 – <i>Primeiros vínculos afetivos</i>	106
4.2.3 – <i>Relações com adultos e crianças</i>	109
4.2.4 – <i>Os modelos identificatórios na adolescência</i>	112

4.2.5 – Idealizações da vida futura	116
4.2.6 – A saída do GAMA	119
4.2.7 – A sociabilidade na vida adulta.....	121
4.2.8 – A constituição de laços permanentes fora do GAMA	124
4.2.9 – Síntese dos principais circunscritores na trajetória de Joana.....	126
4.3. A HISTÓRIA DE VIDA DE MARCELO	129
4.3.1. Rompimento com a família de origem.....	129
4.3.2. Primeiros vínculos afetivos.....	133
4.3.3. Relação com adultos e crianças	137
4.3.4. Os modelos identificatórios na adolescência.....	141
4.3.5. Idealizações sobre a vida futura.....	149
4.3.6. A saída da Instituição	151
4.3.7. A sociabilidade na vida adulta	154
4.3.8. A constituição de laços permanentes fora do GAMA	156
4.3.9. Principais circunscritores na trajetória de Marcelo.....	158
4.4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSTITUTO GAMA	162
5. SÍNTESE (PROVISÓRIA) DAS ANÁLISES	168
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
ANEXOS	
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
Anexo II – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	

INTRODUÇÃO

A trajetória desta pesquisa teve como marco inicial a experiência de trabalho no Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades (N.O.F.E.) – pertencente à I Vara da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça de Pernambuco, em aproximação com a área da Psicologia jurídica e social e com a realidade institucional dos abrigos governamentais e não-governamentais do Recife. Além dessa experiência, a atuação profissional no abrigo Lar Paulo de Tarso, uma Organização Não-Governamental (ONG), intensificou o interesse pelo estudo e aprofundamento das questões ligadas à infância e juventude, mais especificamente às crianças e aos adolescentes em medida protetiva de abrigo.¹ As repercussões dessas experiências no desenvolvimento da pesquisa serão analisadas na parte dedicada às implicações da pesquisadora com o objeto de pesquisa.

Desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ações têm sido implementadas na área da assistência social, a exemplo dos Conselhos Tutelares² como órgãos permanentes e autônomos designados pela sociedade civil para defender os direitos das crianças e dos adolescentes. A partir da ação desses Conselhos e da intervenção do Poder Judiciário, uma parte da população infanto-juvenil, que tem seus direitos ameaçados ou violados, é retirada do convívio familiar e comunitário e encaminhada para os serviços de acolhimento³, classificados pela Secretaria Nacional de Assistência Social como: abrigo institucional, Casa-Lar, Família Acolhedora e República⁴. Tais instituições são responsáveis pelo atendimento integral da criança e do adolescente, constituindo-se como residência provisória⁵, com a função de garantir os direitos fundamentais aos acolhidos, como: educação, saúde, esporte, lazer, profissionalização, convivência familiar e comunitária, entre outros.

Essas instituições de acolhimento parecem ainda impregnadas por muitos estereótipos, preconceitos, poucas expectativas e muitas limitações projetadas sobre as crianças e os

¹ Dentre as medidas específicas de proteção está a do *abrigo em entidade*, que pode ser aplicada diante da violação ou ameaça aos direitos das crianças e dos adolescentes por: I- ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; III – em razão de sua conduta (ART. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] - Lei Nº8069/90).

² Art. 131 do ECA.

³ Referente ao acolhimento institucional (abrigos) no âmbito dos Programas de Proteção Social Especial.

⁴ Fonte: “Orientações Técnicas para os serviços de acolhimentos para crianças e adolescentes” (2008), documento elaborado pelo Departamento de Proteção Social Especial, pertencente à Secretaria Nacional de Assistência Social.

⁵ De acordo com o ECA, os abrigos devem ser medidas provisórias, porém há situações em que adolescentes atingem a maioria dentro dessas organizações.

adolescentes acolhidos, que remetem a uma herança histórica de reclusão de crianças sob a ótica da exclusão e do controle social.

As teorias psicológicas, ao enfatizarem a importância da família no desenvolvimento humano, parecem investir timidamente nas questões relacionadas às possibilidades de desenvolvimento em outros contextos (como creches, internatos, abrigos, ruas etc.) bastante comuns na realidade das crianças e dos adolescentes pobres do Brasil. O caráter imprescindível, atribuído ao papel da família no desenvolvimento emocional das crianças, é argumentado por diversos teóricos, a exemplo de Winnicott (2005b) que diz:

É o funcionamento usual de bons lares que necessita de prioridade, pela simples razão de que as crianças que estão sendo criadas em seus próprios lares são as únicas que apresentam condutas satisfatórias e compensadoras, são os cuidados dispensados a essas crianças que dão dividendos (p. 195).

Afirmações dessa natureza mobilizaram essa pesquisa no intuito de promover uma leitura complexa sobre o desenvolvimento humano, ressaltando a diversidade de relações e contextos de desenvolvimento, demanda atual para o estudo da Psicologia e das demais ciências. Em contraponto às teorias psicológicas causais e deterministas, as crianças e os adolescentes têm demonstrado o desenvolvimento satisfatório de capacidades e habilidades pessoais, sociais e cognitivas em contextos distintos da família. Com referência a uma abordagem complexa e dinâmica sobre o desenvolvimento humano, adotou-se nesse trabalho a definição das autoras Carvalho & Lordelo (2002):

O desenvolvimento não é determinado, mas possibilitado e circunscrito por um enorme conjunto de fatores e processos em interação dinâmica, envolvendo, portanto, um alto grau de imprevisibilidade. Esses fatores e processos vão desde características individuais presentes a partir da concepção até fatores macroculturais dos grupos humanos, nos quais se dá a ontogênese (LORDELO & CARVALHO, 2002, p.229-230).

Nessa perspectiva, propôs-se o estudo de trajetórias de vida de pessoas que, ao serem retiradas da *família de origem*⁶, tiveram como principal contexto de desenvolvimento uma

⁶ Utiliza-se o termo *família de origem* para referir-se ao grupo familiar (constituído por laços consanguíneos ou não, pelos pais, avós, tios, irmãos ou até uma pessoa da comunidade) em que a criança ou o adolescente convivia antes de ingressar num serviço de acolhimento.

instituição Casa-Lar,⁷ durante a infância e adolescência, obtendo êxito no processo de socialização.

Algumas hipóteses foram levantadas na etapa inicial dessa pesquisa, como: 1) experiências positivas na esfera relacional, anteriores ao período de abrigamento, contribuíram para um desenvolvimento saudável; 2) no contexto do abrigo, a presença de vínculos afetivos e estáveis com um(s) adulto(s) e/ou seus pares (crianças/adolescentes) propiciaram condições favoráveis ao desenvolvimento psicossocial; e 3) as condições relacionadas às atividades produtivas (escola, trabalho etc.) e à participação nos diversos espaços comunitários, mediadas pelo abrigo, favoreceram a inserção social e autonomia dos sujeitos afastados da família de origem. A partir dessas idéias, outros elementos agregaram-se à análise dessa pesquisa. Vale ressaltar que o presente trabalho parte do pressuposto de que toda criança e todo adolescente tem o direito de crescer numa família, porém aqueles (milhares) que, por diversos motivos, convivem em outros contextos, sendo um deles o abrigo, precisam dispor de condições favoráveis ao seu desenvolvimento bio-psicossocial, e não serem fadados a apresentarem *distúrbios graves do desenvolvimento da personalidade*.⁸

Inicialmente será contextualizada a problemática da pesquisa a partir de uma síntese crítica sobre a família e as instituições de acolhimento, incluindo o percurso histórico sobre a reclusão de crianças no Brasil e a delimitação atual da rede de abrigos e da Casa-Lar envolvida nesse estudo. Em seguida, o referencial teórico apresentará a perspectiva adotada para compreender o fenômeno pesquisado, sob a ótica da dialética e da complexidade. Mais adiante, serão explicitados o referencial e os procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa, de natureza qualitativa, com destaque para o método da história de vida. A partir desse método investiu-se na articulação entre os diferentes elementos e contextos envolvidos no desenvolvimento psíquico e social dos sujeitos. Finalmente, os capítulos posteriores apresentarão as análises e sínteses (provisórias) construídas na inter-relação entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, situados num determinado campo empírico e teórico.

As expectativas sobre esse trabalho referem-se às contribuições para o estudo do desenvolvimento humano em diferentes contextos sociais, à relativização sobre o ambiente adequado para o desenvolvimento psicossocial e à problematização das discussões atuais sobre os programas de abrigo.

⁷ Nesse trabalho, a Casa-Lar, envolvida na pesquisa, também poderá ser referida como abrigo, visto que se trata de uma das modalidades de abrigamento.

⁸ Termo utilizado por Winnicott (2005b) ao referir-se às conseqüências de interferências no ambiente familiar, da separação da criança de sua mãe antes dos cinco anos de idade.

Conhecer essas trajetórias de vida e perceber-se implicada nesse universo social e cultural trouxe para a pesquisadora uma perspectiva complexa sobre os fenômenos psicológicos, mobilizando o interesse em prosseguir no estudo dos diversos recursos que o ser humano dispõe, cria e recria no processo de desenvolvimento e superação das adversidades na esfera pessoal, familiar e social.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar os processos psicossociais⁹ que contribuíram para uma trajetória de vida *bem sucedida*¹⁰ de indivíduos que, ao serem privados da família de origem, conviveram em instituição do tipo Casa-Lar durante a infância e adolescência.

Objetivos Específicos:

- Compreender o desenvolvimento dos processos psicológicos, com foco nos mecanismos de identificação e formação de vínculos afetivos em situação de convívio em instituição de acolhimento;
- Analisar a rede de relações (interpessoais e institucionais) e contextos (grupos, escola, comunidade, igreja, família, GAMA) implicada no desenvolvimento psicossocial dos sujeitos;
- Identificar estratégias e recursos sociais utilizados durante e após o período de abrigamento que facilitaram a socialização¹¹ dos indivíduos.

⁹ Os processos psicossociais podem ser entendidos como o conjunto de condições materiais, afetivas, institucionais e sociais implicado no desenvolvimento da personalidade e sociabilidade dos sujeitos, considerando suas particularidades e generalidades.

¹⁰ O termo *bem sucedida*, por ser alvo de múltiplos sentidos (como toda e qualquer palavra), requer maiores considerações. Diante da impossibilidade de adotar um termo que ficasse à margem de contradições e ambivalências, foi necessário delimitar o sentido privilegiado sobre esse termo na construção da pesquisa. Assim, considerou-se a perspectiva de Winnicott (2007) em relação à inserção social dos indivíduos na vida adulta por meio do trabalho, do casamento e da construção de uma identidade pessoal, em conformidade com os padrões repassados pelos pais (ou adultos substitutos). Além desse referencial teórico, utilizou-se o próprio significado atribuído pelos sujeitos da pesquisa sobre suas trajetórias bem sucedidas. Nas palavras de *Joana*, uma participante da pesquisa, ela se considera bem sucedida por ter constituído uma família, investido nos estudos e na vida profissional. Diante desses sentidos e dos valores e papéis atribuídos aos indivíduos na sociedade contemporânea, em síntese, nesta pesquisa, uma trajetória bem sucedida representa uma inserção social de acordo com os padrões socialmente aceitos (trabalho, construção de laços permanentes ou casamento, estabelecimento de relações com maior autonomia) em oposição às condutas anti-sociais, delinquentes.

¹¹ Compreendida como processo de integração e participação funcional do indivíduo na sua sociedade, apropriando-se de seus valores, normas, cultura e tradição. Nesse sentido, o comportamento delinquentes ou a conduta anti-social denunciariam falhas no processo de socialização.

1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

As instituições de acolhimento de crianças e adolescentes situam-se num contexto social e histórico que implica as diferentes funções concernentes às famílias ao longo da história da civilização ocidental. Atualmente, há muitos motivos que resultam no acolhimento em abrigos, desde a situação de abandono da família pelo Estado, quando este não garante os seus direitos fundamentais resultando na impossibilidade de a família assumir, responsabilmente, suas funções, repercutindo na desassistência de suas crianças e adolescentes, até às dificuldades relacionais, existentes na própria família, entre pais e filhos. Apesar de muitos desses motivos não justificarem medida de abrigamento de acordo com a legislação vigente, ainda são recorrentes no cotidiano dos abrigos.

Quando a família distancia-se da sua representação simbólica, como lugar privilegiado das relações estruturantes dos sujeitos, do afeto, da proteção e do compromisso mútuo entre seus integrantes, permite que outros contextos assumam suas funções no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

Objetivando a contextualização dessa problemática, algumas considerações serão apresentadas sobre a família contemporânea, a história e o contexto atual das instituições que desempenham um papel substituto¹² no desenvolvimento de crianças e adolescentes privados de suas famílias e sobre a caracterização em particular da Casa-Lar, envolvida na trajetória de vida dos sujeitos dessa pesquisa.

1.1 – Repensando a família contemporânea

A vida familiar é identificada como um fenômeno universal em todos os tipos de sociedade (LÉVI-STRAUSS *apud* ROUDINESCO, 2003). No entanto, a concepção de família nuclear (pai, mãe e filhos) conhecida na sociedade ocidental é resultante de um longo período de transformações sócio-históricas.

Na idade média, a família era organizada no intuito de garantir a manutenção e transmissão dos bens, do patrimônio. A vida familiar era vivenciada de forma discreta, sem o

¹² Neste trabalho, o emprego do termo *substituto* não se refere a qualquer tipo de desqualificação da família como *locus* privilegiado para o desenvolvimento humano, mas objetiva apontar para a possibilidade de outras instituições resgatarem certas funções psico-afetivas da vida familiar em situação de privação da família de origem.

reconhecimento do valor e do sentimento da família. A partir dos séculos XVI e XVII, a realidade familiar, com a evolução da vida privada e da intimidade doméstica, tornou-se referência como lugar de cuidado e afeto com as crianças. Neste momento histórico, surge o sentimento de família atrelado ao da infância. A família e a escola modificaram o espaço ocupado pelas crianças, retirando-as do convívio com adultos e dos espaços públicos, e permitindo-lhes um período prolongado para o seu desenvolvimento. Essas mudanças nas relações sociais apontam para as transformações na vida privada, sob o viés do individualismo burguês. Nesse sentido, a família nem sempre foi o lugar essencial de afeto e educação, utilizando-se de dispositivos sociais para a educação e o desenvolvimento das crianças. Vale ressaltar que os moralistas, filósofos e religiosos tiveram forte influência no despertar desse sentimento de controle e cuidado integral dos filhos pela família, bem como na valorização do ensino formal em instituições escolares (ARIÈS, 1981).

Hurstel (1999, *apud* LEVY, 2003) identifica o questionamento do pátrio poder absoluto e natural que a partir do século XX tornou-se mais intenso e ameaçador para a família patriarcal diante da intervenção de profissionais (médicos, psicólogos, assistente sociais) na função de vigiar as famílias junto ao Poder Judiciário. A autoridade passa a ser compartilhada entre pai e mãe e esses convocados a dividir as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos. No entanto, as estatísticas brasileiras indicam o crescimento de famílias chefiadas por mulheres, sendo a figura do pai praticamente inexistente.

Na sociedade contemporânea, a família continua sob esse processo de transformações nas suas funções de prover afeto e educação as suas crianças. De acordo com Donati & De Nicola (1996, *apud* SERAPIONI, 2008, p. 245):

Do ponto de vista das funções, a família perde a sua estrutura multifuncional (unidade de produção e consumo, detentora de mecanismos de transmissão cultural de valores e normas, de integração social de seus membros, de socialização primária e secundária das novas gerações, de controle da propriedade) que, tradicionalmente, assumia e que, agora, é assumida por outras agências como a escola, a fábrica, o mercado, os meios de comunicação, a igreja etc.

Além das funções atribuídas às famílias, citadas acima, o ambiente familiar pode ser considerado levando-se em conta suas práticas e rotinas, um contexto de socialização e a construção de significados culturais e padrões de interação que particularizam o estilo de cada família e de seus integrantes. A partir dessas práticas familiares, as crianças desenvolvem suas

habilidades e os significados relacionados ao desenvolvimento afetivo, cognitivo, moral e de cidadania (BASTOS, 2001, *apud* LORDELO, CARVALHO & KOLLER, 2002).

No entanto, a família tem atribuído suas funções a outros agentes sociais, perdendo o seu sentido tradicional diante da valorização social da individualidade, que parece modificar os princípios de reciprocidade e hierarquia anteriormente previstos nas famílias. Um fato histórico relevante nesse processo refere-se à mudança do lugar da mulher na esfera privada e sua participação na vida pública (SARTI, *apud* CARVALHO, 2003).

Nesse contexto, a hegemonia do modelo da família nuclear tem sido questionada diante das distintas configurações familiares e das reformulações do poder patriarcal e dos papéis familiares. Ainda assim, a família (independente da sua configuração) permanece como a unidade principal de socialização e desenvolvimento humano por favorecer a formação das primeiras relações organizadoras dos sujeitos e de vínculos afetivos, assim como a introjeção dos aspectos sociais e culturais. Atualizando a concepção de família, Gomes (1988, *apud* SZYMANSKI, 2003, p. 26) propõe a seguinte definição: “Um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecem nesse contexto”. Esse significado de família, baseado no cuidado e no vínculo duradouro, poderia ser aplicado não apenas às configurações familiares atuais, mas a outros contextos de convivência humana (considerando suas particularidades).

Entender as mudanças relacionadas à instituição familiar e ampliar o conceito e as formas de conceber a família parecem possibilitar aos diferentes contextos representarem-se como um espaço propício ao desenvolvimento humano a partir de relações familiares (no sentido apresentado por Gomes), incluindo as instituições de acolhimento.

1.2 – Instituições substitutas às famílias - uma abordagem histórica

Atualmente, as instituições de acolhimento de crianças e adolescentes estão inseridas num contexto jurídico e político voltado para a garantia dos direitos e da proteção integral desses sujeitos, o que representa importantes avanços diante da herança histórica e cultural dessas instituições. Essa herança pode ser compreendida a partir da história da

institucionalização¹³ de crianças e adolescentes no Brasil, apresentada em linhas gerais a seguir.

A prática de reclusão de crianças no Brasil tem seus primeiros registros ainda no período colonial, quando foram construídos seminários, internatos, reformatórios, colégios internos, asilos, educandários, entre outros, com objetivos assistenciais e educacionais. Nesse período, tanto as crianças advindas de famílias ricas, como as crianças pobres passavam pela experiência de separação das respectivas famílias e comunidades.

Os jesuítas foram responsáveis pela implantação de escolas primárias para as crianças indígenas e pobres e, para os filhos de famílias ricas, criaram colégios visando à formação religiosa e ao ensino formal superior (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

Para atender os bebês abandonados surgiram as Rodas de Expostos, primeiramente na Europa católica, chegando ao Brasil ainda no período colonial, sendo desativadas na República. Essas instituições caracterizavam-se pela alta taxa de mortalidade infantil decorrente das condições precárias de higiene, pelo quantitativo elevado de crianças num mesmo ambiente e pela manutenção de escravas como amas-de-leite responsáveis pelos cuidados infantis (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

De acordo com Marcílio (2001), a primeira roda de expostos no Brasil foi estabelecida na Santa Casa de Misericórdia de Salvador, em 1726, a segunda no Rio de Janeiro, em 1738, e a terceira em Recife, em 1789, chegando ao número total de 13 rodas de expostos no Brasil. As crianças abandonadas que não eram mantidas pela Câmara Municipal ou pelas rodas de expostos terminavam sendo acolhidas por famílias que prezavam pelos princípios da compaixão e caridade. A prática de criar filhos ilegítimos sempre ocorreu no Brasil, muitas famílias, antes da lei da adoção, tinham no mínimo um filho de criação.

Após o período de convívio com as amas-de-leite, as crianças abandonadas retornavam para as Santas Casas de Misericórdia, que não tinham estrutura para receber todas de volta. Sendo assim, as crianças na faixa etária de 7 a 12 anos, sem ter quem delas cuidassem, pois as amas-de-leite e as instituições já não recebiam o salário pago pelos municípios para o cuidado das mesmas, findavam nas ruas sobrevivendo da prostituição, mendicância e dos furtos (MARCÍLIO, 2001).

Foi no século XVIII que surgiram as primeiras instituições educativas para os órfãos que tinham um caráter religioso, e impunham o modelo do claustro. As instituições voltadas

¹³ A cultura de institucionalização remete à prática de colocação de crianças e adolescentes, em sua maioria pobre, em instituições massificadoras e excludentes, sem preocupação com um atendimento de qualidade e com a garantia da convivência familiar e comunitária.

para as meninas mantinham esse modelo de claustro com maior rigidez (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

Com o advento da Revolução Francesa, ainda no século XVIII, a secularização da educação contribuiu para repensar a hegemonia da condução do ensino por Ordens Religiosas. A partir desse marco histórico, surgiram as Casas de Educandos Artífices, nas quais as crianças pobres recebiam, além de ensinamentos religiosos, instruções primárias, musicais e o ensino de ofícios mecânicos. Dentro desse perfil de instituição, destacaram-se as Escolas de Aprendizes Marinheiros, que treinavam as crianças em situação de rua, recolhidas pela polícia, e as Escolas de Aprendizes dos Arsenais de Guerra, que atendiam os órfãos e educandos da classe social desfavorecida (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

A partir da segunda metade do século XIX, as instituições perdem o seu caráter educacional e assistencial, assumindo um perfil social e político. *Os menores passam a ser alvo específico da intervenção formadora / reformadora do Estado e de outros setores da sociedade, como as instituições religiosas e filantrópicas* (RIZZINI & RIZZINI, 2004, p. 22).

Sendo assim, a partir de meados do século XX, os internatos para crianças ricas tornaram-se inexistentes, permanecendo até os dias de hoje apenas as instituições de reclusão para as crianças pobres e infratoras. Esse tipo de organização se tornou o *principal instrumento de assistência à infância no país* (RIZZINI & RIZZINI, 2004, p. 22). Esses internatos segregavam as crianças de acordo com o gênero e a etnia.

Nos séculos XIX e XX, o apoio oferecido pelo Estado às crianças da população de baixa renda consistia prioritariamente no encaminhamento para instituições denominadas orfanatos, apesar de as crianças possuírem família (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

Em 1927, foi instituído o primeiro Juízo de Menores do país, sediado no Rio de Janeiro, como medida resultante da aprovação do Código de Menores no mesmo ano, idealizado por Mello Mattos, primeiro juiz de menores do país, responsável pela implementação de um órgão centralizador para atendimento oficial ao menor, localizado no Distrito Federal. O Juízo tinha os objetivos de garantir a vigilância, regulamentação e intervenção direta sobre os menores. Seguindo esse modelo centralizador, foram criados os órgãos nacionais de assistência, como o Serviço de Assistência a Menores – SAM, em 1941, e, posteriormente, em 1964, a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor – FUNABEM –, como uma contraproposta ao SAM. Esse período foi marcado pela forte presença do Estado na construção e implementação das políticas de atendimento ao menor. Foi no século XX que

a categoria dos menores foi consolidada diante das mudanças políticas no país. Segundo Rizzini & Rizzini (2004, p. 28-29):

Se a grande questão do Império brasileiro repousou na ilustração do povo, sob a perspectiva da formação da força de trabalho, da colonização do país e da contenção das massas desvalidas, no período republicano a tônica centrou-se na identificação e no estudo das categorias necessitadas de proteção e reforma, visando ao melhor aparelhamento institucional capaz de “salvar” a infância brasileira no século XX. Os debates tomaram conta do cenário da assistência à infância no Brasil, escorados na meta da construção da nação republicana, e subsidiados pelas resoluções dos congressos internacionais sobre assistência social, médico-higienista e jurídica à já consolidada categoria dos menores.

No período de 1944 a 1956, o SAM ampliou seu convênio com as instituições, passando de 33 para 300 educandários, porém muitos desses estabelecimentos funcionavam em situação irregular, apropriando-se indevidamente de recursos públicos, pois recebiam um *per capita* por criança ou adolescente institucionalizado. Chamava ainda a atenção, conforme expõem Rizzini & Rizzini (2004, p. 34):

(...) em relação aos chamados transviados que o SAM fez fama, acusado de fabricar criminosos. No imaginário popular, o SAM acaba por se transformar em uma instituição para prisão de menores transviados e em uma escola do crime. A passagem pelo SAM tornava o rapaz temido e indelevelmente marcado. A imprensa teve papel relevante na construção desta imagem, pois ao mesmo tempo em que denunciava os abusos contra os internados, ressaltava o grau de periculosidade dos “bandidos” que passaram por suas instituições de reforma. Sob o regime democrático, o órgão federal freqüentou as páginas de jornais e revistas anunciando os escândalos que ocorriam por detrás dos muros de seus internatos.

A partir de todas as controvérsias e críticas realizadas ao SAM, inclusive feitas por aqueles que trabalhavam nesse serviço, constituiu-se a FUNABEM, que trazia propostas centradas “(...) na autonomia financeira e administrativa da instituição e na rejeição aos depósitos de menores, nos quais se transformaram os internatos para crianças e adolescentes das camadas populares” (RIZZINI & RIZZINI, 2004, p. 35).

A política Nacional do Bem-Estar do Menor – PNBEM – tinha como princípio básico a valorização da convivência familiar e comunitária. As representações negativas da família, bem como a sua culpabilização, resultaram do momento em que se consolidou a Assistência à

Infância no Brasil, na qual a proteção à criança tinha como concepção implícita *proteger a criança de sua família* (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

Durante os anos de 1970 e 1980, o país passou por um processo de redemocratização, no qual a *cultura de institucionalização* tornou-se alvo de questionamentos, estudos e investimentos científicos. Com a promulgação da Lei Federal Nº 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - promoveram-se avanços e transformações na situação da população de menores institucionalizados, ao ser lançado um olhar para a criança e o adolescente (não mais *menores*) como sujeitos em desenvolvimento e de direitos. Essa década de 90 foi marcada por fortes tentativas de implementação do ECA, resultando no redirecionamento dos programas de abrigo (RIZZINI & RIZZINI, 2004).

Diante da promulgação do ECA, a FUNABEM foi extinta, sendo constituída a Fundação Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência (FCBIA), pertencente ao Ministério da Ação Social, “(...) cuja estrutura tinha como objetivo contemplar os novos princípios do estatuto e realizar a ação integrada com as outras esferas de governo” (SILVA, 2004, p. 24). Por fim, em 2003, foi criada a Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), interligada à Presidência da República. Competem à SEDH as ações voltadas para o suporte, a promoção e a articulação para a efetivação dos direitos da criança e do adolescente. Já as ações relacionadas com os atendimentos das instituições, como o suporte financeiro e técnico para os programas da infância e da adolescência, competem à Secretaria de Assistência Social do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

A partir desse resgate histórico, podem-se identificar alguns elementos que contribuíram para o estigma que ainda permanece sobre as instituições de acolhimento, como dispositivos sociais de controle e produção de delinquentes. As crianças e adolescentes em abrigos ainda recebem da sociedade poucas expectativas sobre seu futuro, associadas ao desenvolvimento de sérios distúrbios de personalidade, como a delinquência, pelo afastamento da família. Essas contradições históricas e sociais parecem constituir uma dicotomia radical: família (lugar ideal) *versus* instituições (lugar de produção de desajustados). No entanto, as produções científicas e o investimento nas políticas de assistência à criança e ao adolescente, inclusive as próprias transformações na instituição familiar, têm contribuído para uma análise complexa e crítica sobre os diferentes contextos de convivência e os fatores favoráveis ao desenvolvimento humano saudável não só na família, mas em outras instituições (creche, abrigos, comunidades).

1.3 – Contexto atual das crianças e dos adolescentes em abrigos

De acordo com o *Levantamento Nacional de abrigos para crianças e adolescentes da Rede SAC (Serviço de Ação Continuada)*, publicado pelo IPEA/CONANDA¹⁴, em 2004, há aproximadamente 20 mil crianças e adolescentes acolhidos, no total de 589 abrigos, no Brasil da Rede SAC, isto é, em instituições beneficiadas com o recurso do Governo Federal¹⁵. O perfil desses abrigos é delimitado pela *faixa etária dos usuários* (61,3% estão na faixa etária de 7 a 15 anos), pelo *sexo* (maior proporção de meninos) e por *motivo de abrigamento* (os principais motivos estão relacionados à pobreza¹⁶). Vale ressaltar que a maioria dos abrigados é negra, pobre e apresenta percentual elevado de analfabetismo: 16,8% (em comparação com o índice geral do Brasil para esta mesma faixa etária divulgado pelo IBGE: 3%). Além disso, mais da metade das crianças e dos adolescentes institucionalizados residiam há mais de dois anos nos abrigos.

O levantamento de dados nos abrigos permitiu ainda a identificação das seguintes características: predominância de instituições não-governamentais (63% do total); 67,2% dos abrigos possuíam orientação religiosa, sendo mais de 60% católicas; mais da metade dos abrigos foi fundada após 1900¹⁷ e 56,7% dos abrigos atendiam no máximo 25 crianças. Esse último dado indica uma importante mudança em relação à cultura de institucionalização observada nos programas de abrigos, nos quais devem ser priorizados os pequenos grupos, isto é, o atendimento de número restrito de crianças e adolescentes visando a um atendimento personalizado¹⁸.

Em relação às questões familiares, dos abrigos pesquisados apenas 8% contemplavam todos os requisitos referentes à semelhança residencial, 5,8% trabalhavam com a preservação dos vínculos familiares, 22% realizavam o incentivo à convivência com outras famílias, 27,5% dispunham da participação da comunidade local no cotidiano do abrigo e 6,6% utilizavam todos os serviços oferecidos na comunidade, como: creche, escola, postos de saúde, atividades culturais e esportivas, entre outros. Num primeiro momento, essas

¹⁴ IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

¹⁵ Vale ressaltar a limitação dessa amostra de abrigos que não corresponde à totalidade das instituições de acolhimento no Brasil, visto que abarca apenas aquelas financiadas pelo Governo Federal. Desse modo, pode-se considerar que há um quantitativo bem maior de crianças e adolescentes em abrigos.

¹⁶ Apesar de o ECA, em seu Art. 23, não configurar a pobreza como motivo de abrigamento, mas de inserção da família em programas oficiais de auxílio, nessa pesquisa do IPEA a pobreza apareceu como principal causa desencadeante da medida de abrigamento.

¹⁷ Ano da promulgação do ECA.

¹⁸ Art. 92 do ECA.

estatísticas parecem apontar para um pequeno esforço das instituições voltado para o direito das crianças e adolescentes à convivência familiar. No entanto, ao analisar os dados diante da herança sócio-histórica dos abrigos, percebe-se um importante avanço nas práticas institucionais anteriormente excludentes e massificadoras.

Esse levantamento sobre os abrigos apresenta encontros e desencontros com o ECA no que dispõe sobre os princípios a serem garantidos por essas instituições, como:

I-preservação dos vínculos familiares; II - integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem; III- atendimento personalizado e em pequenos grupos; IV- desenvolvimento de atividades em regime de co-educação; V- não-desmembramento de grupos de irmãos; VI- evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados; VII- participação na vida da comunidade local; VIII- preparação gradativa para o desligamento; IX- participação de pessoas da comunidade no processo educativo (ECA, Art.92).

No município de Recife¹⁹, o serviço de acolhimento é oferecido por: sete abrigos da Fundação da Criança e do Adolescente – FUNDAC (governo estadual), com capacidade de atendimento que varia de 20 a 80 crianças e/ou adolescentes por instituição; seis abrigos do Instituto de Assistência Social e Cidadania - IASC (governo municipal), com capacidade individual para 20 crianças; e seis organizações não-governamentais – ONGS (iniciativa da sociedade civil) que acolhem de 15 a 35 crianças e adolescentes. Nos municípios da região metropolitana do Recife e do interior do Estado de Pernambuco foram identificados 24²⁰ abrigos para crianças e adolescentes.

Atualmente, encontram-se abrigados 427 crianças e adolescentes no Recife, sendo 28% na faixa etária de 0 a 6 anos, 25% de 6 a 12 anos, 38% de 12 a 18 anos e 9% maior de idade. Acrescentam-se ainda os seguintes dados: 73% estão abrigados há no máximo dois anos; apenas 36% recebem visitas de familiares e predomina a violência doméstica como motivo de abrigamento em 44% dos casos contra 33% de abandono, 18% de situação de rua e 5% por outros motivos²¹.

Os dados apontam para as mudanças realizadas após a criação do ECA (Lei Nº 8.069/90) e mais recentemente diante do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do

¹⁹ Fonte: N.O.F.E, 2008.

²⁰ Esse quantitativo pode ser maior, visto que não há um levantamento completo dos abrigos no Estado de Pernambuco, de conhecimento do N.O.F.E.

²¹ Dados referentes ao mês de abril/2008, fornecidos pelo N.O.F.E.

Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária - PNPPD²² (2006) e do documento: Orientações Técnicas para os serviços de acolhimentos para crianças e adolescentes²³ (2008). Tais documentos enfatizam tanto a garantia do direito à convivência familiar e comunitária, como um atendimento personalizado e em pequenos grupos.

É nesse contexto, permeado por contradições, avanços e retrocessos, que muitas crianças e adolescentes estão inseridos, ao serem privados da convivência com a família de origem. A maioria das teorias psicológicas sobre o desenvolvimento humano considera a família como contexto imprescindível para a formação dos indivíduos, suscitando questionamentos sobre as implicações de outros ambientes de convivência nessa formação. Nesse sentido, esta pesquisa considera a família como *locus* privilegiado para o desenvolvimento humano, mas não lhe atribui exclusividade nesse processo.

Desse modo, consideram-se relevantes os estudos de diferentes contextos de desenvolvimento, visto a pluralidade de condições em que se encontram as crianças brasileiras e, principalmente, pobres desse país, assim como a possibilidade de esses outros contextos resgatarem as condições favoráveis ao desenvolvimento humano. Dentre os contextos de convivência distintos da família, a instituição do tipo Casa-Lar foi escolhida para o estudo na área do desenvolvimento humano.

1.4 – Conhecendo o Instituto GAMA

Conforme apresentado na introdução desse trabalho, existem diferentes modalidades de serviços de acolhimento às crianças e aos adolescentes, sendo uma delas a Casa-Lar, objeto dessa pesquisa, cujas principais características²⁴ são:

- É constituída por unidades residenciais;
- Cada casa possui uma pessoa ou casal responsável pelos cuidados das crianças e dos adolescentes, sob medida protetiva de abrigo, em processo de reinserção na família de origem ou inserção em família substituta (guarda, tutela, adoção);

²² Elaborado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) e Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

²³ Elaborado pelo Departamento de Proteção Social Especial, da Secretaria Nacional da Assistência Social, uma ação prevista no PNPPD (2006).

²⁴ Fonte: *Orientações Técnicas para os serviços de acolhimentos para crianças e adolescentes*, 2008 (em processo de publicação oficial, regulamentada pelo CONANDA e CNAS).

- Objetiva propiciar um ambiente similar ao familiar, com estrutura física de uma residência privada;
- Deve favorecer um vínculo estável entre o(a) cuidador(a) e as crianças e os adolescentes, priorizando a convivência familiar e comunitária, e a utilização dos equipamentos e serviços disponíveis na comunidade.

As Casas-Lares diferenciam-se dos abrigos institucionais principalmente pelo número menor de crianças e adolescentes nas casas e pela presença constante do cuidador, que também reside na Casa-Lar junto com as crianças, sendo responsável pela administração da casa e da rotina doméstica, e principalmente pelo cuidado e pela educação das crianças e dos adolescentes atendidos.

Além das implicações das características formais das Casas-Lares, o *Instituto GAMA*²⁵, principal contexto de convivência para os participantes dessa pesquisa, possui um marco conceitual importante na sua história. O Instituto GAMA foi construído na década de 1960 sob a influência do modelo da Aldeia SOS, idealizado pelo austríaco Hermann Gmeiner. A primeira Aldeia SOS foi fundada em 1949, na Áustria, para atender crianças órfãs após a Segunda Guerra Mundial. O contexto da época envolvia um alto índice de mortalidade e disfunções no desenvolvimento das crianças em instituições. Estas são as idéias que nortearam o trabalho desenvolvido por Gmeiner, de acordo com Cruz (2006, p. 61):

Considerava que a importância que uma criança tem para um adulto é o melhor instrumento educativo. Ensinou que a base do desenvolvimento pessoal e social está no vínculo que o adulto estabelece com a criança, seja a mãe ou pessoa substituta (...) a importância da família como arcabouço afetivo de sustentação do desenvolvimento, com ênfase na importância da união e da cooperação solidárias.

De acordo com o levantamento realizado por Elisabeth Raimundo a pedido de Cruz (2006), as Aldeias SOS foram fundadas sob quatro princípios: 1- a *Mãe Social* - referência afetiva para as crianças separadas das famílias, oportunizando a reconstrução de laços emocionais; 2- *os irmãos* - deve ser priorizada a manutenção dos irmãos na mesma Casa-Lar e

²⁵ Nome fictício atribuído à Casa-Lar pesquisada, visando a garantir o anonimato da instituição, condição estendida a todos os nomes próprios apresentados neste trabalho. Vale ressaltar que, *a priori*, o Instituto GAMA não era alvo de análise desta pesquisa, porém, durante o processo de levantamento de dados, algumas aproximações entre a pesquisadora e o Instituto, por meio de visitas ao GAMA, do acesso a documentos impressos e de entrevistas com o diretor e alguns funcionários, contribuíram para uma análise contextualizada das trajetórias de vida.

incentivada a fraternidade entre todas as crianças da Casa-Lar, mesmo que em caráter de substituta; 3- *a casa* - além da estrutura física, semelhante a familiar, deve apresentar-se como um ambiente seguro e acolhedor; 4- *a Aldeia* - envolve um conjunto de Casas-Lares que variam em média de 13 a 20 casas e deve representar o contexto no qual a criança aprende as primeiras regras de convivência social para sua posterior inserção na comunidade.

O Instituto GAMA, entidade filantrópica, foi fundado há mais de 40 anos, por uma família evangélica, num município do interior do Estado de Pernambuco. A entidade possui orientação religiosa e funciona em regime de Casas-Lares, isto é, possui várias casas independentes, cada uma com uma *larista*, funcionária responsável pela administração da casa e pelo cuidado diário e direto com as crianças (em média, 12 crianças por casa). O GAMA atende crianças e adolescentes de famílias pobres, vítimas de maus tratos, negligência e abandono, oferecendo alimentação, saúde, educação formal, educação religiosa, profissionalização, esporte, lazer e cultura. A instituição apresenta como missão oferecer assistência pedagógica, profissional e espiritual às crianças, aos adolescentes e suas respectivas famílias, estimulando-lhes o processo do exercício da cidadania²⁶. Uma das ações da instituição refere-se à articulação com organizações sociais locais (associações, postos de saúde, escolas, igrejas etc.), a fim de viabilizar apoio sócio-econômico, cultural e educacional à população atendida.

O Instituto GAMA consiste numa vila de 12 casas, das quais, apenas cinco estão ativas com uma igreja, uma escola infantil de 1ª a 4ª série, um centro de apoio (para crianças e adolescentes de 3 a 18 anos), casas de funcionários, granja, padaria e enfermaria (essas duas últimas, interditadas), com acesso livre aos moradores do município. Cada Casa-Lar possui sala de dois ambientes, quatro quartos, cozinha, área de serviço, dois banheiros e terraço. A instituição prioriza a manutenção dos grupos de irmãos na mesma Casa-Lar e permite a visita de familiares. A direção e o comitê pedagógico são responsáveis, entre outras funções, pelo estabelecimento de normas, regras e regimento da instituição.

O GAMA, de acordo com documento fornecido por essa instituição, pertence a um município que, apesar de situado em área urbana, mantém características rurais, com sérios problemas de desemprego, que envolve toda a família (adultos, crianças e adolescentes) na responsabilidade de garantir o orçamento doméstico. As principais atividades laborais podem ser atribuídas à comercialização de frutas, nos sinais, e confecção de calças de carregaço para vendas em feiras populares.

²⁶ Texto extraído de documento impresso do histórico do Instituto GAMA.

Atualmente o GAMA atende 52 crianças e adolescentes (capacidade máxima para 120) em regime de abrigo, 118 no serviço de apoio educativo em meio aberto (creche com idade ampliada) e 50 apadrinhamentos escolares (crianças que, além de estudarem na escola municipal situada no GAMA, permanecem no horário extra-escolar junto com as crianças e os adolescentes do abrigo, em suas atividades cotidianas). Essa escola municipal, que funciona em espaço cedido pelo GAMA para a Secretaria Municipal de Educação, atende aproximadamente 450 crianças.

Dentre as ações desenvolvidas no GAMA, destacam-se a educação profissionalizante, a partir da oferta de cursos de serviços gerais (ofício de alvenaria, hidráulica e instalações elétricas de pequeno porte); a educação religiosa, por meio dos ensinamentos bíblicos pautados na religião evangélica, e a educação política, a partir da implantação de uma prefeitura-mirim em que os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores são exercidos pelas crianças e pelos adolescentes do GAMA, por meio do voto livre das pessoas da instituição e da comunidade.

Uma característica importante na dinâmica institucional do GAMA refere-se a sua articulação com a igreja (localizada na área do abrigo) administrada e freqüentada por pessoas da comunidade em geral, e integrantes do GAMA. Essa participação ativa da igreja no cotidiano do Instituto GAMA pode ser atribuída ao seu fundador, Sr. Jafé, e à sua família, que, como dito anteriormente, eram evangélicos e prezavam pelos preceitos religiosos na condução das atividades nas Casas-Lares.

A partir desse contexto macro-social e institucional, investiu-se na análise das trajetórias de vida de pessoas inseridas nessa *matriz sócio-histórica*,²⁷ identificando-se uma rede de contextos e relações em comum (nos aspectos gerais, pois cada sujeito imprime certas particularidades a essa rede) que será explorada nessa pesquisa, como propõe o gráfico a seguir:

²⁷ Conceito utilizado por Rossetti-Ferreira *et al* (2004), para designar o conjunto de fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que repercutem no curso do desenvolvimento humano (ver o Capítulo 2, item 2.7, do presente trabalho).

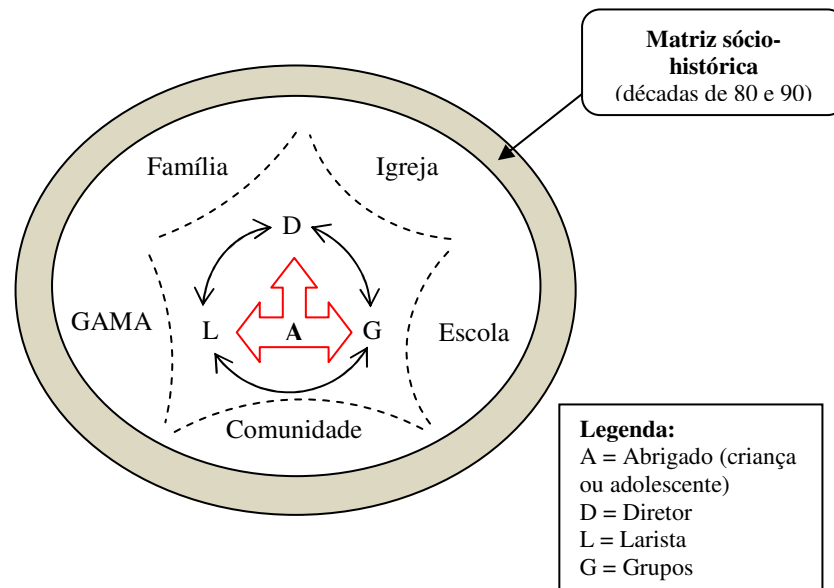


Gráfico 1: Contextos e Relações nas trajetórias de vida pesquisadas.

No centro, as relações diretas e privilegiadas dos sujeitos durante o período de abrigamento, com a larista, responsável pelo cuidado diário; o diretor como representante da instituição, do limite, da autoridade e mediador da relação entre a larista e o abrigado; e, com os grupos, forte influência nos processos identificatórios. Esses indivíduos, durante sua trajetória no abrigo, e mesmo depois na vida adulta, participavam de uma rede de relações e contextos, com destaque para a igreja, o Instituto GAMA, a comunidade, a escola e a família, esta que, mesmo ausente ou distante, por meio da sua representação simbólica, aparecia implicada no discurso e nas práticas dos abrigados. As linhas que demarcam esses diferentes contextos são vazadas, sem delimitações precisas, considerando-se as mútuas trocas e articulações entre os contextos e entre o indivíduo e o meio, por exemplo, observou-se forte influência da igreja na dinâmica organizacional do GAMA. Toda essa configuração de relações e contextos estaria imersa numa *matriz sócio-histórica*, relacionada às décadas de 80 e 90, época em que os sujeitos conviveram no GAMA.

Considerando esse amplo campo interacional, propôs-se uma análise complexa das trajetórias de vida de pessoas que, apesar de separadas da família de origem desde os primeiros anos de vida, cresceram num contexto institucional capaz de favorecer o desenvolvimento bio-psicossocial saudável de seus integrantes.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria de Winnicott apresenta-se como ponto de partida desse estudo diante da ênfase na família e na relação dual (mãe-bebê) como condições básicas para um desenvolvimento saudável, e principalmente pela associação entre a privação familiar e a delinquência. O desafio aqui foi trabalhar a teoria winnicottiana com foco no desenvolvimento emocional de pessoas que viveram em outros contextos (diferentes da família), como em abrigos/Casas-Lares, e que se inseriram na sociedade de forma bem sucedida. Nesse sentido, contemplou-se o estudo do desenvolvimento humano, desde a infância até a juventude, a fim de compreender os diferentes elementos implicados nesse processo.

Apesar de os temas serem abordados separadamente por uma questão didática, nesse estudo concebe-se o desenvolvimento como um processo complexo, constituído pela interação entre os mais variados fatores: biológicos, familiares, sociais, políticos, culturais. Desse modo, seguindo a ordem cronológica, serão apresentadas as referências à teoria de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional na infância, em seguida serão abordados os temas da adolescência e a vida em grupo. Utilizando-se da dialética como ponte entre as abordagens teóricas utilizadas nessa pesquisa, adotou-se a Perspectiva Teórico-Metodológica da Rede de Significações (RedSig) como instrumento de compreensão e análise do desenvolvimento humano sob o parâmetro da complexidade. Nesse sentido, a pesquisa não se restringiu a uma análise do indivíduo, mas estendeu essa análise às suas relações com grupos e instituições. Nesse nível organizacional, a referência teórica adotada foi a abordagem psicossocial das instituições e suas repercussões na formação psíquica dos sujeitos.

Considerando o objeto dessa pesquisa - o Instituto GAMA e os sujeitos que nele conviveram e obtiveram êxito em suas trajetórias -, nesse capítulo também serão exploradas as limitações e as possibilidades referentes ao contexto do abrigo, assim como o potencial de resiliência passível de ser mobilizado pelas pessoas e pelas instituições.

2.1 – Teorias sobre o desenvolvimento infantil

A teoria psicanalítica, numa perspectiva neofreudiana, compreende o desenvolvimento humano mais pelas influências psicossociais do que psicosexuais, relativizando a importância do Complexo de Édipo e da sexualidade infantil, com ênfase nas influências

psicológicas e sociais. Nessa concepção, a família assume um lugar privilegiado para o desenvolvimento infantil por constituir-se como o primeiro núcleo de socialização da criança, oferecendo subsídios para a compreensão dos processos relacionais e interacionais implicados na formação psíquica dos sujeitos inseridos em diferentes contextos de desenvolvimento.

Para enfrentar os desafios atuais no campo empírico, considera-se relevante não se restringir essa abordagem a uma *visão genética* focada na determinação dos aspectos genéticos e iniciais da vida psíquica no funcionamento atual do sujeito, nos conflitos internos, nas pulsões, na Psicopatologia. Em contraposição à visão genética, a *perspectiva desenvolvimental* privilegia o estudo da origem e do processo de formação da estrutura psíquica, promovendo uma integração entre os fatores inatos, maturacionais e as experiências individuais. Considerando a complementaridade entre a visão genética e a desenvolvimental, os autores Tyson & Tyson (1993) expõem uma terceira perspectiva de exploração da teoria psicanalítica coerente com a complexidade do processo de desenvolvimento humano:

Nascemos com uma cópia de cursos potenciais do desenvolvimento psíquico determinado em parte por uma tabela de tempo maturacional. Também nascemos com uma capacidade de interagir com outros, com uma variedade de funções cognitivas ativas e com certas necessidades físicas e urgências definitivas, todas influenciando nossas experiências individuais únicas e contribuindo para a diversidade e variação do caminho de nosso desenvolvimento. A interação com outros em combinação com influências maturacionais, experiências individuais, e necessidades, urgências, desejos e sentimentos internos levam à formação de uma organização estável de estruturas psíquicas que caracterizam a personalidade única (TYSON & TYSON, 1993, p. 24).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da criança é compreendido a partir de seu sistema interacional com a mãe ou pessoa responsável pelo seu cuidado, cujos padrões de relacionamento devem ser caracterizados como estáveis e duradouros. A importância dessas interações no desenvolvimento infantil estaria associada à construção de representações sobre si e os outros, aos processos de internalização e identificação duradoura com um dos pais, favorecendo a formação do seu *self* e a identidade de gênero. Nessa abordagem, deve-se estar atento para a seguinte questão: “(...) a palavra processo deve ser enfatizada, pois nenhum ponto ou padrão ocorre periodicamente, e nenhum sistema é uma realização fixada e final; novas adições e modificações podem ser feitas ao longo da vida” (TYSON & TYSON, 1993, p. 32).

Esse *self*, ou *eu* (utilizando-se da terminologia freudiana), desde a infância, tem a função de mediar os conflitos entre a vida pulsional - regulada pela busca desregrada do prazer -, e as exigências do mundo externo - regulado pelo princípio da realidade e pela lei da sobrevivência (FREUD, 1976).

De acordo com Freud (1976), a relação da criança com seus pais consiste num importante fator na constituição das instâncias psíquicas, o *id*, o *ego* e o *superego*, responsáveis respectivamente pela satisfação pulsional, pela mediação dos conflitos/auto-sobrevivência, e pela adequação às limitações impostas pela realidade. A formação do *superego* não depende apenas das influências dos pais e da família, mas também das tradições culturais e nacionais transmitidas pelos pais, e seus substitutos, como: professores, modelos, referências na vida pública e ideais sociais.

A referência a esses adultos substitutos apresenta-se como uma possibilidade de compreender a formação psíquica de crianças privadas dos pais biológicos. Travieso (2006) aponta para a contribuição de Lacan e seus seguidores, ao relativizar a importância dos pais no desenvolvimento infantil, podendo as figuras materna e paterna serem substituídas, segundo Lacan, por outras pessoas, ultrapassando o modelo de família nuclear. A figura materna, “significando continência, possibilidade de simbiose, de completude, lugar primeiro de tradução do caos afetivo em emoções nomeadas” (p. 260); e a figura paterna seria exercida por pelo adulto que “ocupa o lugar da interdição, do terceiro que frustra as fantasias simbióticas da díade mãe-bebê, recebendo também parte do afeto, sendo objeto de identificação e trazendo a possibilidade da simbolização, da inserção na cultura, do crescimento” (p. 260).

Nesse sentido, a possibilidade de a criança estabelecer relações estáveis com adultos que garantem os papéis paterno e materno, transitando em contextos propícios à pluralidade de modelos de identificação, pode ser apontada como condição relevante na construção de sua identidade e no processo de socialização.

2.1.1 – Contribuições da abordagem kleiniana

Antes de introduzir a teoria de Winnicott, algumas de suas influências teóricas serão abordadas, como a concepção de Melanie Klein sobre o desejo de reparação e a capacidade de transferir o amor da mãe (primeiro objeto) para outras pessoas.

A partir dos sentimentos ambivalentes (amor/ódio) da criança dirigidos à mãe, principalmente quando a assistência materna é falha no atendimento as suas necessidades, a criança ameniza o conflito criando fantasias onipotentes, que suscitam o desejo de reparação

diante de fantasias destrutivas. Para Klein ([1937] - 1996), as pulsões de reparação tornariam o sentimento de culpa tolerável e proporcionariam os sentimentos de esperança e amor na criança. É nesse sentido que considera o ato de reparação como um fator fundamental para o desenvolvimento da habilidade de amar, e para a receptividade do amor e das atitudes positivas do mundo externo, sendo “(...) o equilíbrio satisfatório entre ‘dar’ e ‘receber’ a condição primordial para a felicidade posterior” (KLEIN, 1996, p.384).

Já a sintonia da mãe com as necessidades da criança repercutirá nos elos iniciais de apego e, posteriormente, no amor, no prazer e na segurança na mente da criança. É esse forte apego que, posteriormente, impulsionará a criança a desprender-se da mãe, diante do medo de perdê-la (voracidade e ódio vivenciados em relação à mãe), favorecendo a descoberta de novos objetos de amor. Um dos fatores implicados no desprendimento dos pais pela criança seriam as relações com os irmãos, primos e amigos, que resultariam em outras modalidades de relacionamentos, permeados por sentimentos amorosos, mas também de ódio e rivalidade. Nesse sentido, Klein ([1937] - 1996) assim sintetiza:

[...] são esses sentimentos conflitantes, somados ao crescimento emocional e intelectual da criança, que lhe permite encontrar novos objetos de interesse e prazer, resultam na capacidade de transferir o amor, substituindo a primeira pessoa amada por outras coisas e pessoas (KLEIN, 1996, p. 367).

Essa capacidade de deslocamento do amor consistiria num processo relevante para o desenvolvimento da personalidade e dos relacionamentos interpessoais. Nesta pesquisa, compreende-se que esses processos que envolvem a mãe podem ser também vivenciados com uma *mãe substituta*. Nesse caso, as crianças em abrigos poderiam investir nas relações interpessoais por meio do vínculo estável com um adulto, ou adultos, capazes de suportar seus impulsos agressivos e aceitar os atos de reparação, de amor.

2.1.2 – A teoria winnicottiana

Na teoria de Winnicott, a relação ambivalente (amor/ódio) com a mãe assume uma função importante no desenvolvimento emocional da criança. A partir dessa experiência de ambivalência, o lactente relaciona-se com objetos que vão delimitando diferenciações, ou seja, os elementos *não-eu* permitem ao lactente a constituição do seu próprio *self*,²⁸ assim

²⁸ (...) conceito psicanalítico que inclui o eu (ego) e o não-eu. É a totalidade da própria pessoa. Inclui também o corpo com todas as suas partes, o vínculo com os objetos internos e externos e o sujeito como oposto ao mundo dos objetos (GRIMBERG & GRINBERG, 1980, *apud* Winnicott, 2005a, p. 7).

como a integração do seu ego de forma mais independente do ego materno (WINNICOTT, 2007).

Nessa perspectiva, Winnicott ([1964] – 2005a) põe em relevo o ambiente (porém sem desconsiderar o potencial herdado) e a relação dual (lactente²⁹ e mãe ou mãe substituta, além da relação posterior triádica – mãe, lactente e pai). O desenvolvimento resulta do processo de maturação e de sucessivas experiências de vida, porém dependente de um ambiente facilitador.

Os fatores psicossociais são correlacionados ao processo maturacional do indivíduo, que só é atingido a partir de um ambiente saudável. Maturidade no sentido não apenas de crescimento pessoal, mas principalmente de socialização, considerando o indivíduo e o ambiente como interdependentes. Maturidade também no sentido de o adulto ser capaz de “satisfazer suas necessidades pessoais sem ser anti-social, e, na verdade, sem falhar em assumir alguma responsabilidade pela manutenção ou pela modificação da sociedade em que se encontra” (WINNICOTT, 2007, p.80).

Winnicott ([1963] – 2007) denomina a primeira fase do desenvolvimento infantil de *dependência absoluta*, que compreende o período dos últimos meses de gestação até os primeiros meses de vida do bebê após o nascimento. Nessa fase, o bebê depende completamente dos cuidados dos pais, mas esses não possuem o poder de moldar a criança ao seu ideal diante dos componentes herdados e do fato de que o ambiente por si só não define a formação da criança. Nesse sentido, o lactente é simultaneamente independente (tem sua natureza e processos de maturação herdados) e dependente (é o ambiente favorável que tornará possível o desenvolvimento de seu potencial e processo de maturação). Os pais, principalmente a mãe, que inicialmente consiste no ambiente favorável para o bebê, têm a função de prover as suas necessidades, facilitando seu processo de maturação.

De acordo com Winnicott (2005a), os alicerces da saúde mental são fundados logo no primeiro ano de vida, dentro de um processo gradual no desenvolvimento emocional. Ao final do primeiro ano de vida, o bebê geralmente dispõe de uma integração da personalidade, mantendo a sua unidade e uma organização do mundo interno. Nesse sentido, a mãe é considerada como a pessoa mais adequada para garantir as condições necessárias para o desenvolvimento emocional nesse período inicial do bebê.

²⁹ Refere-se à criança muito nova, que ainda não se apropriou da linguagem falada, em situação de dependência da empatia materna e do auxílio do ego da mãe, para tornar-se forte e estável. Winnicott utiliza também o termo *infante* como sinônimo de lactente.

Uma característica importante dessa fase é a que o lactente é representado como uma prolongação do corpo da mãe que, por sua vez, dispõe de uma identificação significativa com o bebê e suas sensações, experiência denominada como *preocupação materna primária*. Essa experiência só se torna possível quando a mãe é capaz de utilizar suas próprias experiências de quando ainda era bebê, o que torna essa mãe dependente e vulnerável.

Segundo Winnicott ([1963] - 2007), a *preocupação materna primária*, capacidade da mãe em desviar seus interesses do seu próprio *self* para o bebê, coloca a mãe como a pessoa mais adequada para atender as necessidades do filho. Outros adultos poderiam ter muito conhecimento sobre crianças, mas não saberiam apreender as diferentes sensações do bebê, por não terem passado pela experiência da gestação. Esse entendimento de Winnicott configura-se como uma questão crítica para as crianças cuidadas por adultos (diferentes da mãe) não só no contexto de abrigo, mas também situações de adoção e sob a guarda (jurídica) de outros familiares, por exemplo.

Uma função materna importante refere-se ao *holding*, definido por Winnicott ([1960] - 2007) como a capacidade de *sustentar* a criança fisicamente, e também no plano simbólico. O *holding* consiste na sincronia da mãe com as necessidades do bebê, amamentando-o, acalentando-o, sustentando-o fisicamente etc. O *holding* protege o lactente contra as agressões fisiológicas, mobiliza sua sensibilidade cutânea (tato, audição, temperatura), engloba a sua rotina diária e acompanha as mudanças físicas e psicológicas do bebê. Em síntese, o *holding* possui uma dimensão predominantemente física e consiste na principal demonstração de amor pela mãe ao filho. Assim, o cuidado materno em sua essência estaria associado à capacidade de suprir as necessidades do bebê.

No entanto, é preciso considerar que há mães que não conseguem desenvolver a *preocupação materna primária*, nesse caso Winnicott ([1964]- 2005a) identifica dois distúrbios possíveis: um relativo às mães que não conseguem desprender-se de seus interesses próprios e doar-se inteiramente ao filho; e outro às mães que desenvolvem uma preocupação patológica, ou seja, permanecem identificadas com seus bebês por muito tempo e depois se desprende de forma abrupta. O esperado é que a mãe vá retomando seus interesses pessoais à medida que o bebê lhe permite, de forma gradual. É a partir de uma mãe suficientemente boa, isto é, que se identifica com o bebê a ponto de atender suas necessidades físicas e psíquicas de forma satisfatória, que se processará o desenvolvimento infantil. Caso contrário, eis o que acontece, conforme Winnicott:

“Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo ([1964] – 2005a, p. 24).

As falhas no cuidado materno e a percepção do bebê dessas interrupções, segundo Winnicott ([1963] -2007), seriam responsáveis pela descontinuidade do ser, gerando no lactente o enfraquecimento do ego, um intenso sofrimento, a predisposição à psicose ou uma existência baseada nas reações de irritação ao meio.

Já na segunda fase do desenvolvimento infantil ³⁰, nomeada como *dependência relativa*, o bebê começa a perceber sua condição de dependência, por meio de falhas graduais na adaptação mãe-lactente. Nesse período, a mãe desestabiliza a adaptação até então preservada e o bebê, com o desenvolvimento da compreensão intelectual, também inicia um processo de desadaptação gradativa. Considera-se primordial que a pessoa cuidadora esteja inteiramente devotada aos cuidados com o bebê, que começará a manejar suas vivências entre a realidade interna e externa. Esse período caracteriza-se também pela aquisição da fala e das percepções da criança sobre a falta de controle dos eventos externos e a mãe como um ser diferenciado de si (WINNICOTT, 2007).

Na terceira e última fase, *rumo à independência*, a criança desenvolve habilidades para defrontar-se com o mundo e sua complexidade, além de vivenciar, de forma mais efetiva, sua existência pessoal e identificar-se com a sociedade. Winnicott ([1963] – 2007) explica que a expectativa é de que os adultos permaneçam no processo de amadurecimento por toda a vida, visto que raramente atingem a maturidade completa. No entanto, ressalta que:

(...) uma vez que eles [adultos] tenham encontrado um lugar na sociedade através do trabalho, e tenham talvez se casado ou se estabelecido em algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e desafiadoramente estabelecer uma identidade pessoal, uma vez que esses desenvolvimentos tenham lugar, pode-se dizer que se iniciou a vida adulta, e que os indivíduos, um a um, estão saindo desta área coberta por esta breve conceituação do crescimento que foi descrito em termos da dependência à independência (WINNICOTT, 2007, p. 87).

Durante esse processo de maturação, de transição da dependência absoluta à independência, Winnicott teoriza sobre a aquisição de certas capacidades relevantes para o desenvolvimento emocional da criança. Porém, para esse estudo, serão abordadas apenas a

³⁰ O autor não delimita a faixa etária do lactente na segunda e terceira fases.

capacidade de se preocupar e a *capacidade moral*, pela importância mais direta no processo de socialização da criança. Julga-se pertinente o aprofundamento das questões relacionadas à socialização, visto que o foco dessa pesquisa refere-se a trajetórias bem sucedidas de pessoas que viveram a infância e adolescência num abrigo, isto é, que obtiveram êxito no convívio social.

Winnicott ([1963] - 2007) percebe a *capacidade de se preocupar* implicada com a vida social e a convivência familiar, pois permite um compromisso mútuo, de responsabilidade, entre os familiares. Essa capacidade é desenvolvida nos estágios iniciais do lactente, quando este percebe sua mãe em sua totalidade (anterior ao complexo de Édipo) e pressupõe uma organização complexa do ego. Winnicott explica que:

O sentimento de culpa é a ansiedade ligada ao conceito de ambivalência e implica certo grau de integração do ego do indivíduo que possibilita a retenção das imagens de bons objetos concomitante com a idéia de destruição dos mesmos. Preocupação implica maior integração e crescimento e se relaciona de modo positivo com o senso de responsabilidade do indivíduo, especialmente no que concerne aos relacionamentos em que entram os impulsos instintivos (WINNICOTT, 2007, p. 70).

Nessas circunstâncias, a culpa fica de certa forma suspensa e só se manifesta diante da impossibilidade de reparação. É esse sentimento de culpa, devidamente elaborado, a que se atribui o termo positivo *preocupação*. Novamente, o cuidado materno assume um papel decisivo no desenvolvimento emocional do bebê, visto que, se não houver uma figura materna de confiança para receber os atos de reparação do lactente, o sentimento de culpa não poderá ser tolerado e, conseqüentemente, a *capacidade de se preocupar* não será desenvolvida (WINNICOTT, ([1963] - 2007).

A outra capacidade relevante para o desenvolvimento emocional consiste na *capacidade moral* necessária para a apreensão do acervo social e cultural pela criança. A educação moral só é bem sucedida quando a criança desenvolve a capacidade de *crença em*. Só a partir do desenvolvimento emocional adequado pode-se internalizar na criança a idéia de bondade e de um Deus como substitutos do amor recebido pelo lactente na relação com a mãe (WINNICOTT, 2007).

Os códigos morais são ensinados por meio da aceitação ou reprovação de atitudes da criança ou ameaças de privação de amor por parte dos pais. Na educação moral, Winnicott ((1963) - 2007) descreve duas tendências de pais: os que buscam introduzir, impor, uma idéia

de Deus, independente do estágio de desenvolvimento da criança, por meio de atos de aprovação ou rejeição de tal Deus; e há aqueles pais que optam por aguardar que a criança atinja seu estágio adequado para ser apresentado ao Deus da família. Neste último caso, Winnicott explica que não basta apenas esperar que a criança desenvolva seus próprios valores, afinal há uma bagagem cultural perpetuada por toda a existência da civilização que precisa ser apresentada à criança.

Além disso, os códigos morais dos adultos desempenham uma função amenizadora e humanizante em relação aos impulsos pulsionais da criança, pois não reagem com a mesma destrutividade das fantasias infantis, mas por aceitação ou reprovação dos adultos. Diante da ambivalência (amor/ódio) vivida pela criança surge a necessidade de adquirir habilidades e desenvolver trabalhos construtivos. É nesse contexto que as oportunidades (ensino de habilidade) vêm atender as necessidades da criança (WINNICOTT, ([1963] - 2007).

Winnicott ([1963] - 2007) enfatiza que é preciso um ambiente favorável durante toda a infância e adolescência, no lar e na escola, para que haja o desenvolvimento da capacidade moral. Tal desenvolvimento inclui: “(...) um superego que evoluiu naturalmente dos elementos da crueza do superego do lactente, o descobrimento do seu próprio modo de utilizar ou não o código moral e o acervo da cultura geral de sua época” (WINNICOTT, 2007, p. 98).

À luz dessas referências da teoria winnicottiana, entende-se que o desenvolvimento emocional depende das possibilidades e condições envolvidas na relação dual, mãe-lactente, voltadas para a provisão suficiente e estável das necessidades físicas e psíquicas não só do lactente, mas também da mãe. Nesse sentido, Winnicott (2007) considera os fatores herdados, mas atribui um caráter decisivo às condições do ambiente sócio-afetivo no desenvolvimento das diversas capacidades potencialmente existentes no lactente.

Ao descrever o processo de constituição psíquica da criança, Winnicott ([1958] – 2005a) destaca o papel primordial da mãe na sua identificação e adaptação com o bebê, por meio da experiência de maternagem. Nesse sentido afirma que “É a mãe da criança que costuma ser a pessoa mais qualificada a desempenhar esta tarefa sumamente delicada e constante, é a pessoa mais adequada, pois é ela que, com maior probabilidade, entregar-se-á de modo mais natural e deliberado à causa da criação do filho” (WINNICOTT, 2005a, p. 6).

O autor torna ainda mais claro sua compreensão sobre o papel da mãe na seguinte colocação: “(...) há algo na mãe de um bebê que a torna particularmente qualificada para proteger seu filho nesta fase de vulnerabilidade, e que a torna capaz de contribuir positivamente com as claras necessidades da criança” (WINNICOTT, 2005a, p. 3).

Ao referir-se ao cuidado da mãe com seu filho, Winnicott ([1958] – 2005a, p. 3) ressalta que a capacidade da mãe “(...) não se baseia no conhecimento formal, mas provém de uma atitude sensível adquirida na medida em que a gravidez avança, e depois perdida à proporção que a criança se desenvolve e se afasta”. O uso excessivo dessas citações objetivou explicitar a ênfase que Winnicott dá à relação da mãe biológica com seu bebê, e o contraponto que se impõe ao estudar trajetórias de vida bem sucedidas de sujeitos que foram separados da mãe nos primeiros meses de vida.

Nesse sentido, investiu-se nas pistas de Winnicott em alguns trechos de seus artigos, quando se referia à possibilidade de uma *mãe substituta*, leitura que permitiu conduzir os estudos sobre crianças e adolescentes que por diversos motivos, inclusive de violência das figuras parentais, não foram cuidadas nem acalentadas pelas suas mães. No contexto dessa problemática, como ficariam as crianças cuidadas por outros adultos num contexto distinto da família?

Nessa pesquisa, propõe-se que um dos fatores imprescindíveis para o desenvolvimento saudável da criança estaria associado à presença de vínculos afetivos e estáveis, de relações entre adulto (e não necessariamente a mãe biológica) e criança provedoras das condições afetivas e sociais para o crescimento emocional do sujeito.

2.1.3 – Vínculos e relações afetivas

Como visto na teoria de Winnicott, é a partir da vinculação entre a mãe e a criança que se constituem as condições necessárias para o desenvolvimento emocional infantil. Os vínculos afetivos são estabelecidos nas primeiras vivências do bebê com a mãe, e perduram em todo o processo de desenvolvimento nas diversas relações, grupos e contextos.

De acordo com Bowlby (1997), a vinculação implica na aptidão para reconhecer o outro, varia de acordo com as características desse outro e, principalmente, abrange a tendência dos parceiros a manterem-se próximos e mesmo depois de uma separação, ao reencontrarem-se, buscarem reatar a proximidade.

Os vínculos afetivos, além de serem associados a fortes emoções, propiciam uma fonte de segurança ao serem mantidos com estabilidade. Bowlby (1997, p. 99) considera: “(...) muitos distúrbios psiconeuróticos e da personalidade nos seres humanos como um reflexo de um distúrbio da capacidade para estabelecer vínculos afetivos, em virtude de uma falha no desenvolvimento na infância ou de um transtorno subsequente”.

Assim, a separação da criança de sua mãe, após a vivência de uma relação emocional, traria o aumento da intensidade dos anseios libidinais e de ódio e, conseqüentemente, poderia gerar sérios danos para o desenvolvimento da personalidade (BOWLBY, 1997, p. 99).

Autores como Bowlby (1997) e Winnicott (2005b) compartilham a idéia de que rupturas prolongadas ou repetidas do vínculo entre a mãe e a criança com idade abaixo de cinco anos, geralmente, precedem o desenvolvimento de personalidades psicopáticas ou sociopáticas. Bowlby (1997) amplia essa concepção ao considerar que as separações ou perdas estariam associadas a distúrbios psicológicos não só quando ocorrem nos primeiros meses e anos de vida, mas em toda a infância e adolescência.

De acordo com Bowlby ([1970]-1997), a vinculação afetiva e o sentimento de segurança são considerados como importantes fatores presentes nos indivíduos que se sentem felizes e habilidosos, independente da idade. Essa segurança provém da possibilidade de o indivíduo possuir uma ou mais pessoas com as quais pode contar em qualquer situação. A necessidade de uma figura de ligação – base pessoal segura – atinge não só as crianças, mas adolescentes e adultos maduros.

Nesse sentido, Bowlby (1997) explica que há duas grandes influências na formação da personalidade: uma referente à presença ou ausência, total ou parcial, de uma figura de confiança disposta a fornecer uma base de segurança para o sujeito, e seria uma influência externa, e outra, uma influência interna, referente à capacidade ou incapacidade do próprio indivíduo em reconhecer uma pessoa disposta a propiciar-lhe segurança e colaborar para uma relação gratificante. Assim, as experiências na infância interfeririam na capacidade de o indivíduo estabelecer essas relações de confiança e segurança.

Na teoria do vínculo, o equilíbrio entre a iniciativa e autoconfiança e a capacidade para pedir apoio a outras pessoas constitui importante fator para um desenvolvimento da personalidade saudável. Outro fator relevante para o desencadeamento da autoconfiança consiste na condição de dispor-se de uma família unida e capaz de transmitir apoio e estímulos. A família favoreceria a saúde psíquica do indivíduo, por consistir numa rede social que propicia *acolhimento e relacionamentos* com adultos e pares à criança (BOWLBY, 1997). Sobre esses aspectos da rede social, considera-se pertinente investigá-los em outros contextos de convivência, como os abrigos.

O envolvimento emocional, o cuidado e a proteção são aspectos importantes da vinculação; no entanto, o vínculo pode desenvolver-se mesmo havendo repetidas punições realizadas pela figura de ligação. As pessoas com as quais a criança se vincula fornecem uma base de segurança necessária para explorar o mundo. No decorrer do tempo, o indivíduo

gradativamente vai atenuando sua ligação com as pessoas amadas, mas mantém a possibilidade de retornar, cedo ou tarde, para o convívio com estas (BOWLBY, 1997).

Segundo Carvalho (2005), em qualquer contexto de desenvolvimento humano haveria algum tipo de vinculação. Para a autora, o vínculo pode ser carregado de afeto positivo ou negativo (situações de violência doméstica, por exemplo) e não está submetido a juízo de valor moral. Desse modo, o vínculo consistiria num “mecanismo de identidade e lugar no mundo (CARVALHO, 2005, p. 190) e teria a função de maximizar a possibilidade de compartilhamento de coisas socialmente construídas” (CARVALHO, 2005, p. 192), por meio da elaboração e repetição das situações compartilhadas.

Para Carvalho *et al* (2006) há diferentes formas de estabelecer vínculos seja entre mãe e filho, entre crianças em situação de rua e educadores, seja entre pares, ou, ainda, entre famílias e sua rede social. Nesse sentido, as autoras ampliam a noção de vínculo ao considerar a existência de vínculos institucionais, históricos, políticos e culturais, ultrapassando a idéia de vínculos regulados apenas pelas relações interpessoais. Dessa forma, o vínculo afetivo não seria um fenômeno exclusivo das famílias, apesar de essas se configurarem como um contexto propício à vinculação, mas pertenceria também ao domínio das redes sociais (CARVALHO, 2005).

Face ao exposto, é possível considerar que há possibilidade de estabelecimento de vínculos nos diferentes contextos de desenvolvimento (talvez com graus diferentes de facilidades e dificuldades) - configurações familiares, grupos, instituições, comunidades.

2.2 – Privação familiar e desenvolvimento humano

Na produção teórica sobre o desenvolvimento emocional, Winnicott inclui sua experiência com crianças e adolescentes privados da convivência com a família, temática afim com o objeto de estudo dessa pesquisa.

Os artigos de Winnicott sobre a privação familiar foram produzidos a partir da sua experiência na 2ª Guerra Mundial com crianças separadas de suas famílias em contexto de violência e coação. Nesse sentido, propõe-se um paralelo com a medida de abrigo (considerando as particularidades de cada situação) que também consiste numa condição excepcional, resulta no afastamento do ambiente familiar e geralmente é decorrente de situação de violência (seja de natureza social, como a falta de assistência do Estado, seja de violência doméstica por parte da família).

Para Winnicott ([1940]-2005b), as interferências no ambiente familiar na infância seriam facilmente associadas à deterioração, aos distúrbios, aos comportamentos anti-sociais, até à delinquência crônica. De acordo com seus estudos, as crianças menores de cinco anos de idade, afastadas de suas famílias, facilmente teriam *distúrbios graves do desenvolvimento da personalidade*,³¹ e uma causa importante da *delinquência persistente*³² seria a separação prolongada da mãe. Assim, quanto menor a criança na ocasião da separação da mãe, maiores os riscos para o seu desenvolvimento emocional.

Essa concepção teórica suscitava questionamentos por profissionais de creches e alojamentos³³ que observavam crianças em instituições aparentemente felizes e bem adaptadas a outros adultos. No entanto, Winnicott ([1939] – 2005b) entendia que se tratava provavelmente de uma felicidade ilusória e que o caráter da criança teria sofrido um dano radical.

Ao explicar sobre os alicerces da saúde mental, Winnicott ([1951]-2005b) expôs duas conclusões: a primeira que a criança pequena, criada de forma impessoal, tenderia a prejuízos na personalidade (como por exemplo, vulnerabilidade à delinquência); e a segunda que a relação entre a criança e seus pais deveria ser mantida e nunca interrompida sem um motivo justo. Esse entendimento vai ao encontro das posições atuais com relação às políticas de proteção à infância e à juventude, contrárias à cultura de institucionalização, priorizando um atendimento personalizado e em pequenos grupos nos abrigos,³⁴ e também ao encontro da excepcionalidade nas medidas de abrigo em contraposição à retirada desnecessária das crianças do convívio familiar.

No entanto, há situações em que a família falta ou falha nas suas funções relacionadas ao cuidado e à proteção, resultando na exposição de suas crianças a situações de vulnerabilidade física e psíquica. Nessa direção, Winnicott ([1945]-2005b) avalia que, quando as mães são *problemáticas e difíceis*, o afastamento da família torna-se uma alternativa mais adequada e o restabelecimento do convívio familiar pode significar um retorno às tensões.

Observa-se que, mesmo diante da ênfase sobre a família como lugar privilegiado ao desenvolvimento humano, Winnicott não despreza as possibilidades de um desenvolvimento saudável em outros contextos. Dentre as alternativas para as crianças privadas da família,

³¹ Expressão utilizada pelo próprio Winnicott (2005b).

³² Idem.

³³ Termo utilizado por Winnicott que pode ser associado às instituições de acolhimento, visto que funcionavam como lares substitutos para crianças e adolescentes privados da convivência com a família, e também possuíam supervisores, funcionários responsáveis pelos cuidados com o público atendido.

³⁴ Essas exigências relacionadas aos abrigos estão previstas nas legislações, como a do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006).

como as de pais adotivos e albergues (para os adolescentes), Winnicott (2005b) propõe os pequenos abrigos que devem ser administrados por um casal de diretores e c direcionados para crianças de diferentes faixas etárias. Para o autor, as vantagens nessas instituições estariam relacionadas à aquisição de *irmãos e primos*, ou seja, aos vínculos caracterizados pelo sentimento de familiaridade.

Outro aspecto apontado por Winnicott ([1947]-2005b) refere-se à importância das experiências saudáveis no início da vida da criança, que deverão ser retomadas na relação interpessoal com algum membro do abrigo. Nessas instituições torna-se imprescindível um clima de estabilidade para as crianças, favorecido pelas condições de trabalho satisfatórias e estáveis dadas aos supervisores (cuidadores).

De acordo com Winnicott ([1947]-2005b), os funcionários deveriam permanecer por um longo período na instituição, acompanhando a criança desde o período escolar até sua inserção na vida profissional. Atualmente, a permanência prolongada em abrigos é devidamente combatida pelas políticas centradas na família, mas a concepção de Winnicott ressalta a importância da estabilidade nas relações adulto-criança nos abrigos. O autor enfatiza ainda que é preciso garantir às crianças: “estabilidade ambiental, cuidados individuais e continuidade desses cuidados” (2005b, p. 82).

Além da estabilidade no ambiente (abrigo) e na relação das crianças e dos adolescentes com os funcionários, outra condição importante refere-se à capacidade de esses adultos suportarem a tensão emocional gerada pelo cuidado de crianças privadas de suas famílias. Winnicott ([1946]-2005b) explica que, mesmo nas crianças inseridas em seus lares, não haverá apenas bons comportamentos, mas, utilizando-se da confiança dos pais, as crianças irão testar seus poderes de destruir, consumir, manipular, assustar etc. A família, ao suportar essas tentativas de desorganização, permitirá que a criança se tranquilize e retome suas atividades cotidianas. Nesse sentido, considera-se que essa capacidade de suportar os impulsos agressivos da criança também se estenderia aos adultos nos abrigos, constituindo uma condição importante para o desenvolvimento infantil.

Na ausência de uma referência familiar, a criança tenderá a procurar essa referência em contextos fora do lar, na escola, em outras relações. Winnicott ([1946]-2005b) acredita que as crianças “(...) podem ainda vir a acreditar na estabilidade se uma experiência contínua de controle por pessoas extremosas puder ser-lhes proporcionada durante um período de anos” (p. 132), e que, quanto mais nova a criança, maiores suas possibilidades de receber esse tipo de ajuda. Desse modo, considera que a criança pode construir, mesmo que tardiamente, relações estáveis e benéficas ao seu desenvolvimento.

Além das questões relacionais, entre adultos-crianças, importantes na experiência de privação familiar, Winnicott ([1948] – 2005b) ressalta que as instituições devem reproduzir o máximo possível um ambiente familiar, além de oferecer pais substitutos e outras relações humanas. A partir da teoria de Winnicott, é possível identificar limitações, mas também muitas possibilidades ao desenvolvimento saudável de sujeitos privados de suas famílias.

Numa abordagem contextual, Lewis (1999) destaca a relação da criança com a mãe como um dos elementos de um contexto mais amplo e interacional. Considera a participação da criança numa rede social que, além da mãe, inclui outros integrantes da família, amigos, professores e pares. Ao discutir a situação de crianças separadas de suas mães, explica que os problemas apontados nos estudos com crianças em instituições eram decorrentes da falta de contato social não apenas com a mãe, mas com as demais pessoas da instituição, e que os cuidados indispensáveis ao desenvolvimento da criança não eram garantidos nem pela mãe, nem pelos cuidadores dos abrigos. A partir dessa perspectiva, e de vários estudos na área de abrigamento, Lewis conclui que “a falta de contato social adequado, mais que a falta das mães, é o fator decisivo na história de um lento desenvolvimento dessas crianças” (LEWIS, 1999, p. 201). Nesse sentido, o autor enfatiza a importância das relações da criança com adultos e particularmente com seus pares, ao afirmar:

Os pares são bons para brincar e bons modelos para o comportamento da criança, uma vez que compartilham as mesmas ou quase as mesmas capacidades e são muito parecidos com a criança. Também são bons para ensinar, principalmente quando são um pouquinho mais velhos, pois suas capacidades não diferem muito das capacidades da criança. Os pares também se protegem uns aos outros e, o que é mais importante, são capazes de formar vínculos emocionais fortes uns com os outros (LEWIS, 1999, p. 212).

Desse modo, não haveria um fator específico responsável pelo desenvolvimento humano saudável, mas um conjunto de elementos pessoais, relacionais, culturais, sociais e interacionais interveniente nas trajetórias de vida dos indivíduos.

2.3 – Adolescência, preparação para a vida adulta

A complexidade do desenvolvimento humano e as especificidades do objeto de estudo dessa pesquisa (trajetórias de vida) requerem não apenas uma referência teórica sobre a

infância, mas também sobre a adolescência, considerando as particularidades de cada uma dessas fases e a interligação entre elas.

A partir de uma visão sócio-cultural, a adolescência apresenta-se como mais uma invenção cultural do século XX, e, como toda invenção, implica em repercussões significativas para os indivíduos desse contexto social. Segundo Calligaris (2000), a adolescência é um fenômeno recente advindo com a modernidade tardia,³⁵ visto que antes predominavam os ritos de passagem que introduziam a criança diretamente no mundo adulto. Para o autor, a adolescência consiste no amadurecimento físico e na assimilação dos principais valores compartilhados pela sociedade; em contrapartida, é também nessa fase que há uma suspensão do reconhecimento do sujeito como membro ativo da sociedade.

Knobel (1981) ressalta que a adolescência deve ser considerada em sua característica circunstancial, de caráter geográfico e temporal histórico-social. Desse modo, as expectativas da sociedade em relação aos adolescentes refletiriam o contexto sócio-cultural no qual estão inseridos, ou seja, os costumes, valores, conhecimentos e as tradições que delimitam os papéis e critérios para identificá-los.

Nessa fase da adolescência, construída sócio-historicamente, um aspecto que pode ser útil na análise dessa pesquisa refere-se à ênfase dada à convivência em grupos e aos comportamentos miméticos, em busca da compatibilidade social com o grupo, e ao padrão de conduta esperado por este (BLOS, 1998). As amizades assumem um lugar primordial na vida dos adolescentes ao vislumbrarem apoio/ajuda e o compartilhamento das experiências entre os amigos, além de desfrutarem de companheirismo e intimidade (BERNDT, 1992, *apud* FERREIRA & GARCIA, 2008).

Considerando as influências sócio-culturais, Osório (1989) identifica como processos geralmente associados à fase da adolescência:

(...) redefinição da imagem corporal, culminação do processo separação/individuação e substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais na infância por relações objetais de autonomia plena, elaboração de lutos referentes à perda da condição infantil, estabelecimento de uma escala própria de valores, busca de pautas de identificação no grupo de iguais, estabelecimento de um padrão de luta/fuga no relacionamento com a geração precedente, aceitação tácita dos ritos de iniciação como condição de ingresso ao status adulto, assunção de funções ou papéis sexuais auto-outorgados, ou seja, consoante inclinações pessoais independentemente das expectativas familiares e eventualmente (homossexuais) até mesmo das imposições biológicas do gênero a que pertence (OSÓRIO, 1989, p. 12).

³⁵ Refere-se ao momento histórico atual da sociedade, iniciado no final do Séc. XX, relacionado à vivência dos efeitos tardios da modernidade, também denominado, por outros autores, como pós-modernidade. (GIDDENS, 1991).

Os autores até então citados apontam para o caráter transitório da dependência das figuras parentais para a independência na adolescência, visando à inserção autônoma na sociedade. Winnicott ([1963]-2005b) explica que só com o decorrer do tempo o adolescente torna-se preparado para identificar-se com os pais, os grupos e a sociedade em geral, sem se sentir ameaçado pela desorganização de sua própria integridade. Acrescenta que os adolescentes possuem algumas necessidades específicas, como desafiar e sentirem-se verdadeiros (não aceitam soluções falsas), expressas por meio da vida em grupo e da sintomatologia de um de seus membros. A esse respeito esclarece:

“o grupo muda e os indivíduos mudam de grupos, mas, de algum modo, os membros individuais do grupo usam os (adolescentes) extremos³⁶ para ajudá-los a se sentirem reais, em sua batalha para suportar esse período de turbulência e depressão” (WINNICOTT, 2005b, p. 174).

Outros conflitos na adolescência são também identificados por Calligaris (2000), que considera como valores almejados pelos adolescentes o ser desejável e invejável a partir do destaque em duas áreas: as relações amorosas/sexuais e o poder, isto é, a potência na esfera produtiva, financeira e social. A partir dessa perspectiva, o adolescente poderia ser identificado como aquele que teve tempo para assimilar os principais valores sociais, que atingiu a maturação corporal necessária à concretização desses valores (realização amorosa/sexual e financeira/social) e, contraditoriamente, aquele para quem a sociedade impõe uma moratória. Calligaris (2000, p. 15-16) explica que:

(...) há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de mais dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar (...).

De acordo com Calligaris (2000), os movimentos de rebeldia seriam formas de expressar o incômodo com essa moratória imposta pela sociedade, moratória que, além de exigir a incorporação de valores, impõe um ideal de independência para que os sujeitos sejam considerados adultos. Desse modo, a rebeldia não constituiria uma característica inerente aos adolescentes, mas uma forma de contestar as exigências contraditórias realizadas pela sociedade, pois, ao mesmo tempo em que é cobrada a autonomia e a independência, é-lhes

³⁶ Winnicott, ao utilizar a palavra *extremo*, refere-se àquele adolescente do grupo, representante dos demais, que desenvolve comportamentos anti-sociais ou o uso de drogas, depressão etc.

imposta uma moratória que os mantêm imaturos e dependentes dos adultos. Essa leitura sobre os comportamentos de resistência e rebeldia é apenas uma dentre outras possibilidades existentes, como o processo de identificação com o grupo, que será explorado nos próximos tópicos.

A idéia de uma moratória na adolescência pode ser confrontada com a realidade dos adolescentes pobres, considerando que o contexto econômico também repercute nos modos de expressão da adolescência. Sarti (2007) argumenta que, nas famílias pobres, o trabalho de crianças e jovens faz parte do processo de socialização, pois *dar, receber e retribuir* consistem em princípios essenciais em suas relações. Assim, o tempo que separa a adolescência da inserção no trabalho e na vida adulta seria variável de acordo com o contexto social, econômico e cultural.

Dentre a multiplicidade de sentidos, representações e elementos implicados na adolescência, o que então caracterizaria o seu término? Nesse sentido, Blos (1998) aponta alguns indicadores que sinalizariam a passagem do adolescente para a vida adulta: a) consolidação de uma identidade sexual e estabelecimento de relações afetivas estáveis; b) capacidade para assumir compromissos profissionais (investir na sua independência financeira); c) aquisição de valores próprios, e d) relacionamentos recíprocos com a geração anterior (principalmente os pais).

Nessa perspectiva, os adolescentes seriam considerados adultos quando conseguissem consolidar uma identidade, trabalhar e estabelecer relações amorosas. Dessa forma, os fatores sócio-culturais tornam-se evidentes no entendimento sobre a adolescência e fase adulta, ao transmitir a hegemonia de valores ligados ao trabalho, à família, aos relacionamentos, entre outros.

Além dos indicadores anteriormente citados sobre o término da adolescência, Blos (1998) identifica a estabilidade do ego e a organização das pulsões como importantes fatores para a inserção na vida adulta. A estabilidade seria proveniente do processo de individuação, realizado pela segunda vez (considerando a constituição do *eu* e do *não-eu* na infância) que culminaria na formação da sua identidade. Esse processo envolve impulsos de oposição, rebeldia e resistência, no intuito de o sujeito identificar as suas características pessoais. O mecanismo de individuação suscita também sentimentos de isolamento, solidão e confusão decorrentes do término da infância e de suas respectivas perdas.

A compreensão da adolescência como período de socialização pela identificação, pelo desenvolvimento de habilidades sociais, pela autonomia e também pelos movimentos de

contraposição e resistência permite uma abordagem contextualizada e atenta às especificidades das trajetórias dos sujeitos que viveram em abrigos durante sua adolescência.

2.4 – A vida nos grupos

Conforme tratado no tópico anterior, a convivência em grupos recebe destaque nas identificações e socialização durante a adolescência. No processo de desenvolvimento, os grupos vão se ampliando e, conseqüentemente, a rede de relações interpessoais e contextos de convivência tornando-se mais complexa, ultrapassando os limites do ambiente familiar. Nesse sentido, os modelos identificatórios que circulavam em torno dos pais e adultos mais próximos, como postulou Freud³⁷ em sua teoria edipiana, passam por novas aquisições e transformações diante da diversidade de grupos em que o adolescente encontra-se inserido.

Na formação dos grupos, as instâncias psíquicas descritas por Freud, *supereu* e *ideal do eu*, ajudam a compreender algumas particularidades observadas no comportamento dos adolescentes. A instância do *supereu*, cujas funções são de auto-observação, julgamento e censura, constitui a consciência moral do sujeito. Representa a autoridade, o conjunto de valores morais e éticos introjetados desde a infância, a partir da influência dos pais, adultos substitutos e da própria cultura. Já o *ideal do eu* abrange as diversas identificações com pais, adultos substitutos e ideais coletivos; refere-se ao modelo que o sujeito toma como ideal, ao qual procura adequar-se. Essa instância, no plano simbólico, regula a estrutura imaginária do eu, os conflitos e as identificações que norteiam suas relações sociais (FREUD, [1921] – 1976). Nesse processo de identificações, a *idealização*³⁸ do objeto contribui para a formação e o enriquecimento dessas instâncias ideais. Assim, os modelos identificatórios das crianças e dos adolescentes assumem funções relevantes no desenvolvimento psíquico e social, por meio da formação de um ideal que orienta as escolhas, os investimentos e, conseqüentemente, o percurso pessoal na sociedade.

Para Freud ([1921] - 1976), as identificações assumem um papel constitutivo do sujeito, e consistem na expressão mais primitiva e original do laço emocional com o outro. Freud define a *identificação* como o processo de moldar o próprio *eu* de acordo com um aspecto daquele que foi tomado como modelo. Uma característica relevante da *identificação* consiste na possibilidade de o *eu* ser moldado não apenas de acordo com as pessoas amadas,

³⁷ Freud ((1923) - 1976).

³⁸ *Processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. (...) a idealização, particularmente a dos pais, faz necessariamente parte da constituição, no seio do sujeito, das instâncias ideais* (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992, p. 224).

mas, inclusive conforme as não amadas, além da possibilidade de tomar como modelo apenas um traço particular da pessoa que é seu objeto. Freud então explica que as identificações entre os membros de um grupo são resultantes de um vínculo emocional em comum.

No grupo, as identificações ocorrem a partir da interposição do *ideal coletivo* sobre os *ideais do eu* individual. Esse processo de identificação torna-se mais complexo diante da inserção do indivíduo em vários grupos e, conseqüentemente, da formação do seu *ideal do eu* a partir de diferentes modelos (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992). Essa concepção sobre os grupos contribui para uma análise de trajetórias de vida a partir dos grupos e modelos identificatórios dos sujeitos, considerando o contexto social que envolve esses grupos.

Winnicott (2005b) identifica o adolescente sadio pela sua capacidade de identificação com grupos mais amplos, sem perder sua individualidade e espontaneidade. A inserção em grupos dependeria da integração do *self* do indivíduo. Nesse sentido, a entidade grupal é sustentada pela superposição das identidades individuais. No outro extremo, o grupo pode ser formado por pessoas ainda não-integradas, porém que, a partir da *cobertura*³⁹ do grupo, passam a adquirir confiança e uma integração pessoal. O autor aponta como uma possibilidade de integração para crianças que não tiveram um ambiente provedor, em situação de afastamento da família, a sustentação pelo abrigo das condições necessárias para um desenvolvimento sadio ao grupo de crianças, pelo tempo máximo-permitido. Nesse caso, os funcionários garantiriam a *cobertura* a esse grupo, favorecendo-lhe o processo de integração pessoal e a possibilidade de formação de novos grupos, agora a partir da identidade integrada de cada criança.

“Creio ser básica esta relação: quando há um sinal positivo, as crianças trazem consigo suas próprias forças integrativas; quando há um sinal negativo, o abrigo proporciona cobertura semelhante à vestimenta de uma criança nua e aos braços maternos segurando um bebê recém-nascido” (WINNICOTT, 2005b, p. 223).

Além da unicidade apresentada por meio das identificações entre os indivíduos, é preciso também que haja uma diferenciação perceptível entre os grupos, o que implicaria na singularidade dos ideais e valores de cada grupo. Dessa forma, a percepção de um grupo como tal requer uma representação mínima coletiva de objetivos comuns ou tarefas compartilhadas entre os indivíduos, que assume um significado particular em seu contexto social (MINUCCI, 2002).

³⁹ Termo utilizado pelo autor, referindo-se ao apoio e cuidado oferecido pela mãe, pelo grupo ou pela instituição.

Além de o grupo mobilizar-se diante de tarefas ou objetivos comuns, na concepção de Minucci (2002, p. 185), “o grupo seria então a possibilidade de refletir-agir sobre o sujeito e a instituição, propiciando uma articulação dos projetos individuais (ou mesmo de reconstrução dos mesmos), com a realidade institucional e social”. No caso dos grupos constituídos com finalidades pedagógicas e terapêuticas, o autor acrescenta que a escuta do desejo permite o surgimento do sujeito desejante. Assim, o indivíduo estaria em constante interação e formação, por meio de grupos, instituições e seu contexto social, de forma ativa e reflexiva.

A vivência em uma organização grupal estaria associada, segundo Pagès (1982), a uma afetividade gerada pelo próprio grupo, que explicaria as incoerências entre a racionalidade consciente do grupo, de sua ideologia e seu comportamento. Os sentimentos compartilhados no grupo manteriam uma correlação com os sentimentos individuais e atingiriam todos os integrantes dele, unificando os fenômenos grupais. Nesse sentido, os comportamentos individuais estariam sempre associados a uma experiência coletiva, de forma consciente ou inconsciente. Esse entendimento sobre a afetividade de grupo aplicar-se-ia a qualquer campo de relações, desde grupos informais até organizações, conforme explícito: “Em todo grupo, em qualquer momento, existe um sentimento dominante, compartilhado por todos os membros do grupo, com subtilezas individuais. Esse sentimento é, em geral, inconsciente, governa a vida do grupo em todos os níveis” (PAGÈS, 1982, p. 265).

A afetividade do grupo pode ser observada, por exemplo, no medo dos integrantes de um grupo de expor-se ao ridículo, mostrar suas fraquezas, utilizando como um mecanismo de defesa psicológica, a reação com desconfiança ou um comportamento de oposição, em vez de assumir de forma racional os conflitos com ele (PAGÈS, 1982).

Outro fenômeno dos grupos refere-se à comunicação por meio de zonas simbólicas, que permitem aos integrantes do grupo um significado comum, representado por meio de diferentes símbolos que o evocam. Essas zonas simbólicas convergiriam para a construção de uma linguagem (verbal e não-verbal) própria ao grupo (PAGÈS, 1982).

A partir dessas idéias trabalhadas por Pagès, as relações estabelecidas nos grupos e até mesmo na instituição podem ser analisadas por meio do afeto mobilizado entre os indivíduos e implicado nas manifestações coletivas, e principalmente nas individuais.

A relação humana sempre e de imediato é afetiva e permite perceber o outro em sua alteridade, singularidade, mesmo que de forma parcial ou confusa. Pagès (1982) ressalta a centralidade das relações nos fenômenos psicológicos. É a experiência afetiva na relação que fundamenta os laços da união grupal, interligando todos os membros entre si, conduzindo inconscientemente os fenômenos de grupo.

Retomando a idéia do grupo como espaço de identificações, dos processos de integração do eu, Bion considera que o líder, na fantasia grupal, representa aquele capaz de suprir todas as necessidades dos indivíduos (LEITÃO, 1982). Tal concepção justificaria a submissão dos integrantes de um grupo ao seu líder e os sentimentos de admiração e prestígio dirigidos a este.

A partir dessa concepção sobre grupos e processo de identificação, parece possível a argumentação de que, em contextos distintos da família, como os abrigos, há possibilidade do desenvolvimento psicossocial satisfatório, por meio dos modelos identificatórios favoráveis aos vínculos afetivos e à participação em atividades construtivas na sociedade.

2.5 – O papel das instituições na formação psíquica dos sujeitos

Quando o assunto se refere à instituição, faz-se necessário inicialmente estabelecer uma definição desse conceito, distinguindo-o dos significados usuais. Com esse propósito, os autores Cardoso e Cunha (2001, p. 11) desenvolveram a seguinte definição:

(...) instituição é o conceito mais amplo e abrangente, significando uma determinada modalidade estabelecida de relações sociais. Existe como realidade simbólica e não tem concretude material, representando aquilo que funda a realidade social e estabelece os modos de relacionamento que regulam os grupos.

Nesse sentido, o termo instituição pode referir-se à família, à religião, a um partido político, como aos abrigos, nesse caso, apontando não só para a organização (concretude material) em si, mas para seus valores, sua cultura e suas representações simbólicas. Essa compreensão advém da grande contribuição de Castoriadis (1982), ao reconhecer a dimensão simbólica das instituições, ampliando a visão funcionalista na qual a existência e as características das instituições são associadas apenas às funções destas na sociedade. Para o referido autor, o simbólico se expressa principalmente pela linguagem, e em segundo grau (e de diferentes formas) nas instituições. Essas não se esgotam no simbólico, mas só podem existir a partir de uma rede simbólica (que antecede a sua existência).

Castoriadis (1982) compreende que não há neutralidade no simbolismo, pelo contrário, existe uma ligação com a natureza e a história relacionada à instituição. A explicação do autor sobre o papel do simbólico pode ser apresentado, em síntese, a partir da seguinte citação:

A sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se crava no natural e se crava no histórico (ao que já estava lá); participa, enfim, do racional. Tudo isso faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões e conseqüências, que não eram nem visadas nem previstas. Nem livremente escolhido, nem imposto à sociedade considerada, nem simples instrumento neutro e médium transparente, nem opacidade impenetrável e adversidade irreduzível, nem senhor da sociedade, nem escravo flexível da funcionalidade, nem meio de participação direta e completa em uma ordem racional, o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade (e não somente os que era suposto determinar) estando ao mesmo tempo, cheio de interstícios e de graus de liberdade (CASTORIADIS, 1982, p. 152).

Assim, a constituição da ordem simbólica pelas instituições não é um processo *livre*, pois essas devem assumir a matéria (a concretude) de acordo com o universo simbólico existente. Dessa forma, a instituição relacionada aos serviços de acolhimento deve ser compreendida a partir de uma rede simbólica associada a sua herança histórica e social, ao conjunto de representações e significados construídos na coletividade, às funções institucionais desempenhadas na sociedade, entre outros aspectos da ordem simbólica; porém desprovida de um domínio absoluto e imutável pelo simbólico.

Após algumas considerações sobre a dimensão simbólica das instituições, propõem-se as suas importantes funções relacionadas ao processo de socialização dos sujeitos, como explica Kaës (1991, p. 21):

(...) uma das funções capitais das instituições é fornecer representações comuns e matrizes identificatórias: dar um 'status' às relações da parte e do conjunto, unir os estados não integrados, propor objetos de pensamento que tenham um sentido para os indivíduos aos quais é destinada a representação e que gerem pensamentos sobre o passado, o presente e o futuro; indicar os limites e as transgressões, assegurar a identidade, dramatizar os movimentos pulsionais (...).

Desse modo, as instituições regulam a rede de relacionamentos, possibilitando a formação de identidade dos grupos e dos indivíduos e, ainda, interferem na forma como as experiências são apreendidas, sendo imprescindíveis para a formação da rede social. De acordo com Käs (1991), as instituições precedem os sujeitos com suas representações simbólicas e reproduzem a lógica própria da sociedade e da cultura.

Nesse complexo conjunto de fatores relacionado às instituições, inclui-se o seu papel na formação psíquica dos sujeitos, por meio da interposição da lei, da inserção na linguagem e da aquisição dos referenciais identificatórios, assim como de “investimentos e representações

que contribuem para a regulação endopsíquica e que asseguram as bases da identificação do sujeito com o conjunto social” (KÄES, 1991, p. 26-27). Dada a sua importância, as instituições devem ser permanentes, garantindo a estabilidade necessária à vida psíquica e social dos sujeitos (KÄES, 1991).

A estabilidade prevista no contexto familiar aparece como um fator relevante em todas as relações, inclusive institucionais, para o desenvolvimento psíquico dos seres humanos. Vidal (1991) traz esta importante contribuição para a abordagem das instituições, articulada às representações familiares, pautada na relação de ambivalência entre as pulsões e a satisfação:

Pensamos que o grupo institucional (...) é um grupo de ‘familiares’, e que nesse ponto ele mobiliza de maneira privilegiada uma fantasmática familiar. ‘Ser da Casa’, ‘fazer parte da Casa’ são expressões reveladoras das interações e das relações de ‘familiaridade’ que se tecem entre os indivíduos que convivem permanentemente e cotidianamente no trabalho ou em outras atividades. É certamente inevitável que as representações do grupo institucional se construam sobre o modelo das fantasias propriamente familiares e se expressem naturalmente nos termos e através desses protótipos... domésticos! (VIDAL, 1991, p. 190).

A aproximação entre os abrigos e a família permite o estudo das relações de *familiaridade* em instituições substitutas ao contexto familiar, pertinente ao desenvolvimento dessa pesquisa. Observa-se na realidade dos abrigos, das Casas-Lares, relações entre crianças, adolescentes e adultos baseadas em representações comuns à vida familiar, sentimentos de filiação e parentesco, uso de termos apropriados pela família (mãe/pai, tio(a), irmãos(ãs), minha casa). Afinal, apesar da provisoriedade prevista no ECA sobre as medidas de abrigo, essas instituições se dispõem como a residência das crianças, até que haja possibilidades de reinserção/inserção no convívio familiar. No caso dos participantes dessa pesquisa, a Casa-Lar consistiu no principal contexto de convivência, desde a primeira infância até a juventude, assumindo o lugar de uma referência familiar em suas vidas.

As instituições articulam-se não só com as representações familiares, mas com a comunidade, permitindo aos indivíduos um ambiente propício ao desenvolvimento da capacidade de viver, trabalhar, amar, mudar e até construir o mundo a sua imagem. Nessa perspectiva, toda instituição constrói suas próprias regras, normas e sistemas de referência (mito ou ideologia) que agem como lei organizadora da vida física, mental e social dos indivíduos integrantes (ENRIQUEZ, 1991).

Nesse sentido, as instituições possuem conjuntos culturais, simbólicos e imaginários, que atuam na regulação social. Os sistemas culturais referem-se aos valores e normas, ao

sistema de pensamento e ação que modelam os comportamentos dos indivíduos. É o modo de existir da instituição cristalizada, numa determinada cultura, no intuito de favorecer a construção de uma obra coletiva. Os sistemas culturais também propõem um modelo de socialização que possibilite cada indivíduo posicionar-se conforme o ideal proposto. Assim, esses sistemas são imprescindíveis para a consolidação e manutenção da instituição, bem como para “a garantia da identidade à qual aspira todo conjunto social” (ENRIQUEZ, 1991, p. 78).

Os sistemas simbólicos também se referem a uma importante característica das instituições, que é a de consolidar a ação de seus integrantes por meio dos mitos, dos heróis, das sagas, legitimando e significando as suas atitudes e a própria vida. Como coloca Enriquez (1991, p. 78):

A instituição pode então se oferecer como objeto ideal a ser interiorizado, que dá vida, ao qual todos devem, manifestar a sua lealdade, e até mesmo se sacrificar. Ela apresenta exigências e obriga a todos a se moverem pelo orgulho do trabalho a realizar: verdadeira missão de vocação salvadora.

E, por fim, os sistemas imaginários das instituições mobilizam os desejos de afirmação narcísica e fantasias de onipotência, ou sua necessidade de amor, para manter sob seu domínio os indivíduos. As instituições exercem esse domínio, ao colocar-se como capaz de atender os desejos mais intensos dos sujeitos e transformar sua fantasia em realidade. Claro que tais propostas são apenas ilusórias, pois a concretização de uma fantasia resultaria no bloqueio dos elementos criativos necessários a uma ação transformadora. Além dessas características, a dimensão imaginária das instituições tem a função de:

(...) tranquilizá-los [os indivíduos] quanto a sua capacidade para protegê-los contra a possibilidade de abalamento da sua identidade, dos seus temores de desmoronamento, da angústia de fragmentação despertada e alimentada por qualquer vida comunitária, proporcionando-lhes as couraças sólidas do estatuto, da função (constitutivas da identidade social) e da identidade maciça da Instituição (ENRIQUEZ, 1991, p. 79).

A partir dessas idéias, Enriquez (1991) contribui para uma leitura sobre as instituições no plano cultural, simbólico e imaginário que particulariza o *corpo, o pensamento e a psique* de cada um dos seus membros. Dessa forma, as instituições favorecem a formação de indivíduos voltados para a sua devoção, ao colocar-se no lugar de um ideal que deve ser sempre o alvo a ser alcançado.

Nesse sentido, a instituição-abrigo consistiria no conjunto de representações sociais, valores, crenças, rede de relações afetivas e de poder, agregada a uma herança histórica e cultural que permite a atribuição de sentido às ações realizadas na esfera material, isto é, nas próprias organizações de abrigos. Além de imprimir sua marca no funcionamento da organização (abrigo), a instituição repercutiria também na vida psíquica dos sujeitos abrigados.

Considerando as particularidades que envolvem uma instituição, mais especificamente os abrigos, Altoé (2004) ressalta a importância de considerar a subjetividade da criança e do adolescente em todo espaço institucional, destituindo-os de qualquer estereótipo.

O lugar que as pessoas autorizam ou não a criança ocupar, a função que a gente lhe dá, sem que ela saiba, como doente, por exemplo, para abrandar a angústia, são elementos de um jogo que existe na família, como também em toda instituição da qual ela participa. O sentimento que a criança ou o jovem tem de seu lugar no mundo é igualmente ligado à maneira na qual ele tem contado, sido importante ou não, para alguém, sem ter de se apagar como sujeito (ALTOÉ, 2004, p. 54).

No entanto, para viabilizar essas mudanças subjetivas, é preciso que o desejo da criança seja reconhecido, evitando que este se expresse por meio de sintomas. Holvoet (1993 *apud* ALTOÉ, 2004), nas suas reflexões sobre a contribuição dos conceitos psicanalíticos para a leitura institucional, argumenta que o abrigo deve permitir o surgimento do imprevisível e singular, ao contrário de suprir, mesmo que ilusoriamente, todas as demandas e necessidades dos sujeitos. Acrescenta ainda que “(...) o importante é que o processo de educação deixe um lugar para o desejo e permita a abertura de possibilidades de invenção permanente” (HOLVOET, 1993, *apud* ALTOÉ, 2004, p. 57).

Nessa perspectiva, Holvet (1993, *apud* ALTOÉ, 2004) explica que o papel do educador é acompanhar o desenvolvimento das crianças, não se propondo a ter respostas para tudo, pois é preciso que a instituição de abrigamento possibilite o espaço para o questionamento e a busca pelo conhecimento por parte da criança. Além disso, a referida autora chama a atenção para o papel das regras e normas institucionais que não devem ser fixas e permanentes, mas sim passíveis de reformulações e questionamentos a fim de organizar o convívio social.

É dentro dessa perspectiva que Arpini (2003) acredita no trabalho institucional capaz de minimizar os efeitos próprios do processo de institucionalização, considerando a

construção de laços afetivos e o resgate da história do sujeito como elementos diferenciais no atendimento oferecido pelos abrigos.

Apesar de as inúmeras possibilidades dos abrigos constituírem-se como espaços favoráveis ao desenvolvimento humano, não se poderia ignorar os possíveis limites apresentados nesse contexto. Alysson Carvalho (2002) aponta a participação instável dos adultos no cotidiano das crianças e dos adolescentes abrigados, repercutindo em dificuldades na formação de vínculos afetivos. Esse tipo de participação adulta justifica-se quando há alta rotatividade de funcionários, índice elevado de absenteísmo, rodízio e quantitativo desproporcional entre adultos e crianças. No entanto, o autor cita vários estudos (STRAYER & SCHROEDER, 1989; WEISMER & GALLIMORE, 1977; MARKARENKO, 1986; FREUD & BURLINGHAM, 1960) sobre a função complementar exercida pela relação da criança com seus pares, principalmente com crianças mais velhas, que atuam como cuidadores auxiliares, permitindo a tolerância às falhas do cuidado dos adultos e facilitando o processo de socialização. Aponta ainda o cuidado entre as crianças como possível suporte emocional em situação de carência afetiva. Nesse contexto dos abrigos, as relações de amizade recebem destaque, ao propiciar segurança e a vivência em grupos que repercutirão nas relações futuras da criança. Assim, as instituições devem propiciar a convivência entre crianças de diferentes idades e investir na organização das atividades institucionais e formação dos cuidadores (adultos), a fim de viabilizar o desenvolvimento emocional e social de suas crianças.

Marim (1999), em seu trabalho numa unidade da antiga FEBEM, em São Paulo, denominada Unidade de Triagem 1 – UT1, supervisionava estagiários num trabalho de intervenção junto às crianças *problemáticas* e/ou agentes socializadores desse abrigo. Tal experiência permitiu-lhe um contato sistemático também com as equipes técnicas da instituição. A partir da reflexão sobre essas intervenções, Marim observou que na maioria dos casos das crianças a convivência no abrigo configurava-se como uma experiência mais positiva e salutar do que seria no ambiente familiar de origem. Desse modo, a autora ressalta em uma de suas conclusões:

(...) a Instituição pode ser um espaço alternativo para o processo de identificação da criança, desde que não se camufle como uma família. Parece ser sua função, desde que a família não tenha condições para assumir seus filhos, colocar-se como um espaço para que as crianças possam realizar suas necessidades, encontrando um suporte adequado para o desenvolvimento bio-psicossocial (MARIM, 1999, p. 112).

As possibilidades de investimentos pelos abrigos no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes acolhidos podem ser exploradas pelas mais diferentes ações em prol do atendimento das necessidades e da garantia dos direitos do público atendido. Stoecklin (2003), ao desenvolver questões referentes às crianças em situação de rua, oferece algumas idéias e ações julgadas pertinentes também para crianças em abrigos. O autor considera necessário trabalhar as competências simbólicas (espírito crítico, negociação e empatia), reforçando a capacidade de integração social dessas crianças, a fim de favorecer transformações nas condições de vida dessas crianças.

Nesse sentido, Stoecklin (2003) elenca como princípios de ação nas instituições: a articulação entre o fortalecimento (considerando os perfis das crianças) com suas necessidades e competências; a valorização das competências das crianças; o auxílio na superação de suas competências (reconhecimento) e o direcionamento para as atividades socialmente aceitas; a estimulação da capacidade de expressar suas percepções e defender seus direitos; o fortalecimento da criança no sentido de capacitá-la a transformar conflitos individuais em ações coletivas positivas viabilizando o uso adequado dos serviços sociais básicos e/ou autoconfiança; a manutenção constante de atitude lúdica, ao interagir com as crianças, sendo os jogos fundamentais para o desenvolvimento social.

No trabalho institucional junto às crianças e aos adolescentes, a atividade de brincar seria comum a todos os contextos de convivência e propícia à interação, e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e sociais entre as crianças (CARVALHO & LORDELO, 2002). Ainda nesse sentido, Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa (1996), argumentam que as brincadeiras de crianças em grupo configuram-se como um campo social de interações sendo a sua natureza definida pelas ações e relações interacionais. Dessa forma, a brincadeira ao propiciar a interação social entre as crianças, a regulação do comportamento pelo outro e a troca de papéis, pode ser considerada como um elemento relevante à sociabilidade destas.

Apesar de essa pesquisa não objetivar a elaboração de um plano de intervenção para os abrigos, o conhecimento sobre estratégias de ação e alternativas de trabalho nessas instituições podem auxiliar na compreensão das trajetórias bem sucedidas dos sujeitos que já passaram pela convivência em Casa-Lar. A dialética relacionada às possibilidades e aos limites existentes em qualquer contexto de desenvolvimento pode ser aplicada aos abrigos (considerando as especificidades de cada ambiente). Em relação às dificuldades e adversidades, a Psicologia vem estudando os fatores implicados na capacidade de superação dos sujeitos, por meio do conceito de resiliência.

2.6 – Sobre o potencial de Resiliência

Não há como negar que a convivência em instituições de acolhimento origina-se de uma situação adversa, muitas vezes traumática, para a criança ou adolescente afastado da família. Diante da diversidade de contextos de desenvolvimento, aliada às desigualdades sociais e diferenças culturais, algumas questões podem ser formuladas: Como certas pessoas conseguem superar as adversidades no processo de desenvolvimento? Como se recuperar de significativas perdas emocionais? Que fatores contribuem para a superação das privações e perdas a ponto de não prejudicar o desenvolvimento emocional posterior? Tais questões têm sido estudadas à luz do conceito de resiliência,⁴⁰ adotado recentemente pela Psicologia.

Pinheiro (2004) aponta diversos estudos que consideram a capacidade de amar, trabalhar, ter expectativas e projeto de vida como elementos cruciais para o desenvolvimento de habilidades humanas úteis na superação das adversidades da vida.

De acordo com Assis, Pesce & Avanci (2006), a resiliência trata de um potencial que pode ser mais ou menos desenvolvido no indivíduo, bem como em instituições e grupos sociais. O conceito de resiliência busca explicar por que, diante das mesmas dificuldades, alguns as superam com êxito e outros declinam diante das adversidades. Há os que consideram a resiliência um atributo pessoal, porém, numa visão mais complexa sobre esse conceito, as autoras concluem que se trata de:

(...) um processo dinâmico que envolve a interação entre processos sociais e intrapsíquicos de risco e proteção. O desenvolvimento do constructo enfatiza a interação entre eventos adversos de vida e fatores de proteção internos e externos ao indivíduo. A resiliência está ancorada em dois grandes pólos: o da adversidade, representado pelos eventos desfavoráveis, e o da proteção, voltado para a compreensão de fatores internos e externos ao indivíduo, mas que o levam necessariamente a uma reconstrução singular diante do sofrimento causado por uma adversidade (ASSIS, PESCE & AVANCI, 2006, p. 19).

Nessa perspectiva, o foco incide na interação da criança com adultos e seus pares, nos vínculos afetivos e nas mudanças decorrentes da atuação dos adultos com os quais a criança convive. Assim, o potencial de resiliência corresponderia ao processo de interação entre os aspectos individuais, sociais e os fatores de proteção.

⁴⁰ O conceito de resiliência foi utilizado, inicialmente, pelas ciências exatas – Física e Engenharia – ao se referirem à capacidade do material sofrer impactos e retomar sua forma original. Posteriormente, esse conceito foi adaptado às ciências humanas e médicas, mas, só no final da década de 1970, a Psicologia e a Psiquiatria dedicaram-se ao estudo efetivo da resiliência, sendo recentemente incorporado ao campo da Saúde Pública, na perspectiva da promoção de saúde e qualidade de vida (PINHEIRO, 2004).

Ao estudar questões ligadas ao apego e ao potencial de resiliência de adolescentes institucionalizados, Dalbem & Dell'Aglio (2008) concluíram que os abrigos podem propiciar fatores protetivos que reforçam características individuais voltadas para a superação e o enfrentamento de experiências estressantes, contribuindo para o desenvolvimento da autoestima e das relações de apego. Acrescentam ainda que o fato de o abrigo favorecer relações positivas e atividades construtivas propicia o bem-estar e o desenvolvimento da resiliência.

Nesse sentido, consideram-se relevantes os estudos que priorizam a identificação de aspectos saudáveis (e não apenas psicopatológicos) em crianças e adolescentes abrigados e que desafiam os construtos teóricos deterministas da Psicologia sobre as condições imprescindíveis para um desenvolvimento emocional saudável, questionando a hegemonia da família como único referencial.

2.7 – Abordando a complexidade do desenvolvimento humano

Após a explanação de assuntos específicos sobre a infância e adolescência, os grupos e as instituições, o interesse pelas diferentes trajetórias de vida conduziu essa pesquisa para a ampliação de seu referencial teórico por meio de uma abordagem complexa, dialética e contextual do objeto da pesquisa. Nesse sentido, a Perspectiva da Rede de Significações (*RedSig*)⁴¹ foi escolhida como um dos referenciais em interface com o campo teórico e metodológico para o estudo do desenvolvimento humano. Apesar da tentativa de abordar o conjunto de elementos envolvidos nesse processo, entende-se que essa pesquisa e seus referenciais teóricos abrangem um recorte dentro de um complexo campo em que se inserem os fenômenos psicológicos.

Na Perspectiva da *RedSig*, o desenvolvimento humano é compreendido como um processo constituído por múltiplas interações entre as pessoas em seus contextos sócio-históricos, no qual coexistem contradições - o velho/novo, previsível/imprevisível, continuidade/rupturas, ganhos/perdas -; ao contrário das abordagens lineares, causais e evolutivas. A partir dessa perspectiva, direciona-se um olhar singular para o sujeito em sua rede de relações e contextos, todos situados social e culturalmente (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & SILVA, 2000).

⁴¹ A perspectiva teórico-metodológica da *RedSig* tem sido construída a partir dos trabalhos de autores sócio-históricos (Vygotsky, Wallon, Valsiner e Bakhtin) e de abordagens da Psicologia do desenvolvimento e social (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & SILVA, 2004).

A metáfora da rede, adotada pela *RedSig*, privilegia o conjunto de significados, relações e contextos no qual a pessoa encontra-se inserida, num processo de co-construção e constantes interações com o meio. Assim:

O modo como o desenvolvimento é circunscrito depende da variabilidade e dos significados que emergem, diante da articulação dos elementos ligados às várias pessoas em interação dentro de um contexto específico. Essa articulação/circunscrição é compreendida, no entanto, como se alterando continuamente, em função do tempo e dos eventos, compondo novas configurações e novos percursos possíveis (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & SILVA, 2004, p. 23).

Ao revisitar a literatura sobre as continuidades e discontinuidades nas trajetórias de pessoas com envolvimento com o crime, Silva & Rossetti-Ferreira (2002) contribuem para essa perspectiva interacional da *RedSig*, ao pontuarem que:

Não são os fatores em si que contribuem para essa trajetória, mas sim, o significado pessoal e coletivo que a eles são atribuídos nas interações que estabelecem, nos cenários em que se inserem (grupo de amigos, família, vizinhança, instituições etc). Disso decorre a inconsistência ou incompletude das análises fatoriais e correlacionais e a própria noção de liberdade e imprevisibilidade no desenvolvimento (SILVA & ROSSETTI-FERREIRA, 2002, p. 580).

A abordagem do desenvolvimento humano a partir do campo interacional, dos elementos semióticos, da contextualização social e cultural, e das possibilidades de emergência de novos eventos e percursos constituem uma das importantes contribuições dessa perspectiva para o presente trabalho. Nesse sentido, Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva (2004) ressaltam a impossibilidade de esgotar a análise de todos os elementos formadores da rede e significados envolvidos nas situações pesquisadas, pois haveria uma circunscrição do olhar do pesquisador sustentada pelos seus fatores biológicos, históricos, culturais e situacionais.

A partir das contribuições da *RedSig* para o estudo do desenvolvimento, elegeram-se três conceitos: *os papéis/posições*, *os circunscritores* e *a matriz sócio-histórica* como elementos necessários para a compreensão das interações dialógicas e semióticas entre as pessoas e o meio.

Oliveira, Guanaes e Costa (2004) discutem a importância dos papéis e posicionamentos que as pessoas assumem e abandonam nos diferentes momentos e contextos de vida. Nessa perspectiva, os papéis consistem em comportamentos definidos culturalmente,

denominados como *papéis sociais* (ser mãe, ser pai, ser professor) ou *papéis psicológicos*. Esses últimos estão relacionados ao modo como os papéis sociais são desempenhados (ser pacífico, ser autoritário) e aos funcionamentos psicológicos específicos (a forma de resolver um problema, narrar uma história). Esses papéis podem ser conhecidos pela maioria das pessoas, podem ser escolhidos conscientemente, porém também são passíveis de mudanças e atualizações. Considerando a importância dos papéis e posicionamentos no desenvolvimento humano, as autoras esclarecem que:

(...) a pessoa [vai] se constituindo e sendo constituída no aqui-agora de suas inter-relações; assumindo e atribuindo dinamicamente papéis ou posições que a localizam e significam frente a si mesma, aos outros e ao contexto social discursivo, proporcionando o desenvolvimento de uma subjetividade narrativa pessoal e multifacetada (OLIVEIRA, GUANAES & COSTA, 2004, p. 79-80).

Para explicar as limitações e possibilidades delimitadas no decorrer do desenvolvimento humano, Silva, Rossetti-Ferreira & Carvalho (2004) utilizaram o conceito de *circunscritores*. Dentre várias interpretações sobre esse conceito, as autoras tomaram como referência a teoria de Valsiner, na qual os *circunscritores* constituem um sistema organizador do curso do desenvolvimento, aproximando-o de determinadas direções e aquisições, e afastando-o de outras. Esses circunscritores são de natureza material e simbólica e imprimem suas influências nas relações e nos ambientes sociais. Nesse sentido, o processo de desenvolvimento assim se constituiria:

“(...) sob um conjunto de circunscritores semioticamente estruturado, canalizando as práticas sociais e delimitando zonas de atuação dos parceiros em interação, conformando espaços possíveis de produção de novos significados e sentidos sobre o mundo e sobre si” (SILVA, ROSSETTI-FERREIRA & CARVALHO, 2004, p. 83).

Os circunscritores permitem certa previsibilidade das trajetórias de vida, apesar do espaço sempre aberto para o imprevisível no desenvolvimento humano. O conjunto de circunscritores numa determinada Rede de Significações não pode ser analisado separadamente, apenas em sua integração, contexto situacional e interativo. Nessa perspectiva da *RedSig*, observa-se a predominância de certos significados, papéis e ações numa determinada situação interativa, resultando numa forma particular de relacionamento consigo, com as outras pessoas e nas diferentes situações.

Outro constructo teórico importante na perspectiva da RedSig, e que situa os fenômenos psicológicos numa base da realidade, é a de *matriz sócio-histórica*. As autoras optaram por uma interpretação da *matriz sócio-histórica* como sistema composto (...) *por elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, todos historicamente construídos e em contínua construção* (AMORIM & ROSSETTI-FERREIRA, 2004, p. 95). A *matriz Sócio-histórica* é de natureza predominantemente semiótica, possui concretude nas situações e é composta por dois elementos inter-relacionados: um referente às condições e pressões sociais em que as pessoas de uma comunidade estão inseridas; e o outro às práticas discursivas que envolvem os signos, as representações, os símbolos religiosos que permeiam a vida social e remetem a diferentes momentos históricos e culturais (AMORIM & ROSSETTI-FERREIRA, 2004).

A *matriz sócio-histórica* não pode ser apreendida em sua totalidade, mas, parcialmente, em seus elementos expressivos, nas relações e nos contextos em que o indivíduo interage. Assim, além da sua multiplicidade de sentidos e significados, a Matriz constitui-se por inúmeras contradições e ambigüidades que mobilizam os sujeitos a constantes negociações e mudanças de posicionamento (AMORIM & ROSSETTI-FERREIRA, 2004). Esse conceito vai ao encontro da abordagem contextual priorizada durante todo o desenvolvimento da pesquisa, desde a análise da problemática até as conclusões.

Assim, a *matriz sócio-histórica* refere-se a um importante elemento interacional no desenvolvimento dos sujeitos, colocando limites e possibilidades para o seu percurso (que podem ser ressignificados), ao mesmo tempo em que é formada e revisitada pela ação dos sujeitos.

O processo semiótico no desenvolvimento humano perpassa todos os construtos teóricos dessa perspectiva da *RedSig*. Como explica Smolka (2004), os sentidos são produzidos coletivamente, a partir das interações, emoções, sensações, experiências, promovendo determinadas relações e práticas sociais. Assim, o conjunto de significados orienta as ações, as emoções, a atuação do grupo em certas direções (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & SILVA, 2004). Nesse sentido, Lewis (1999) considera que o sentido atribuído pelo indivíduo ao seu passado e presente, e, principalmente, as suas metas e os seus planos pessoais, repercutiriam em seu futuro. Assim, afirma:

Mentes pensantes, planejadoras e ativas são capazes de ter desejos, de criar metas e de fazer planos para atingir essas metas (...) As pessoas são mais capazes de alterar o curso e a trajetória de sua vida, com base em metas que

procuram atingir do que nos eventos que ocorreram no passado. Na verdade, as pessoas alteram os eventos passados a fim de dispor de uma oportunidade melhor para realizar suas metas futuras (LEWIS, 1999, p. 99).

Na multiplicidade de fatores intervenientes no desenvolvimento, inclui-se a capacidade de “pensar sobre o futuro, o uso de nossa consciência para fazer planos e alterar erros passados (e) a ocorrência de eventos acidentais (o imprevisível)” (LEWIS, 1999, p. 102).

A RedSig apresentou-se como um desafio nessa pesquisa, ou melhor, para a pesquisadora, ao ampliar sobremaneira o campo de análise das trajetórias de vida. Vale ressaltar que esse estudo representa um movimento inicial da pesquisadora de aproximação com a RedSig, necessitando de uma continuidade e um aprofundamento posteriores nessa perspectiva. Além de configurar-se como uma importante proposta teórica e metodológica, a *RedSig* pode ser considerada um desafio científico e um empreendimento necessário para avanços nos estudos psicológicos comprometidos com a *hipercomplexidade humana* (apropriando-se da expressão de Morin).

3 – METODOLOGIA

Esta pesquisa propôs a construção de uma leitura – singular e provisória – sobre trajetórias de vida, numa interface entre o campo teórico e o empírico. Como bem explica Castoriadis (1982), a teoria consiste numa tentativa sempre incerta de elucidação do mundo, pois o saber “É fragmentário, porque não pode haver teoria exhaustiva do homem e da história; ele é provisório, porque a própria práxis faz surgir constantemente um novo saber, porque ela faz o mundo falar numa linguagem ao mesmo tempo singular e universal” (CASTORIADIS, 1982, p. 95).

Para conhecer um fenômeno, traduzir uma realidade de forma complexa, é preciso abandonar a herança científica pautada na dissociação, redução, separação, ocultação dos conflitos, enfim, na simplificação. Dessa forma, o paradigma da complexidade propõe a existência de dificuldades na elucidação dos problemas e a aceitação de dois termos radicalmente excluídos pela ciência positivista: o *acaso* e a *incerteza*, considerando que a complexidade “(...) provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensamento)” (MORIN, 1996, p. 274). Tomando como referência o paradigma da complexidade, direcionou-se os esforços no sentido de se desvencilhar da tendência simplificadora e investir em uma das possibilidades de leitura do processo de desenvolvimento psicossocial no contexto de abrigo, considerando suas contradições, conflitos dominantes e imprevisibilidade.

Numa perspectiva qualitativa, esta pesquisa aborda o universo das relações, dos significados, das crenças e dos valores, das representações e da intencionalidade. Nesse sentido, os métodos qualitativos, congregando a *análise institucional*, a *história de vida* e a *análise de conteúdo*, permitiram uma significativa aproximação com a dimensão subjetiva do objeto e a correlação dos múltiplos aspectos da situação analisada.

3.1 – Contribuições da análise institucional

Ao articular a psicologia (abordagem psicanalítica) com o conhecimento sociológico, a análise institucional propõe trabalhar com um foco amplo, considerando desde o nível macro-social, onde se inscrevem as instituições, até um nível micro, com a abordagem dos processos intrapsíquicos, considerando o enfoque escolhido pelo pesquisador, no plano

intermediário das mediações das sociabilidades primárias, no contexto da família, da comunidade e do abrigo.

Esse método objetiva o enfoque no momento singular de um grupo ou organização, situando-se no nível das relações entre os indivíduos e as instituições. Assim, possibilita a análise dos contextos institucionais como os abrigos, seu sistema simbólico, cultural e imaginário, bem como as contradições dominantes e processos mediatizantes, estabelecidos na formação do sujeito no contexto social onde foi criado.

A problemática apresentada nesta pesquisa demandou a investigação de duas fases da vida dos sujeitos pesquisados: a infância, diante da produção teórica na psicologia sobre as repercussões da privação familiar nesse período de vida, e a adolescência / juventude pelo interesse na análise dos recursos psicossociais que favoreceram aos sujeitos a sua saída do abrigo, bem como sua inserção na sociedade de forma bem sucedida. A partir do método da história de vida, foi possível resgatar a trajetória pessoal dos participantes da pesquisa.

3.2 – História de vida – o método

A história oral foi introduzida no Brasil em 1970, porém somente na década de 90 houve uma expansão mais significativa. Hoje, a história oral já faz parte do aporte teórico-metodológico de um número cada vez maior de profissionais das ciências humanas. Segundo Becker (1993), as narrativas de histórias de vida, biografias e documentos pessoais vêm sendo utilizadas como técnicas de investigação qualitativa na pesquisa social desde o início do século XX, sendo difundidas pela *Escola de Chicago*.

Apesar das diferentes concepções sobre este método, de forma geral os estudiosos e pesquisadores que trabalham com a história oral consideram os seguintes pressupostos (MIKKA *apud* AMADO & FERREIRA, 2006):

- a) O testemunho oral deve ser o foco da investigação e não uma parte secundária da pesquisa;
- b) A história oral permite esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que de outra forma não poderiam ser elucidados, como: analfabetos, rebeldes, movimentos sociais, etc. Dessa característica advém a ligação da história oral com a história dos excluídos;
- c) Os documentos (entrevistas) gerados a partir das histórias narradas possuem uma característica singular: resultam do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre

- sujeito e objeto de estudo, o que permite ao pesquisador o afastamento de interpretações pautadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa e a busca por caminhos alternativos de interpretação;
- d) A pesquisa com histórias orais baseia-se em pontos de vista individuais, apreendidos nas entrevistas, as quais são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo ou simbólico), incorporando elementos, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano;
 - e) O objeto de estudo do pesquisador é resgatado através da memória dos informantes.

Para esse método, a compreensão multidisciplinar da história de vida envolve as contribuições da Psicologia e, principalmente, da Psicanálise, como a necessidade de considerar outras dimensões da realidade (o inconsciente, por exemplo), principalmente na etapa de análise das informações. Outra contribuição da Psicologia para a história oral consiste na precaução metodológica diante da geração e análise das informações, assim como: “reflexões sobre a peculiar relação que se estabelece entre o informante e o entrevistador e os fatores que afetam sobre maneira a produção e o caráter das fontes orais” (LOZANO, 2006, p. 17). Sobre esse aspecto, mais adiante será apresentado um destaque sobre as implicações da pesquisadora com seu objeto de estudo.

Alguns autores compreendem que a própria biografia já é em si uma análise. Nessa perspectiva, as narrativas devem falar por si próprias, sendo desnecessário aplicar sobre os dados um conjunto de conceitos ou categorias predeterminadas. Contrapondo-se a essa vertente, investiu-se no diálogo com estudiosos do tema a fim de contribuir para uma análise dos dados contextualizada empírica e teoricamente. A importância desse método para o presente problema de pesquisa refere-se à possibilidade de compreender, através da reconstituição da trajetória de vida dos sujeitos, como se processam os sentimentos, as motivações, os processos de composição e recomposição de identidades, a integração da história individual na história coletiva mais ampla, os efeitos do contexto social no percurso do desenvolvimento das pessoas, dentre outras questões que remetem à experiência subjetiva.

Diante da apropriação do método da história oral originalmente advindo da História por outras ciências, como a Psicologia, na presente pesquisa tornou-se viável e pertinente a utilização de tal método, a fim de estudar a experiência de abrigo, numa perspectiva micro-individual, porém capaz de apontar em direção aos fenômenos da ordem macro-social.

3.3 – Análise de conteúdo

Todo o material produzido durante a pesquisa através do método da *história de vida* também foi submetido ao método dialético de *análise de conteúdo*. Nesse método, segundo Pagès (1987), o discurso é considerado como um *encadeamento de contradições* e dessa forma deve ser apreendido e analisado, sem quaisquer segregações. Pois esse encadeamento constitui o próprio discurso e o objeto de análise. A partir dessa concepção dialética, Pagès propõe os seguintes pressupostos metodológicos:

- O discurso remete tanto a uma realidade objetiva quanto ao campo psicológico do indivíduo ou do grupo (o pesquisador é quem definirá o enfoque para a pesquisa);
- O discurso é simultaneamente coletivo e individual, isto é, “(...) o discurso é coletivo, à medida que cada indivíduo revela de maneira exemplar estruturas, relações entre fenômenos, presentes de diferentes formas nos outros indivíduos” (PAGÈS, 1987, p. 200);
- O caráter de coletividade atribuído ao discurso não consiste apenas na identificação das semelhanças, mas, também, das complementaridades;
- As categorias (rubricas) possibilitam situar as cadeias de relações, por isso não devem ser definidas *a priori*, mas, sim, a partir dos julgamentos apresentados pelos próprios entrevistados.

3.4 – Procedimentos metodológicos

3.4.1 – Participantes:

Foram entrevistados dois adultos do sexo masculino, com idades de 20 e 27 anos, e um do sexo feminino, de 33 anos, que conviveram no mesmo abrigo, desde o primeiro ano de vida até a idade adulta, apresentando uma trajetória de vida bem sucedida (trabalho, família e convívio social).

- *Critérios de seleção:*

Os critérios de seleção dos participantes restringiram-se a três condições: 1) ingresso numa instituição de acolhimento antes dos cinco anos de idade; 2) a permanência no abrigo

até a idade adulta (fase de emancipação da instituição); 3) os três sujeitos pertencerem a uma mesma instituição (mesmo que em épocas distintas); e 4) possuírem uma trajetória de vida bem sucedida.

A escolha pela faixa etária de 0 a 5 anos, referente à entrada dos sujeitos no abrigo, foi baseada nas teorias de Winnicott (2005b) e Bowlby (1997) que a consideram como uma fase crítica, cujo elemento fundamental para o desenvolvimento de uma personalidade saudável consiste na relação com os pais, principalmente com a mãe. Assim, a idéia foi investigar essa argumentação através de sujeitos que, apesar de privados da família ainda nos primeiros anos de vida, se desenvolveram de forma saudável. Conforme a explicação apresentada na parte dos objetivos desta pesquisa, o termo *bem sucedida* foi utilizado como uma referência a uma trajetória de vida constituída por atividades socialmente aceitas, em oposição à delinquência ou conduta anti-social. As principais atividades consideradas nessa concepção referem-se ao investimento nos estudos, na formação profissional e na constituição de laços permanentes (casamento ou outros vínculos duradouros).

Em relação ao fato de os três participantes terem convivido no mesmo abrigo, entre as décadas de 80 e 90, priorizando-se uma única instituição, esse critério objetivou uma análise aprofundada, capaz de contemplar as interações entre os sujeitos e a dinâmica institucional. Essa relação sujeito-instituição constituiu-se um elemento fundamental para questionar as ciências deterministas, centradas exclusivamente na família, tendo em vista as hipóteses levantadas sobre a participação das instituições no desenvolvimento humano. Logo, priorizou-se a escolha por sujeitos que, ao longo da infância e adolescência, tinham vivido apenas nesse contexto institucional, a fim de investigar o modo como as instituições podem substituir certas funções psicoafetivas atribuídas às famílias.

3.4.2 – Levantamento de Informações

Num primeiro momento, houve uma consulta ao N.O.F.E., no intuito de obter informações (endereços e telefones) sobre os abrigos do Estado. A partir do conhecimento da pesquisadora sobre um possível participante (que atenderia aos critérios pré-definidos), no Instituto GAMA, optou-se pelo investimento nessa instituição. O contato com os participantes foi realizado a partir dos dados sobre ex-abrigados, fornecidos pelo diretor do Instituto GAMA. Essa listagem foi avaliada pela pesquisadora, considerando os critérios estabelecidos para a seleção dos participantes e a disponibilidade deles para os encontros. A apresentação da

pesquisadora aos sujeitos, intermediada pelo diretor do GAMA, parece ter contribuído para o estabelecimento de uma relação de confiança e para a adesão dos participantes durante toda a pesquisa.

- *Instrumento e técnicas:*

No contato inicial com cada participante, foi estabelecido o contrato de participação na pesquisa (adesão ao termo de consentimento livre e esclarecido) e um *rapport* satisfatório. Ao final de cada encontro, programava-se o subsequente.

Foram utilizadas diferentes modalidades de *entrevista*, técnica principal de obtenção das informações, considerando a sua pertinência para a operacionalização dos objetivos desta pesquisa. Como propõe Minayo (2007), as entrevistas atuam como fontes de informações construídas no próprio diálogo com o entrevistado, que aborda reflexões sobre a sua realidade social. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas em vários encontros, de acordo com a necessidade particular de cada caso para contemplar os objetivos desta pesquisa, resultando numa média de três a quatro encontros, com duração de 45 a 60 minutos cada uma.

No primeiro encontro individual foi realizada uma entrevista não-estruturada, apenas com uma colocação inicial para que o participante contasse a sua história de vida. Tal procedimento objetivou identificar os marcos (fatos, situações) e as pessoas privilegiadas no percurso pessoal, assim como a forma (explícita e implícita) pela qual cada sujeito percebe a sua trajetória de vida. A partir do segundo encontro, as entrevistas passaram a ser *abertas*⁴², quando, de acordo com o discurso do entrevistado, outras colocações eram realizadas pelo entrevistador, privilegiando a estrutura e a lógica própria do discurso do participante, assim como a abordagem dos temas planejados para a análise.

Nessas entrevistas abertas foram priorizados os seguintes temas: período anterior ao abrigo, família de origem, ingresso e vivências no abrigo – cotidiano, vida escolar, convívio social; relacionamentos – parceiros, referências de afeto e de autoridade, vínculos afetivos; sentimentos e sensações experienciadas durante a vida no abrigo; saída do abrigo (preparação, recursos utilizados, rede de apoio) e vida atual.

⁴² De acordo com a definição de Minayo (2007, p. 64), nas entrevistas *abertas ou em profundidade o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões.*

As entrevistas com os participantes foram realizadas em locais combinados com a pesquisadora de acordo com as condições essenciais de infra-estrutura e acessibilidade, como estabelecimentos de ensino frequentados pelos sujeitos. Nesses locais, utilizou-se uma sala reservada para a entrevista, assegurando privacidade e conforto aos participantes. A partir da necessidade de obtenção de novas informações, surgidas na medida em que se identificavam pontos omitidos (e que precisavam ser esclarecidos) durante a organização dos dados, programavam-se novos encontros.

Como fontes secundárias, visando à ampliação dos dados para uma análise mais aprofundada, na presente investigação se utilizou um material impresso do Instituto GAMA, referente ao histórico e a atividades desenvolvidas pela instituição, além de entrevistas com outras pessoas envolvidas direta ou indiretamente nas trajetórias dos sujeitos da pesquisa, como duas funcionárias e o diretor do abrigo e uma ex-larista .

Após a conclusão das entrevistas com os sujeitos, solicitou-se que cada um indicasse uma *pessoa de referência*⁴³ em sua vida, que conhecesse bem sua história, por ter participado da sua trajetória. Em seguida, foi pedida a autorização para que essas *pessoas de referência* pudessem ser entrevistadas. Todos autorizaram esse procedimento e forneceram os dados para contato. Dentre as indicações, dois participantes escolheram o diretor do GAMA, como pessoa de referência, e um, a larista com quem conviveu por um longo período de abrigamento. No único e individual encontro com as *pessoas de referência*, foi realizada uma entrevista semi-dirigida, contemplando questões sobre a convivência entre elas e os ex-abrigados; por exemplo: como era o comportamento, quais eram as aspirações, interesses etc. As entrevistas foram realizadas nos locais de melhor acesso para o entrevistado, como a residência ou ambiente de trabalho.

Outras fontes de informações foram obtidas a partir de entrevistas semi-dirigidas com duas funcionárias e o diretor do GAMA, que abordaram temas relacionados à instituição, como: o seu histórico, os objetivos, o atendimento oferecido, principais mudanças nas últimas três décadas (visto a idade dos participantes) e contexto comunitário.

Além das entrevistas e do acervo documental, foram realizadas duas visitas ao Instituto GAMA, objetivando apenas uma aproximação entre a pesquisadora e o universo do objeto da pesquisa. Nessas visitas, foi possível conhecer algumas Casas-Lares, laristas e crianças e adolescentes atualmente acolhidos no Instituto; além da realização de entrevistas com duas funcionárias (anteriormente citadas).

⁴³ Utilizou-se esse termo para diferenciar os ex-abrigados dos adultos indicados por eles para falarem a seu respeito, contribuindo com informações diferenciadas sobre as trajetórias de vida analisadas.

No total, obteve-se 13 horas de entrevistas, gravadas através de um dispositivo eletrônico (MP4) e, em seguida, transcritas literalmente para o computador, a fim de facilitar o processo de análise.

3.4.3 – Procedimentos para análise

Inicialmente, para cada participante da pesquisa, foi organizado um arquivo virtual, com suas entrevistas (seguindo a ordem dos encontros) e, ao final, as informações fornecidas pela sua pessoa de referência.

Baseado no trabalho desenvolvido por Pagès (1987), para a análise de conteúdo, foram estabelecidos os seguintes procedimentos metodológicos:

- Destaque das partes relevantes das histórias de vida (possíveis indicadores dos temas), resultando na segmentação em pequenas partes, porém preservando a originalidade do discurso;
- Delimitação de rubricas (categorias), a partir dos principais temas suscitados nas entrevistas. As referidas rubricas sofreram modificações durante todo o processo de análise dos dados;
- Organização dos discursos dos entrevistados nas rubricas, de acordo com a identificação dos conteúdos dominantes;
- Estabelecimento de correlações entre duas ou mais rubricas.

Como propõe a análise de conteúdo, o material obtido foi analisado a partir de categorias delimitadas no decorrer da análise dos dados. São elas:

- O rompimento com a família de origem;
- Os primeiros vínculos afetivos no Instituto GAMA;
- As relações com adultos e crianças;
- Os modelos identificatórios na adolescência;
- As idealizações da vida futura;
- A saída da instituição;
- A sociabilidade na vida adulta;
- A constituição de laços permanentes fora do GAMA.

As entrevistas foram analisadas individualmente, contemplando suas particularidades a partir das categorias citadas, sendo articuladas aos dados, obtidos através das entrevistas, com as respectivas *pessoas de referência* e integrantes (funcionárias e diretor) da instituição. Nessa análise individual das trajetórias de vida, dois eixos temáticos permearam todo o processo interpretativo: as interações e relações entre os sujeitos e as instituições (o *Instituto GAMA e a Igreja*), principais cenários envolvidos no desenvolvimento dos participantes da pesquisa.

Ao final de cada análise individual, produziu-se uma síntese dos principais *circunscritores*, isto é, elementos que direcionaram a trajetória dos sujeitos por determinadas direções, colocando-se em questão que fatores contribuíram para um percurso pessoal bem-sucedido, nos padrões socialmente aceitos. A organização dessas sínteses seguiu os seguintes temas, na ordem apresentada: os vínculos afetivos, os modelos identificatórios, as instituições (natureza simbólica) envolvidas no contexto social dos sujeitos e o processo de significação.

A segunda etapa da análise refere-se a uma síntese interpretativa sobre os encontros e desencontros entre as três trajetórias de vida, considerando os mesmos temas utilizados nas sínteses individuais visando a uma leitura sobre os principais fatores psíquicos e sociais implicados no desenvolvimento dos sujeitos.

3.5 – Implicações éticas:

Os cuidados éticos com os participantes, tais como o sigilo, a preservação do anonimato, o esclarecimento das etapas da pesquisa, o pedido de autorização para a publicação das informações obtidas e a livre participação na pesquisa, acompanharam toda a realização deste trabalho. Não houve quaisquer procedimentos que oferecessem riscos físicos ou mentais aos participantes da pesquisa, sendo apenas inviável a garantia de que não sentiriam qualquer desconforto ou incômodo frente aos conteúdos tratados, visto que foram exploradas suas histórias de vida. Na presente produção científica, manteve-se como princípio ético contribuir para os estudos psicológicos em diferentes cenários sociais, nas suas dimensões macro (sócio-política) e micro (individual), situadas na problemática deste trabalho.

3.6 – Implicações da pesquisadora com o objeto da pesquisa

Primeiramente, é preciso considerar a concepção metodológica adotada nesta pesquisa que pressupõe a impossibilidade de uma separação absoluta ou uma relação de neutralidade entre o pesquisador e seu objeto. Entende-se que os valores, idéias e a própria trajetória do pesquisador repercute em todo seu trabalho investigativo, desde a construção do objeto até o processo de interpretação dos dados.

A escolha pelas trajetórias de vida no contexto de abrigo está diretamente relacionada à atuação profissional da pesquisadora, como psicóloga em uma instituição (ONG) de acolhimento de crianças. O trabalho aí desenvolvido ocupa um espaço importante na realização profissional, ao mesmo tempo em que se impõe como um difícil desafio diante dos entraves políticos, culturais e sociais.

Inicialmente, na estruturação deste trabalho, a partir de uma auto-análise mais atenta foi possível identificar um anseio da pesquisadora por uma defesa indiscriminada dos abrigos como um contexto possível de ser tão saudável quanto a família. A paixão pelo trabalho e pelas crianças parecia provocar um distanciamento da investigadora de uma visão mais complexa sobre a situação. Com o decorrer do curso de mestrado, das trocas de idéias e conhecimentos com colegas e doutores, assim como o amadurecimento do próprio trabalho na ONG; os objetivos da pesquisa puderam ser redefinidos, considerando a família como o lugar mais propício, porém não imprescindível, ao desenvolvimento humano.

Dessa forma, é preciso considerar a natureza simbólica desta investigação para a pesquisadora, associada ao lugar do desejo, das incertezas, das indagações, do limite, do crescimento pessoal e profissional, representando uma forma de mostrar à sociedade as possibilidades (além das limitações já conhecidas) que podem ser exploradas nas instituições de acolhimento em prol do pleno desenvolvimento psíquico e social das crianças e dos adolescentes. Representou, ainda, uma forma de significação do próprio trabalho em abrigo e um meio de dar voz a esses sujeitos marginalizados socialmente.

A principal motivação da pesquisadora foi contribuir com um olhar mais amplo e complexo sobre os abrigos, desprovido de preconceitos e estereótipos, considerando a possibilidade desse contexto institucional constituir-se como espaço de promoção de oportunidades e de desenvolvimento bio-psicossocial das crianças e adolescentes ali atendidos.

Durante as entrevistas, alguns participantes remetiam à pesquisadora as expectativas que mantêm sobre o futuro das crianças atendidas no abrigo. A aproximação com pessoas que

havia passado pela experiência de abrigamento e construído um percurso digno, de possibilidades e superações, despertava-lhe o desejo de continuar investindo no trabalho social em instituições. Essa experiência de atuação como pesquisadora, imersa na confluência entre os campos teórico e empírico, contribuiu para a consolidação da visão de homem como ser complexo, imprevisível e repleto de possibilidades para alterar sua própria trajetória.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises aqui apresentadas correspondem a uma construção interpretativa sobre os fenômenos investigados a partir da interação entre pesquisador-pesquisado. Considerando a complexidade das trajetórias de vida, os múltiplos elementos envolvidos no desenvolvimento psicossocial dos sujeitos, este estudo propõe uma das leituras possíveis sobre o universo das relações, contextos, experiências e, principalmente, significações envolvidas na situação estudada.

Explicada a natureza das análises propostas, espera-se uma compreensão sobre as afirmações realizadas no texto como interpretações provisórias, desprovidas de qualquer alusão a verdades absolutas.

4.1 – A história de vida de *Paulo*

(...) a entidade não é entidade, é a minha casa, é a minha cidade, meu bairro, minha família.

(PAULO)

Paulo, solteiro, 20 anos de idade, está cursando o 5º período de faculdade de música e investindo numa companhia de produção artística, junto a uma ONG de incentivo à cultura. A sua convivência no Instituto GAMA refere-se ao período dos 11 meses de idade até seus 17 anos.

No contato com a pesquisadora, Paulo foi disponível e receptivo para narrar sua história de vida, transmitindo vivacidade, dinamismo e simpatia. Todos os adultos entrevistados nesta pesquisa – funcionários, diretor e ex-abrigados – fizeram referência a Paulo como uma pessoa carismática, símbolo de uma vida de superação e sucesso no GAMA.

“Paulo, que era o menino que você devia ter entrevistado, a história dele é muito bonita. Chegou a ser desenganado pelos médicos, passou muito tempo internado e, hoje em dia, é um adolescente que todo mundo, aonde ele vai, é louco por ele: nas igrejas, nas escolas, na comunidade. Aí, hoje, ele passa a semana lá e final de semana ele tá fazendo visitas às igrejas, fora” (JOANA - uma das participantes da pesquisa).

No primeiro encontro, baseado no relato livre, Paulo utilizou, como importantes marcadores de sua história, as Casas-Lares em que residiu no GAMA e as laristas que cuidaram dele durante sua infância e adolescência. Desse modo, a sua trajetória é narrada a partir da sua primeira Casa-Lar, onde morou dos 11 meses de idade até seus 11 anos. Depois, na segunda casa, dos 11 aos 14 anos e, em seguida, na Casa-Lar específica para os adolescentes mais velhos da instituição, onde permaneceu até os 17 anos.

A história de vida de Paulo remete a uma complexa rede de relações e contextos, na qual o GAMA e a igreja ocupam um lugar privilegiado e de ordem familiar. No primeiro encontro, ele praticamente não fez referência à sua mãe biológica, Vânia, a não ser para explicar o motivo do seu abrigamento, apontando o distanciamento da família de origem na sua trajetória.

*“A gente tinha essa visão da mãe biológica. Alguns tinham uma proximidade bem maior, mas eu não; **minha mãe sempre foi muito distante**, apesar de ela ter uma proximidade, todo um carinho, todo um afeto, eu tenho carinho, tenho respeito, tenho afeto, **mas que não é uma coisa tão ligada porque não foi cotidiana**” (PAULO).*

4.1.1 – Rompimento com a família de origem

Paulo inicia sua narrativa sobre a família de origem a partir da separação conjugal de seus pais, época em que sua mãe encontrava-se na sua gestação. Essa separação parece significada por Paulo como uma importante diferença entre a sua família e o GAMA, relacionada às divisões, ou melhor, à instabilidade nas relações parentais.

*“(...) o que sei da minha família é que **começa com uma divisão**. Minha mãe casou com meu pai numa situação difícil, que ele já era casado. E, aí, quando ela estava grávida, se separaram e ela descobriu que ele já estava com outra” (PAULO).*

*“A **gente tem uma história que não se divide antes do GAMA**, depois do GAMA. Só tem GAMA na minha história. Antes do GAMA eu não conheço praticamente nada (...)” (PAULO).*

Esse período inicial da trajetória de Paulo é marcado por dificuldades no convívio com os pais, principalmente com a mãe, por ser portadora de transtorno mental⁴⁴, sendo a sua situação econômica e emocional agravada com a separação conjugal e o falecimento da sua

⁴⁴ Paulo não soube informar o tipo de transtorno mental da mãe, apenas alguns sintomas, que serão apresentados mais adiante, nesta análise.

genitora. O pai, caminhoneiro, era uma figura bastante ausente no cotidiano de Paulo, sem qualquer aproximação familiar.

Após um aborto em uma primeira gestação, Vânia vivenciou, de forma diferente, a gravidez do segundo filho (Paulo), ocasião em que freqüentava uma igreja evangélica, cujos ensinamentos e princípios religiosos interagiam com seus comportamentos e posicionamentos adotados. A participação de Vânia no contexto da igreja parece repercutir na vida de Paulo, mesmo antes do seu nascimento.

*“(...) uma das coisas marcantes é que a insistência da minha mãe de **já ter uma perspectiva de vida baseada na fé**, que ela tinha encontrado, coisa que ela não tinha antes, não tinha essa relação com Deus, esse vínculo de fé. Acho que essa falta de fé gera uma certa irresponsabilidade com a questão da vida, por isso chega a fazer o aborto. E, graças a Deus, **ela encontrou Deus na hora certa, porque senão, (eu) não estava aqui**” (PAULO).*

Ao nascer, Paulo parecia já estar inserido num conjunto de significados, construído também pela influência da religião. A igreja desempenhou um papel importante na sustentação da gestação de Vânia e, conseqüentemente, para ele, que teve sua vida preservada *em nome de Deus*. Essa relação de Paulo com a igreja perdura desde o seu nascimento até os dias atuais, assumindo uma função relevante no processo de identificações, na formação dos seus ideais.

Apesar do envolvimento de Vânia no contexto da igreja, a sua rede de apoio familiar e comunitária era bastante frágil, repercutindo em situações de vulnerabilidade para si e, conseqüentemente, para seu filho.

*“(...) **fui pra mão de um, pra mão de outro** e ela (Vânia) ficava tentando alcançar a alimentação e o sustento pra ela e pra irmã mais nova, e eu ficava com minha tia mais nova, que também arrumava lavagem de roupa para fazer e tinha outra coisa pra fazer, para poder se sustentar. E a situação ia ficando cada vez mais difícil (...)” (PAULO).*

Durante os 11 meses de convivência com a família, Paulo esteve sob os cuidados de diferentes adultos (tia, prima, uma senhora da comunidade), mas com a mãe sempre presente em sua vida. Vânia passava o dia vendendo objetos usados, às vezes em surto psicótico, mas resistia ao rompimento da vinculação com Paulo, retornando ao seu convívio no final do dia. A insistência de Vânia nos cuidados com o filho, considerando as influências decorrentes do seu transtorno mental, parecia associada à identificação entre mãe e bebê gerada durante a gestação.

Essa experiência materna, segundo Winnicott ([1960] - 1983), permite à mãe o desempenho da função denominada *holding*, relacionada à sustentação física e simbólica do seu bebê, atendendo as suas necessidades, de forma sincronizada, e acompanhando suas mudanças físicas e psicológicas. Essa função parece exercida por Vânia com o auxílio de outros adultos nos primeiros meses de vida de Paulo, até o momento em que seu transtorno mental interferiu significativamente nos cuidados com o filho, levando-a a buscar outras pessoas capazes de exercer essas funções.

“O pior dos 9 meses de gestação é chegar no mundo e não ser bem recepcionado; não ter alguém lhe esperando, ou ter alguém lhe esperando mas sem as condições necessárias. Isso é muito ruim pra qualquer pessoa” (PAULO).

“(...) graças a Deus eu fui parar lá no GAMA, onde fui recebido, muito bem tratado dentro das possibilidades da entidade, que sempre tava lá fazendo alguma coisa para que eu continuasse vivendo” (PAULO).

Nesse caso, a fragilidade da saúde mental de Vânia resultou na intervenção de pessoas da comunidade que a orientaram a recorrer ao abrigo do filho, na ocasião com sérios problemas de saúde (desnutrição). Assim, a partir da solicitação de Vânia, Paulo foi recebido na Casa-Lar do GAMA pelo diretor, Nelson, que percebeu a necessidade de apoio para essa família.

*“Paulo é aquele caso de criança que já **chegou desenganado pelos médicos**; que chega com alto índice de desnutrição, **muito grave**. Passou mais de um ano de sua vida sem poder se alimentar porque o intestino dele rejeitava qualquer tipo de comida sólida. E, só depois de dois anos, ele passa a viver como uma criança normal dentro do abrigo” (DIRETOR).*

*“(...) segundo as pessoas que lá estão, **eu cheguei pra morrer lá**; num estado bem difícil, que não sei explicar, pois era muito pequeno; cheguei com a cabeça toda raspada, de tanto soro que tomei, e que eu não parava de ir pra o hospital. Se não me engano, tinha ameba, desnutrição. Não sei como se deu esse processo, mas sei que foram bem longos” (PAULO).*

A separação de Vânia do filho significou uma difícil mudança em sua vida, visto que nesse período os seus sintomas psiquiátricos tornaram-se mais intensos e recorrentes, como: falar sozinha, falta de cuidados com a aparência e higiene pessoal, perda de contato com a realidade, pensamento desorganizado, comportamentos bizarros (vendia revistas bastante antigas). Como explica Winnicott ([1960] - 2007), nos primeiros meses de vida do bebê estabelece-se uma relação de dependência entre a mãe e o bebê, ambos vulneráveis a essa

relação familiar. Nesse sentido, a ruptura da vinculação entre Vânia e Paulo, nessa fase de identificação, parece gerar sérios problemas emocionais para a mãe.

Já a situação de Paulo transcorre com um suporte efetivo de cuidado, visto que diante da separação familiar, o GAMA parece sustentá-lo, não só fisicamente mas simbólica e afetivamente através das relações, vínculos e cuidados propiciados por adultos, crianças e adolescentes da instituição. Os sentidos construídos sobre o acolhimento de Paulo no GAMA relacionavam-se a sua situação limiar entre a vida e a morte, resultando em uma aproximação afetiva com as outras pessoas do abrigo. A responsabilidade assumida pelos adultos de assegurar a sobrevivência e o restabelecimento da sua saúde parece fortalecer as suas relações interpessoais no contexto do GAMA.

“Eu acho que Paulo acabou tendo um tratamento diferente porque era aquele que chegou diferenciado de todos os outros. Todos os outros chegaram para viver, ele chegou para morrer na instituição. Queira ou não, isso foi levando a vida dele. Assim, de uma forma, eu acho que as pessoas tinham mais carinho por ele exatamente pela chegada dele, pelo histórico de vida dele” (DIRETOR).

Como explicam Silva, Rossetti-Ferreira & Carvalho (2004), um conjunto de significados, dentre outros elementos, atua como norteador da direção provável das ações de um grupo de pessoas inseridas na situação. Assim, os significados construídos nas interações entre Paulo e os adultos do GAMA, nesse momento inicial de acolhimento, privilegiaram relações afetivas e de cuidado.

O GAMA, além de ter favorecido novas relações e significados à vida de Paulo, garantiu assistência médica e cuidados, em geral. Assim, apesar da separação familiar vivenciada por ele e dos sérios problemas de saúde ainda nos primeiros meses de vida, as relações e contextos posteriores e substitutos dos familiares configuraram-se como condições favoráveis ao seu desenvolvimento bio-psicossocial.

“(...) e com o tempo fui crescendo com todo aquele acompanhamento do GAMA, que foi muito importante no sentido de ser bem recebido, bem amado; todo mundo que estava lá e especialmente a pessoa (larista) que estava cuidando de mim” (PAULO).

Apesar das rupturas vivenciadas por Paulo com sua família de origem, uma referência de continuidade lhe foi propiciada pelo GAMA, em sua trajetória. Como diriam Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva (2004), o desenvolvimento humano é um processo dialético e, portanto, constituído por crises e contradições, perdas e ganhos. Nesse sentido, as intercorrências na relação de Paulo com a mãe coexistiram, num primeiro momento, com os

cuidados provenientes de outros familiares e, num segundo momento, com a convivência mais estável no contexto do GAMA.

4.1.2 – Primeiros vínculos afetivos

Nesse novo contexto do GAMA, Paulo é acolhido em uma das Casas-Lares sob os cuidados da larista Mônica, permanecendo em sua companhia dos 11 meses aos 11 anos de idade. Além dos cuidados oferecidos pela própria instituição, iniciava-se um vínculo afetivo e duradouro com Mônica, cujo papel institucional era de mãe substituta, responsável pelo cuidado integral e diário das crianças.

“(...) até meus 11 anos, Mônica foi quem cuidou de mim. Então, foi como se fosse uma mãe. Era, na verdade, uma mãe; é a minha segunda mãe. Tenho várias mães” (PAULO).

O desenvolvimento saudável de Paulo no GAMA corrobora para o entendimento de que as funções que envolvem o cuidado e o afeto não são exclusivas dos familiares consangüíneos, mas podem ser bem desempenhados por outros adultos dedicados a este propósito. A convivência na Casa-Lar apresentava similaridades com o ambiente familiar, não só em relação à infra-estrutura, mas principalmente ao modo de tratamento dos conflitos, regras, acordos, afeto etc. Essa *organização familiar substituta*, na instituição, parece relacionada às funções de autoridade, de afeto e de socialização no desenvolvimento de Paulo.

*“(...) e nas famílias (casas-lares), a gente foi crescendo com as brigas, os amores, com todo mundo. Uma coisa muito interessante é a naturalidade de como a gente vai crescendo; lá dentro, ninguém pára pra perceber que está dentro de uma entidade ou que a gente faz parte do orfanato, ou que é maior, que é menor por conta disso. Pelo menos no meu caso, **eu me sinto bem igual a todo mundo e, quando não, superior.** E isso foi muito bom” (PAULO).*

*“A presença da família foi uma coisa muito marcante, porque Mônica fez isso bem direito; deu uma bela mãe solteira. A larista tem esse papel fundamental na vida da gente, não de ser empregada ou ser uma monitora da casa, **mas de ser mãe, de estar ali do lado tanto pra aconselhar, tanto pra castigar, abraçar, conversar, elogiar, como também pra chamar atenção na hora necessária.** Várias vezes apanhei, várias vezes fiquei de castigo, várias vezes recebi festas, várias vezes fui muito aplaudido dentro do GAMA, como todo mundo” (PAULO).*

A vinculação entre Paulo e Mônica, ainda na primeira infância, aponta para a possibilidade da vivência de uma estabilidade na figura materna, após a ruptura do vínculo com sua mãe biológica. Como propõe Bowlby ([1970] - 1997), dispor de uma figura de confiança e ter a capacidade de relacionar-se com ela seriam duas importantes influências positivas no desenvolvimento da personalidade. Apesar de Mônica ser uma funcionária do GAMA, ela não se restringia a uma relação impessoal voltada apenas às necessidades físicas das crianças, mas parecia propiciar afeto, segurança; uma convivência de ordem familiar, ultrapassando o seu vínculo empregatício com a instituição. Dessa forma, Paulo dispunha de uma figura de ligação, uma base de segurança no convívio com Mônica, que lhe permitia explorar o complexo campo de relações no GAMA.

*“Essa parte de afeto toda a casa dava, mas, **principalmente a larista abraçava**, quando era pra demonstrar afeto; na hora de defender, a casa é a família. Várias brigas de casas aconteceram: casas com casas, famílias com famílias. Na hora que um dessa casa brigava com outro de outra casa, o pessoal daqui ficava com raiva do pessoal de lá. **As casas são verdadeiras famílias**. Então, não tem o mesmo sangue correndo, mas **há um relacionamento afetivo, um relacionamento de amor** muito grande que envolve todo mundo e que faz com que o mesmo sangue corra” (PAULO).*

Assim, a relação privilegiada entre Paulo e Mônica pode ser interpretada como um vínculo afetivo, estável e duradouro, favorável ao seu desenvolvimento pessoal e social. Pois, como explica Carvalho (2005), os vínculos não pertencem ao domínio exclusivo das famílias, mas, também das redes sociais. Desse modo, os vínculos podem ser estabelecidos em diferentes contextos de desenvolvimento, como nas Casas-Lares do GAMA.

*“Ela (Mônica) tinha um cuidado muito especial com todo mundo, **como filho e não como interno**, como se a gente tivesse saído de dentro do ventre dela e isso é muito importante” (PAULO).*

*“Ela (Mônica) fazia questão de dizer que todo mundo era igual, independente de ter mãe ou de não ter, porque **a mãe ali era ela**. Quem não tivesse mãe, tinha ela como mãe; e quem tivesse, tinha ela como mãe, e a moral era dela” (PAULO).*

Na infância de Paulo, a figura de Mônica parecia associada ao papel social de mãe e ele ao papel de filho (em relação à larista) e de irmão (com as demais crianças), ampliando sua rede de relações, com novos sentidos e diferentes papéis sociais. De acordo com Oliveira, Guanaes e Costa (2004), os papéis/contra-papéis atribuem significados à pessoa, aos outros e aos seus contextos, constituintes da sua subjetividade. Assim, a aquisição de Paulo desses

papéis, de ser filho e irmão, dentre outros assumidos no decorrer da sua trajetória, parecem ter contribuído para o seu desenvolvimento psíquico.

Diante das relações de familiaridade apreendidas no GAMA, faz-se uma ressalva, como diria Marim (1999), de que a instituição não precisa se *camuflar* como família, mas oferecer um espaço alternativo de identificações. Dessa forma, considera-se que o olhar dirigido à criança abrigada, permeado por significados de familiaridade, pode denotar uma relação marcada pelo desejo e afeto, e identificações baseadas nas relações simbólicas de filiação ou fraternidade, mesmo que esteja clara a distinção entre a família e o GAMA. Nessa interação entre Mônica e Paulo, ambos se desenvolviam num processo de co-construção por meio dos sentidos atribuídos por si e pelos outros. As particularidades de Mônica nas suas práticas educativas aparecem na formação educacional de Paulo.

“Mônica vinha de um orfanato americano e guardou tudo que tinha de bom e procurou não trazer o que tinha de ruim. (...) todo mundo chamava Mônica pelo nome mesmo, mas tinha ela como mãe da casa. A gente via em Mônica uma pessoa muito culta. Não era uma pessoa financeiramente rica, mas era uma pessoa elitista, no sentido cultural, porque era uma pessoa rica de auto-estima, rica de cultura e valores muito fortes. Uma coisa que marca é o fato dela dar carinho na hora que é para dar, e corrigir na hora de corrigir, de incentivar sempre a busca pelas coisas boas. Mostrar a música, a leitura como caminho para construir a cidadania, foi um diferencial muito marcante para mim” (PAULO).

De acordo com Winnicott (2005), os pais resgatam suas experiências da própria infância ao lidar com seus filhos. Num contexto substituto à família, como o GAMA, compreende-se que as laristas também resgatam suas vivências da infância, da adolescência, familiares em geral e imprimem-nas em suas práticas educativas e no relacionamento com as crianças. Assim, apesar dos regimentos, regras, cultura da própria instituição, a bagagem cultural e educacional das laristas também influenciava no cotidiano das crianças nas Casas-Lares. Nesse sentido, Mônica não era apenas responsável pela organização da casa e dos cuidados básicos com as crianças, mas, principalmente, pela tarefa de educar e oferecer um verdadeiro acolhimento afetivo.

Em paralelo a essa relação simbólica de filiação com Mônica, Paulo, ainda na primeira infância, parece dispor de um vínculo estável com Nelson, o diretor do GAMA, representante da figura paterna, com função de autoridade, introjeção dos limites no seu desenvolvimento emocional. As influências dos pais, ou adultos substitutos, no desenvolvimento psíquico decorrem principalmente da satisfação pulsional, mediação dos conflitos e respeito às limitações trazidas pela realidade (FREUD, 1940). Assim, na ausência da família no cotidiano

de Paulo, Nelson parecia assumir esse lugar parental primordial para a formação das suas instâncias psíquicas, como o equilíbrio entre as satisfações pulsionais e as exigências da realidade social.

*“Nada me diferenciava das outras crianças. Eu não me sentia diferente das outras crianças, o que me diferenciava **era a minha família** (referindo-se ao GAMA), a forma de ver as coisas. A minha forma de ver as coisas era a forma que **a minha casa** (a sua Casa-Lar) tinha de ver as coisas. Isso é muito marcante no GAMA. Eu via as coisas de acordo com o que Mônica me ensinava, as pessoas que estavam à minha volta ensinavam; da forma que a minha casa se comportava: então, o pai e mãe da gente. **O pai era o mesmo, que era o diretor, e sempre era visto como um pai pela gente, mas a mãe divergia**” (PAULO).*

Apesar do destaque às funções desempenhadas por Mônica e Nelson, entende-se que Paulo, desde os seus primeiros anos de vida estava envolvido numa rede complexa de relações e contextos, sendo as figuras paterna e materna exercidas por adultos diferentes de seus pais biológicos. Nesse sentido, a figura paterna – Nelson – manteve-se estável na formação psíquica de Paulo, e a figura materna pôde ser resgatada pelas laristas, principalmente por Mônica, que se mantém como uma referência familiar para ele, ao longo do seu desenvolvimento.

A estabilidade proporcionada pelos adultos do GAMA, em suas interações cotidianas e relações de ordem familiar com Paulo, pode ser considerada um importante elemento propulsor do seu desenvolvimento emocional. Pois, como ressalta Winnicott ([1946]-2005b), as crianças podem tardiamente vivenciar a estabilidade a partir de pessoas que mantenham um acompanhamento contínuo, por um período prolongado (anos). Quanto mais nova a criança, maiores as possibilidades de receber esse auxílio. Dessa forma, a convivência de Paulo com Mônica e Nelson durante todo o seu período no GAMA parece resgatar a estabilidade fragilizada na relação com a mãe, no início da vida.

Além dos vínculos de Paulo com determinados adultos e crianças do GAMA, pode-se apreender uma vinculação com a própria instituição (GAMA), que representa uma base de segurança e estabilidade na qual as diversas relações interpessoais processavam-se dialeticamente de forma contínua/descontínua, pessoal/impessoal, singular/coletiva.

*“Desde criança eu fui crescendo nesse sistema: não falta nada e também não temos tudo; sempre o suficiente; vivendo com o necessário, não visando luxo, mas também não nos faltou nada, quando precisamos. Na hora que precisamos de remédio, a entidade foi e trouxe; na hora que precisamos de transporte, de assistência... A entidade é a entidade, mas no convívio natural **a entidade não é entidade, é a minha casa, é a minha cidade, meu bairro, minha família**” (PAULO).*

Nesse sentido, a vinculação de Paulo não se restringia às pessoas, mas alcançava a instituição em sua representação simbólica de contexto substituto à família, remetendo à existência de um vínculo institucional, identificado por Carvalho et al (2006) dentre outros tipos de vínculos, como os políticos, históricos e culturais, todos relevantes no processo de identificação e inserção social.

4.1.3 – Relações com adultos e crianças

Na primeira infância, Paulo recebia visitas esporádicas de sua mãe, porém, como dito anteriormente, parecia não lhe atribuir o papel social de mãe. Ele apresentava um comportamento mais retraído em relação à Vânia diante dos sintomas do seu transtorno mental.

*“(...) quando era criança, **não entendia minha mãe**. Entendia que era minha mãe biológica, alguém que tinha me deixado, mas **eu não entendia o sentido de mãe**, porque o sentido de mãe, **o afeto de mãe**, eu recebia de **Mônica**, que estava comigo desde pequeno, e que foi uma coisa muito boa. **Minha mãe me assustava**, e ela vinha freqüentemente (...)” (PAULO).*

As atitudes de Vânia diferiam bastante dos comportamentos das outras mães das crianças da Casa-Lar, o que parece ter contribuído para que ele não associasse a ela a representação simbólica sobre a figura da mãe. A relação entre eles (Paulo e Vânia), durante a infância, envolvia sentimentos de medo e insegurança.

*“(...) eu via a mãe de **Jéssica** (amiga da Casa-Lar) levar as coisas... as mães de outros lá... e **não entendia porque ela** (Vânia) **era minha mãe**. Todo mundo tinha essa mãe biológica, a maioria da casa. E essas mães traziam biscoito, traziam bolachas, e a minha mãe não trazia nada. **Minha mãe vinha desarrumada, descombinando, e assustava porque, às vezes, não falava coisa com coisa** (...) **ela estava com algum distúrbio mental muito grande** e precisava de acompanhamento. Então, ela estava sempre lá” (PAULO).*

*“E quando eu dormia com minha mãe, **eu dormia preocupado**. Era um momento interessante porque quando ela ia embora **eu acordava assustado** (...) depois de um tempo, isso passou, porque eu fui aprendendo a orar e minha mãe desapareceu por seis meses (...)” (PAULO).*

A intervenção da larista no posicionamento de Paulo em relação à mãe biológica, através de uma postura compreensiva sobre as dificuldades de Vânia e do apoio e respeito a

ela, parece ter favorecido o estabelecimento, posterior, de uma relação mais tranqüila e afetiva entre ele e sua mãe. Os valores e ensinamentos religiosos provenientes da igreja e do GAMA também aparecem como possíveis elementos envolvidos no processo de significação sobre a relação com a mãe.

“Mônica me ensinava muito a orar por minha mãe. Desde criança eu orava sempre por minha mãe, todo dia. E, aí, minha mãe, quando eu tinha uns seis anos, apareceu sã, com o juízo perfeito, o cabelo arrumado, a roupa bonita, depois de ter desaparecido por seis meses” (PAULO).

Após um período de tratamento em clínica psiquiátrica, Vânia estabilizou sua saúde mental, o que a mobilizou para reassumir os cuidados com o filho, levando-o consigo durante as férias escolares, na intenção de mantê-lo em sua companhia, definitivamente. No entanto, ele (aos seis anos) não aceitou a separação do GAMA, insistindo para retornar à sua Casa-Lar, referência do seu ambiente familiar. Essa situação pode ser compreendida a partir da concepção de Bowlby (1997) de que as separações entre a criança e a mãe, após o estabelecimento de uma relação emocional, gera na criança intensas vivências pulsionais e de ódio. E nesse caso, a figura de ligação para Paulo pertencia ao contexto do GAMA, cuja separação gerava conflitos emocionais.

“Minha mãe disse que eu tinha que ficar; tentou me explicar, disse que era minha família. E eu disse que minha família não era lá. Minha família é o GAMA, não é aqui; esse povo (a família de Vânia) eu conheci agora, e lá eu conheço faz tempo...” (PAULO).

Após muita insistência, choro e oposição por parte de Paulo, Vânia resolveu trazê-lo de volta ao GAMA, priorizando a relação construída entre estes, o que contribuiu para uma relação amigável com o filho. Assim, Paulo passava as férias com Vânia e a família paterna, enquanto mantinha a convivência cotidiana no GAMA.

“Era uma alegria toda vez que eu saía do GAMA, pois eu sabia que tinha uma família pra passar as férias, que seriam boas, diferente, mas era uma alegria muito maior quando eu voltava. Era tudo muito bom. O GAMA, pra mim, era isso, a minha casa. Depois, meu relacionamento com minha mãe continuou o mesmo. Ela me visitava agora de mês em mês, normal. Já estava bem de saúde (...) e eu passei a orar duas vezes mais do que já orava. Orei por quatro anos. Com sete anos, minha mãe começou a correr três anos [atrás da aposentadoria] e eu pedindo. Pedia tanto que quando levantava a mão no culto, o pessoal já sabia o que eu ia pedir” (PAULO).

As interações de Paulo com o GAMA e a igreja contemplavam orações por sua mãe, princípios de amor ao próximo, a valorização da família, fortalecendo o vínculo entre mãe e

filho. No entanto, as relações privilegiadas na sua infância continuavam associadas às figuras das laristas e à instituição-GAMA mais amplamente.

*“Não pretendo deixar a casa que cuido, **mas pretendo morar com minha mãe; dar um lar a ela.** E a proposta que tento fazer a minha mãe é que ela venha pra cá, passe quantos dias quiser e quando sentir saudades de sua casa, ela volta pra lá, porque ela tem uma tia velhinha, que ela cuida. Sei que vai ser difícil trazer minha mãe, mas essa idéia é uma coisa que tenho desde pequeno” (PAULO).*

Após uma relação duradoura entre Paulo e Mônica, por mais de 10 anos, essa larista assume outro cargo dentro da instituição, repassando a função de cuidado em relação às crianças da Casa-Lar para Márcia, que era uma das jovens abrigadas no GAMA. Assim, Mônica continuava como uma referência familiar e acessível para Paulo, porém uma nova relação se estabelecia com Márcia, até então, considerada como uma irmã mais velha. A convivência anterior com ela, pautada em relações de familiaridade, parece ter amenizado as possíveis repercussões das mudanças no contexto de Paulo. Essa situação é significada por ele como uma mudança positiva e favorável ao seu crescimento pessoal, à aquisição de novas experiências e aprendizagens.

*“A separação com Mônica **não vi como uma coisa ruim**, até porque ela contribuiu para que eu fosse muito maduro, desde criança. Quando criança, eu já sabia o que queria ser; já sabia que queria estar no seminário. Eu fazia minhas próprias escolhas; desde criança fui aprendendo um sim, um não, um espere, um agora e fui aprendendo muito disso com ela. **E o fato dela sair da casa e estar na entidade fez com que tudo ficasse muito light**” (PAULO).*

*“Depois de Mônica, eu tive Márcia, que era uma das meninas da casa que tomava conta de mim também, passou a ser larista; e com ela passei dois anos na entidade; e pra mim não foi tão ruim, **eu achei até interessante, que Deus é muito bom pra mim**; porque no momento que vou me separar de Mônica, eles vão me deixar com Márcia e eu continuei em casa. **Ela era uma das meninas que já vivia com a gente**” (PAULO).*

A forma como as mudanças foram realizadas na Casa-Lar, a partir da troca de certas funções (cuidado diário e educação) entre Mônica e Márcia (que já fazia parte do cotidiano de Paulo) e a permanência de Mônica na instituição contribuiriam para a manutenção da estabilidade nos seus relacionamentos interpessoais e convívio social. Essa estabilidade também é sustentada pela vinculação institucional de Paulo com o GAMA, sendo este uma referência permanente na sua vida, apesar da rotatividade dos adultos.

As diferenças de personalidade e práticas educativas entre Mônica e Márcia ampliaram, numa perspectiva positiva, a GAMA de elementos envolvidos no desenvolvimento de Paulo. Poder-se-ia associar, em alguns aspectos, as atitudes delas com a formação da identidade pessoal de Paulo, a partir das interações e relações com esses adultos.

“Muita gente tava preocupada comigo porque eu tinha vivido sempre com Mônica e como seria essa mudança, mas foi tranqüilo; e pra meu desenvolvimento de caráter, Mônica era uma pessoa perfeita, mas Mônica, por ser uma mãe tão boa, deixava que a casa ficasse uma bagunça; a gente tinha muito direito, e a gente arrumava e quando acabava de arrumar já estava tudo bagunçado, porque todo mundo mandava em casa. Já Márcia era muito organizada, eu aprendi muito com ela. Na minha adolescência, eu aprendi a me vestir melhor; vi como um presente” (PAULO).

“Dois anos com Márcia e eu era uma pessoa bem mais organizada, bem mais no lugar. Até então, eu ficava muito solto, deixava tudo no meio do chão...” (PAULO).

Com a mudança no contexto da Casa-Lar, agora sob a administração de Márcia, os comportamentos de Paulo também passaram por algumas modificações, pois, como diria Lewis (1999), quando o contexto muda, os comportamentos também mudam.

*“(...) eu aprendi muito com ela (Márcia). Na minha adolescência eu **aprendi a me vestir melhor**; vi como um presente. E, pra mim, era muito interessante esse desenvolvimento na casa, porque eu fui construindo, com Mônica, um caráter muito bom, excepcional. Mônica é uma pessoa muito dada às pessoas (...) eu já era bem crítico na época e percebia que devia mudar algumas coisas, que pra mim seria bom mudar de pessoa. **Achava Márcia bem mais organizada, bem mais firme no que queria (...)**” (PAULO).*

As interações entre Paulo e os adultos e crianças do GAMA e dos outros contextos, como escola, igreja e comunidade, constituíam suas práticas sociais de forma construtiva e pacífica. A partir de sua narrativa, apreende-se que no ambiente do GAMA havia um clima de segurança, de tranqüilidade, características de uma região interiorana condizente com o contexto cultural durante a sua infância. Nesse sentido, a convivência na escola, na comunidade, na própria instituição, na igreja parecia envolvida por características comuns relacionadas a uma vida simples, mas protegida. Provavelmente, essa situação seria diferente para uma criança inserida numa cidade urbana, onde a violência e a insegurança muitas vezes norteiam as relações e interações das crianças em espaços comunitários. Essa não parecia ser a situação de Paulo e das demais crianças do GAMA, favorecendo o convívio com a comunidade e a ampliação do campo de interações sociais.

Além dos fatores relacionais e sociais, os pessoais também devem ser considerados ao investigar o desenvolvimento de Paulo. De acordo Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva (2000), o processo de desenvolvimento passa por modificações circunscritas por elementos orgânicos, ambientais e culturais. Nesse conjunto de elementos constituintes de sua rede de significações, as características pessoais de Paulo pareciam favorecer uma boa relação com adultos e pares.

“Minha relação com a larista e meus colegas foi muito boa. Eu sempre fui muito calmo; apesar de participativo, sempre na minha, no sentido de não brigar. No contexto geral, eu acho que fui bem comportado na entidade e minha larista sempre me incentivando e me colocando lá em cima, como se eu fosse um dos melhores filhos que ela tinha lá dentro (...)” (PAULO).

O potencial herdado por Paulo deve ser considerado como importante elemento propulsor do seu desenvolvimento bio-psicossocial, considerado a partir da sua interação com os fatores ambientais. Como argumenta Winnicott ([1963]-2007), a criança é, simultaneamente, independente (tem uma carga genética relacionada ao seu potencial de desenvolvimento) e dependente, diante da necessidade de um ambiente propício ao seu processo de maturação. Assim, considera-se pertinente atribuir aos fatores orgânicos de Paulo uma importante participação no seu processo de desenvolvimento.

Outro elemento importante na trajetória de Paulo pode ser considerado a sua relação fraterna com outras crianças da Casa-Lar. A instituição, implicitamente, incentivava a fraternidade entre as crianças através da organização das Casas-Lares, de forma similar a um ambiente familiar, bem como pelo posicionamento da larista, norteador pelo sentimento de filiação (mãe-filhos), mesmo que em caráter substituto à família de origem, tendo-se a possibilidade de retorno da criança ao seu primeiro lar. Essas relações parecem circunscrever um complexo campo de interações sociais favoráveis ao desenvolvimento das habilidades pessoais e sociais de Paulo na infância.

“A infância é uma coisa que marca muito a vida da gente; e minha infância, eu lembro toda, sem deixar nada passar. Eu posso não lembrar o que eu falei ontem, mas se você perguntar o que eu fazia terça-feira à noite, na minha infância, eu sei dizer direitinho: eu dava a volta no orfanato todinho, com Mônica e outros meninos da casa, de mãos dadas; e eu andava no orfanato, coisa que é muito difícil um pai e uma mãe fazer isso hoje, dar uma volta na cidade com os filhos de mãos dadas, contando uma história, cantando alguma coisa, que é muito mais fantástico. Isso foi muito bom” (PAULO).

Essas relações fraternas eram favorecidas também pelos momentos lúdicos no GAMA, que, por meio da brincadeira, ampliava o campo de interações sociais. De acordo com

Carvalho, Império-Hamburguer & Pedrosa (1996), as brincadeiras de crianças em grupo configuram não apenas um importante campo de interações sociais, mas propiciam a troca de papéis, a regulação do comportamento pelo outro, considerados como recursos importantes para a sociabilidade da criança. Essas possibilidades foram apreendidas no contexto do abrigo, que reunia um quantitativo elevado de crianças e adolescentes e espaços diversos para as brincadeiras, favorecendo a sociabilidade deles.

“Na minha infância, eu tive uma liberdade muito grande. Uma das coisas que mais marca a minha infância é o fato de que, mesmo sendo criança num orfanato, não tinha uma situação muito boa pra ter tudo, todos os brinquedos, a gente não deixou de ser feliz; brinquei de bola quando podia e quando dava pra entrar no time. Nunca fui muito bom na bola. Brincava muito dessas brincadeiras de roda, de se esconder e procurar, de polícia e ladrão. E a entidade, pelo fato de ser aquela comunidade para gente não tinha carro passando lá dentro; era tudo nosso. Então, podia brincar, desde o portão da entidade até o outro lado do morro, onde é a zona rural da entidade. Então, a gente tinha todo esse espaço pra brincar; a gente tinha o portão aberto e, se quisesse ultrapassar, podia, mas a gente sabia os limites e que não era necessário sair” (PAULO).

Para Carvalho & Lordelo (2002), a atividade de brincar é comum a todos os contextos de convivência e propício ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e sociais entre as crianças. Nesse sentido, Paulo usufruía de muitos espaços e momentos de interação com as outras crianças, através das brincadeiras no cotidiano do GAMA.

4.1.4 – Os modelos identificatórios na adolescência

A infância de Paulo pode ser caracterizada por sua participação efetiva na escola, nas atividades da igreja e do GAMA. Essa situação parece articulada com suas instâncias psíquicas, como o *supereu* que, segundo Freud ([1921] – 1976), é formado pelos princípios éticos e valores morais, a partir da influência dos pais ou adultos substitutos. Nesse sentido, na infância de Paulo apreende-se uma predominância das influências das laristas e do diretor do GAMA como norteadores do seu padrão de conduta. A religiosidade, obediência às normas, bom convívio social, investimento nos estudos, são alguns dos princípios que, em sua infância, lhe foram repassados pelos adultos, resultando em comportamentos coerentes com essas referências.

“(...) e aí eu pude desfrutar de família (referindo-se às suas relações no GAMA); desfrutar de um lado espiritual muito forte; [...] e eu fui crescendo

na igreja cantando, participando de programas de educação religiosa, como cultos infantis, cultos para adolescentes, cultos para meninos [...]" (PAULO).

No processo de formação da identidade, outra instância psíquica assume uma função central, o *ideal do eu* formulado por Freud ([1921] – 1976), para referir-se ao modelo ao qual o sujeito busca adequar-se, dentre a variedade de valores e ideais constituintes do seu *supereu*. Nesse caso, as principais influências e modelos de identificação na infância de Paulo pareciam articulados aos adultos do GAMA e da igreja. A sua obediência às figuras de autoridade, o respeito aos limites e regras impostas pelo GAMA podem ser interpretados como uma atuação eficaz do seu *ideal do eu*, constituído pelos valores e práticas sociais compartilhados nesses contextos. Essa sua adequação aos ideais da instituição rendeu-lhe o papel de representante infantil do GAMA em fóruns e congressos.

"(...) e saí para representar a entidade em outros lugares. Foi muito bom para mim. Lembro, fui ao Rio Grande do Sul, à Bahia; fui a várias cidades aqui. Isso pra mim era muita coisa, porque com 13 anos eu já estava andando e falando da instituição – que já tinha quase 37 anos –. E quem sou eu, com 13 anos, pra falar de uma instituição com 37, e que eu agora represento os meninos da instituição. E eu encarava isso de forma muito boa; eu já gostava de andar de terno" (PAULO).

A desenvoltura de Paulo nos eventos públicos, a liderança em determinadas atividades junto a outras crianças, os projetos e idéias no campo social e político sinalizavam o êxito na vida social. No decorrer da sua trajetória, na adolescência, apreendem-se transformações na sua rede de relações, contextos e processos de significação, resultando na aquisição de novos posicionamentos em seu convívio social. Um marco simbólico nesse processo refere-se à sua ida (aos 14 anos), mediante sua própria solicitação, para a Casa-Lar dos adolescentes mais velhos do GAMA. Como ressalta Osório (1998), a convivência em grupos adquire um importante *status* na adolescência, assim como as expectativas de corresponder ao padrão do grupo e os comportamentos de imitação entre os adolescentes. Nesse sentido, a aceitação de Paulo pelo grupo de adolescentes correspondia a um dos seus principais interesses durante a adolescência.

"Eu só passei dois anos com Márcia, de 11 a 13 anos; depois dos 13, eu pedi a Fábio (coordenador pedagógico do GAMA) para ir para casa de adolescentes, que até então, se com 9 anos eu era maduro, me sentia maduro, já me sentia cheio de responsabilidade" (PAULO).

"A gente tinha a coordenação toda em cima da gente. O comitê de gerenciamento, o pedagogo, tava sempre lá na casa. A gente ficava sem adulto, mas essa casa já era pra jovens que já tinham 17, 18 anos. Eu era o

intruso lá dentro, mas também já tinha um senso de responsabilidade muito grande, do que os que já viviam na casa (sic)” (PAULO).

Assim, Paulo “espontaneamente” deixa a companhia de Márcia para residir na Casa-Lar do GAMA destinada só para adolescentes, sem a supervisão direta de um adulto, mas com o acompanhamento da equipe profissional da instituição. Na realidade, essa mudança não foi tão espontânea, visto que ele encontrava-se mobilizado pelas expectativas do grupo de adolescentes do abrigo.

*“(…) com 13 anos, então, é que não gostava de ver ninguém pegando no meu pé e, aí, tem aquelas questão da adolescência, de seus amigos cobrando ‘eita e ela (larista) manda em tu ainda’. (...) então, eu tava sendo bem cobrado nos meus 13 anos; e isso, pra mim, não tava sendo legal, não; e pedi pra sair da casa e **ter uma vida de adolescente** (...)” (PAULO).*

Essas mudanças na vida de Paulo podem ser interpretadas como um meio de substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais (ou adultos substitutos), na infância, por relações de autonomia e a busca de identificações comuns ao grupo de adolescentes, características atribuídas à fase da adolescência por Osório (1989). Nesse sentido, a Casa-Lar dos adolescentes no GAMA, no contexto institucional, era associada a uma representação simbólica do processo de autonomia, como um rito de iniciação na vida adulta. E Paulo não estava à margem desses significados, pelo contrário, ele almejava corresponder ao padrão do grupo de adolescentes, já nessa condição de certa independência.

“(…) então tirava os (adolescentes) maiores e responsáveis, que já podem ficar sozinho no quarto; então, fica lá, lava sua própria roupa... e como eu ia fazer 14 anos, pedi pra ir para a casa, e isso era muito bom pra mim porque eu pude ter uma liberdade bem maior. Eu venho aqui, como e faço meus serviços, cumpro com minhas obrigações, mas moro lá⁴⁵; cuido das minhas coisas lá, tenho meu próprio quarto, tenho minha privacidade, porque a gente precisa, na adolescência; e tá tudo muito jóia” (PAULO).

A partir dessa nova situação na vida de Paulo, do envolvimento em mais um grupo, da convivência mais intensa com outros adolescentes do GAMA, amplia-se o processo de identificação, priorizando os ideais de liberdade e autonomia. O *ideal de eu*, até então baseado nos modelos dos adultos do GAMA, passa a focar os ideais sustentados pelo grupo dos adolescentes.

⁴⁵ Como residiam apenas adolescentes nessa Casa-Lar, as refeições eram feitas em outras Casas-Lares, mantidas por laristas.

“E aí, eu já vinha da situação de criança normal; um exemplo, que na igreja era muito forte: cantava, pregava, dirigia; e passou a ser o topo do exemplo na entidade, que era o prefeito; e, depois, eu disse: ‘vou relaxar, não vou ser mais prefeito’; com 14 anos deixei de ser prefeito e passei a viver meus quinze, dezesseis, dezessete, da forma como eu queria, aproveitando a liberdade, na personalidade de que era uma coisa que eu não vivia nos últimos quatro anos, e pra mim era interessante” (PAULO).

Na concepção de Freud ([1921]-1976), as identificações constituem os sujeitos e correspondem à expressão de um laço emocional com o outro. Nos grupos, essa ligação afetiva entre os indivíduos resulta na interposição do *ideal coletivo* sobre o *ideal de eu* individual. Assim, os modelos identificatórios sustentados pelo grupo contribuem significativamente na formação dos sujeitos. Dessa forma, novos posicionamentos foram assumidos por Paulo durante sua adolescência.

*“(…) no ginásio ganhei uma árvore com meu nome, de presente pelo primeiro lugar da minha turma e estava envolvido com as melhores notas. Isso muda a partir dos meus 14 anos. Fui pra uma escola federal e lá, como eu já estava tentando provar **um comportamento que não era meu**, estava tentando ser diferente, tive alguns problemas com a questão da escola. Porque no que **eu fui me sentindo cobrado na adolescência pelos novos amigos**, e fui tentando fazer uma mudança (...) Mas, eu comecei num contexto bem radical. Uma coisa que eu não fazia era faltar aula, e eu comecei a faltar para fazer outras coisas, pra namorar, qualquer outra coisa, que a minha personalidade de fato não aceitava. Mas, como eu **tava sendo obrigado, de certa forma, pelos meus amigos a mudar um pouquinho minha personalidade, se igualar para conviver numa harmonia com eles, eu acabei fazendo certas coisas**. Os amigos que eu tava são aqueles amigos da casa, que eu passo a mandar. Então, são diferentes de mim. Eu passei de uma pessoa bem centrada para uma pessoa que passa a se preocupar com o contexto geral, e me preocupar só com a imagem. E, de fato, é o que acontece com a maioria dos jovens” (PAULO).*

As diferenças pessoais em relação aos demais adolescentes pareciam impulsioná-lo para a busca da sua adequação à identidade do grupo. Com referência nessa leitura sobre as *instâncias ideais*, Paulo, ao adotar o *ideal coletivo* do grupo, passou a se comportar em conformidade com as atitudes dos outros integrantes do grupo, ou seja, pouco investimento nos estudos, estilo particular de se vestir, questionamento das figuras de autoridade. De acordo com Pagès (1982), os grupos constituem *zonas simbólicas* que permitem a comunicação através de símbolos que remetem a um significado comum. Essa linguagem particular do grupo, que contempla os valores, regras e ideais compartilhados pelos seus membros, parece repercutir de diferentes formas nos relacionamentos e atividades desempenhadas por Paulo. O aluno exemplar da escola passa a ser reconhecido pelas atitudes de rebeldia e de desafio às autoridades.

*“(...) e com 15 anos eu não queria ser olhado por pessoas mais velhas do que eu, **queria ser olhado por pessoas da minha idade**, queria ter uma namorada, queria ter meus amigos, queria sair, me divertir. Então, **eu não queria ser essa pessoa exemplo para os grandes e taxada pelos amigos da mesma idade**. Então, eu preferi fazer essas mudanças e, aí, eu decidi começar de cima para baixo, do radical. Até os meus 14 anos, nunca vesti aquelas calças folgadas, eu achava horrível. Mas, com 14 anos, comecei a vestir; não usava camisa meio abertas, e comecei a usar camiseta, tênis, apesar de achar horrível” (PAULO).*

*“No meu segundo grau, lembro que não ganhava os melhores prêmios. **Ganhava os piores prêmios**, principalmente em matemática. Eu nunca tive muito gosto pela matemática, nunca foi meu forte, mas eu também não me rendia. Só que no segundo grau, eu lembro que dizia ao professor que ‘pra mim tanto faz se tiver um zero’. Aí, se tiver um dez, ‘para mim tanto faz’. Eu caía em gargalhada” (PAULO).*

Blos (1998) explica que na adolescência os impulsos de oposição, rebeldia e resistência estão envolvidos no processo de individuação, ou seja, no mecanismo de consolidação das características pessoais, do seu *eu*. Desse modo, o confronto do indivíduo com o diferente, com a alteridade do outro é imprescindível para o processo de construção da sua própria identidade. O período de identificação de Paulo com o grupo de adolescentes aparece como uma etapa importante no seu processo de individuação, da apropriação de uma identidade estável.

Apesar das dificuldades (principalmente no rendimento escolar) geradas nessa fase de intensa identificação com outros adolescentes, Paulo conseguiu superá-las, possivelmente por meio de outras referências identificatórias envolvidas no seu campo de relações e diferentes contextos, resultando nas descobertas e escolhas relacionadas ao rumo desejado para o seu futuro.

Próximo ao final da adolescência, já com 17 anos, Paulo demonstrava maior clareza sobre suas referências pessoais, seu projeto de vida. Novos sentidos e novas relações interpessoais foram construídos de acordo com o *sistema cultural* do GAMA que, segundo Enriquez (1991), engloba os valores e normas institucionais que modelam os comportamentos dos indivíduos, atuando como importante regulador social. Dessa forma, a vivência intensa de Paulo das identificações com o grupo de adolescentes parece ter significado uma etapa importante no seu processo de individuação, de apropriação de um repertório próprio de valores e princípios éticos, resultando num resgate posterior dos modelos identificatórios, baseados nos adultos do GAMA e na própria identidade da instituição.

*“Mas no final dos 17 anos, eu já fui **caindo na reflexão**, lendo mais coisas e podendo atribuir valores muito mais fortes a essas mudanças de personalidade, procurando mudar; mas não mudar pelas pessoas, mudar por mim. (...) nunca perdi e desconsidere nada do que eu já tinha construído, mas eu procurei fazer as mudanças dentro do possível e isso foi bom pra mim; e me formei (concluiu o ensino médio) com 17 anos” (PAULO).*

“(...) mas, aí, depois pude refletir e ver que não era bem assim e que podia aproveitar um pouquinho da adolescência. Por isso, a mudança. E depois eu volto ao real e digo: ‘esse não é o Paulo que construí. O Paulo que construí é muito bom, e eu posso aproveitar minha vida com um pouco de responsabilidade’, sem me prejudicar” (PAULO).

Nesse sentido, Paulo parece reconstituir o seu *ideal do eu* a partir da interação privilegiada com a igreja e o GAMA. Um mecanismo importante nesse processo pode ser atribuído à idealização dele sobre o GAMA, que fortalece suas identificações com a instituição, pois a idealização do objeto contribui para reforçar as instâncias psíquicas ideais (LAPLANCHE & PONTALIS, 1992).

*“E fui crescendo, desde os 11 meses, nesse **lugar perfeito**, nesse **jardim do Éden**. Pra gente a entidade passa isso” (PAULO).*

Esse mecanismo psíquico de *idealização*, utilizado por Paulo, pode ser interpretado como um fator favorável a um *ideal do eu*, baseado nos valores e modelos apresentados pelo GAMA e pela igreja, resultando no investimento em atividades escolares e profissionais, assim como num convívio social satisfatório.

4.1.5 – Idealizações da vida futura

No presente trabalho propõe-se a articulação entre o *ideal de eu* do sujeito e as suas idealizações sobre o futuro. Entende-se que o projeto de vida é construído a partir dos valores e modelos tomados como metas pelo indivíduo. Como dito anteriormente, Paulo parece ter privilegiado os modelos identificatórios gerados pelo GAMA e pela igreja.

*“(...) nunca estava olhando para os papéis adjacentes da vida; sempre tava focando no topo. A **pessoa que eu olho no GAMA é o diretor**; a pessoa que eu olho **no sistema educacional do GAMA é o pedagogo**, que dirige, gerencia a parte lá; quem olho **na igreja é o pastor**. Então, eu não estou olhando ninguém que está aqui nessa exposição das adjacências da vida. Isso é uma coisa que não sei até onde é bom e até onde é ruim, mas me fez crescer muito e, desde pequeno, já tinha essa mania de estar olhando para*

as pessoas e querer saber o que elas faziam. E tanto é que cheguei a ser prefeito (mirim); fui uma pessoa protagonista, desde pequeno” (PAULO).

Como explica Freud (1921), a identificação permite que o *eu* reproduza um aspecto daquele que foi tomado como modelo. Nesse sentido, no seu processo de identificação, Paulo parece priorizar a característica de liderança, exercendo, desde criança, o papel de líder em determinados grupos e atividades, como as escolares e religiosas.

*“Um cara super inteligente é um líder diferenciado. Então, dentro da instituição, ele **sempre se mostrou como líder**, aquele que gosta mais de falar, que puxa mais as discussões, conversas, bate-papo” (DIRETOR).*

Essa característica (liderança), integrada à sua personalidade, parece contemplada no seu projeto de vida, construído gradativamente em seu percurso no GAMA. Os planos para o futuro, segundo Lewis (1999), são capazes de propiciar ao sujeito a alteração do curso da sua trajetória e de eventos passados para alcançá-los. Assim, as idealizações de Paulo correspondem a um importante elemento envolvido no curso da sua trajetória. Desde a infância, ele já construía metas pessoais e profissionais, dentro dos padrões socialmente aceitos. A possibilidade de alimentar aspirações pessoais e profissionais aponta para a qualidade das relações e recursos propiciados pelo GAMA e demais contextos, em sua trajetória de vida.

“(…) com seis anos o GAMA já tinha me dado o mundo. Eu já sabia que eu ia estar aqui (no seminário de música), que não trabalharia pra ninguém, que só trabalharia na igreja, que seria um pastor, que seria um cantor e não minto quando falo isso” (PAULO).

“Desde pequeno que o meu lema é ‘quando eu crescer e fizer meus 21 anos, eu vou ajudar minha mãe (biológica), porque eu estou estudando para isso, me preparando para isso” (PAULO).

“Com a entidade, a gente tem esse direito de escolher e fazer quem você quer ser no meio social. Eu já escolhi. No meio social eu sou um futuro bilionário, com quarenta anos, que tem uma companhia própria, que ajuda mais de um milhão de pessoas, oferecendo cultura para a comunidade de Pernambuco inteira. Isso é o que eu escolhi ser e é pra isso que estou estudando; e para isso, eu quero fazer mestrado, doutorado, fazer tanta coisa. Se eu tivesse na minha casa (família de origem), sabe o que acho que eu ia escolher ser? Acho que nada, porque o meu primo, que tentei trazer para o conservatório, que tem 16 anos, o pai dele disse que ele não ia, que ele tinha o vestibular para fazer e que música não dá futuro a ninguém, (...) enquanto que o GAMA diz assim: ‘Paulo, você escolheu isso? Tem certeza que é isso? Então, a gente está com você para fazer’. É bem diferente. É uma família que escuta você e que lhe dá suporte para o que você quer” (PAULO).

Assim, as idealizações de Paulo sobre o seu futuro foram construídas a partir dos significados produzidos nas interações com os outros, com as instituições e as experiências e práticas sociais. O discurso institucional sobre o futuro dos jovens, a crença na possibilidade de uma trajetória bem sucedida no GAMA parecem representar elementos semióticos primordiais ao investimento de Paulo em suas habilidades profissionais e sociais. A instituição-GAMA como referência central na vida de Paulo apresentava expectativas positivas e um olhar de possibilidades e confiança sobre o seu futuro, contribuindo para o enriquecimento das suas instâncias ideais, e conseqüentemente para seu projeto de vida.

“o GAMA conhecia a minha capacidade e sabia o poder que eles tinham de influenciar para que eu fosse alguém que eu quero ser, tanto é que hoje eu digo: ‘eu quero ser assim’, e o GAMA me deu o suporte para eu ser o que eu resolvi ser. O suporte, que falo, é que quando precisei de acompanhamento psicológico, eu tive; quando precisei viajar, viajei; quando precisei de remédio, tive remédio; quando precisei estudar, tive estudos; quando eu escolhi estudar numa escola federal, saí da estadual para a federal, e necessitava de passagem para ir todos os dias (...)” (PAULO).

Há muitos anos, o GAMA mantém um grupo de encontro de egressos da instituição, cuja finalidade é propiciar a troca de experiências entre os que já saíram e os que ainda residem na instituição. Nesses encontros, as trajetórias bem sucedidas dos egressos são apresentadas como referências das expectativas do GAMA para suas crianças e adolescentes. Assim como os pais idealizam os filhos, mesmo antes de nascerem e tentam traçar alguns planos para a sua vida, a instituição também parece construir certas idealizações sobre a trajetória das crianças atendidas. Esses encontros podem ser compreendidos como representação das idealizações institucionais, com uma função importante na introjeção de valores e modelos na formação do *ideal do eu* dos jovens do GAMA.

“Tem um encontro com os jovens que é justamente para trabalhar isso. É como se você sentasse numa mesa redonda, pra tá batendo papo, pra ver o que cada um tá pensando. E essa roda, que acontece na instituição desde que eu me entendo por gente, é muito forte. Eu digo sempre ao pessoal, quem melhor trabalha com os meninos da instituição é outra criança ou adolescente da instituição. É aquele outro que tá do lado dele e que é mais velho, um pouquinho, diz assim: ‘não pessoal, vamos lá, vamos acreditar’ (DIRETOR).

Esse conjunto de sentidos e significados constituído a partir de expectativas positivas em relação ao futuro das crianças e adolescentes abrigados, assim como o investimento institucional no desenvolvimento social desses sujeitos, parecem fortemente implicados na

construção de projetos de vida pró-sociais⁴⁶.

Os elementos simbólicos, relacionados ao discurso institucional sobre os jovens do GAMA, coexistem com os recursos objetivos, propiciados pela instituição como meio de viabilizar o êxito na vida social. Esses recursos contemplam: oportunidade de estudos nas escolas públicas de referência na cidade, cursos de graduação, profissionalização, esportes, curso de música, participação na vida política da comunidade etc. Assim, a partir da interação entre a rede simbólica sustentada pela instituição, os recursos sociais disponibilizados pelo GAMA e a personalidade autoconfiante de Paulo, suas idealizações foram constantemente atualizadas, aproximando-se de concretizações na vida adulta.

“O GAMA, para mim, é a fonte de oportunidade que você agarra ou solta; agarra ou deixa passar. Alguns são mais espertos e agarram todas; outros, menos, agarram só uma, (...) porque a entidade tava lá, falando: ‘Olha, a gente quer que vocês sejam algo bom, agarrem as oportunidades, estudem...’ (PAULO).

4.1.6 – Saída do Instituto GAMA

Aos 17 anos, Paulo, mobilizado pela busca de autonomia, teve a oportunidade de residir numa casa particular, mantida por padrinhos estrangeiros do GAMA, cujo objetivo era favorecer a aquisição de independência aos jovens dessa entidade. Os padrinhos, mesmo distantes (fisicamente), atuaram como um suporte financeiro e afetivo para ele, nesse momento de emancipação da instituição e inserção na vida adulta. O apoio dos padrinhos e do GAMA, financiador do seu curso superior, fortaleceu a sua rede social, possibilitando o investimento contínuo na sua formação profissional.

“Eles são como amigos. Hoje eu fico na casa, tomando conta pra eles. Eles dão toda assistência na questão de reforma, de contas, de tudo e a gente tem uma amizade como se eles fossem os padrinhos nossos, como se a gente fosse os afilhados” (PAULO).

A saída de Paulo do convívio nas Casas-Lares do GAMA não resultou na sua desvinculação da instituição, pelo contrário, continuava participativo nas atividades da igreja, do abrigo, mantendo os vínculos estabelecidos durante seu percurso no GAMA.

*“Depois disso, fui convidado a morar numa casa, ao lado da entidade, com uns alemães que ajudam a entidade, e estou lá até hoje. **Aí, eu digo que saí***

⁴⁶ Em oposição à anti-sociais.

da entidade com quase 17 anos. Mas não saí. Continuo fazendo todas as atividades na entidade, eu só mudei dessa casa pra outra casa que fica fora da entidade, mas com o mesmo senso de responsabilidade” (PAULO).

A estabilidade e durabilidade das relações entre Paulo, as pessoas da instituição e o próprio GAMA apontavam para a sua inserção na vida adulta. Como propõe Blos (1998), o estabelecimento de relações afetivas estáveis e a capacidade para assumir compromissos profissionais (investir na sua independência financeira) consistem em importantes indicadores do término da adolescência. Assim, a manutenção do vínculo de Paulo com a instituição, mesmo após a sua saída do GAMA, parece ter proporcionado segurança para suas novas relações e um posicionamento de maior autonomia.

*“O convite pra ir para essa casa foi muito bom, porque eu já estava começando um **desvincular da entidade**. De fato, conquistar uma liberdade que, para mim, era muito importante. Eu dizia que com 18 anos não queria estar na entidade. E surgiu essa oportunidade, com dezesseis anos e meio” (PAULO).*

Apesar de o GAMA, legalmente⁴⁷, não ter obrigação como guardião de Paulo após os 18 anos de idade, permaneceu auxiliando-o financeiramente nos seus estudos, presente de forma participativa na sua vida, demonstrando que o compromisso da instituição com o jovem ultrapassa o espaço da Casa-Lar, atuando como uma referência estável e permanente, que pode ser requisitada sempre que necessário.

“A instituição ajuda no pagamento do curso, que ele faz, de música. A casa que ele mora já não tem ligação nenhuma com a instituição. Foram padrinhos de pessoas da instituição. Eles construíram a casa e eles teriam sempre algum jovem, que saiu da instituição, que ficasse até o dia de ter sua própria casa” (DIRETOR).

4.1.7 – A sociabilidade na vida adulta

No decorrer da trajetória de Paulo, as relações interpessoais e oportunidades de crescimento pessoal geradas nos seus diferentes contextos sociais parecem ter contribuído para o seu investimento em metas pessoais e profissionais e, portanto, para o êxito em sua sociabilidade. Em sua narrativa, Paulo aponta para uma participação ativa na sua comunidade e nas atividades cotidianas ligadas ao estudo e ao seu trabalho na igreja, sendo produtivo e comprometido com suas atividades profissionais. Conforme propõe Dalbem & Dell’Aglío

⁴⁷ De acordo com o ECA, as medidas protetivas de abrigo se aplicariam às crianças (0 a 11 anos) e adolescentes (12 aos 18 anos incompletos).

(2008), os abrigos podem favorecer relações positivas e atividades construtivas, assim como o desenvolvimento da auto-estima e relações de apego, a partir de fatores protetivos voltados para a superação de experiências estressantes. No caso de Paulo, os fatores protetivos proporcionados pelo GAMA parecem se referirem às relações de afeto com adultos e crianças, à garantia de seus direitos fundamentais (escola, lazer, alimentação, moradia, saúde, convivência comunitária etc), à inserção em diferentes contextos e atividades (escolares, religiosas, políticas), dentre outros.

"Eu tenho um projeto de vida tão bom pra mim. Eu comecei agora na instituição de apoio à cultura, uma companhia adaptada à produção artística, própria, que seja minha, que pegue minhas idéias e coloque para o mundo ver. Eu comecei esse projeto e, por isso, eu resolvi ficar lá na igreja do GAMA também, que é um lugar que eu me sinto muito à vontade..." (PAULO).

"Quando falo, é a música, o teatro, a composição. Tenho 48 músicas compostas e ontem compus mais uma, para o aniversário do GAMA, desse ano. Todo um lado que aprendi a desenvolver através da percepção, prestando atenção, participando, fazendo e, até hoje, a gente faz muita peça da igreja" (PAULO).

Uma característica marcante em sua personalidade refere-se a sua extroversão e facilidade nos relacionamentos interpessoais, que contribuem para uma sociabilidade satisfatória na vida adulta. Essa observação foi subsidiada também pelo discurso de outras pessoas relacionadas a Paulo, que foram entrevistadas nesta pesquisa e que foram unânimes ao se referirem ao seu carisma, capacidade de superação e habilidades pessoais.

Na narrativa sobre seu momento atual, Paulo demonstrou satisfação em relação às suas conquistas pessoais e profissionais. Os significados atribuídos por ele à sua trajetória de vida permitem nomeá-la como bem sucedida, e referem-se ao seu êxito nos estudos, trabalho e relacionamentos.

"Hoje sou estudante de música (...) Estou desenvolvendo, agora, uma companhia adaptada à produção artística. junto a uma ONG, que a gente tá criando, de incentivo à cultura, pra gente poder capacitar o máximo de crianças e jovens para produzir arte e cultura. Estou fazendo canto, vou tentar piano e regência também. Na verdade, eu quero fazer tudo, tenho muito tempo pra estudar. Gosto muito de fazer composição. Já componho e canto, desde pequeno. Comecei o canto primeiro e acho que o primeiro recital vai ser o de canto. Hoje, estou me resumindo a isso e desenvolvo um trabalho na igreja na entidade, auxiliando na música, no ministério da música. Tomo conta do ministério da música junto com mãe Sônia" (PAULO).

Assim, a personalidade autoconfiante de Paulo e o campo de interações sociais com as pessoas e contextos envolvidos no seu desenvolvimento psicossocial, são alguns dos elementos que parecem ter favorecido a sua sociabilidade na vida adulta.

“Eu não me sinto, hoje, desafiado por nada, mas desafiando tudo. Se você disser: ‘Paulo, vamos fazer um trabalho, assim’. Se o trabalho envolve protagonismo, não me sinto fraco pra desenvolver; se necessitar de oratória, também não me sinto fraco; relacionamento com pessoas, também não” (PAULO).

4.1.8 – A constituição de laços permanentes fora do GAMA

Apesar dos desencontros entre Paulo e sua mãe biológica, ambos conseguiram resgatar uma relação baseada no respeito e compromisso mútuo, com planos conjuntos para o futuro. Porém, essa relação, conforme apresentada anteriormente, foi construída gradativamente, com várias transformações em seu processo de significação.

“O relacionamento com minha mãe continuou sendo bom; agora, melhor, porque ela já me trazia... e já era uma mãe igual a dos outros. Ela já respondia às expectativas que a gente tinha de mãe biológica, que a mãe biológica era aquela que cuidava do espaço que a gente vai ficar lá fora, ou é alguém que a gente vai ajudar lá fora, quando sair da entidade, quando cortar seu vínculo com a família do GAMA” (PAULO).

Além da relação preservada com a mãe, Paulo mantém vínculos com alguns adultos no GAMA, mesmo após sua saída da instituição. Mônica, sua primeira larista, permanece como parte de sua rede de relações atuais, representando uma de suas principais referências familiares. Paulo ainda compartilha com Mônica suas experiências cotidianas, chama-a de mãe e a visita com frequência no GAMA.

“A gente tem Mônica hoje como uma pessoa muito especial, principalmente eu. Mas acredito que todo mundo, que foi cuidado por ela, porque ela tinha um cuidado muito especial com todo mundo, como filho e não como interno, como se a gente tivesse saído de dentro do ventre dela. E isso é muito importante” (PAULO).

Outro vínculo permanente pode ser apreendido entre Paulo e o diretor do GAMA, Nelson, figura paterna estável durante a sua trajetória de vida e que foi por ele escolhido, durante a pesquisa, como a pessoa de referência para falar sobre sua vida, sinalizando a qualidade afetiva da relação entre eles.

“Nelson é uma pessoa que me conhece desde criança. Gosto muito quando ele fala de mim, porque ele fala de verdade. Algumas pessoas tendem a omitir muito, algumas coisas, e acho que Nelson não tem esse problema com omissão, porque ele, para mim, também é como um pai...” (PAULO).

“Um cara super inteligente. É um líder diferenciado (...) Ainda hoje, ele consegue envolver as pessoas” (DIRETOR).

Além desses laços permanentes na vida de Paulo com Vânia, Mônica e Nelson, há aqueles estabelecidos com os amigos da época da Casa-Lar e um vínculo de ordem psicoafetiva com a própria instituição.

“Morei no GAMA desde os 11 meses e ainda continuo lá, numa relação amorosa, quase que saindo, mas não sei como” (PAULO).

“O GAMA preenche o espaço da família na vida da gente, pelo menos na minha versão foi bem isso, até porque eu vim bem pequeno para o GAMA. Então, eu não conhecia outra coisa como família” (PAULO).

Essa vinculação institucional transparece nas escolhas de Paulo que, apesar de já dispor de certa autonomia e independência, optou em residir próximo ao GAMA e manter-se inserido nas atividades da igreja e da instituição, possivelmente como forma de manter as relações de familiaridade estabelecidas naquele contexto.

“Mas ele optou sempre em continuar no abrigo, até por uma estabilidade de vida mesmo. A relação com a mãe é muito boa, quase toda semana está na casa dela, mas, ao mesmo tempo, não quer morar junto, ainda” (DIRETOR).

4.1.9 – Síntese dos principais *circunscritores* na trajetória de Paulo

A leitura proposta neste trabalho sobre a trajetória de vida de Paulo considerou, a partir da narrativa do próprio sujeito, o Instituto GAMA (e as pessoas que dele participam) como uma referência privilegiada de cuidado, afeto e autoridade no seu desenvolvimento psíquico e social. No entanto, entende-se que essa compreensão só faz sentido se articulada com uma rede complexa de relações e contextos, explorada dentro dos objetivos e limites da presente pesquisa. Nesse sentido, dentre os múltiplos elementos envolvidos na trajetória de Paulo, foram explorados como principais *circunscritores*: os vínculos afetivos, os modelos identificatórios, as instituições e o processo de significação relacionados à situação pesquisada.

Vínculos afetivos

Para determinados teóricos (Winnicott, Bowlby), a experiência de Paulo, de separação familiar nos primeiros meses de vida, resultaria facilmente em sérios distúrbios de personalidade, como a delinqüência. No entanto, os dados empíricos apontam para a possibilidade de adultos substitutos aos pais propiciarem vínculos afetivos e estabilidade às crianças em contexto distinto da família.

No caso de Paulo, desde a sua chegada ao GAMA, uma relação de familiaridade foi estabelecida com sua larista Mônica, que parecia desempenhar satisfatoriamente o papel social de mãe, o qual incluía, além dos cuidados rotineiros com Paulo, vivências de segurança, afeto, companheirismo, educação, condições relevantes para o desenvolvimento emocional infantil. Esse vínculo entre eles (Paulo e Mônica) pode ser caracterizado como estável e permanente, visto que continua preservado, ainda na vida adulta, como uma das suas principais referências familiares.

Assim, a instabilidade vivenciada por Paulo na relação com a mãe parece amenizada, em suas conseqüências na esfera emocional, pela estabilidade propiciada pelas figuras materna e paterna exercidas por adultos da Casa-Lar, associadas à Mônica e Nelson, respectivamente. Esses vínculos contemplam não apenas as necessidades afetivas e de cuidado de Paulo, mas perpassam todos os outros processos psíquicos como os de identificações.

Apesar da ênfase nos vínculos de Paulo com Mônica e Nelson, as relações com os demais adultos do GAMA e com outras crianças e adolescentes também podem ser significadas como um fator importante na sua trajetória. A fraternidade vivenciada por Paulo, com os pares, no cotidiano do GAMA, parece ter atuado como suporte afetivo, complementar à relação com os adultos e propulsor do desenvolvimento das habilidades pessoais e sociais.

Modelos identificatórios

A diversidade de grupos propiciada pelo GAMA configurou o abrigo como espaço alternativo de identificações para Paulo. A participação na escola, igreja, GAMA, comunidade lhe ofereceu uma variedade de modelos identificatórios que foram sendo atualizados no decorrer da sua trajetória.

Foi possível apreender diferentes posicionamentos dele durante a sua convivência no abrigo, relacionados ao processo de identificações. O momento mais crítico em relação às suas atitudes – de rebeldia, oposição, desinvestimento nas atividades cotidianas – refere-se a sua participação no grupo de adolescentes do GAMA. As identificações recíprocas entre os integrantes do grupo constituíam a unicidade deste e a superposição do ideal coletivo sobre o ideal de eu. Assim, o que prevalecia como parâmetro para o comportamento de Paulo eram os ideais sustentados pelos adolescentes, baseados na preocupação com a imagem, comportamentos de oposição e mobilização para o questionamento das figuras de autoridade.

No entanto, com o decorrer do tempo, outras identificações foram privilegiadas, em coerência com padrões socialmente aceitos. Os modelos e ideais priorizados por Paulo referiam-se primordialmente ao GAMA e à igreja, que em suas respectivas redes simbólicas contemplavam valores, normas e uma cultura coerente com um convívio social satisfatório, ou seja, de respeito ao próximo, obediência às normas e regras sociais, religiosidade, etc. Nesse sentido, a diversidade de identificações propiciadas pelo GAMA por meios dos laços afetivos gerados nesse contexto consistiu numa importante condição para as mudanças e transformações na sua trajetória de vida.

Instituições

Como apresentado nos tópicos anteriores, as instituições fazem-se presentes em todos os processos afetivos e sociais envolvidos na trajetória de Paulo. A instituição-GAMA parece ter significado um espaço simbólico e fértil para a construção de relações de ordem familiar (o papel de mãe atribuído à larista, o de pai ao diretor e o de irmão, às demais crianças), propiciando *um ambiente provedor* (como diria Winnicott) das suas necessidades físicas e emocionais.

A sua experiência no GAMA não representou uma restrição do seu campo de interações sociais, pelo contrário, o abrigo parecia viabilizar a sua participação em diferentes instituições, como: igreja, família, escola, comunidade, entre outras. Nesse sentido, considera-se que as instituições envolvem muito mais do que uma concretude material, refere-se, principalmente, a um conjunto de representações simbólicas, valores, normas, cultura que atua como modelos identificatórios e reguladores do convívio social. Na trajetória de Paulo, as principais instituições identificadas foram: o GAMA, a igreja e a família (tanto em relação aos aspectos relacionados à sua família de origem, quanto ao resgate da vida familiar no abrigo).

Os investimentos e oportunidades propiciados pelo GAMA em relação aos estudos, profissionalização, cidadania, convivência comunitária também consistiram em condições favoráveis para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Todas as oportunidades oferecidas pelo GAMA estavam articuladas com sua rede simbólica, constituída por uma visão construtiva, pautada nas potencialidades das crianças e adolescentes abrigados. A crença nas possibilidades de uma trajetória bem sucedida parece ter sido uma das grandes contribuições do GAMA para a vida de Paulo.

Processo de significação

Na tentativa de compreender a trajetória de Paulo, além dos vínculos afetivos e institucionais, modelos identificatórios, convívio social, oportunidades de crescimento pessoal e profissional, ambiente familiar e provedor nas Casas-Lares, propõe-se como um importante *circunscritor* o processo semiótico envolvido em seu percurso.

Assim, destaca-se como uma importante singularidade no desenvolvimento de Paulo, os significados atribuídos ao afastamento da família de origem e à convivência no GAMA. Diante dos conflitos e carências vivenciados na família de origem e das relações afetivas estabelecidas na instituição, Paulo significava (em interação com outras pessoas) essas experiências como positivas, favoráveis ao seu desenvolvimento pessoal. Para ele, o convívio numa Casa-Lar representava condições igualitárias com aqueles que conviviam no seio da família. O fato de ter sido abrigado não gerava conflitos com sua mãe, pois compreendia como uma medida necessária diante das suas dificuldades materiais e, principalmente, emocionais. Essa construção de sentidos sobre a família e o GAMA parece ter contribuído para a sua trajetória bem sucedida, na medida em que ele considerava o contexto institucional como espaço de oportunidades de desenvolvimento pessoal e social, sem restrições em relação ao cenário de muitas famílias.

4.2 – A história de vida de Joana

Eu pensava em ficar no abrigo para sempre!

(JOANA)

Joana tem 32 anos, é casada há mais de seis anos, graduada na área de saúde e em fase de conclusão de pós-graduação. Residiu no Instituto GAMA a partir de seu primeiro ano de vida até os 25 anos de idade.

Durante os encontros com a pesquisadora, Joana demonstrou certa resistência, mantendo o discurso no plano mais superficial e restrito às situações cotidianas, com certa dificuldade na produção do relato livre sobre a sua trajetória de vida. As características pessoais de introversão e prudência nos contatos sociais parecem ter contribuído para uma narrativa pouco espontânea, porém passível de revelar conteúdos importantes para a compreensão da sua trajetória. Talvez essa dificuldade esteja associada ao exercício que a narrativa impõe de organizar a apresentação do seu passado. No entanto, no decorrer das entrevistas, Joana conseguiu narrar a sua história, de um jeito próprio, acanhado e emocionado.

Joana apresentou, como marco inicial da sua trajetória, o ano da sua chegada ao GAMA, com um discurso defensivo, pois só tinha “*coisas boas para contar*” (sic). A instituição GAMA assume, num primeiro momento, o lugar da instância provedora e auto-suficiente, restando ao indivíduo aproveitar ou não as oportunidades. No seu relato livre, Joana deu ênfase às circunstâncias da sua chegada ao abrigo, ofereceu um espaço privilegiado ao seu percurso na vida escolar e nos estudos de forma geral, ressaltando seus relacionamentos afetivos (amizades, relações de cuidado com adultos, apadrinhamentos, namoro) e vínculo institucional permanente com o GAMA. A forma que o próprio sujeito organiza a sua história parece apontar para as experiências e relações privilegiadas na construção da sua trajetória.

4.2.1 – Rompimento com a família de origem

Joana chegou no abrigo com um ano e dois meses de idade, na companhia de sua irmã (gêmea) Jaqueline, onde permaneceu até o dia do seu casamento. A mãe de Joana, Maria, era funcionária doméstica, residia no local de trabalho, em Recife, e ao engravidar das gêmeas (suas únicas filhas), numa relação amorosa casual, foi orientada pela patroa a colocá-las num abrigo, pois não teria condições de acolhê-las em sua casa. Durante a gestação, Maria não teve qualquer apoio do companheiro, portanto, resolveu ignorar a paternidade das crianças. Assim, Joana não chegou a conhecer o pai, pois sua mãe negava-lhe qualquer informação.

*“Fui morar no Instituto GAMA no ano de 76; tinha um ano e dois meses, quando minha mãe, **graças a Deus**, encontrou um lugar. Quer dizer, a patroa dela ficou muito preocupada porque não podia ficar com a gente lá. O que é que ia poder fazer pela gente? Aí, escutou falar desse orfanato, que era evangélico, que era uma instituição muito boa e arriscou e foi lá pra pedir uma vaga” (JOANA).*

*“**Tem meu pai que eu não conheci, até hoje.** Minha irmã, dia dos pais pra ela era o pior dia; ela entende assim. E eu não sinto nem falta. Antigamente, eu dizia à minha mãe que eu queria conhecer... umas quatro ou cinco vezes. Aí, ela diz que não sabe onde ele tá. Bem, ela deve ter algum motivo, porque acho que ela deve saber onde tá” (JOANA).*

O abrigo de Joana parece motivado, principalmente, pela necessidade de sua mãe em manter-se no trabalho, bem como pela falta de apoio familiar e de uma rede social capaz de oferecer-lhe suporte no cuidado com as filhas. A experiência profissional da pesquisadora em abrigos permite compreender que muitas crianças são abrigadas em virtude do desamparo de seus pais/responsáveis, seja em razão de conflitos relacionais com os demais familiares, ou por não manterem mais contato com a família extensa. Esse isolamento social da família, geralmente monoparental, pode resultar na ruptura da convivência entre pais e filhos em situações emergenciais (como hospitalização, reclusão em penitenciária, transtornos psiquiátricos por parte dos genitores, por exemplo). Assim, o abrigo, que seria a última medida de proteção, torna-se a primeira alternativa diante do desamparo familiar e social das crianças e dos adolescentes da população pobre.

O motivo de abrigo de Joana, relacionado à situação sócio-econômica de sua mãe, ao contrário de outras crianças que são abrigadas por motivos de violência doméstica ou abandono, parece ter contribuído para a manutenção dos vínculos familiares, apesar da falta de convivência cotidiana. O ato da mãe em procurar um abrigo para as filhas parece ter significado para Joana uma atitude de amor e preocupação em evitar uma situação de abandono, sendo Maria uma das mães mais assíduas nos dias de visita no GAMA (uma vez por mês).

*“Ela (Maria) diz que foi a melhor coisa (o GAMA) que aconteceu, **porque senão ela teria que ter dado a gente e, a gente morando lá, ela não deixaria de ter contato; todo mês tava lá... levava as coisas pra gente... tava vendo...**” (JOANA).*

“Minha mãe, ela ia uma vez por mês, só; todo primeiro domingo de cada mês e, no mês de julho, a gente tinha umas férias curta, umas três semanas; passava o mês de janeiro todinho (com a mãe) e só voltava no domingo antes do carnaval ou no domingo de carnaval” (Joana).

O Instituto GAMA parece representar um elo entre Joana e sua mãe, afastando a possibilidade de perderem definitivamente o vínculo familiar. O abrigo de Joana pode ser interpretado como um pedido de auxílio de sua mãe, a uma instituição com a função de cuidar e propiciar condições favoráveis ao desenvolvimento da sua filha. Provavelmente, essa decisão foi difícil e sofrida para Maria, que não podia perder sua fonte de renda nem dispunha de uma alternativa para evitar a separação de suas filhas.

“Ela (Maria) disse que chorava muito; não chorava quando a gente ia, pra gente não ver, mas chorava demais... que era difícil pra ela quando a gente ia embora no período das férias(...)” (JOANA).

“(...) a mãe, empregada numa casa de família, a vida toda; ainda hoje continua empregada dentro dessa casa. E, ao mesmo tempo, entendia que deixar a filha dentro de um abrigo era melhor do que ficar com elas dentro de uma casa de família. Eu acho que antes do Estatuto (ECA) era muito forte criança ficar dentro dos abrigos. Depois do estatuto, a gente tem tentado que a criança passe o menos tempo possível no abrigo” (NELSON).

O discurso do diretor remete ao contexto sócio-histórico do final da década de 70, anterior à criação do ECA, quando as medidas de abrigo eram utilizadas de forma indiscriminada, ficando a critério dos pais a decisão de abrigar seus filhos. Muitas vezes, esse abrigo significava para a família uma forma de garantir ao filho aquilo que lhe faltava (alimentação, vestuário, escola, remédios). Hoje, com a legislação específica para as crianças e adolescentes, a pobreza não se justifica mais como motivo de abrigo, devendo a família ser inserida em programas oficiais de auxílio⁴⁸.

Antes da separação entre Joana e sua mãe, ambas conviveram pouco mais de um ano, período propício para a construção de um vínculo afetivo. Nos primeiros seis meses de vida, Joana foi cuidada exclusivamente pela mãe, na residência em que prestava serviço. Depois, a patroa de Maria achou que as crianças estavam prejudicando o seu rendimento no trabalho, ocasião em que Joana e sua irmã passaram a residir com uma senhora da comunidade, cujo ofício era cuidar de crianças de famílias desassistidas. No entanto, todas as noites, Maria dormia com as filhas na casa dessa senhora, que era remunerada para auxiliar nos cuidados com as crianças. Após seis meses, a permanência das gêmeas com a senhora da comunidade tornou-se impraticável diante da sua prole numerosa. Foi quando, então, a patroa de Maria orientou-a a levar as filhas para o GAMA.

Segundo Winnicott (2007), esse período inicial em que Joana esteve na companhia da mãe, corresponderia à experiência de dependência e identificação entre mãe-bebê. Assim,

⁴⁸ Art.23 do ECA.

Maria, que desde o início relacionava-se de forma afetiva com Joana, parece ter sido capaz de atender as necessidades físicas e simbólicas da filha, no período anterior ao abrigo (função do *holding*). Essa experiência pode ter favorecido a manutenção da figura de Maria, apesar da ausência cotidiana, porém sempre presente na trajetória de vida de Joana. Após a ruptura com a mãe, a própria instituição do GAMA parece dar continuidade à *sustentação* de Joana, principalmente no plano simbólico e afetivo, através de outros adultos inseridos no abrigo.

A experiência positiva de Joana com a mãe, no início da vida, parece ter favorecido as relações posteriores com outros adultos no GAMA. De acordo com Winnicott ([1947]-2005b) as experiências pregressas à separação do núcleo familiar são resgatadas nas relações interpessoais posteriores. Nesse sentido, Joana se desenvolve num contexto de múltiplas relações e interações com os adultos e demais crianças da instituição, o que parece repercutir nas suas práticas sociais e processo de significação da sua realidade institucional.

4.2.2 – Primeiros vínculos afetivos

Ao mesmo tempo em que Joana se separava de sua mãe, era acolhida pelo casal fundador do GAMA numa relação privilegiada de afeto e cuidado. O ingresso de Joana e Jaqueline (sua irmã) na instituição ocorreu numa condição particular, visto que o fundador e presidente do abrigo, Sr. Jafé, estava muito doente e havia decidido suspender por um tempo o abrigo de novas crianças. No entanto, ao conhecer Joana e sua irmã, ele ficou encantado e resolveu acolhê-las. Assim, começa um dos primeiros vínculos afetivos de Joana no contexto do GAMA, marcado por um acolhimento espontâneo e afetivo pela família do Sr. Jafé.

“Tem uma coisa que marca muito a chegada dela (Joana), porque meu pai foi o fundador do abrigo e elas chegaram lá muito novinhas e foram as últimas crianças que ele carregou no colo... E pouco tempo depois ele faleceu. Então, a presença delas marca muito com os últimos dias do meu pai no GAMA” (NELSON).

“O pai de Nelson (Sr. Jafé) já era diabético, bem doente, (...) o pessoal não queria mais que aceitassem nenhuma criança. Mas, quando a gente chegou lá, ele disse: ‘não é mais duas... vai entrar’ (...)” (JOANA).

O modo como o Sr. Jafé e sua esposa, Sra. Sônia, acolheram Joana, pode ser significado através dos posicionamentos e sentimentos de reconhecimento, aceitação e afeto. Como argumenta Altoé (2004), o sentimento que a criança tem do seu lugar no mundo está

associado à experiência de ela ser importante ou não para alguém. Nesse sentido, Joana e sua irmã parecem ter ocupado um importante espaço afetivo na vida do casal, chegando inclusive a residirem com estes por alguns anos.

A irmã de Joana apresentava problemas de saúde que exigiam maiores cuidados e uma atenção especial, o que mobilizou o Sr. Jafé e a Sra. Sônia a trazê-la, juntamente com Joana, para residirem com sua família. Assim, por cinco anos de suas infâncias, Joana e Jaqueline desfrutaram de uma relação privilegiada com o casal fundador da instituição. Nessa primeira infância de Joana, o seu contexto de convivência poderia ser compreendido a partir de dois ambientes: a instituição e o núcleo familiar do Sr. Jafé. Em ambos os contextos, Joana parecia dispor de acolhimento e relacionamentos com adultos e outras crianças, condições que Bowlby (1997) considera para caracterizar uma família favorável à saúde psíquica dos seus membros.

“Dizem que eu era o xodó deles, mas eu não lembro porque eu era pequena” (JOANA).

“(...) dizem que eu e minha irmã éramos privilegiadas, porque eram gêmeas, e muita gente chegava lá e queria adotar, e não podia; e o pai de Nelson (Sr. Jafé) também se apegou, apesar de já estar perto de falecer... se apegou demais à gente” (JOANA).

A casa do Sr. Jafé localizava-se dentro da área da instituição. Então, Joana e Jaqueline passavam o dia no abrigo, nas atividades comuns a qualquer criança abrigada; apenas, dormiam na casa dos presidentes. Aos oito anos de idade, Joana foi residir em Casas-Lares, como as demais crianças do abrigo. Porém, um vínculo afetivo parecia ter se estabelecido com a Sra. Sônia. O Sr. Jafé faleceu pouco tempo depois da entrada de Joana na instituição, mas teve uma participação importante na significação da chegada dela ao GAMA, como apresentado anteriormente.

“Aí tive mais contato com ela (Sra. Sônia). Minha mãe (Maria) tinha até ciúmes de que... Com minha mãe... Não tenho raiva da minha mãe, mas sei que não foi uma relação de mãe e filho, porque a gente só se via uma vez por mês e no período das férias (...) eu dizia que eu tinha mais mãe Sônia, que é a mãe que até hoje mora lá, como minha mãe, do que ela (Maria) (...)” (JOANA).

“A figura da minha mãe (Sra. Sônia) é muito mais importante para Joana do que a minha lá com ela, do que das laristas. Porque era uma figura que ela sentia carinho, uma vez que a mãe dela estava distante, só podia visitar de 15 dias a um mês” (NELSON).

Os papéis sociais assumidos pela Sra. Sônia e Joana pareciam associados ao de mãe e filha, respectivamente, resultando num vínculo afetivo, aparentemente estável e permanente no processo de desenvolvimento de Joana, garantindo-lhe a estabilidade de uma figura materna no contexto do GAMA. Esse aparato afetivo e de cuidados vivenciado por Joana parece ir ao encontro do que Winnicott ([1947]-2005, p. 82) considerava importante garantir às crianças afastadas do convívio com a família: “estabilidade ambiental, cuidados individuais e continuidade desses cuidados”.

Após o falecimento do Sr. Jafé, seu filho assumiu a direção do GAMA e, inclusive, um lugar afetivo e associado à figura paterna na vida de Joana, desde quando ainda era um bebê. Ele aparece em todas as histórias de vida exploradas nesta pesquisa como referência da figura paterna, autoridade, interdição, afeto e limites. A sua participação nos diferentes momentos e decisões na vida de Joana aponta para o seu lugar privilegiado em suas relações afetivas.

*“(...) minha relação com Nelson sempre foi muito boa, até melhor do que com minha mãe mesmo; eu conversava demais com ele. Para namoro, para tudo, sempre chamava ele; **tinha uma relação de confiança de um pai, realmente**” (JOANA).*

Além da Sra. Sônia e de Nelson, Joana, desde o nascimento, mantinha o vínculo fraterno com Jaqueline, incentivado pela instituição através da convivência das irmãs sempre juntas na mesma Casa-Lar. A estabilidade e familiaridade implicadas nessa relação fraterna parecem ter representado um suporte afetivo para Joana na sua convivência no GAMA.

“Sempre fiquei com minha irmã nas casas – lares” (JOANA).

*“Isso aí, **graças a Deus**, minha mãe sempre tava presente e **minha irmã também** (...)” (JOANA).*

A manutenção do vínculo de Joana com a irmã parecia proporcionar-lhe um sentimento de família, de pertencimento, de dispor de parte de seu núcleo familiar diante da separação da mãe. Nesse sentido, a convivência de Joana com a mãe e a irmã representava um diferencial entre a sua situação e a das outras crianças órfãs ou que não recebiam visitas dos seus familiares. Essa experiência diferenciada de Joana em relação a outras crianças parecia propiciar-lhe uma referência de família, mesmo num contexto de abrigo.

*“(...) **como minha irmã morava lá** e minha mãe sempre tava lá, e mês de férias, junho e janeiro, a gente sempre tava com ela, não sinto falta de não ter morado com ela, mas os meninos... Eu penso assim: o que se passa na*

cabeça deles? Vem a mãe de um visitar, vem a mãe de outro e ele sempre não tem ninguém pra fazer uma visita para eles” (JOANA).

Nesse aspecto, a história de Joana ressalta a importância dos abrigos garantirem o não-desmembramento de grupos de irmãos, conforme preconizado no ECA, pois, como aponta a história de vida de Joana, para aqueles que estão separados da família de origem, a manutenção de um laço familiar pode representar um importante suporte afetivo no contexto institucional, ou ainda um elo simbólico com o grupo familiar.

4.2.3 – Relações com adultos e crianças

Como dito anteriormente, Joana mantinha contato com a mãe biológica, que a visitava mensalmente no GAMA. Essa situação de separação familiar parece significada por Joana a partir das impossibilidades econômicas e sociais da mãe, da relação preservada entre mãe e filha, das referências de afeto, cuidado e proteção, construídas a partir da interação com os adultos do abrigo, e da aproximação com histórias mal sucedidas de jovens em contexto familiar, entre outros fatores.

“A minha mãe, assim, era uma referência, porque não faltava um domingo de visita; se ela adoecesse, ia alguém da família da patroa dela, mas tinha que mandar alguém” (JOANA).

*“Eu sempre entendi a distância da minha mãe. Nunca tive problema em relação a isso, não. Eu sempre vi que, realmente, aquilo ali era o melhor pra mim, que a gente sempre conversava com a patroa dela... Os filhos da patroa tinham toda estrutura, tudo que podiam ter de bom e, hoje em dia, muitos estão totalmente desestruturados. **Eu não trocava minha vida, que morei aqui no orfanato, pela vida que eles tiveram e o que eles são hoje em dia; de jeito nenhum (...)**” (JOANA).*

A construção de sentidos e significados por Joana acerca da separação de sua mãe, a partir das suas interações e práticas sociais, parece ter contribuído para uma convivência nas Casas-Lares do GAMA sem muitos conflitos ou atitudes de rebeldia e oposição. Joana residiu em quatro Casas-Lares e, portanto, conviveu com quatro laristas, ao longo da sua permanência no GAMA. Com cada uma dessas laristas, ela parece ter estabelecido uma relação singular, ora marcada pelo afeto/estabilidade, ora pelo desafeto/instabilidade.

*“Eu me lembro que quando eu era pequena, eu morei com uma senhora chamada dona Marta; passei um bocado de tempo com ela. Depois, me lembro de uma larista, e essa larista, que **foi a que eu não gostei**, Sandra...*

*Eu já tinha uns dez anos e ela gostava muito de bater. Só que ela bateu em mim uma vez só, mas a vez que ela bateu me marcou e, aí, por infelicidade dela, no domingo minha mãe ia. Aí minha mãe viu as marcas e me levou pra Nelson, e aí Nelson botou pra fora. Aí, depois eu tive mais duas larista, que hoje em dia ela liga pra mim e eu ligo pra ela. **Tive contato de mãe, realmente, e depois eu comecei a trabalhar**” (JOANA).*

Na trajetória de Joana, os relacionamentos com as laristas aparecem num registro do cuidado, da convivência cotidiana, mas com diferentes graus (se assim pudesse dizer) de afetividade. Porém, a instabilidade vivenciada nas relações com as laristas parecia coexistir dialeticamente com a estabilidade propiciada pelos vínculos afetivos duradouros com sua irmã e outros adultos como a Sra. Sônia (até hoje chamada de mãe), Nelson (considerado o pai afetivo) e seus padrinhos estrangeiros (que serão conhecidos mais adiante).

*“Todas elas (laristas) colocavam (limites). **E afeto não tinha muito, não.** Ela não batia, mas também não tinha esses afetos, carinhos, não” (JOANA).*

*“**Procurava outra pessoa, adolescente, geralmente.** Geralmente minha relação com laristas... nunca tive, assim... de conversar, como eu conversava com a minha mãe. Assuntos, que eu tivesse dúvidas, com laristas nunca tive não (...)” (JOANA).*

Considerando a rotatividade das laristas e conflitos relacionais nas Casas-Lares, Joana parece ter superado essas dificuldades através dos vínculos duradouros, estáveis e afetivos com outros adultos e seus pares na instituição. O sistema de Casa-Lar adotado pelo GAMA parece favorecer a vinculação da criança com o adulto (larista) e seus pares. Cada Casa-Lar acolhia, em média, 12 crianças/adolescentes das mais variadas idades, o que favorecia um ambiente organizado de acordo com as particularidades de cada integrante. Ao contrário das instituições com quantitativo elevado de crianças num mesmo local, as Casas-Lares apresentam um aspecto similar às residências privadas e condições favoráveis a um atendimento personalizado e em pequeno grupo, conforme se encontra preconizado no ECA⁴⁹, sobre o atendimento em abrigos.

*“A situação era mais tranqüila pra mim, porque era todo mundo criado junto, mas **cada um tinha sua cama, seu guarda-roupa, tinha contato com a família, tinha amizade, o dia-a-dia com todo mundo junto, ali (...)**” (JOANA)*

Nesse complexo campo de interações sociais de Joana, as relações com outras crianças e adolescentes podem ser consideradas como um suporte afetivo complementar às relações com os adultos no GAMA, permitindo, inclusive, a tolerância às falhas de cuidado dos

⁴⁹ Art. 92 do ECA.

adultos, funções, apontadas por Carvalho (2002), para as relações entre iguais.

“Colegas foram muitos, tanto meninos quanto meninas. Eu tive uma amizade muito grande; alguns até hoje mantêm contato. Uns moram perto de mim, outros moram longe, mas sempre que reencontro dou telefone, digo: ‘olha, meu telefone é tal! Pode aparecer lá em casa’. A gente marca pra ir à praia, pro cinema (...)” (JOANA).

“Manoela (amiga do GAMA) era uma irmã minha também. A gente não morava na mesma casa. O engraçado era isso: a gente estudava na mesma sala, mas morava em casas diferentes, mas era muito ligada” (JOANA).

As relações de amizade entre Joana e as outras crianças do GAMA parecem beneficiadas pelo convívio diário e momentos de interação através das brincadeiras em grupo, que podem ser compreendidos como espaços importantes de desenvolvimento de suas habilidades sociais.

*“Joana tem essa história de uma menina que **gostava muito de brincar, participar de eventos**. Como a instituição é muito aberta, ela dá muito espaço pra correr, brincar” (NELSON).*

*“O privilégio que eu tive, assim, de brincar, que hoje em dia as crianças não têm mais. Brinquei bastante; adorava isso. **Todo dia a gente tava junto, brincando**. Isso era muito bom (...)” (JOANA).*

“(...) todas as casas- lares (do GAMA) eram abertas. Tinha era umas cem crianças (...)” (JOANA).

Segundo Carvalho, Hamburger & Pedrosa (1996), as brincadeiras de crianças em grupo configuram-se como um campo social de interações, sendo a sua natureza definida pelas ações e relações interacionais. Assim, a brincadeira, ao propiciar a interação social entre as crianças, a regulação do comportamento pelo outro e a troca de papéis, pode ser considerada como um elemento favorável à sua sociabilidade. O Instituto GAMA, como contexto de desenvolvimento infantil, parecia favorecer às crianças e adolescentes, através dos espaços para a brincadeira, condições relevantes para o desenvolvimento das habilidades sociais.

A interação de Joana com outras crianças ultrapassava o contexto interno do abrigo, envolvendo sua participação nos espaços comunitários, como escola e igreja. Apesar de a escola pertencer ao GAMA, era aberta para as crianças da comunidade. Nesse sentido, as relações de Joana com outras crianças pareciam ser ampliadas e diversificadas com sua inserção em diferentes contextos.

“Estudei lá dentro do orfanato mesmo, do jardim até a quarta série” (JOANA).

“A gente já chega lá e já é costume ir para igreja. Na minha época, era culto quase todo o dia; quando não era de noite era à tarde” (JOANA).

Os princípios e ensinamentos religiosos apresentados pelo GAMA e pela igreja às crianças e adolescentes das Casas-Lares podem ser interpretados como elementos envolvidos no desenvolvimento da capacidade moral de Joana e das demais crianças. Como propõe Winnicott ([1963] – 2007), a capacidade moral permite a apreensão do acervo social e cultural pela criança, sendo os códigos morais repassados pelos pais (adultos substitutos) através de aprovações e reprovações dos atos da criança. As regras impostas pelo GAMA, estabelecidas a partir da interação com o contexto da igreja, pareciam implicadas no desenvolvimento da capacidade moral, de uma consciência reguladora dos comportamentos das crianças.

“Hoje em dia, eu digo que eram muitas regras, mas na época, eu acho que me acostumei” (JOANA).

“(…) até a questão da roupa da gente, ele pegava muito no pé: batom, maquiagem, short tinha que ser maior, porque ele sempre reclamava (...) cada um tinha que tirar o prato da mesa e colocar na pia e, cada dia, um lavava. A cama tinha que ser arrumada; a gente sempre arrumava; manter o guarda-roupa arrumado” (JOANA).

4.2.4 – Os modelos identificatórios na adolescência

Já na fase da adolescência, Joana continuava inserida em diferentes contextos, além da Casa-Lar, como escola, igreja e comunidade. Após concluir o Ensino Fundamental I na escola do GAMA, Joana passou a freqüentar uma escola estadual do bairro, onde teve a oportunidade de interagir com outros adolescentes da comunidade, ampliando a sua rede de relações e grupos.

“Tinha contato com o pessoal da comunidade. (...) Aí, eu lembro que na 5ª série, pra mim, foi o pior ano da minha vida, porque na sala do lado... E, assim... eu sempre estudei com a minha irmã; tinham dezesseis meninos do orfanato e, na 5ª-A, eu sozinha. (...) Mas foi ruim porque eu me separei e foi bom porque eu comecei a me relacionar com outras pessoas” (JOANA).

A trajetória de Joana é marcada pelo investimento constante nos estudos, pelo êxito no contexto escolar, uma característica comum ao seu grupo de convivência no abrigo. Como argumenta Minucci (2002), o grupo percebe-se com uma identidade própria a partir de uma

representação mínima de objetivos ou tarefas comuns, que repercuta num significado particular no contexto social. Nesse sentido, o grupo formado por Joana e amigos do GAMA era reconhecido pelo compromisso com os estudos, sendo esse posicionamento grupal uma continuidade dos valores e cultura da instituição. No GAMA, o próprio diretor auxiliava diariamente os adolescentes na realização das tarefas escolares, mantinha-se articulado com a escola e propiciava condições (infra-estrutura, horários específicos, material) favoráveis ao investimento dos adolescentes nos estudos.

“E quando foi pro ginásio, aí tinham os dois lados. A gente era visto como os coitadinhos do orfanato, como também: - ‘eita, os meninos do orfanato são os CDF’s’, porque como puxavam pelo lado de estudar, a gente sempre tinha notas boas(...)” (JOANA).

“(...) na minha época tinha uma biblioteca e a gente podia descer pra ficar estudando. À noite, fazer as tarefas. Aí era ótimo essa hora, que a gente se juntava pra estudar; aí fazia os deveres, respondia tudinho, tirava onda um com o outro, perturbava. E tinha disciplina que Nelson ensinava; ele que dava matemática pra gente; português, às vezes arrumava alguém pra explicar, ou mandava: - ‘entre vocês mesmo, vejam aí quem pode ajudar o outro’” (JOANA).

A valorização dos estudos no grupo de Joana pode ser considerada como um valor constituinte dos ideais propostos pelo GAMA. De acordo com Käes (1991), uma das principais funções da instituição é propiciar representações comuns, matrizes identificatórias, que no GAMA pareciam associadas ao êxito nos estudos formais e na formação profissional. Nesse sentido, além de sustentar expectativas positivas sobre os abrigados, o Instituto oferecia oportunidades de estudo e profissionalização, viabilizando meios para as crianças e adolescentes corresponderem ao sistema cultural (valores, normas) do GAMA.

“Na minha adolescência ia pra escola, estudava e tinha curso profissionalizante lá também; lá dentro, fiz os cursos de confeitaria, arte culinária, corte e costura e crochê. (...)” (JOANA).

Nelson também, apesar de não poder financeiramente, mas sempre apoiou a gente lá. Quem não estudou foi porque não quis, porque oportunidade, o curso que quer... o GAMA faz de tudo pra você fazer (...) (JOANA).

O sistema cultural da instituição pode ser considerado como um fator relevante para a compreensão dos comportamentos apresentados pelos indivíduos, visto que envolve modelos de ação e pensamento e reguladores sociais. Nesse sentido, o GAMA parecia mobilizar-se no intuito de oferecer apoio material e, principalmente, simbólico, para o investimento escolar e profissional dos adolescentes acolhidos.

“(...) ele (Nelson) sempre pergunta como é que tá todo mundo, o que é que estão fazendo, se estão estudando; sempre dando força pra que a gente continue fazendo alguma coisa (...) É uma instituição, realmente, que faz de tudo pra que você siga sua vida (...)” (JOANA).

A convivência de Joana em grupo não se restringia ao contexto da escola ou do GAMA, mas englobava também o cenário da igreja. Nessa multiplicidade de grupos, é importante considerar que o abrigo pode propiciar, às crianças/adolescentes privados da família de origem, um suporte necessário à formação de grupos saudáveis durante toda a permanência na instituição (WINNICOTT, 2005b). Esse suporte pode ser interpretado como a diversidade e a natureza de contextos, relações e práticas sociais envolvidos na trajetória de Joana.

Uma característica relevante na dinâmica institucional do GAMA refere-se ao seu viés religioso, sustentado pela igreja evangélica. Como dito anteriormente, essa instituição possui uma igreja, onde todas as crianças e adolescentes participam dos cultos e atividades religiosas cotidianamente. A igreja, apesar de localizar-se na área interna do abrigo, era acessível aos moradores da comunidade, favorecendo aos abrigados a convivência com pessoas da comunidade.

“Aí, na minha infância, todo dia a gente ia pra igreja, de segunda a domingo (...) Mas, esse lado aí eu achei bom, porque até hoje em dia sou evangélica, freqüento a igreja, quer dizer, continuei freqüentando a de lá mesmo, mas é aberta pra comunidade todinha” (JOANA).

A religião, assim como as outras instituições que permeiam a vida dos sujeitos, desempenha uma importante função na construção identitária e regulação da conduta dos indivíduos. Instituição não no sentido limitado a uma organização (de concretude material), mas de um conjunto de valores, representações e significados (KAËS, 1991). Sobre as repercussões da religião, na trajetória de Joana, reservam-se algumas idéias.

A igreja parece ter desempenhado a função de delimitar certas ações e comportamentos dos indivíduos através de um conjunto de regras e normas, pautadas nos ensinamentos religiosos, compartilhadas pelo GAMA. O laço emocional que une os membros de um grupo e propicia identificações com o ideal coletivo parece repercutir na formação do *ideal de eu* de Joana. Essa instância psíquica – *ideal de eu* – corresponde aos modelos aos quais o indivíduo procura adequar-se (FREUD, [1921] - 1976). No caso de Joana, o seu *ideal de eu* pode ser compreendido a partir das identificações com os ideais do GAMA e da igreja, que resultavam numa conduta de obediência às normas, num controle simbólico das ações e comportamentos, de acordo com os referenciais institucionais.

*“(...) você, querendo ou não, cresce ouvindo que na religião não pode fazer determinadas coisas. Aí, acho que você bota na cabeça, **Você diz que não faz porque não deve fazer mesmo ou porque a religião não permitia.** E hoje, ainda, em dia, tem princípio que eu digo: - ‘Não! A religião não permite isso; na vida, não tá certo isso (...)’ (JOANA).*

Na dinâmica institucional do GAMA, Nelson parecia ocupar o lugar da lei e o modelo a ser tomado como referência não só na vida de Joana, mas dos demais jovens participantes da pesquisa. Essa lei era introjetada de tal forma que a disciplina era mantida, apesar da estrutura aberta da instituição. Assim, o GAMA podia exibir portões abertos, acessos à comunidade porque, mesmo com todas as *facilidades*, os adolescentes mantinham-se sob o domínio do ideal do grupo, isto é, das normas e imposições impostas ao grupo, corporificado pela figura do líder (FREUD [1921] - 1976). As relações de poder estabelecidas entre adultos e adolescentes dessa instituição podem ser consideradas como elementos organizadores das condutas e comportamentos dos abrigados.

*“(...) **uma instituição livre, não tem muro. A gente podia fugir, se quisesse.** Agora, foi que botaram um portão, porque doaram um dinheiro lá; fizeram um jardim, aí botaram um portão na frente, mas na lateral é toda livre. Então, se a gente quisesse... Teve casos de crianças que fugiram de lá, não entendo o porquê, não sei o que se passou na cabeça de cada um, mas cada um é que sabe... e tá livre lá. **Nunca passou pela minha cabeça fugir de lá. Nunca (...)**” (JOANA).*

Muitas vezes, as regras eram rígidas, possivelmente diante do perfil disciplinador do dirigente do abrigo e pelas influências da religião, atuando como um mecanismo de regulação dos comportamentos. Como propõe Bion, a figura do líder representa para o grupo aquele capaz de atender todas as necessidades dos seus integrantes (LEITÃO, 1982). Desse modo, compreende-se a submissão e admiração que os membros de um grupo possuem em relação ao líder, pelo seu papel de provedor. Para Joana, Nelson parecia assumir essa função de liderança na dinâmica institucional, sendo as suas regras e normas obedecidas no cotidiano dos adolescentes.

“(...) na época, a questão dessa proibição de televisão, isso era ruim, aí... Só que hoje em dia, eu comparo, assim: a gente achava ruim porque não podia assistir, mas, hoje em dia, eu não tenho nem saco pra novela; o que é que novela, realmente, tá ensinando?” Aí, hoje eu avalio assim, que ele proibia pra gente não se espelhar naquela vida de novela. Essa questão de ter que tá da escola pro orfanato também era ruim, que a gente fazia amizades fora e não podia ir pra casa deles (...)” (JOANA).

“(...) eu tinha medo de castigo, eu morria de raiva se me botasse de castigo. Uma das coisas que eu fazia, que sempre dava confusão, era ler fotonovela, que ele (Nelson) não admitia, mas eu achava tão bom; era um troca-troca

entre a gente na escola, tudo escondido. não podia assistir novela e nem podia ler fotonovela (...)" (JOANA).

No contexto da escola, Joana parecia posicionar-se de forma questionadora e crítica em relação às normas, em contraponto à obediência no GAMA. Como explica Winnicott ([1963]-2005b), os adolescentes possuem uma necessidade de desafiar e sentirem-se verdadeiros, através da ação do grupo e da atitude extremista de um adolescente como representante dos demais. Nesse sentido, o posicionamento de Joana diferia de acordo com cada grupo. No contexto do GAMA, Joana assumia um posicionamento de obediência às normas, provavelmente porque havia outros adolescentes que assumiam a tarefa de questionar e contrapor-se à figura de autoridade, em nome dos demais integrantes. Na escola, no entanto, Joana encontrava-se em outro grupo no qual lhe cabia o papel de desafiar e questionar as regras.

"(...) eu vim ser de contestar em colégio, mesmo. No colégio é que eu brigava muito com o professor. Não aceitava todas as regras que ele dizia. Sempre brigava, na faculdade; na aula da saudade, meu título foi de brigona, porque eu gostava de dizer: - 'Não! Eu não concordo com isso. Lá no GAMA fiquei mais calminha (...) eu não brigava pelos meus direitos lá, não. (...) Acho que no GAMA, porque tinham outras que já faziam por mim; tinha umas meninas que tomavam a iniciativa, já resolvia, tomavam iniciativas para todas, porque, geralmente, na reunião era com todos os adolescentes" (JOANA).

Os posicionamentos e papéis assumidos por Joana nos diferentes grupos, assim como o seu processo de identificação com os modelos apresentados pelas instituições (GAMA, escola, igreja) parecem constituir-se como um importante *circunscrit* na sua trajetória de vida. Nesse caso, não se trata de atribuir um julgamento de valor sobre esses modelos institucionais, mas de compreender as implicações das representações simbólicas das instituições na construção de significados para a vida dos indivíduos.

4.2.5 – Idealizações da vida futura

As idealizações de Joana sobre o seu futuro parecem construídas gradativamente, ao longo das suas interações e relações com pessoas que lhe proporcionaram apoio afetivo e financeiro para seus planos pessoais e profissionais. Ainda na adolescência, Joana não tinha pretensões de investir numa graduação, a sua meta era concluir o ensino médio e constituir uma família.

*“Eu dizia que queria terminar. **Eu pensava em ficar no GAMA pra sempre.** Dizia: ‘quero terminar’. E não queria faculdade, não. Faculdade pra quê? Pra mim tá bom demais. **Termino o terceiro ano e depois, quando Deus quiser, eu arrumo um marido.** Eu caso, pronto; vou ser mãe e acabou” (JOANA).*

*“**Meus sonhos eram casar e ter filho;** eu só dizia isso: ‘quero casar, ter meus filhos e ficar com meu marido’. Pronto, só pensava nisso. **Mas, profissionalmente, eu não tinha despertado pra esse lado, não**” (JOANA).*

Essa idealização sobre seu futuro, restrito à formação de uma família, sem muitas perspectivas profissionais pode ser compreendida a partir de indicadores sociais e culturais do seu contexto histórico e social. Como explicam Amorim & Rossetti-Ferreira (2004), a *matriz sócio-histórica* envolve as condições e pressões sociais, impostas pela comunidade aos seus indivíduos, e as práticas discursivas atuantes na vida social. Nesse sentido, Joana estava inserida num contexto macro, relacionado a uma comunidade interiorana, com predominância de trabalho braçal, pouco investimento na formação acadêmica e desigualdades significativas entre os gêneros.

*(...) Porque **a cultura daquela região ali ainda é muito machista,** onde mulher tem que tá pronta para casar e passar a cuidar do marido; se acabaram todos os seus anseios e vontades (...) (NELSON).*

Os planos de Joana parecem tomar novos rumos a partir do seu apadrinhamento por um casal estrangeiro, pois, cada criança e adolescente tinha seus padrinhos, que ajudavam mensalmente com as despesas do afilhado. Esse casal propôs-se a financiar para Joana os seus estudos pré-vestibular e de graduação, resultando, inclusive, numa importante relação afetiva (mesmo a distância e com visitas esporádicas).

*“(...) surgiu uma grande amizade entre mim e esse casal (os padrinhos), e eles, conversando com Nelson, resolveram me apadrinhar pra que eu pudesse fazer uma faculdade; e eu resistindo (...) Mas, aí, depois de muita insistência, eu aceitei... **Eles sempre me apoiaram em tudo** (JOANA).*

Como apresentado anteriormente, Joana sempre foi dedicada aos estudos e se destacava pelo bom comportamento e desempenho escolar. A partir do posicionamento participativo no contexto escolar e do suporte obtido no GAMA, Joana optou pelo vestibular, em Recife; conseguiu a aprovação e concluiu o ensino superior numa universidade pública (havia iniciado em uma faculdade particular). Nesse percurso de formação acadêmica, Joana ressalta o importante apoio e incentivo do diretor do abrigo, Nelson, de seus padrinhos e do namorado.

“(...) na época, Nelson não queria que eu fizesse contabilidade. (Dizia): - ‘não, Joana, faça científico que é melhor; você se prepara para a faculdade’. E eu dizia: - ‘Não. Eu não quero faculdade. Terminar o segundo grau tá bom demais’. Mas, aí, ele no meu pé, e eu: - ‘ Não, não...’. Aí, até que conheci meu namorado, que também foi outro no meu pé: - ‘ Não. Você tem que fazer faculdade’ (...)” (JOANA).

“(...) aí, é uma coisa interessante, que ela tinha muitas dúvidas, nessa faixa de 17 e 18 anos, até onde ela poderia ir. Tinha vindo de uma escola muito frágil, então, será que eu consigo? Será que não consigo? E entrar na universidade foi um marco muito importante na vida dela” (NELSON).

Através das interações entre Joana e adultos no seu convívio no GAMA, novos sentidos e significados parecem transformar o seu projeto de vida. Joana, que inicialmente idealizava permanecer no GAMA ou constituir uma família, assumiu novas perspectivas relacionadas a uma formação superior, ao investimento numa carreira profissional.

“No início, eu tinha essa visão, mesmo. Aí, depois, eu pensei e disse: - ‘eu tenho que estudar, mesmo; num posso ser assim; tem que trabalhar, mesmo; tanto que me incentivaram aqui e, hoje em dia, ficar parada! Aí, terminar os estudos pra ficar dentro de casa, eu não quero isso pra mim” (JOANA).

A construção das idealizações de Joana, direcionadas ao estudo, trabalho, atividades produtivas e socialmente aceitas, parecem norteadas pela cultura da instituição-GAMA, pelos sentidos e significados compartilhados entre o GAMA e seus jovens, relacionados a uma visão de confiança e potencialidades sobre os abrigados. A rede simbólica sustentada pelo abrigo no cotidiano das crianças e dos adolescentes parecia contemplar uma perspectiva positiva sobre suas trajetória de vida.

“(...) E aí, você precisa trabalhar, que você pode ser alguém; você pode acreditar, até onde eu posso ir. E ela acreditou muito nisso. Porque a cultura daquela região ali ainda é muito machista (...) E ela lutou sempre contra isso e procurou estudar. Acabou de se formar. Agora, fazendo especialização. Ela não estabeleceu limites para ela. Ela está sempre acreditando que pode ir mais um pouco” (NELSON).

O discurso institucional adquiria concretude na realidade do abrigo. Não se tratava de uma ideologia desconectada da prática, visto que havia mobilização por parte dos dirigentes e funcionários para, dentro de suas possibilidades, viabilizar os projetos de vida construídos pelos jovens. Assim, a Instituição oferecia cursos profissionalizantes, custeava o transporte e gastos decorrentes do estudo em estabelecimentos distantes do GAMA, inclusive faculdade particular.

4.2.6 – A saída do GAMA

O processo de saída de Joana do GAMA foi acontecendo, gradualmente, após sua inserção no trabalho e na faculdade. Aos 17 anos, Joana foi convidada por seus padrinhos estrangeiros para residir numa casa, que haviam construído próximo ao Instituto. Como o casal só visitava o Brasil nas férias, organizaram um quarto para Joana. No entanto, ela resistia ao convite, pois tinha receio de se afastar do GAMA e de suas atividades. Então, passava o dia no abrigo e apenas dormia na casa dos padrinhos. O receio apresentado por Joana, provavelmente, estava relacionado ao vínculo institucional estabelecido com o GAMA, desde a sua primeira infância. De acordo com Carvalho et al (2006), os vínculos não se restringem às relações interpessoais, mas podem ser de natureza institucional, política, histórica e cultural.

“Aí, nesse período, eu já tinha uns 17 anos; morava na casa dele (o padrinho), lá de lado do abrigo, porque, como eles construíram e não tinha ninguém, aqui, pra morar, eles iam ficar mantendo, mais pra ter alguém dentro da casa, e eu não queria, porque eu tinha medo de sair da creche do GAMA, na qual trabalhava” (JOANA).

O medo da separação da instituição, que tinha sido referência para Joana em vários aspectos – de afeto, autoridade, educação, religião, etc. e, principalmente, familiar – parece que a mobilizava a investir mais intensamente nas atividades cotidianas do abrigo, sendo qualquer possibilidade de rompimento desse vínculo associada a uma vivência conflitiva.

O fato decisivo para a saída de Joana do GAMA refere-se ao seu casamento, aos 25 anos de idade, realizado na igreja da própria instituição. Ela conheceu seu marido no abrigo (na igreja do GAMA) e, após um longo período de namoro (seis anos), eles resolveram se casar. Enquanto os seus familiares queriam que a cerimônia do casamento se realizasse em Recife, Joana fez questão de celebrar o evento na igreja do GAMA, demonstrando a importância dos laços emocionais construídos com essas instituições (igreja e GAMA) e com as pessoas que lá convivem.

“(...) meu marido me conheceu lá dentro da instituição, que a gente é evangélico, e ele é da igreja (...)” (JOANA).

“Meu casamento foi lá também. Algumas pessoas da família: - ‘Por que não faz na igreja do Recife, que é mais fácil pra o pessoal ir’? Aí, eu disse: ‘Não! Quem quiser ir pra meu casamento tem que ir lá’. Aí, Nelson alugou um ônibus, que a recepção ficou um pouquinho afastado da instituição, pra quem quisesse ir” (JOANA).

Após o casamento, Joana e seu marido foram residir em Recife. Mas, apesar da ruptura no convívio diário no GAMA, os vínculos parecem ter permanecido estáveis. Dessa forma, o casamento pode ser considerado um marco da *saída* de Joana da instituição e do início de um percurso mais autônomo e independente em relação ao GAMA.

*“Eu... até hoje eu digo que não sai do GAMA. Quando tem lá um monte de coisa que tem... aí, os ex-internos levantam... aí, os meninos dizem: - ‘Joana, tu é ex-interna’... Aí, eu digo: - ‘Eu nunca sai daqui’. Porque toda minha vida, todo final de semana, só quando eu viajo com meu marido ou ele tá de plantão, mas, aí, a gente todo final de semana tá lá, ou dentro da igreja, nos trabalhos que tem, ou vou às casas, na casa da mãe de Nelson que a gente chama mãe também. Aí, eu acho que não saí do abrigo ainda; digo que não saí do abrigo. **Eu pensava em ficar no GAMA pra sempre**”.*

A manutenção do vínculo institucional não aparece como uma particularidade apenas na trajetória de Joana, mas na de Marcelo, de Paulo, assim como de muitos outros ex-abrigados que continuam retornando ao abrigo, preservando os vínculos afetivos estabelecidos. Se a família é considerada um referencial permanente para os sujeitos, que, mais cedo ou mais tarde, podem retornar, o GAMA, nessas histórias de vida, parece ocupar também um espaço de vinculação duradoura.

“Porque (o abrigo) foi minha família, realmente; eu considero, eu acho isso, meus irmãos, minhas irmãs, minha família realmente” (JOANA).

A partir do resgate da trajetória de Joana na instituição, é possível considerar as interações e relações nesse contexto caracterizadas pela familiaridade, por representações pautadas nos modelos familiares. Os sentidos atribuídos ao GAMA – “*minha casa, minha família*” – e aos adultos da instituição – “*minha mãe, meu pai, meus irmãos e irmãs*” – parecem apontar para a natureza das relações e vínculos estabelecidos durante a convivência de Joana naquele abrigo. Não se trata apenas de uma instituição de acolhimento excepcional, transitório, cujo funcionamento está previsto em legislações, mas de um ambiente constituído por relações humanas, vínculos afetivos, capaz de constituir-se como um espaço de oportunidades e crescimento pessoal e profissional.

A partir de todos os elementos aqui elencados, e outros que fogem a essa análise, Joana parece ter se desenvolvido sem prejuízos significativos a sua personalidade e socialização, através da articulação de múltiplos fatores, desde os herdados até os dos ambientes micro e macro-social.

“A instituição me ajudou com apoio psicológico, afetivo, as amigas, os incentivos, em todos os sentidos, e a questão religiosa também me ajudou muito, porque querendo, ou não, minha visão evangélica... Aqui na faculdade, você vem e é muita má influência, que você tem também; drogas rolavam aqui na sala. E eu dizia: - ‘Meu Deus do céu!’ Muitas pessoas não conseguiram terminar: duas amigas minhas foram presas, mas conseguiram sair, e elas diziam: - ‘Você é diferente’. Mas eu não sei se elas diziam porque eu era evangélica ou porque fui do abrigo” (JOANA).

Como proposto neste estudo, a conduta de Joana não deve ser analisada apenas em relação à sua religião ou diante da convivência num abrigo, mas, pelo conjunto de fatores envolvidos na formação da sua consciência moral, da sua trajetória. Como aponta Delbem & Dell’Aglío (2008), os abrigos podem propiciar fatores protetivos que reforçam as características individuais voltadas para a superação e enfrentamento das dificuldades, através de relações positivas e atividades construtivas, maximizando o potencial de resiliência do indivíduo. Nesse aspecto, a instituição parece ter atendido, em certa medida, as necessidades físicas, psíquicas e sociais de Joana, contribuindo para seu engajamento em atividades produtivas e aceitas socialmente.

4.2.7 – A sociabilidade na vida adulta

Após a saída do GAMA, Joana parece ter assumido novos papéis sociais relacionados à vida conjugal e profissional. De acordo com Oliveira, Guanaes e Costa (2004), as pessoas adotam e abandonam papéis e posicionamentos de acordo com os diferentes momentos e contextos. Nessa nova fase da vida de Joana, as atividades profissionais e acadêmicas sobressaem no seu contexto social. Nos relacionamentos, uma característica pessoal de Joana refere-se aos contatos sociais de forma mais reservada inicialmente, porém sem prejuízos para o estabelecimento de relações interpessoais.

“(...) aonde eu chego as pessoas dizem que sou uma pessoa mais fechada. Pareço ser muito chata, muito séria; depois que me conhecem é que eu me solto. Tanto na faculdade escutei isso, tanto na particular quanto na federal, nos meus empregos aqui em Recife também, no emprego da prefeitura, também, a mesma coisa. Aí, o povo dizia: ‘Joana, tua cara era feia, fechada; depois, a gente vê que você não é assim’. Só na pós, que não ouvi ainda. Não sei se mudei. Ninguém fez os mesmos comentários, mas, geralmente, eu sou mais fechada” (JOANA).

A participação de Joana no contexto comunitário era associada ao compromisso com pessoas carentes, com aqueles que precisam de apoio e assistência. Talvez esse seu

posicionamento apresente correlação com a sua identificação com o trabalho realizado pelo GAMA, que atende famílias em situação de pobreza e desassistidas pelo Estado. O seu trabalho com a população desfavorecida sócio-economicamente parecia representar a sua superação das dificuldades no contexto familiar. Para Joana, a convivência no GAMA parecia desprovida do sentimento de menos-valia, mas uma comprovação do seu êxito e da sua familiaridade com o contexto institucional.

*“Na época que eu terminei (a faculdade), por ele (o marido), eu já tinha pedido demissão, já na época, pra ter partido logo para o mestrado. Aí, eu disse: - ‘Não! Eu não vou pedir demissão. Eu gosto desse emprego’. **Trabalhava com a comunidade, com pessoas carentes; aí, achava bom; comparava muito com o GAMA, que eu trabalhava muito com a favela do Vietnã (...)** Aí, muitas pessoas no trabalho não entendiam esse perfil e não acreditam, nem na faculdade nem no trabalho, quando eu digo que já morei num orfanato. (Dizem) – ‘Tu já morou num orfanato? Não! É mentira’. **Ninguém acredita; sempre acha, em orfanato só tem coisa ruim, que não presta. Aí, pronto**” (JOANA).*

A sua experiência no GAMA parecia contrapor-se às representações sociais sobre abrigos e abrigados que permeavam seus contextos na vida adulta. Parecia difícil para as pessoas acreditarem que Joana tinha crescido num abrigo, diante do seu êxito no trabalho e nos estudos. Nesse sentido, como argumentam Amorim & Rossetti-Ferreira (2004), haveria uma interação contínua e dialógica entre as condições concretas de vida e as práticas discursivas, resultando em transformações ou contraposições. Assim, a experiência de Joana parecia arbitrária com o discurso das pessoas sobre a vida em abrigos, gerando transformações nos sentidos atribuídos às instituições de acolhimento. Ela própria percebia essas diferenciações e aponta para alguns motivos dessas contradições.

“(...) no posto de saúde, ninguém acreditava. Eu acho que o pessoal tem essa visão, mesmo, que menino de orfanato é marginalizado, não pode se enturmar na sociedade. Acho que essas coisas, que até mesmo a gente, que já morou lá, pra aceitar certas atitudes de crianças que moram na rua é difícil, é complicado e, aí, a gente, para pra ver... Não, mas eu não fui assim porque tive aquele apoio lá. E se minha mãe tivesse me colocado na rua, como é que seria? Eu acho que é por conta disso mesmo, porque infelizmente não tem muitas instituições como a minha; a maioria é depósito: os meninos é jogado(sic) ali mesmo, só pra dormir, comer... E educação que é bom, nada (...)” (JOANA).

A herança histórica dos abrigos como instituições totais, alienantes, massificadoras e com fins de controle social e exclusão dos *inválidos* da sociedade, ainda parece imbricada nas representações sociais da população em geral. Essas representações parecem sustentadas

também por certos abrigos que, ainda hoje, apesar de toda a legislação sobre os direitos infantis, possuem uma prática institucional reprodutora da exclusão e do abandono social.

A ampliação dos contextos e grupos na vida de Joana, durante a fase adulta, parece ter coexistido com a manutenção dos vínculos no abrigo, o qual ainda hoje frequenta nos finais de semana e reencontra seus colegas de Casas-Lares. Ela é uma das organizadoras do encontro de egressos do GAMA, que reúne ex-abrigados de diferentes décadas, ocasião em que trocam experiências e se confraternizam. Esses encontros parecem atuar como um mecanismo de manutenção dos vínculos entre as pessoas e o GAMA, assim como uma forma da própria instituição consolidar sua identidade e alimentar sua natureza narcísica com histórias *que deram certo*.

“Em Janeiro tem um encontro muito bom, que é o dia dos ex-internos, onde junta várias pessoas; cada ano vai aumentando ou vai diminuindo. Esse ano não foi muita gente, não; mas, foi bom. O contato que a gente teve... porque um quer saber da vida do outro, como é que tá, o que tá fazendo, quem tem filho, quem não tem. Hoje em dia, se diz que tem até mais Nelsons da casa do que filhos, né?, porque muitas meninas já têm filhos e meninos que já são pais” (JOANA).

Nessa rede de múltiplos contextos e relações, Joana continua estabelecendo metas, planos para o seu futuro. O seu investimento na vida pessoal e profissional parece representar um importante propulsor do seu processo de desenvolvimento. Para Pinheiro (2004), a capacidade de trabalhar, de amar, de ter expectativas e projeto de vida é considerada crucial para o desenvolvimento de habilidades humanas, necessárias para a superação das adversidades da vida.

“Terminar a especialização, passar num concurso público – passei no da União, mas é cadastro de reserva, tem que esperar um bocado – tentar pra prefeitura, né? Mas, terminar a especialização. E se eu arrumar um emprego bom, eu não faço mestrado, não, nem vou adiante. Mas, se não, vou tentar mestrado no final do ano. Quer dizer, de todo jeito a especialização é pra tentar o mestrado. Me matriculei no inglês, pra fazer agora; começa em março, pra fazer a prova no final do ano” JOANA.

A Rede de Significações de Joana, que envolve suas práticas e relações sociais, assim como o conjunto de sentidos e significados construído nas interações com o outro, parece ter contribuído para o desenvolvimento satisfatório da sua sociabilidade, sendo participativa nas atividades cotidianas e capaz de estabelecer vínculos e relacionamentos afetivos nos diferentes espaços sociais.

4.2.8 – A constituição de laços permanentes fora do GAMA

A trajetória de Joana pode ser caracterizada pelos vínculos afetivos, preservados desde a sua infância e outros construídos ao longo do seu percurso. Uma das vinculações permanentes na sua vida está associada a sua mãe biológica. Apesar da separação familiar no primeiro ano de vida, Maria visitava Joana, sistematicamente, além do fato de passarem as férias escolares juntas. Após a saída do GAMA, Joana foi morar próximo a sua mãe, o que parece ter fortalecido esse laço afetivo. No entanto, a separação familiar prolongada e a substituição da figura materna pela Sra. Sônia parecem implicadas na natureza do vínculo entre mãe e filha (Maria e Joana) que, apesar de permanente, não transmitia a *familiaridade* vivenciada por Joana em relação aos adultos do GAMA.

*“(...) tô morando na mesma rua dela (sua mãe, Maria), agora (...) **Tenho uma relação mais ou menos próxima com ela.** Poderia ser melhor, mas, assim, todo dia eu ligo pra ela; quando eu não ligo, ela liga. Mas, como a casa, assim, não é dela, eu não me sinto muito à vontade de viver lá, apesar de que a patroa dela é o maior xodó com a gente; mas, aí, não é a casa dela” (JOANA).*

Outro vínculo permanente, desde o nascimento, pode ser identificado entre Joana e Jaqueline (sua irmã) cuja relação fraterna era priorizada pela instituição ao garantir a convivência das irmãs nas Casas-Lares. Essa relação parecia atuar como uma referência familiar para Joana no cotidiano do GAMA, envolvendo funções de cuidado e proteção entre elas (as irmãs).

E hoje em dia, a gente (referindo-se a sua irmã) ainda é muito ligada, muito unida (JOANA).

Além dos vínculos com familiares, destaca-se a relação entre Joana e a Sra. Sônia, que parecia muito mais de natureza afetiva e familiar do que simplesmente institucional. O vínculo construído entre as duas (Joana e a Sra. Sônia) parecia norteado pelos papéis sociais de filha e mãe, respectivamente. Desde a infância, e mesmo após a saída do GAMA, Joana permanece numa relação afetiva, estável e de familiaridade com a Sra. Sônia.

*“(...) mas, mãe Sônia foi mais mãe minha do que minha mãe mesmo (...) **Todo domingo eu tô lá.** A gente vai pra igreja e quando acaba o culto a gente tem que passar na casa dela pra tomar um cafezinho; se não for, aí ela fica cobrando” (JOANA).*

A família da Sra. Sônia parece ter desempenhando um importante papel no desenvolvimento de Joana, através das relações afetivas e de convivência cotidiana, relembrando que ela, na sua primeira infância, residiu por um bom tempo na casa da Sra. Sônia. Nesse sentido, essa senhora parece ter representado a estabilidade da figura materna na vida de Joana, e Nelson, a figura paterna, representante da autoridade, dos limites, das regras, mas também do afeto. Durante a pesquisa, Joana indicou Nelson como uma pessoa de referência na sua vida, alguém que poderia falar sobre a sua trajetória, não como mero expectador, mas como figura privilegiada do seu afeto, cuidado e convivência. A estabilidade vivenciada a partir desses vínculos afetivos no contexto do GAMA parece constituir-se como importantes elementos para um desenvolvimento saudável longe da família. Como argumenta Winnicott ([1947]-2005), os abrigos pequenos devem propiciar *estabilidade* no ambiente e nas relações de cuidado, visando a um desenvolvimento satisfatório para as crianças privadas de suas famílias.

“(...) e Nelson, assim, a gente tem como um pai, mesmo. Tudo que eu ia fazer na minha vida eu sempre procurava ele pra conversar. Assim, foi uma referência tanto na educação, quanto afetiva; quando eu chego lá, final de semana, eu beijo e abraço (...)” (JOANA).

Além dos laços afetivos construídos e mantidos desde a infância de Joana, outros parecem ter sido estabelecidos ao longo da sua trajetória. A vinculação entre ela e seu marido, simbolizada pelo casamento, pode ser considerada como um elemento decisivo no processo de sua emancipação da Casa-Lar e na constituição da sua própria família, como também parece representar mais um suporte afetivo e propulsor da sua trajetória em busca do seu crescimento pessoal e profissional.

“(...) meu marido me ajudou muito; desde a época de namorados, ele sempre me incentivava a estudar, dizia que tinha que fazer uma faculdade, um mestrado, um doutorado (...)” (JOANA).

“(...) (o casamento) tá ótimo, entre mim e ele é mil maravilhas (...) A gente conversa bastante, sempre sai pra passear, sempre no meu pé pra eu terminar, pra estudar (...)” (JOANA).

Por último, mas não menos importante, as amigas, da época do GAMA, aparecem na trajetória de Joana como referências de apoio afetivo durante a convivência no abrigo. Dessas amigas, alguns vínculos permaneceram fora do Instituto GAMA, mas ainda intermediado por este. As relações de Joana com os pares, durante o período de acolhimento

institucional, pareciam de natureza familiar, cujos termos *irmãs e irmãos* apareciam naturalmente e remetiam aos modelos familiares resgatados dentro do grupo institucional.

“(...) colegas foram muitos, tanto meninos quanto meninas; eu tive uma amizade muito grande. Alguns até hoje mantêm contato; uns moram perto de mim, outros moram longe, mas sempre que reencontro digo: - ‘Olha, meu telefone é tal, pode aparecer lá em casa; a gente marca pra ir à praia, pro cinema, encontro lá no GAMA mesmo (...)’ (JOANA).

“(...) eu tenho uma amiga lá, que eu considero como uma irmã mesmo, Mariana e, hoje em dia, a gente sempre tem contato; ela sempre liga pra mim e eu ligo pra ela” (JOANA).

“(o que mais você gostava no GAMA?) Tar solta, brincando com as meninas; ter mais de uma irmã. Eu dizia: ‘eu tenho mais de uma irmã’. Jaqueline, no início, não aceitava; dizia: - ‘minha irmã é você!’ E eu dizia: - ‘Não! Todo mundo aqui é irmã’” (JOANA).

As referências afetivas permanentes na vida de Joana parecem articuladas ao contexto do GAMA, demonstrando as oportunidades geradas pela instituição para o estabelecimento de vínculos afetivos, duradouros e estáveis. Segundo Bowlby ([1970]-1997), os indivíduos são mais *felizes e habilidosos* quando dispõem de outras pessoas com as quais podem contar em qualquer situação. Essa estabilidade, proporcionada através dos vínculos e relações interpessoais, parece ter favorecido a sociabilidade de Joana na vida adulta.

Além das pessoas privilegiadas na rede de relações de Joana, a instituição-GAMA também parece ter representado uma referência de estabilidade e segurança no seu desenvolvimento psíquico e social, através da sua participação permanente na vida dela, e a possibilidade de ser revisitada sempre que desejado. Nesse sentido, a dinâmica institucional do GAMA vai ao encontro do argumento de Käes (1991) de que as instituições devem ser permanentes a fim de assegurar as funções estáveis para a vida psíquica e social dos indivíduos.

4.2.9 – Síntese dos principais *circunscritores* na trajetória de Joana

Após uma leitura interpretativa sobre a trajetória de Joana desde a infância até a vida adulta, propõe-se como principais circunscritores: os vínculos afetivos, os modelos identificatórios, as instituições e o processo de significação, envolvidos na singularidade desse percurso.

Vínculos afetivos

Na trajetória de vida de Joana, os vínculos afetivos são apreendidos desde o momento inicial de acolhimento no abrigo e mesmo após a saída da instituição. A natureza desses vínculos está associada ao afeto positivo, à estabilidade e permanência. Mas, como em todo processo dialético, o seu desenvolvimento também é permeado por experiências relacionais conflitivas e empobrecidas afetivamente com algumas laristas, relacionadas a situações de maus-tratos. Essas rupturas relacionais parecem superadas diante da continuidade dos demais vínculos no contexto do GAMA. As experiências positivas de afeto e de cuidado constituem o pano de fundo onde transcorreram as principais relações e interações interpessoais.

Em relação à família de origem, apesar da falta de convivência diária, Joana se mantinha vinculada à mãe, que estava sempre presente nos dias de visitação na Casa- Lar. Esse vínculo parecia registrado principalmente no campo simbólico, visto que, mesmo afastadas, mãe e filha pareciam compartilhar o sentimento de família.

Dentre os adultos do GAMA, há aqueles que parecem ter assumido papéis primordiais na vida de Joana, como a Sra. Sônia e Nelson, associados às figuras maternas e paternas, respectivamente, e uma vinculação afetiva permanente. Além desses papéis e funções exercidas pelos adultos do GAMA, uma relação de familiaridade é sinalizada ao resgatar representações familiares no contexto institucional, considerando os termos utilizados por ela, como *pai, mãe, irmãos, família*, ao referir-se às pessoas e ao contexto do GAMA. Esse aspecto aponta para a possibilidade de a convivência de crianças e adolescentes no abrigo não se restringir aos parâmetros formais da organização, mas ser contemplada em suas relações e afetividade, imprescindíveis a qualquer contexto.

Modelos identificatórios

Além dos vínculos afetivos, a articulação entre o GAMA e a igreja parece envolvida na formação das instâncias ideais de Joana, a partir das regras, normas e cultura desses contextos. A construção de um projeto de vida de acordo com os ideais institucionais resultou na sua inserção em atividades religiosas e seu investimento nos estudos e no casamento. No cotidiano do GAMA, ela correspondia às expectativas institucionais em relação aos estudos e à obediência às normas e regras. Esse posicionamento era reforçado pelo convívio no grupo de adolescentes do GAMA, cujo ideal coletivo parecia constituído pelos valores e cultura das instituições – GAMA e igreja – repercutindo nos comportamentos individuais. Nesse sentido,

as instituições, através de suas matrizes identificatórias e rede simbólica, tiveram um importante papel na formação das instâncias psíquicas de Joana, reguladoras dos relacionamentos interpessoais e do seu convívio social.

Instituições

Conforme apresentado anteriormente, as instituições desempenharam importantes funções psico-afetivas ao propiciarem o estabelecimento de vínculos na rede social de Joana e identificações direcionadas para atividades construtivas. Assim, a trajetória dela é marcada pela sua participação nas atividades da igreja (cultos, estudos bíblicos) e pela convivência no GAMA, principais instituições envolvidas no seu desenvolvimento psicossocial.

O GAMA aparece como contexto rico em oportunidades de crescimento pessoal e profissional ao viabilizar diversos recursos e a participação nos espaços sociais (escola, faculdade, igreja, esportes, cursos profissionalizantes etc.) no processo de socialização de Joana. A partir desses recursos, ela pôde concluir seus estudos e investir na formação profissional, inclusive com sua primeira experiência de vínculo empregatício no próprio GAMA.

Processo de significação

A partir das interações, experiências, vivências, sentimentos e relações com outras pessoas, em diferentes contextos e grupos, Joana concebia significados construtivos – permeados por sentidos ligados à familiaridade, cuidado e afeto – sobre a sua inserção no GAMA. O fato dela ter sido acolhida, ainda no primeiro ano de vida, na instituição parece ter contribuído para sua idealização sobre o GAMA, sua principal referência de contexto de convivência.

Nessa rede de múltiplas relações, interações, experiências, instituições, grupos, recursos comunitários e sociais, a trajetória de Joana é perpassada pelo compromisso com a sociedade. Nesse sentido, ela foi capaz de investir na constituição da sua própria família e numa carreira profissional, além de outras atividades socialmente aceitas. Assim, a convivência num contexto distinto da família não significou impossibilidades para o seu pleno desenvolvimento psíquico e social no GAMA.

4.3. A história de vida de *Marcelo*

“Sempre procurava em alguém como uma barra de ferro pra me sustentar”.
(MARCELO)

Marcelo, 27 anos, casado há mais de um ano, está cursando bacharelado em teologia e pretende seguir a carreira de docente. É ministro de uma igreja evangélica onde desenvolve um trabalho comunitário junto com a esposa. Marcelo foi acolhido no Instituto GAMA quando tinha um ano de idade, permanecendo na instituição até os seus 17 anos.

Marcelo narra a sua história de vida de forma contínua, seqüenciada, num certo tom melancólico, e com passagens difíceis de decepções, rebeldias, frustrações e mágoas. Ao mesmo tempo, sua história envolve o êxito nos estudos, nos cursos profissionalizantes, e um convívio social marcado por jogos de sedução e pelo carisma.

4.3.1. Rompimento com a família de origem

Marcelo fala de sua chegada ao Instituto GAMA como marco inicial da sua trajetória de vida. Com um ano de idade, Marcelo foi encaminhado ao abrigo pela sua mãe, porém as informações sobre a sua família de origem só lhe foram elucidadas no período da adolescência. Até essa idade, Marcelo desconhecia quaisquer informações sobre sua família e os motivos que geraram o afastamento do convívio familiar.

*“A minha vida ela se deu no ano de 1981 quando eu entrei no orfanato, eu já entrei com um ano de idade. Isso pra mim foi surpresa porque eu vim saber que tinha entrado com um ano de idade, treze anos depois, naquela entidade. E como toda criança, todo menino, **procurei saber um pouco da minha história**, como é que eu fui parar lá, até porque **até os meus treze anos de idade eu não conhecia família nenhuma**, quem me colocou lá e ninguém”* (MARCELO).

*“(...) eu sempre cresci com um sonho e esse sonho era sempre guardado comigo e o primeiro deles era **conhecer minha família**”* (MARCELO).

As informações sobre a família de origem de Marcelo são resgatadas de forma sucinta e superficial, em consequência da falta de contato com os familiares e do falecimento de seus pais pouco tempo depois de conhecê-los já aos 13 anos de idade. Diante dessa separação

prolongada entre Marcelo e os pais, os dados obtidos sobre o período (um ano) anterior ao abrigo, de convívio com a mãe, foram bastante restritos. Marcelo referiu-se ao fato da sua mãe ser solteira na ocasião da sua gestação, sendo pressionada pela família e por uma igreja evangélica (de denominação distinta da igreja do GAMA) para entregar-lhe a um abrigo. A família materna de Marcelo tinha um status privilegiado na igreja, sendo intolerável nesse contexto uma gravidez fora de uma relação conjugal.

“E ela tinha algo assim que me deixava muito enfurecido é que ela era da ‘congregacional’⁵⁰. Uma denominação que hoje eu tenho assim um certo rancor, a forma que essa religião trata as pessoas. E ela dizia muito que não ia me visitar por conta dos trabalhos na igreja, senão o pastor ia disciplinar, aquela coisa toda. E isso me deixou muito enfurecido até hoje com a ‘congregacional’, a forma como ela trata os seres humanos” (MARCELO).

Após o nascimento, Marcelo foi cuidado por sua mãe que lhe escondia em casa, e inclusive de boa parte da família. A solução apontada pelo pastor da igreja, e aceita posteriormente pela mãe de Marcelo, foi de entregar-lhe num *orfanato* a fim de *abafar a situação, o problema* (sic). Esse posicionamento da mãe em relação a Marcelo parece mais associado às exigências e restrições impostas pela religião do que ao desejo de romper o vínculo com o filho.

“A minha mãe fazia parte da igreja e engravidou sem estar casada e isso na lei da igreja é errado e a minha família era uma família de influência dentro da igreja. Então o que fazer? Como esconder esse erro chamado Marcelo? A única forma foi, vamos esconder ele no internato, quando ele criar, tiver mais ou menos uma certa idade, ele aparece e de um modo ele continua a vida dele” (MARCELO).

Apesar das poucas informações sobre os primeiros meses de vida de Marcelo, algumas idéias foram inferidas sobre essa situação. É sabido, através do discurso do diretor do GAMA, que Marcelo chegou no abrigo após um ano de convivência com a mãe sem indicativos de maus-tratos, negligência ou qualquer tipo de violência doméstica. Nesse sentido, considera-se pertinente a seguinte questão: o que mobilizou essa mãe a permanecer com Marcelo por doze meses, mesmo com toda cobrança da igreja e de familiares para que fossem separados e da sua própria concordância com essa alternativa? Uma leitura possível sobre essa questão pode ser articulada à *preocupação materna primária*, teorizada por Winnicott (2007), que se refere à intensa identificação entre mãe e bebê desde a gestação até os primeiros meses de vida. Essa identificação capacita a mãe a identificar todas as necessidades do bebê no seu estágio inicial de desenvolvimento. Nesse processo, a sincronia entre a mãe e a criança constitui a função

⁵⁰ Nome fictício da igreja em questão.

materna do *holding* que possui uma dimensão prioritariamente física, relacionada aos cuidados e sustentação do bebê. A interpretação proposta é de que o estado de identificação entre mãe e filho teria se estabelecido durante os primeiros meses de vida de Marcelo, e, portanto, a função materna do *holding* possivelmente teria sido exercida na relação inicial com sua mãe.

Ainda da infância, a *preocupação materna primária*, gerada durante a experiência de gestação, favoreceria a maturação e constituição do *self* do bebê a partir da relação e funções maternas. Essa concepção dá suporte à hipótese de que o período anterior ao abrigo na vida de Marcelo teria sido satisfatório no atendimento às suas necessidades físicas e emocionais.

No período final da gestação até os primeiros meses de vida, denominado por Winnicott (2007) de *dependência absoluta*, o desenvolvimento infantil transcorre rumo ao amadurecimento através do potencial herdado pelo bebê e dos cuidados propiciados pelos pais, especialmente pela mãe diante das suas funções já abordadas. Considerando a permanência de Marcelo com a mãe nesse período, as motivações para a separação familiar de ordem religiosa e a ausência de histórico de qualquer situação de negligência, Marcelo possivelmente vivenciou uma relação de identificação e dependência com a mãe. A existência de uma figura materna atenta às necessidades de Marcelo no início do seu desenvolvimento parece ter contribuído para o seu percurso posterior no contexto do GAMA, pois segundo Winnicott ([1947]-2005b) as experiências saudáveis no início da vida deverão ser resgatadas nas relações com adultos no abrigo.

“(...) eu comecei a criar pais e mães fictícios, mãe de colegas meus que eu passava a chamar de tia, de mãe, tal pra suprir essa necessidade” (MARCELO).

Na ocasião da separação familiar, Marcelo foi acolhido no GAMA juntamente com duas primas, que também estavam sob os cuidados de sua mãe. A convivência entre Marcelo e as primas, consideradas por ele como irmãs, durou até seus cinco anos de idade. As primas para Marcelo representavam uma importante referência familiar e suporte afetivo diante da ausência dos seus pais.

“Outra imagem que eu lembro é do dia em que minhas irmãs que não eram irmãs, mas eram primas foram tiradas de mim, lá do orfanato. Foi colocado eu e duas irmãs que eram primas (...) Mas aí elas eram minha família ali. Eu lembro o dia em que a mãe verdadeira delas veio e sem ninguém saber levou as duas para São Paulo. E eu lembro do rosto assim das duas, assim bem longe. E foi um momento difícil porque eram pessoas

que hoje eu teria referência. Eu convivi com elas desde o meu um ano de idade até meus cinco, seis anos” (MARCELO).

A convivência com as primas parecia significar um elo simbólico entre Marcelo e sua família de origem, assim como uma base de segurança para o seu desenvolvimento emocional.

Após cinco anos de convívio entre Marcelo e as primas, a sua tia retornou para buscá-las, enquanto ele permaneceu abrigado sem quaisquer contatos ou informações sobre a sua mãe. Essa situação parece configurar mais um período crítico de tensão e sofrimento para Marcelo.

A separação entre Marcelo e sua família de origem parece associada a um difícil processo de construção/manutenção/abandono de sentidos e representações sobre a instituição-família. Na narrativa de Marcelo, as experiências de separação familiar e acolhimento na Casa-Lar parecem envolvidas com perdas e conflitos, potencializados talvez pela sua condição diferenciada das outras crianças do GAMA que permaneciam em contato com os familiares.

“(...) a maioria dos meninos tinha pai e mãe que não tinham condições de cuidar deles durante a semana e colocavam eles lá. E eu era um dos meninos que me via nessa condição de órfão por mais que eu tivesse pai e mãe, mas não eram conhecidos. E isso pra mim começou a ficar bastante difícil por conta de que eu via as pessoas com seus pais e suas mães mesmo que uma vez por mês, mas eles tinham (...)” (MARCELO).

“(...) os momentos ruins são mais voltados à família, a falta da figura da mãe e do pai indo visitar a criança naquele orfanato. (...) mas quando via ali no portão todo mundo sentado, ali esperando a mãe e todo mundo se levantava pra abraçar a mãe (MARCELO)”.

A ausência de vínculos com a família de origem significava para Marcelo uma contradição com seu contexto cultural no qual a família representava o lugar ideal para toda criança e adolescente. Apesar da convivência de Marcelo numa instituição que lida com rupturas no convívio familiar, a valorização da família aparece como significado privilegiado nos ideais do abrigo, reforçados também pela igreja, cujos princípios religiosos consideram a família como uma instituição sagrada e fundamental na vida cristã. Assim, os valores, a cultura e as práticas sociais envolvidas nesses contextos – GAMA e igreja – pareciam repercutir no processo de significação de Marcelo sobre a família.

“A instituição trabalha tentando conscientizar que o melhor lugar é na família, se a família não está com a criança ou adolescente é porque algo de muito grave deve ter acontecido, em que houve a violação dos direitos, ou a

violação foi do Estado que não deu condições da própria família sustentar seus filhos, ou a questão é da própria família que não se estruturou, o filho veio num momento não desejado, pela desigualdade social desse país” (DIRETOR).

Para Amorim & Rossetti-Ferreira (2004), o conjunto de elementos culturais, sociais, políticos e econômicos, denominado de matriz sócio-histórica, interfere de forma concreta nas situações, nos posicionamentos das pessoas e na delimitação dos limites e possibilidades no desenvolvimento humano. Assim, a falta de referências na família de origem, o contexto cultural e a situação diferenciada em relação às outras crianças pareciam repercutir nos comportamentos de Marcelo, muitas vezes caracterizados pela fuga das situações, isolamento e projeção das figuras familiares em diversos adultos no contexto do GAMA, durante a sua infância e adolescência.

*“(...) lembro também de momentos mais marcantes era na época de férias mesmo, eu sempre ficava lá no GAMA, não saía para os lugares, **na hora que as mães chegavam pra buscar os filhos eu sempre procurava uma árvore para ficar em cima**, ficava o dia todo pensando assim: **eu vou esquecer de mim ou então fazer que as pessoas me esqueçam pelo menos nesse dia, foram momentos ruins” (MARCELO).***

A partir desses conflitos, ressalta-se a complexidade do desenvolvimento humano que não se restringe às limitações e dificuldades, mas coexiste com as possibilidades e a imprevisibilidade nas trajetórias de vida. Nesse sentido, a situação de privação familiar para Marcelo repercutia em certas dificuldades na sua trajetória, porém sem inviabilizar sua capacidade de superação e investimento nas relações afetivas e práticas sociais construtivas no contexto do abrigo e depois na sua vida adulta.

4.3.2. Primeiros vínculos afetivos

Após a separação da mãe, Marcelo é acolhido em uma das Casas-Lares do GAMA sob os cuidados de uma larista com quem conviveu até seus cinco anos de idade na companhia de outras crianças. Marcelo relembra com dificuldades esse período da primeira infância, mas com riqueza de detalhes uma situação traumática vivenciada com sua primeira larista.

*“A **única coisa que eu lembro assim de um castigo que eu nunca mais esqueço foi de uma larista que me deu uma pisa de fio**. Eu tinha cerca de cinco anos de idade, porque eu tinha feito cocô na calça, e aí ela me fez apanhar de fio e até me obrigou a comer as minhas fezes e naquele momento*

chegou alguém da direção e pegou aquela cena, e foi que me tirou de lá, ela foi expulsa, essa foi a única referência que eu tive assim de maus tratos mesmo comigo (...)" (MARCELO).

"(...) eu me lembro da saída dela (larista) da entidade por conta da surra que ela tinha me dado (...) e lembro de muitas marcas no corpo e o pessoal olhando e foi na época que Nelson foi lá e me tiraram de lá pra outra casa da instituição e isso aí foi o ponto forte pra tirar essa pessoa da entidade. Eu lembro dessa história, lembro o dia que ela saiu e a gente tava na igreja e saiu todo mundo do culto, foi aquela vaia enorme pra ela. Ela tinha alguns filhos que faziam muita maldade, jogavam os traques de massa na gente (...)" (MARCELO).

O vínculo perpassado pela violência e sentimentos de desamor entre a larista e Marcelo sinaliza uma relação instável no contexto do GAMA. Conforme explica Carvalho (2005), os vínculos podem ser compostos tanto pelo afeto positivo como negativo. Nesse sentido, o vínculo estabelecido entre Marcelo e sua primeira larista parece constituído por afeto negativo, visto as situações de violência associadas a essa relação e às lembranças de sua infância.

A instabilidade na figura materna parecia amenizada pela referência de uma figura paterna estável simbolizada pela presença do diretor do GAMA, que na narrativa de Marcelo aparece como uma referência de proteção, afeto, limites. Como expôs Marcelo na citação anterior, foi o diretor que interveio na sua relação com a larista, interditando suas vivências de violência e maus-tratos, e preservando sua integridade física e psíquica.

"Nelson, figura central no GAMA, que é a referência de pai para a gente (...)" (MARCELO).

Nesse contexto, a relação de Marcelo com outras crianças, com destaque para as primas, até então em sua companhia, parecia favorecer a tolerância às falhas do cuidado dos adultos, como argumenta Alysson Carvalho (2002). O cuidado auxiliar propiciado por outras crianças, principalmente as mais velhas, em relação a Marcelo configurava um importante suporte emocional.

Após a separação das primas e da sua primeira larista, Marcelo conheceu Nice, sua segunda larista, com quem conviveu dos seis aos 17 anos. Diferentemente da experiência anterior de Marcelo, a relação com Nice parecia contemplar uma empatia, afeto e cuidados. Segundo Winnicott (2005a) é preciso um estado de devoção e empatia da mãe com a criança a fim de suprir suas necessidades visando ao desenvolvimento emocional satisfatório. Nesse sentido, Nice parecia retomar a relação de cuidados vivenciada entre Marcelo e sua mãe antes do abrigamento, favorecendo a continuidade do seu desenvolvimento sem maiores

dificuldades. Afinal, como propõe Lewis (1999), considera-se que os cuidados indispensáveis à criança podem ser garantidos por um adulto diferente da mãe.

*“(...) e lá no GAMA eu tive uma larista, que é a pessoa que toma conta das crianças, com seis anos de idade eu fui morar com ela, **aí eu vi nela o papel de mãe**. Ela chegou nova lá também pra trabalhar e aí ela percebeu em mim também que eu era alguém muito só e **ela começou a fazer esse papel de mãe**” (MARCELO).*

A relação entre Marcelo e Nice era permeada por uma estabilidade afetiva e sentimentos de filiação. Ao desempenhar a função de larista, Nice parecia disponibilizar-se também para atender as necessidades físicas e psíquicas de Marcelo, por meio de uma vinculação afetiva, de cuidado e sentimento de familiaridade.

*“(...) ela era larista de 13 meninos, agora eu sentia que **no que ela poderia me dar mais ela me dava**. Então ela era sempre algo a mais pra mim em alguns momentos. Sempre foi uma figura importante pra mim **porque eu percebia que nos momentos que eu mais precisava, ela tava ali**” (MARCELO).*

*“**Ele pra mim foi um filho especial**, não querendo desfazer dos outros que eu gostava e continuo gostando, mas ele é um amor especial, quando eu vejo ele eu tenho como um sobrinho meu (...) **É como uma família minha, é como um filho eu vejo ele**” (NICE).*

O posicionamento de Nice de forma participativa na educação e conquistas pessoais de Marcelo implicava na sua responsabilidade de prepará-lo para a vida adulta. Nessa convivência é possível identificar situações cotidianas encontradas nas famílias, como cobranças do desempenho na escola, incentivo às habilidades e formação profissional.

“Uma vez o professor dele mandou me chamar porque ele e outro menino da casa 1 na hora da matéria de matemática estava jogando bola no campo. Aí quando eu cheguei em casa eu comecei a reclamar com ele e nem precisou eu bater nele e ele começou a chorar” (NICE).

“Lembro que ela foi uma vez pro Rio de Janeiro e levou um pianozinho de música e eu aprendi, hoje eu tenho uma facilidade para aprender música e tocar instrumento” (MARCELO).

“(...) essa pessoa (Nice) também me deu de tudo, não materialmente, mas eu era sempre a pessoa que ela sempre dava uma tarefa que eu mostrasse assim que eu poderia fazer aquilo. Com 12 anos de idade eu cozinhava pros meninos, eu dividia a feira” (MARCELO).

A possibilidade de Marcelo recorrer ao apoio de Nice em qualquer momento ou situação parecia propiciar-lhe uma referência de segurança. Segundo Bowlby (1997), dispor de uma figura de ligação consiste numa condição importante para assegurar à criança uma base segura necessária ao desenvolvimento de suas habilidades pessoais e sociais. Essa figura de ligação parecia exercida por Nice, favorecendo o investimento de Marcelo nos diferentes relacionamentos, atividades e contextos na sua trajetória.

As particularidades da convivência entre Nice e Marcelo pareciam passíveis de uma comparação com a vida familiar, pautada no compromisso mútuo e duradouro entre os seus integrantes. Nesse sentido, a concepção de Bowlby (1997) sobre a família, como contexto primordial para a saúde psíquica do sujeito, refere-se a uma rede social de *acolhimento e relacionamentos com adultos e crianças*. Dessa forma, foi possível considerar que Marcelo no contexto do abrigo não estava privado dessa rede social, pois usufruía de um acolhimento afetivo por Nice na Casa-Lar (e outros adultos) e de relações fraternas com crianças em sua companhia no cotidiano do GAMA.

Os períodos de férias são narrados por Marcelo como os momentos mais difíceis de sua infância, pois a maioria das crianças ficava na companhia de familiares, enquanto ele permanecia no abrigo com colegas na mesma condição da falta de vínculos com a família de origem. Algumas vezes essas experiências eram amenizadas diante do suporte oferecido por Nice ao levá-lo consigo para sua residência durante as férias escolares.

*“Ele ia passar comigo as férias, eu acredito que **ele também se sentia minha família**, ele convivia com meus sobrinhos de sangue. (...) E me lembro que Marcelo dormia comigo na mesma cama, quando eu levava ele de férias. Tinha a cama da minha mãe e ele dormia comigo. Uma vez ele tava pregando e dizendo que **eu era a mãe dele**” (NICE).*

*“Ela sempre me levava de férias em janeiro para a casa da mãe dela e hoje o pessoal **me tem como da família**, os sobrinhos dela, a irmã dela. No meu casamento eu a convivei para entrar fazendo o **papel da minha mãe**, e tantos outros momentos” (MARCELO).*

Assim, Marcelo e Nice interagiam numa relação de familiaridade, baseada na estabilidade afetiva, tornando o ambiente da Casa-Lar favorável ao desenvolvimento psicossocial. Como propõe Winnicott ([1947]-2005b), os abrigos devem garantir estabilidade ambiental e cuidados individuais, de forma contínua.

*“Então eu tive um laço muito forte com ela, até hoje tenho, ela foi quem foi convidada pra entrar no meu casamento como minha mãe e essa é **uma das pessoas que é mais forte assim no meu pensamento**” (MARCELO).*

4.3.3. Relação com adultos e crianças

A instabilidade nas primeiras relações com as figuras maternas parecia implicada na formação da personalidade de Marcelo no que se refere ao seu carisma e jogos de sedução nas relações interpessoais, como possível mecanismo de superação da carência afetiva nos primeiros anos de vida.

*“Eu era um menino muito querido desde criança (...) **Eu procurei ser amável demais com as pessoas porque eu achava que sendo amável demais eu ia suprir um pouco essa questão de já não ter família** (...) Até porque eu me sentia assim muito carente, eu me aproximava das pessoas pra que as pessoas também se aproximassem de mim” (MARCELO).*

Como apontado anteriormente, Marcelo parecia assistido em suas necessidades físicas desde o nascimento, pois sempre dispôs de um adulto exercendo a função do cuidado (em diferentes níveis de qualidade). Porém, no âmbito psicoafetivo, as separações e rompimentos de laços emocionais repercutiam em certa instabilidade afetiva nos seus primeiros anos de vida. Essas vivências pareciam associadas à carência de Marcelo por reconhecimento pessoal e afeto em suas relações interpessoais, cuja superação aparece através de sua atitude carismática e sedutora no convívio social.

“Marcelo foi prefeito na entidade e se ele quisesse ter seguido carreira tenho certeza que ele teria sucesso, porque só de garotas interessadas em namorá-lo daria pra ele encher todos os bancos da igreja, com o charme, com o jeito de falar, com a expressão que tem” (PAULO).

Essas características individuais de Marcelo pareciam favorecer os seus relacionamentos com outros adultos e crianças nos diferentes contextos (GAMA, igreja, escola comunidade). As relações com adultos desempenhavam importantes funções na formação do *eu* durante a infância. Através das práticas educativas dos adultos, os valores, as regras e a cultura são transmitidos à criança, auxiliando-a no processo de mediação dos conflitos psíquicos. De acordo com Freud ([1940]-1976), a influência na formação infantil decorre não apenas dos pais, mas de outros adultos substitutos, como: professores, referências na vida pública. Nesse caso, a participação de Marcelo nos espaços comunitários e, portanto, o convívio com diferentes adultos parecia implicado no seu desenvolvimento psíquico.

*“(...) eu lembro que desde os meus seis anos sempre me destaquei muito nas atividades, **tanto na igreja como na escola**, de ler, de passar de série, então eu ganhava prêmios por conta disso. Isso me ajudou muito na formação do caráter e gostei também porque foi nessa idade que eu comecei a formar*

uma opinião a respeito do que eu queria pra mim como pessoa” (MARCELO).

“O que ajudou (na formação de Marcelo) eu acho que foi primeiro o exemplo do diretor, (Nelson) ele é um exemplo, é um homem respeitador, de modo geral mãe Sônia que também é um exemplo de pessoa” (NICE).

Nesse complexo campo de interações, outra referência importante na trajetória de Marcelo refere-se a Sra. Sônia - a mãe do diretor - uma figura central no GAMA pelo afeto e cuidado com as crianças, e que por residir dentro da propriedade do abrigo, tornava-se mais próxima e presente no cotidiano das crianças. Na narrativa dos participantes dessa pesquisa, inclusive o diretor da Casa-Lar, a Sra. Sônia representava a *maezona* do GAMA, solicitada pelas crianças em relação ao afeto e companhia no cotidiano da instituição.

Outro elemento importante no contexto de Marcelo referia-se às relações com os familiares das outras crianças, que lhe permitia a aquisição de diferentes papéis sociais como os de filho, de sobrinho, construindo/desconstruindo sentidos relacionados à instituição e à vida familiar. Apesar de Marcelo considerar-se em condição distinta dos seus colegas por não dispor de referências na família de origem, parecia capaz de resgatar relações parentais por meio dos adultos do GAMA e parentes dos seus colegas.

“E daí eu comecei a criar pais e mães fictícios, mãe de colegas meus que eu passava a chamar de tia, de mãe, pra suprir essa necessidade. E foi uma das épocas bastante difíceis pra mim porque eu queria assim um referencial onde eu via que eles tinham um referencial também dos pais, das mães, dos irmãos que ficaram aqui no Recife, mas vinham visitá-los (...)” (MARCELO).

“E numa dessas férias eu sempre pedia aos meninos pra ir pra casa deles com os pais e tinham alguns pais que não tinham condições de levar os próprios filhos, mas às vezes me levava. Criei muito vínculo de amizade com familiares, até hoje eu tenho pessoas que me tem como um parente da família como passei férias lá. Isso pra mim também é muito marcante” (MARCELO).

Winnicott (2005b) explica que quando a criança não possui uma referência familiar tenderá a buscar essas referências em outros espaços e relações. No caso de Marcelo, a ausência da família de origem parecia mobilizá-lo para a aquisição de novas referências no GAMA, com os adultos da instituição ou familiares de outras crianças da Casa-Lar. Nesse sentido, Marcelo geralmente era correspondido pelos adultos que o levavam para passar as férias em suas residências, presenteavam-lhe, estabelecendo relações de familiaridade e afeto.

“E aí eu achava engraçado porque eu pegava os familiares daqueles meninos e eu fazia com que eles gostassem de mim, olhassem pra mim” (MARCELO).

“A mãe de Fábio (uma das crianças do GAMA) levava muita comida pra ele, aí com o tempo a gente pegou muita amizade, a mãe dele inclusive, eu ficava chamando ela de tia e aí ela sempre levava pra mim e pra ele” (MARCELO).

As relações de Marcelo com os adultos eram complementadas pelos vínculos afetivos com outras crianças que residiam na sua companhia na Casa-Lar do GAMA. Essas relações pareciam oferecer para Marcelo um suporte afetivo e de cuidado, desempenhando uma importante função no seu desenvolvimento psíquico e social. Na década de 1980, período relacionado à infância de Marcelo, o GAMA acolhia em média 100 crianças/adolescentes das mais variadas idades, o que propiciava um contexto complexo de relações e interações sociais. Como aponta Alysson Carvalho (2002), a relação de uma criança com seus pares possui uma função complementar à relação com adultos e de suporte à carência afetiva no desenvolvimento psicossocial. Dessa forma, a convivência intensa de Marcelo com outras crianças residentes na mesma Casa-Lar e em outras casas da instituição favorecia a construção de laços de fraternidade permeados por afeto, cuidado e cumplicidade, atenuando possíveis falhas de cuidado dos adultos.

“Teve um menino, Fábio o nome dele, ele mora lá em Ipojuca, e ele foi criado comigo desde pequeno, pra mim foi meu melhor amigo do orfanato” (MARCELO).

“Outra coisa boa da minha infância é que eu fico sabendo das pessoas que cuidaram de mim, as meninas já... Joana (uma das participantes da pesquisa) foi uma que me pegava nos braços, ela cuidou de mim e hoje ela conta pra minha esposa o que eu fazia na hora de comer, dizia que eu era um menino assim. E eu acho isso muito bom porque hoje eu tenho como irmãs, como amigas que cuidaram de mim e de certa forma eu fico sabendo um pouco da minha história, da minha vida” (MARCELO).

Nessas relações entre as crianças e os adolescentes, os momentos livres para brincadeiras aparecem como circunscritores importantes na infância de Marcelo, por propiciarem um campo de interações sociais e de desenvolvimento da sociabilidade. De acordo com Carvalho, Hamburger & Pedrosa (1996) durante as brincadeiras atuam processos de regulação e auto-regulação de comportamentos entre as crianças, situando-se como um importante instrumento de sociabilidade.

“E tiveram muitos momentos de brincadeiras, a gente brincava muito, jogava bola... Mas eram esses momentos, a gente sabia a alegria de jogar um dominó, jogar boliche (...)” (MARCELO).

*“A gente vivia ali não se preocupava com nada, era estudar, **brincar**, ir pra igreja e a gente achava que ali era um pedaço do Céu mesmo” (MARCELO).*

Ao contrário de outros contextos (como a rua), os abrigos geralmente proporcionam momentos para a brincadeira livre, e conseqüentemente, estímulos e possibilidades ao desenvolvimento social da criança. No entanto, considerando o caráter dialético do processo de desenvolvimento, é preciso compreender a infância de Marcelo a partir de vivências de integração e sociabilidade, assim como de oposição, transgressão e isolamento do grupo. A instabilidade no comportamento de Marcelo em determinados momentos da infância parecia expressar seus sentimentos de insegurança e atitude contestadora diante da ausência da família de origem.

“Eu tava bom cozinhando, ajudava, mas tinha momentos que eu fechava a cara, queria estar só, sumia, não queria falar com ninguém. Então a minha infância nesses momentos era mais isso, se eu cantava não queria cantar. Eu lembro que quando eu queria ser bom no que eu fazia eu era, e quando eu queria ser ruim, péssimo eu era” (MARCELO).

“E existiam muitos momentos de depressão quando eu via que eles faziam algo pra cobrir outra coisa, por exemplo, janeiro e dezembro eram os meses que eu mais ficava depressivo, quando a gente não tinha pra onde ir de férias e ficava lá dentro da entidade, juntava todos os meninos dentro de uma casa só. Então a gente olhava um pro outro e dizia tu tá aqui porque não tem pra onde ir e vice-versa” (MARCELO).

A experiência de convivência na Casa-Lar para Marcelo, ainda criança, parecia perpassada pela constante confrontação com a falta, com o desconhecimento sobre suas origens. Ao omitir ou negar informações sobre a família de Marcelo, o GAMA parece ter falhado na sua função imaginária de protegê-lo contra a “(...) possibilidade de abalamento de sua identidade, dos seus temores de desmoronamento e da angústia de fragmentação despertada” (ENRIQUEZ, 1991, p.79). Essa angústia foi apreendida na sua narrativa sobre a trajetória de vida, repercutindo em certas dificuldades na formação identitária, como insegurança e momentos de desmotivação e melancolia.

Na trajetória de Marcelo, esse parece projetar na instituição os seus apelos afetivos, o desejo por um amor incondicional. Diante dessa demanda, como coloca Enriquez (1991), a instituição se coloca no lugar de uma instância poderosa, divina, provedora, mas que também receia diante das pulsões destrutivas e amorosas incontrolláveis projetadas sobre si. Assim, no

contexto desse vínculo institucional, o GAMA parece assumir o lugar da provisão, da completude, mas também da falta, da ilusão.

*“Até porque o GAMA hoje ele **não retrata o que é o mundo**, nem hoje nem antes. A gente vivia ali não se preocupava com nada, nada, nada, era estudar, brincar, ir pra igreja e a gente achava que ali **era um pedaço do Céu mesmo**” (MARCELO).*

Nessa relação dialética entre Marcelo e o Instituto GAMA, a instituição parecia não assegurar um espaço permanente para a escuta, o questionamento e o resgate da história dos sujeitos, apontados por Holvet (1993 *Apud* ALTOÉ, 2004) e Arpini (2003) como um diferencial nos abrigos a fim de minimizar os efeitos da institucionalização. O quantitativo elevado de crianças e adolescentes atendidos pelo Instituto GAMA, a multiplicidade de tarefas desempenhadas pelos adultos dentre outros fatores permitiam escapar um olhar singular constante aos abrigados.

*“Domingo passado eu preguei um sermão na igreja a respeito de valores familiares, que **eu queria muito na minha infância contar as minhas crises com alguém, mesmo que esse alguém não pudesse fazer nada**. E a figura da pessoa era Nelson, era a larista que tomava conta, mas eles não tinham tempo pra isso, tinha muitos meninos, tinha muita gente, tinha muitas cabeças. A pessoa que eu dedico a minha sincera gratidão pelo que ela fez, era minha larista, ela que conviveu com meus momentos” (MARCELO).*

Os momentos de melancolia, instabilidade comportamental e a baixa auto-estima pareciam superados por Marcelo através do vínculo com Nice. Nesse aspecto, o papel desempenhado por Nice não substituíria propriamente a relação primeira de Marcelo com a mãe, mas permitia a continuidade dos cuidados e afeto necessários ao seu desenvolvimento bio-psicossocial.

“A minha larista mesmo era muito boa, me ajudava e eu oscilava esses momentos” (Marcelo).

4.3.4. Os modelos identificatórios na adolescência

Uma questão particular na infância preservada também na adolescência de Marcelo refere-se a sua busca pela referência na família de origem, até então, totalmente desconhecida. Na adolescência, dentre as características mais comuns, Osório (1989) identifica a *procura de pautas de identificação no grupo de iguais*, que pode ser associado ao comportamento de

Marcelo no GAMA diante dos demais adolescentes que apesar de afastados da família, mantinham contatos esporádicos ou ao menos detinham informações sobre suas origens familiares. Ao contrário dos seus colegas, Marcelo era informado pela direção do GAMA que não possuía quaisquer informações sobre seus familiares. Até o dia em que *o imprevisível* surpreende Marcelo, redirecionando sua trajetória de vida.

“E aí com treze anos de idade, eu varrendo a secretaria eu encontrei um papel no chão. E nesse papel continha o meu registro, até porque nem na própria secretaria eu encontrei o meu registro. Eu encontrei nesse papel que tinha o nome da minha mãe, o bairro que ela morava, o ano que eu entrei no abrigo e aí eu peguei esse papel, levei pra casa (Casa-Lar do GAMA) e não falei pra ninguém” (MARCELO).

A história de Marcelo aponta para a importância da *ocorrência de eventos acidentais* como um dos fatores intervenientes no processo de desenvolvimento, como argumenta Lewis (1999). Esse seria um dos diferenciais entre as abordagens contextuais e deterministas/causais, sendo priorizado nessa pesquisa a concepção de que sempre haverá a possibilidade do surgimento do novo, do acaso e do imprevisível no estudo dos fenômenos humanos. Nesse caso, o imprevisível não correspondia apenas ao encontro de Marcelo com determinadas informações, mas à mudança de uma trajetória que parecia restrita a uma ausência total de referências familiares e que, num determinado momento, direciona-se para a aproximação entre Marcelo e sua família de origem. Esse reencontro familiar gerou importantes ressignificações e experiências no seu percurso na adolescência.

A partir das informações obtidas sobre o endereço de sua mãe, Marcelo pediu ajuda a um colega, Felipe, para juntos localizá-lo. Assim, aos 13 anos de idade, Marcelo finalmente reencontra a sua mãe.

“(...) até hoje eu lembro da figura dela sentada no terraço, casa velha, caindo e aí ele (Felipe) perguntou assim, o nome dela era Zilma, disse: - Dona Zilma, sabe quem é esse? Ela olhou, ela disse: - sei, esse é Marcelo. E eu olhei pra ela... E assim ela não teve reação nenhuma, sabe? Eu também não tinha porque eu não sabia nem como chamá-la. É que a gente não foi criado pra chamar ninguém de mãe (emociona-se), e ela não se levantou pra dar um abraço, ficou aquele silêncio no ar, Felipe tentando apaziguar aquele momento. E quando a gente pôde conversar, uma palavra que ela disse que ficou marcada é que ela sabia que um dia eu iria sair do orfanato pra sustentar ela. E ali eu me vi como apenas um produto de alguém que colocou no mundo e disse assim: - quando ele sair, ele tá pronto pra trabalhar pra mim. E aquilo me doeu porque eu tinha outra idéia de mãe. E a partir daquele momento... Assim eu enterrei aquele sonho de conhecer minha mãe, pra mim ela não foi mãe. Comecei a canalizar a minha idéia de mãe no orfanato. Mãe é aquilo ali, é essa larista (Nice) que me criou, eu coloquei ela como minha mãe” (MARCELO).

As idealizações sobre a mãe parecia desfazerem-se rapidamente, e a possibilidade de convivência com sua família de origem ficava cada vez mais distante e ilusória. Marcelo manteve contato ainda por dois anos com a mãe quando esta veio a falecer por problemas cardíacos. No entanto, a aproximação com parte da sua história parece ter-lhe ajudado a fortalecer suas relações afetivas dentro do GAMA, pois diante do fato da sua família não ter correspondido as suas representações, novos sentidos foram produzidos sobre a vida familiar. Quanto ao seu pai, o encontro foi mais afetivo, porém igualmente fugaz.

“(...) a história do meu pai foi interessante porque passei três dias trabalhando pra ele sem ele saber quem eu era, eu sabia quem ele era. Um tio meu me apresentou a ele e eu disse:- não diz quem eu sou agora não. Cheguei lá pedindo trabalho, ele tinha uma oficina, ganhava muito dinheiro, eu comecei a conversar com ele, puxar assunto e ele não entendia aqueles assuntos. Descobri que ele tinha dinheiro, muito dinheiro, eu ali com 15 anos de idade, eu queria era alguém que me sustentasse mesmo, realizasse meus sonhos. E quando foi no terceiro dia, eu não agüentei mais e fiz uma pergunta a ele, eu disse: - você tem algum filho chamado Marcelo? Ele olhou pra mim, as lágrimas deles começaram a correr e ele sabia que eu era o filho dele. E nosso encontro foi mais diferente do que com minha mãe, ele me deu um abraço, falou pra mim que ele foi privado também de me conhecer, queria ter me conhecido, queria ter cuidado de mim. E aí nós passamos apenas um dia juntos” (MARCELO).

Essa é uma passagem difícil na vida de Marcelo que após uma longa espera percebeu que sua família consanguínea não correspondia às suas expectativas afetivas, materiais e ideológicas. Provavelmente muitas fantasias e idealizações construídas sobre os pais, desde a sua infância, foram frustradas. Ainda assim, foi possível a aproximação de Marcelo com a família paterna - avó, tios/tias e primos/primas - que alegava ter sido privada da convivência com o mesmo. No entanto, a possibilidade de estabelecerem uma relação afetiva parecia perpassada por questões de preconceito e discriminação social, resultando em mais uma experiência de rejeição pelos familiares.

“Essa outra parte da família lamenta por não ter me conhecido e de certa forma hoje eu sou um pouco afastado deles porque criou um enfoque: o menino vindo de um orfanato, pra uma família assim de classe média, com costumes, com alguns comportamentos que pra eles não eram aceitos. Nós começamos a perceber isso, que não seria ali também o nosso ponto de partida pra vencer na vida. E aí eu percebi que eles mentiam pra mim pra eu não ir pra lá pra casa deles. É como se: - oh, tu crescesse e o tempo passou, acho que não tem espaço” (MARCELO).

A decepção com a família de origem promovia em Marcelo uma ressignificação sobre os papéis de mãe, pai, família, dissociando-os dos parâmetros da consangüinidade. Marcelo então percebeu que as funções familiares haviam sido exercidas pelas pessoas do GAMA, por meio do cuidado e afeto na ausência de seus familiares.

*“E no início eu fiquei um pouco assim sem saber o porquê que eu apenas conheci eles e eles faleceram. E hoje eu entendo que foi **pra que eu criasse um conceito do que é pai e mãe de verdade**” (MARCELO).*

“Eu não criei um sentimento de raiva, de rancor não, eu apenas comecei a criar outro conceito do que é ser mãe, mudar de conceito, de que mãe não é aquela que coloca no mundo, é aquela que cria realmente” (MARCELO).

Esse período de reaproximação de Marcelo com a família de origem repercutia na sua relação com o GAMA, pois contou com muita mágoa e rancor sobre a retenção das informações sobre seus familiares pela instituição. Nesse movimento de reencontro com a família de origem, Marcelo descobriu que uma pessoa influente no GAMA tinha contatos freqüentes com a sua família materna, mas sempre omitiu informações a esse respeito. Tal omissão aponta para o desejo originário da instituição em constituir-se como uma família para as crianças acolhidas, remontando ao posicionamento do fundador da Casa-Lar que resistia à (re) inserção das crianças e dos adolescentes em suas famílias de origem.

Outro ponto crítico na relação de Marcelo com a instituição referiu-se a uma possibilidade de adoção vetada pelo GAMA. Segundo Marcelo, uma psicóloga voluntária do GAMA em concordância com o marido quis adotá-lo, mas o abrigo não permitiu. O que mais uma vez sinaliza para uma atualização, provavelmente inconsciente, do pacto originário da instituição em que o acolhimento das crianças significava uma extensão da própria família do fundador.

“Tanto é que ela (psicóloga) relatou pra mim que bem na minha infância, quando eu entrei, ela queria me adotar, ela e o esposo, mas o GAMA não deixou, o diretor não deixou” (MARCELO)

No período da adolescência de Marcelo, a estabilidade proporcionada nas relações afetivas no GAMA parecia contribuir para o investimento em atividades produtivas, profissionalizantes, preparatórias para a sua independência futura. Segundo Winnicott (2007), na terceira e última fase do desenvolvimento emocional, *rumo à independência*, o sujeito adquire habilidades para se defrontar com o mundo, identificando-se com a sociedade, adquirindo autonomia e independência através do trabalho e do casamento.

*“E aos treze anos de idade, isso eu já tava na atividade assim no GAMA, bastante. **Sabia fazer cerâmica, trabalhei também de ajudante de pedreiro, tinham vários cursos lá que nos ajudavam a ter uma visão do que era a vida**” (MARCELO).*

“Eu acho que era mais uma visão deles, você vai investir em alguém que você ta vendo que quer algo melhor e também porque a gente mostrava que queria, o colégio era da prefeitura, mas era um colégio padrão, era melhor do que os colégios particulares” (MARCELO).

Nesse sentido, o Instituto GAMA propiciava recursos que auxiliavam os adolescentes nessa preparação para uma vida produtiva na sociedade. Através da viabilização do ensino formal de qualidade, cursos profissionalizantes, e principalmente dos ideais e expectativas baseados no êxito social das crianças e adolescentes acolhidos. Os recursos disponibilizados pelo GAMA (estudos, cursos, transporte, material e acompanhamento pedagógico etc.) pareciam objetivar um discurso institucional direcionado ao êxito na vida escolar, profissional e familiar. Os referenciais e modelos positivos, bem sucedidos propostos pelo GAMA aos abrigados podem ser considerados como uma das maiores contribuições institucionais para o processo de identificação de Marcelo.

*“Meu sonho era fazer o trabalho que hoje Anderson⁵¹ faz, tanto é que eu brincava com ele dizendo que **um dia eu ia ser igual a ele**. Que hoje no meu ponto de vista ele é o retrato de alguém bem-sucedido, na história dele, ele hoje ser quem é tanto no GAMA como na comunidade e eu dizia: **um dia eu quero ser igual a esse cara que foi criado lá, cresceu, venceu na vida e hoje trabalha lá**”. (MARCELO).*

*“Eu acho **que era mais uma visão deles**, você vai investir em alguém que você ta vendo que quer algo melhor e também porque a gente mostrava que queria, o colégio era da prefeitura, mas era um colégio padrão, era melhor do que os colégios particulares” (MARCELO).*

A partir da convivência de Marcelo em diversos espaços comunitários, os seus modelos identificatórios parecem associados principalmente ao GAMA e à igreja, instituições permanentes em sua trajetória. De acordo com Freud ([1921] – 1976), a instância do *ideal do eu* corresponde ao modelo tomado como ideal a ser alcançado dentre as mais variadas identificações e valores introjetados. Nesse sentido, a religião desde a infância de Marcelo parecia envolvida na formação das suas instâncias ideais, através da educação religiosa e princípios repassados pelo GAMA, pela igreja e pela larista Nice. Nesse processo de identificação, Marcelo à medida que priorizava certos modelos, afastava-se de outros, como por exemplo, os colegas com comportamentos anti-sociais.

⁵¹ Anderson foi conviveu desde a infância no GAMA, fez curso de graduação e assumiu o cargo de coordenador pedagógico na própria instituição.

“(...) uma cena que eu nunca esqueço é a primeira bíblia que eu tive foi ela que me deu (...) isso me ajudou bastante porque eu comecei a ver também que ela tinha a necessidade de me mostrar que eu ia ter que vencer, teria que viver só, mas vencer” (MARCELO).

“E aceitei a Cristo lá também na entidade, trabalhava na igreja em muitas atividades, já pregava, tinha um bom desempenho nas atividades da escola bíblica dominical, sempre levei a sério (...)” (MARCELO).

“É claro que eu tinha muitas referências de pessoas que eram revoltadas, por conta do GAMA, por conta do internato. E desse momento aí eu percebi que não seria o caminho até porque essas pessoas, algumas delas, morreram precocemente, outras se deram mal na vida” (MARCELO).

Além da religião, aspectos ligados à política e cidadania também eram contemplados nos valores introjetados por Marcelo durante a sua participação nas atividades da prefeitura mirim do GAMA, que objetivava a formação política e cidadã das crianças e dos adolescentes.

“E com treze anos de idade eu já tinha sido vereador da prefeitura, a gente como se diz brincava de prefeitura, mas no fundo era uma coisa séria. Tinha a prefeitura, os vereadores, o prefeito, o vice-prefeito, tinha campanha lá no GAMA e a gente fazia campanha, aprendia já a cidadania de cedo” (MARCELO).

Essa era uma atividade coordenada apenas pelas crianças e adolescentes do GAMA, o que propiciava um estreitamento das amizades e o exercício de relações de poder, visto a hierarquia prevista numa organização política. De acordo com Calligaris (2000), um dos principais valores cobiçados pelos adolescentes refere-se a ser desejável e invejável no âmbito do poder, isto é, na esfera produtiva, financeira e social. Nesse caso, o cargo político assumido por Marcelo no contexto do GAMA, que se estendia à comunidade, parecia corresponder a uma forma de obter êxito e reconhecimento social.

“Particularmente, eu fui o vereador mais novo que já existiu lá e mais votado, eu ganhei de votos até para o prefeito. Isso o pessoal tinha um amor bastante assim por mim e depois eu fui prefeito, depois eu fui reeleito e não podia mais porque depois de dois mandatos (...), mas era muito gostoso, a gente fazia projetos, isso eu com treze anos de idade. Lembro-me que a gente fazia muita passeata e eu sempre era escolhido pra falar em nome das crianças (...)” (MARCELO).

Além do incentivo às habilidades pessoais e sociais, aos valores de cidadania e uma concepção crítica sobre a sociedade, a prefeitura mirim favorecia também a integração social, no período da adolescência, em que segundo Blos (1998), identifica-se a intensa convivência em grupo, a busca pela adequação ao padrão de conduta esperado pelos seus integrantes.

Assim, a inserção na atividade da prefeitura mirim parecia propiciar um campo de identificações entre os adolescentes do GAMA, intensificando os vínculos entre esses.

*“Interessante que ele também passou por esse processo de ser prefeito da instituição, e essa coisa da prefeitura é muito forte porque mexe com a vida deles uma vez que eles passaram a ser referência para todas as crianças da instituição. A partir da prefeitura, Marcelo muda totalmente, aí **passa a ser integrado à instituição e eles têm um grupo que cresceram juntos, praticamente da mesma idade, que eles se tornaram uma família**” (DIRETOR).*

*“Na adolescência **a gente fortificou mais essas amizades** e já não brigava tanto, a gente já se relacionava melhor” (MARCELO).*

Nas diversas atividades do GAMA e da igreja, a questão da liderança na vida de Marcelo apresentava-se de forma marcante, como resultante de uma possível identificação com o diretor do GAMA que exercia o papel de líder no funcionamento do abrigo, obtendo a obediência e fascínio das crianças e adolescentes. Na concepção de Bion, o líder, na fantasia grupal, representa a possibilidade de suprir todas as necessidades dos indivíduos (LEITÃO, 1982). Nesse sentido, Marcelo parecia submisso à liderança de Nelson, que ilusoriamente poderia atender suas demandas afetivas e materiais. Enquanto Marcelo submetia-se à liderança de Nelson no cotidiano do abrigo, ele mesmo desempenhava esse papel de líder em diversas atividades com as demais crianças e adolescentes, assumindo o lugar de provedor das necessidades das outras crianças, possivelmente como forma de superação das suas próprias carências.

*“E durante a minha adolescência eu vivia cantando e eu sabia que isso **era apenas algo pra agradar o diretor**” (MARCELO).*

*“Eu fui líder do encontro da associação de menores, **eu gostava de ser líder**, as pessoas me olhavam de forma diferente, queriam estar perto de mim, quando eu não era nada, era só um menino do orfanato” (MARCELO).*

*“Então lá no GAMA o papel da liderança era mais esse, pra ficar lá, **para as pessoas me aceitarem lá**. E graças a Deus hoje esse papel dentro do GAMA serve, porque **hoje eu tô galgando uma posição de líder**, fazendo teologia, eu penso em ministrar uma igreja, ser uma cabeça na igreja, na família também querendo ou não é uma figura de autoridade” (MARCELO).*

“(...) e eu acho que isso é algo que dói muito nos meninos que não tem família, sabem que não tem família. De certa forma eles escondem, era o que eu fazia, eu queria me destacar e ao mesmo tempo me esconder. Eu queria sempre ser o melhor, fazer o melhor pra esconder esse lado, nas atividades, em tudo” (MARCELO).

Durante a adolescência de Marcelo, alguns conflitos evidenciaram as contradições vivenciadas em relação à preparação para a vida adulta. Os comportamentos de obediência às normas, investimento em atividades produtivas, sociabilidade satisfatória coexistiam com atitudes de contestação, rebeldia, desinvestimento nas atividades cotidianas. No processo de emancipação da instituição, Marcelo vivenciava sentimentos de insegurança e resistência à separação do GAMA na maioridade. O vínculo privilegiado de afeto e de segurança com o GAMA parecia ameaçado pela realidade dos abrigos em que a legislação (ECA) prevê o término da guarda jurídica sobre os jovens com mais de 18 anos. Esse seria o motivo mais objetivo dessa mudança de comportamento de Marcelo.

*“(...) eu me transformava, **não queria mais ser o bonzinho**, comecei a tirar notas baixas nas provas e ele (diretor do GAMA) não quis saber o porquê” (MARCELO).*

*“Aí eu começava a namorar muito, **a faltar aula**. E assim a minha adolescência, essa fase dos 15 aos 17 anos não foi fácil porque eu comecei a me achar grande. Mas hoje eu vejo **como uma revolta por saber que o tempo (de sair) estava se aproximando**. Em vez de eu pegá-la e aproveitar, **eu chutava o pau da barraca**, eu não vou mais fazer nada e hoje eu me arrependo” (MARCELO).*

No plano mais subjetivo, os conflitos pareciam associados a relação ambivalente de Marcelo com a instituição-GAMA, na qual os sentimentos de amor e ódio aparecem latentes, mas lado a lado, sinalizando algumas contradições como: os desejos ambivalentes de sair/ficar no GAMA; e as representações sobre o GAMA ora como uma instituição boa, provedora, uma família, ora uma instituição falha na formação dos sujeitos.

*“(...) mas na realidade **não era aquilo que eu queria pra minha vida**, aquilo ia me fazer **ficar dentro do GAMA**, porque depois que eu me formasse eu ia trabalhar lá” (MARCELO).*

*“Eu com **aquela vontade imensa (de sair do GAMA)**, saí, não pensei duas vezes” (MARCELO).*

*“(...) e eu sempre visava também ser uma autoridade dentro do GAMA **pra não sair dali**” (MARCELO).*

*“Comecei a **canalizar a minha idéia de mãe no orfanato**. Mãe é aquilo ali, e essa larista que me criou, eu coloquei ela como minha mãe” (MARCELO).*

*“Ele (GAMA) **não ensina a você a pescar o peixe**, ele dá o peixe a você, dá tratado, assado, pronto pra você comer. E quando você sai você se depara com outra realidade. Você tem que fazer tudo e **o mundo não joga fácil com a pessoa, principalmente quem sai lá do GAMA**” (MARCELO).*

A necessidade de amor de Marcelo parecia constituir-se na via pela qual as instituições (o GAMA e a igreja) conseguiram *capturar-lhe* num vínculo repleto de contradições e ambivalência.

“(...) e algo que me atrapalhou muito, tanto lá como fora da entidade é que eu sempre busquei nas pessoas um carinho, que elas me olhassem diferente. Isso me atrapalhou muito porque eu sofria muito lá, eu via que as pessoas tinham suas vidas, tinham os seus filhos, seus maridos e eu sonhava com aquilo. Sempre procurava em alguém como uma barra de ferro pra me sustentar” (MARCELO).

Aliado à conjuntura da realidade no abrigo, os comportamentos de rebeldia e oposição podem ser associados a uma expressão de contestação diante da dependência mantida pelo GAMA, mesmo diante da possibilidade de independência apresentada por Marcelo. Como argumenta Calligaris (2000), a rebeldia dos adolescentes pode ser compreendida como uma forma de expressar o incômodo com a contraditória sociedade que ao cobrar-lhes autonomia e independência, impõe uma moratória que os mantêm imaturos e dependentes dos adultos. Nesse sentido, Marcelo mesmo com receio da sua saída do GAMA, parecia desejoso de romper com a moratória até então imposta pelo abrigo para assumir um posicionamento independente, de acordo com o seu próprio repertório de valores e ideais.

4.3.5. Idealizações sobre a vida futura

Apesar dos comportamentos de rebeldia e oposição em determinados momentos no GAMA, as identificações com os ideais e valores da instituição prevaleciam em seu convívio social, permitindo-lhe retomar suas atividades e direcionar sua trajetória em busca das suas metas e da concretização do seu projeto de vida.

“(...) eu sempre procurava andar assim num caminho que não pudesse me atrapalhar e essa coisa de ser mal criado, de ser revoltado não iria me ajudar. Então eu procurei caminhar nesse ponto em que as pessoas pudessem me olhar de forma diferente, até eu visava mais lá na frente o que elas poderiam fazer por mim” (MARCELO).

As relações e contextos explorados a partir da convivência no GAMA e a construção de planos para o futuro parecem ter contribuído para uma mudança de posicionamento de

Marcelo no seu contexto social. Como diria Lewis (1999), as pessoas são capazes de alterar sua trajetória para atingir suas metas e, nesse caso, Marcelo tinha algumas bem definidas.

Pressupõe-se que a partir das diversas identificações na infância e adolescência, Marcelo gradativamente (re)construía seu projeto de vida, passível de novas aquisições e transformações mediante as suas interações e práticas sociais. Nesse percurso de vida de Marcelo, três sonhos – constituir a própria família, ser pastor e trabalhar na área da assistência social - sinalizavam as metas e os ideais que norteavam suas escolhas e investimentos pessoais e profissionais.

*“E com treze anos de idade eu tinha três sonhos já, era algo assim de menino, talvez algo de brincadeira, mas era: **formar uma família, ser pastor e sair de lá e trabalhar assim numa entidade, com crianças carentes, com pessoas da comunidade (...)**” (MARCELO).*

Assim, os planos e metas de Marcelo para o futuro tiveram uma importante função de preservar seus desejos, possibilitar diferentes perspectivas de vida e mobilizá-lo a construir de forma crítica e ativa sua própria trajetória.

*“(...) **começou a florescer esse sonho também de ser pastor, não ser pastor, apenas mais um pastor, aquela questão de pastor pra ganhar dinheiro aquela coisa toda, mas pra visar assim o amor que as pessoas precisam ouvir e hoje elas não vêem isso dentro das igrejas**” (MARCELO).*

“O meu sonho quando menino foi sempre trabalhar no GAMA como funcionário, mas pedagógico, aprendi marcenaria, cerâmica, padaria, pedreiro, mas nada disso era o meu sonho” (MARCELO).

A idealização de Marcelo relacionada à possibilidade de integrar a equipe pedagógica do abrigo parecia articulada com uma representação simbólica do GAMA como lugar ideal e perfeito para viver, uma ilusão desmascarada pela realidade social externa ao abrigo.

“Até porque se você olhar o contexto do GAMA, ela tem casas onde não se paga aluguel, energia, não paga luz, não compra, a igreja é dentro da comunidade, você não sai, você não vê a realidade, tudo muito bom. Você tinha momento de ler a bíblia, de cantar, você vivia coagido a não fazer coisas que na mente deles seriam erradas (...) você começa de certa forma a criar um mundo na realidade” (MARCELO).

Apesar das contradições e conflitos vivenciados por Marcelo no contexto do abrigo, foi possível apreender idealizações sobre seu futuro baseadas no desejo de *retribuir* ou *reproduzir* a relação vivenciada com a instituição. Nesse sentido, Marcelo tinha como uma de suas metas realizar um trabalho social com crianças carentes, o que já vem desenvolvendo na

comunidade de sua igreja. O que mobilizaria tal atitude? Uma das respostas possíveis seria a sua necessidade de reparação diante da relação ambivalente (amor/ódio) com a instituição-GAMA. De acordo com Winnicott (2005a) e Klein (1996) a partir dos sentimentos agressivos (ódio) do bebê em relação à mãe (objeto amado) advém a pulsão de reparação (amor) que permite a tolerância do sentimento de culpa gerado pela ambivalência e proporciona os sentimentos de esperança e amor na criança. É nesse sentido que o desejo de retribuir o trabalho realizado pela instituição pode ser considerado um ato de reparação, de amor de Marcelo direcionado à instituição (ora amada, ora odiada) como forma de aplacar seu sentimento de culpa diante dessa vivência conflitiva.

4.3.6. A saída da Instituição

Aos 17 anos, após uma longa convivência no GAMA, a proximidade do momento de saída da instituição era uma grande preocupação para Marcelo. Atualmente, observa-se o crescimento do fenômeno da adolescência tardia, permanecendo os indivíduos por muito mais tempo no convívio da família, dependentes do suporte familiar. No abrigo a situação pode apresentar-se diferente, visto que a responsabilidade de guarda sobre os adolescentes legalmente encerra-se aos completarem 18 anos de idade (como explicado anteriormente). No entanto, as instituições têm flexibilizado essa idade-limite, estendendo a convivência no abrigo até o momento necessário ao adolescente, agora na idade adulta, para assumir uma vida independente e autônoma.

*“(...) eu tinha sempre essa preocupação porque chegou uma lei de que **com 18 anos o menino ia ter que sair de lá, do GAMA**. A coisa começou a apertar e eu fiquei com essa preocupação. Então, foi uma época difícil porque aí você tenta pegar as coisas, fazer tudo que você consegue abraçar, pra tentar segurar alguma coisa. Eu aprendi o curso de marcenaria, tentei ser professor, mas é aquela coisa que você sabe que não é o seu sonho, é a sua realidade apenas. **E eu era muito preocupado com isso, era muito mesmo**” (MARCELO).*

*“(...) eu queria mostrar pra ele que de certa forma eu podia ser aproveitado ali porque **existia um grande medo de sair do GAMA**” (MARCELO).*

Apesar da preocupação de Marcelo, o Instituto GAMA não fixava idade para saída da instituição, visto os vários casos de jovens adultos que permaneceram após os 18 anos na instituição. A decisão de Marcelo de sair do GAMA parecia, na realidade, associada ao seu desejo de estabelecer relações de independência, um movimento comum aos adolescentes.

Segundo Osório (1989), uma das características da adolescência refere-se à substituição do vínculo de dependência com os pais (ou adultos substitutos) na infância por relações de autonomia. Nesse caso, a busca de Marcelo pela emancipação do abrigo não seria uma especificidade dessa instituição, mas poderia ser facilmente identificado em adolescentes inseridos em outros contextos (como a família, por exemplo).

*“A saída de Marcelo foi muito difícil **porque ninguém queria que ele saísse. Ele sentia a necessidade de sair, mas todo mundo achava que não tinha que sair, não era a hora de sair, que teria que se preparar mais. Quando chega aos 17, 18 anos ele começa a ter algumas inquietudes e a dizer: - tá na hora de sair, sair pra onde? Fazer o quê? Isso porque a gente nunca determinou data de saída. E a saída dele foi marcante pra todo mundo, pra minha mãe que viu Marcelo crescer**” (DIRETOR).*

O rompimento com o GAMA parecia movido por desejos e sentimentos ambivalentes; de um lado o medo, o receio diante do desconhecido e do afastamento das suas principais referências, do seu grupo; e do outro seu desejo de afirmação narcísica, de autonomia e realização social. Nesse contexto, Marcelo aceitou o convite de uma amiga e seu marido para residir com eles em Recife. Diante da oportunidade de saída do GAMA, Marcelo assumiu os riscos, decidindo continuar seu percurso fora da instituição.

*“Surgiu uma oportunidade de sair do GAMA com 19 anos de idade. Eu disse: eu **quero vencer na vida** e eu tinha uma grande amiga que morava aqui no Recife (...) E ela disse: - se você quiser, você pode morar lá em casa. Eu com aquela vontade imensa saí, não pensei duas vezes. Eu não tinha nada, arrumei minhas roupas e assim um dos momentos mais difíceis pra mim foi quando eu saí do GAMA” (MARCELO).*

A mudança de contexto institucional (abrigo/residência particular), social (interior/cidade urbana) e cultural repercutiu numa difícil tentativa de adaptação e convívio social. Esse período foi marcado por experiências difíceis, situações de privações materiais, frustrações e perdas.

*“E aí quando eu saí de lá (do GAMA) eu **tinha medo das pessoas, eu tinha medo de ver alguém fumando perto de mim, de bêbado, eu passei três meses sem sair de casa, dentro de casa e sem saber pra onde ir, chorava muito, muito, dia e noite chorava**” (MARCELO).*

A convivência fora da Casa-Lar consistia num desafio para Marcelo, que se sentia em condição inferior às outras pessoas, com sentimentos de impotência e medo. Essa situação parecia associada aos sentidos construídos sobre a ausência de referenciais familiares a partir das relações e experiências de Marcelo. Como explica Smolka (2004), os sentidos são

produzidos coletivamente, a partir das interações, emoções, sensações, experiências, repercutindo nas relações e práticas sociais. Nesse sentido, a convivência de Marcelo no GAMA, privado da família, estava articulada a certos signos, como: falta, rejeição, fracasso, limitações; que possivelmente repercutiram na fragilidade e insegurança vivenciada por Paulo na vida social fora da instituição.

*“Comecei a trabalhar, meu primeiro emprego e o primeiro choque foi na seleção **quando a psicóloga perguntou: quem é você? de onde você vem? pra onde você vai? E ficou aquela em mim... Eu digo quem eu sou, de onde eu vim, o que eu fiz. E eu passei a ter muita vergonha de onde eu vim**” (MARCELO).*

*“A trajetória de Marcelo é bem parecida com a de Paulo, só que Marcelo tem **uma rejeição da família**” (DIRETOR).*

*“E aí quando ele sai (do GAMA), se choca com uma família **que não quer recebê-lo, que discriminam sua presença, isso foi um choque para ele**” (DIRETOR).*

Marcelo tinha receio em revelar sua história de vida, estabelecer novas relações interpessoais, competir no mercado de trabalho ao perceber-se numa condição diferenciada dos demais adultos no seu novo contexto social. A convivência de Marcelo na residência da amiga já não era mais possível diante das intenções amorosas demonstradas por ela, além de sentir-se no direito de controlar as amizades e saídas de Marcelo.

*“Eu saí da casa dessa menina porque **ela começou a ter segundas intenções**. Não me deixava sair com amigos, ou seja, ela pensava assim: eu tirei ele de lá, eu botei ele aqui, se ele é alguém, se está se achando alguém hoje é por conta de mim. Eu comecei a dizer não, não é isso, não é bem isso, aí tive que sair de lá” (MARCELO).*

Marcelo então pediu demissão do emprego e com o dinheiro do seguro-desemprego alugou um quartinho e comprou alguns móveis. Porém os recursos financeiros de Marcelo foram insuficientes para pagar o aluguel, dormindo por duas noites numa praça pública do Recife. Nessa situação extrema de desamparo, Marcelo retorna ao convívio da igreja, não era a do GAMA, mas outra da mesma denominação, próxima ao local que pernoitava. Seria esse um pedido de socorro ao grupo anteriormente integrado, um retorno e anseio pelo laço afetivo que unia Marcelo aos membros do grupo no GAMA?

*“- Pra onde é que eu vou? Chorava dia e noite, aí decidi **voltar pra igreja, e aí começou a se formar um caráter diferente**. Não mais aquele caráter de um menino medroso, um menino que não tinha coragem de vencer na vida*

se não fosse através de alguém e eu condenava muito as pessoas que não me ajudavam”(MARCELO).

O reencontro de Marcelo com a igreja parecia resgatar um importante suporte afetivo e social propiciado anteriormente pela igreja do GAMA, onde participava das atividades religiosas. Dessa forma, nesse momento de dificuldades, a igreja propiciava para Marcelo um sentimento de pertencimento social associado a sua infância e adolescência no GAMA. Como propõe Kaës (1991), dentre as principais funções das instituições destaca-se: assegurar a identidade dos sujeitos, favorecer a integração pessoal e representações comuns. Nesse sentido, a igreja, a partir da sua rede simbólica, constituía-se como espaço favorável às identificações entre Marcelo e o grupo social, redirecionando suas práticas sociais, assim como a sua trajetória de vida.

As inseguranças, os medos e os receios vivenciados após a saída do GAMA pareciam aplacados pela aproximação de Marcelo com a instituição-igreja, que por meio do seu sistema imaginário tinha a função de protegê-lo da *possibilidade de abalamento da sua identidade, dos seus temores de desmoronamento, da angústia de fragmentação despertada e alimentada por qualquer vida comunitária* (ENRIQUEZ, 1991, p.79). Assim, a igreja reaparece nesse momento da trajetória de Marcelo como meio de preservação da sua integridade física e psíquica.

4.3.7. A sociabilidade na vida adulta

A partir da função organizadora da igreja na vida psíquica de Marcelo, apreendem-se avanços significativos no âmbito da sociabilidade. Além dos vínculos estabelecidos com adultos do GAMA e outras pessoas da comunidade, Marcelo prosseguia ampliando sua rede de relações interpessoais, investindo inclusive na união conjugal, prevista no seu projeto de vida. A necessidade de Marcelo por laços emocionais, na tentativa de suprir a falta de referências na família, parece projetada nessa relação amorosa com a esposa.

*“Então **minha história começou a interligar** e conheci a minha esposa, a gente começou a namorar muito rápido, até **porque eu queria assim ter um escape**, é como se ela fosse um escape pra mim” (MARCELO).*

Assim, Marcelo com a ajuda de muitos amigos alcançou uma de suas metas: constituir sua própria família. O casamento foi realizado na igreja do GAMA, com a presença das pessoas envolvidas no contexto da instituição, como Nelson, Iaristas e amigos.

“Interessante que no meu casamento eu não gastei quase nada, tudo foi conseguido pelas pessoas que ao longo dessa caminhada tinha me conhecido. Na igreja tinha pessoas que me amavam e me amam hoje assim de forma desesperada” (MARCELO).

No entanto, após a celebração da cerimônia, Marcelo vivenciou uma situação denominada por ele de *crise existencial*, em que lhe passava a idéia de anular o casamento, sentindo-se incapaz de integrar uma nova família. O conflito gerado pelo casamento parecia associado à coexistência de um desejo preservado desde a adolescência com os sentimentos de despreparo e medo despertados nesse momento de mudanças em sua vida. Talvez, o casamento tenha significado uma atualização da relação conflituosa com sua família de origem, propiciando sentimentos de insegurança.

*“E vivemos uma crise muito grande, minha esposa chorava, minha sogra desesperada, que já tinha tirado foto, filme, o casamento já tinha acontecido. **E eu irredutível, queria anular**” (MARCELO).*

“E graças a Deus eu encontrei pessoas que pudessem me ouvir e aí resolvi o problema com a minha esposa” (MARCELO).

Apesar das experiências de privação (principalmente após a saída do GAMA), conflitos pessoais e interpessoais, da ausência de referências na família de origem, Marcelo conseguiu ultrapassar as dificuldades, sinalizando o seu potencial de resiliência. De acordo com Pinheiro (2004), a capacidade de amar, trabalhar, ter expectativas e projeto de vida são considerados elementos relevantes para o desenvolvimento de habilidades humanas direcionadas para a superação das adversidades. Nesse sentido, Marcelo parecia dispor de tais capacidades, que interligadas favoreciam o enfrentamento das dificuldades na vida social.

Além do casamento, Marcelo retomou os investimentos nos estudos (ensino superior) e na vida profissional, atuando como auxiliar de pastor, obtendo êxito em suas atividades cotidianas. No seminário teológico e na igreja, Marcelo demonstra facilidade nos relacionamentos interpessoais e bom convívio social.

“Consegui voltar pro seminário, tranquei o seminário duas vezes, e dessa vez nós voltamos pro seminário, estamos trabalhando numa igreja, o crescimento foi de noventa por cento. Há muitas coisas que a gente precisa ainda consertar, mas hoje eu posso dizer que eu consegui vencer. Eu consegui realizar os meus sonhos, casei, estou no seminário, faltam três

períodos apenas, estou de certa forma pastoreando numa igreja” (MARCELO).

“Pra você ter idéia hoje eu estou no curso de teologia, mas eu não sou pastor, mas hoje eu entro aqui na Ordem dos pastores, converso com eles, eles já me têm como um pastor, coisa que muita gente não tem e ficam me perguntando como é isso. Porque é um lema que eu levo na minha vida: fazer amigos é uma das coisas mais importantes que a gente tem” (MARCELO).

Assim, dentre as metas traçadas por Marcelo, algumas já foram concretizadas e outras continuam no plano da idealização, impulsionando-o a prosseguir numa determinada direção para alcançá-las. E essa direção parece associada a um padrão de comportamento socialmente aceito e à ressignificação sobre família, favorecendo a construção de uma trajetória bem sucedida.

*“E hoje eu agradeço e só faltam duas etapas da minha vida pra que eu diga assim: hoje eu posso morrer feliz. Que é concluir meu curso, me consagrar pastor lá na igreja do orfanato e a segunda é ter meu filho. Então eu penso assim nisso, essa é a minha meta, **dar a ele aquilo que eu criei como conceito de família, de pai, de mãe e de mundo e de vida real.** E esses são meus próximos sonhos a serem concretizados” (MARCELO).*

“Hoje eu penso em terminar o seminário pra me formar num teólogo, eu pretendo não só ficar com o bacharelado em teologia, mas ir em frente pra ensinar mesmo em escola. Porque o meu sonho é ser professor, eu acho bonito você passar conhecimento” (MARCELO).

4.3.8. A constituição de laços permanentes fora do GAMA

Na trajetória de Marcelo, os vínculos afetivos foram apreendidos durante todo o período de convivência no GAMA e mesmo após a sua saída da instituição. A larista Nice é uma das pessoas com as quais Marcelo parece ter estabelecido um vínculo permanente. Durante a pesquisa, Nice foi escolhida por Marcelo como uma pessoa de referência em sua vida, alguém que poderia falar sobre a sua trajetória por ter feito parte dela.

*“Pessoas que deram a vida como tia Nice, que deram a vida, chegou jovem lá, deu anos da sua juventude para me criar, para quebrar a cabeça comigo, então pessoas assim **eu mantenho um relacionamento rico**” (MARCELO).*

“É como uma família minha, é como um filho eu vejo ele” (NICE sobre Marcelo).

Outro laço emocional duradouro foi percebido entre Marcelo e Nelson, cuja relação de respeito e afeto foi preservada na atualidade, e fortalecida nos encontros aos finais de semana no GAMA. O papel simbólico de autoridade e afeto desempenhado por Nelson no GAMA parecia permeado por valores e princípios (como valorização dos estudos, do trabalho, da religião) envolvidos nos comportamentos e projetos de vida de Marcelo. Nelson aparecia na narrativa de Marcelo como uma referência presente em suas escolhas profissionais e nos principais momentos de sua vida pessoal, como o casamento.

(...) Nelson que é uma figura central no GAMA, ele não deixa de ser a figura do pai (Marcelo).

E uma das coisas que mais marcava a mim era que Nelson não gostava de vestir terno, não gostava de casamento e aí eu convidei ele pra ser meu padrinho e ele foi. A presença dele, a pessoa dele pra mim é muito marcante (...) (Marcelo).

Em relação aos vínculos com os pares, Marcelo manteve muitas amizades da época do GAMA, inclusive com uma das participantes dessa pesquisa – Joana – apresentada por ele como uma referência ainda presente em sua vida. As amizades simbolizavam relações fraternas construídas no contexto institucional, e principalmente um elo entre Marcelo e sua história no GAMA.

“Joana foi uma que me pegava nos braços, ela cuidou de mim e hoje ela conta pra minha esposa o que eu fazia na hora de comer (...) E eu acho isso muito bom porque hoje eu tenho como irmãs, como amigas que cuidaram de mim e de certa forma eu fico sabendo um pouco da minha história, da minha vida” (MARCELO).

“Tenho muitos amigos, quando eu entro na internet, no Orkut, MSN, pessoas de outros estados que iam pra congressos aqui e me encontravam, eu sei que são pessoas que ficaram muito amigos meus por saberem da minha história, eu não gosto muito disso, mas pessoas que ficaram amigos meus a partir do que sou hoje tenho muitas também” (MARCELO).

Dentre os vínculos permanentes estabelecidos após a saída do GAMA, o casamento simbolizava uma união afetiva importante na vida de Marcelo, na construção de novos ideais e perspectivas sobre a vida familiar. Para Marcelo, esse laço emocional parecia associado à oportunidades de crescimento pessoal, superação de traumas e vivências conflitivas em relação à (ausência da) família.

“Hoje o casamento da gente é uma benção, tem hora que a gente em casa a gente ri a toa, porque a gente sabe que o que a gente passou serviu de experiência, de crescimento tanto pra mim quanto pra ela” (MARCELO).

Mudando o foco das pessoas para as instituições, Marcelo parecia vinculado à igreja desde a infância até a idade adulta, um vínculo institucional duradouro implicado na sua formação e atuação como líder religioso (pastor).

*“E algo que me deixa bastante feliz é **porque eu sou o primeiro menino do orfanato a fazer um curso de teologia e a se tornar pastor. E um dia eu tava pensando nisso, uma entidade que é evangélica e apenas na história da sua entidade, uma pessoa se tornar pastor. E eu penso assim, Deus me escolheu no meio de tanta gente**” (MARCELO).*

“Uma coisa foi positiva ele voltava sempre, sempre no domingo ele estava por lá, sempre participava dos eventos da igreja, do grupo de música” (DIRETOR).

A partir da vinculação permanente entre Marcelo e as instituições – GAMA e igreja – essas pareciam propiciar condições afetivas (estabilidade e relações interpessoais e de familiaridade, por exemplo) e sociais (matrizes identificatórias, representações simbólicas, entre outras) relevantes para o seu desenvolvimento psicossocial saudável. Afinal, os vínculos podem ser estabelecidos não só com pessoas, mas inclusive com instituições, conforme propõem Carvalho et al (2006), ampliando a concepção sobre vínculos. Assim, a vinculação de Marcelo com o GAMA ultrapassaria as relações com as pessoas que a integram, contemplando a sua rede simbólica constituída pela sua história, dinâmica organizacional, cultura, dimensão imaginária, valores, normas, enfim, sua identidade e funções sociais estáveis.

Nessas circunstâncias, Marcelo retornou ao Instituto GAMA que como qualquer outro contexto de convivência é perpassado por conflitos, decepções, perdas, mas principalmente pelo compromisso mútuo entre seus integrantes, pela cumplicidade, afeto e possibilidade de ser requisitada sempre que necessário em busca de apoio, como foi na vida de Marcelo.

*“E graças a Deus com ajuda de muitas pessoas **eu voltei a ser mais próximo do GAMA, das pessoas, passei a ir lá mais vezes, me espelhar em histórias de pessoas que venceram na vida. Tem famílias que saíram de lá, e graças a Deus hoje eu consegui vencer boa parte assim da minha dificuldade, das minhas feridas**” (MARCELO).*

4.3.9. Principais *circunscritores* na trajetória de Marcelo

Após a análise da trajetória de Marcelo, será apresentada uma síntese construída sob a ótica dos *circunscritores*, fatores que direcionaram de alguma forma o seu percurso durante a infância, a adolescência e início da vida adulta. Nesse complexo conjunto de elementos

envolvidos no processo de desenvolvimento psicossocial de Marcelo, foram identificados como principais *circunscritores*: os vínculos afetivos, os modelos identificatórios, as instituições e o processo de significação que permite a articulação entre todos esses fatores.

Vínculos afetivos

A trajetória de Marcelo é permeada por diversos vínculos afetivos estabelecidos primordialmente com pessoas envolvidas no cotidiano do GAMA. Esses vínculos correspondiam a um suporte estável e seguro para Marcelo, possibilitando seu investimento na busca de referências na família de origem. As influências do contexto cultural reforçavam as idealizações de Marcelo sobre a família, ao legitimá-la como *locus* de afeto genuíno, incondicional e como contexto único e imprescindível ao pleno desenvolvimento social. Nesse sentido, os elementos simbólicos e culturais sustentados pela sociedade pareciam repercutir em certas dificuldades para Marcelo na convivência no GAMA - contexto distinto da família.

Apesar dos entraves sociais e culturais, a vinculação entre Marcelo e adultos, capazes de exercer funções de cuidado e afeto, propiciava condições necessárias ao seu desenvolvimento emocional. Nesse sentido, a primeira referência de cuidado na vida de Marcelo está associada a sua mãe, provedora das suas necessidades físicas e emocionais no primeiro ano de vida. Após a separação familiar, uma GAMA de relações propiciava o resgate da figura materna – simbolizada pelo afeto, pela relação de dependência, de completude –, e paterna - representante da interdição, da lei, da possibilidade de identificação – na trajetória de Marcelo. Dessa forma, a figura materna parecia representada pelas laristas, principalmente Nice, referência de uma vinculação estável e permanente com Marcelo. E a figura paterna poderia ser associada ao diretor do GAMA, Nelson, cujo laço emocional com Marcelo perdura até os dias atuais. Apesar do destaque aos adultos citados, vale ressaltar as interações significativas com outros adultos como: Sra. Sônia (mãe de Nelson), os familiares das outras crianças/adolescentes, técnicos da instituição, além dos amigos (crianças e adolescentes) no contexto do GAMA.

O campo de relações e vínculos de Marcelo, como apontado anteriormente, era bem mais extenso, visto a sua participação em diferentes grupos ou instituições, como: igreja, organizações não-governamentais, escola, comunidade. Porém, a análise das principais relações - baseadas na confiança, no afeto e na estabilidade – na trajetória de Marcelo sinaliza

os processos afetivos e relacionais, como condições fundamentais ao êxito na sociabilidade na vida adulta.

Modelos identificatórios

Nessa rede complexa de relações e interações sociais, os laços emocionais entre as pessoas configuraram uma condição propícia aos processos de identificação de Marcelo em seu desenvolvimento psicossocial. Nesse sentido, as identificações de Marcelo pareciam associadas aos adultos com os quais mantinha uma vinculação afetiva no contexto do GAMA (Nice e Nelson, por exemplo) e da igreja (como o pastor evangélico). Tais inferências resultaram das afinidades sinalizadas por Marcelo com atividades construtivas (estudo, profissionalização, política etc.) e práticas religiosas; norteadas pelos padrões socialmente aceitos.

Durante a adolescência de Marcelo, a ampliação dos seus grupos resultou também na diversidade de modelos identificatórios, gerando novos comportamentos e posicionamentos baseados em atitudes de rebeldia, oposição, questionamento da autoridade e desinvestimento nas atividades escolares. Esse período da vida de Marcelo parecia consistir numa etapa importante no seu processo de individuação, ou seja, de integração da sua personalidade. Pois ao vivenciar diferentes modos de vinculação com o grupo social, estaria mais seguro para assumir uma identidade particular. Dessa forma, o GAMA apresentava-se como um espaço alternativo de identificações, com predominância de ideais e modelos coerentes com os parâmetros socialmente aceitos.

Conforme apontado nas considerações acima, nesse processo de formação identitária de Marcelo, não prevalecem apenas as influências de determinadas pessoas, mas também das próprias instituições, com destaque para o GAMA e a igreja. A rede simbólica de cada instituição ao contemplar um conjunto de representações coletivas, ideais, valores, cultura, possibilitam, por meio das identificações pelo sujeito, a reprodução de certas características apresentadas pelo contexto institucional.

Instituições

Como destacado em toda a análise, foram identificados o GAMA e a igreja como principais instituições envolvidas na trajetória de Marcelo. Essas instituições constituíram em espaços propícios aos vínculos afetivos e modelos identificatórios, fatores relevantes na formação psíquica do sujeito.

A convivência de Marcelo no GAMA parecia permeada de sentimentos ambivalentes e contraditórios, sendo ora reconhecida como uma instituição provedora, mantenedora; ora como espaço propício à alienação, ao despreparo do sujeito para a participação no contexto social mais amplo. Da mesma forma, ora o GAMA assumia o lugar das relações afetivas substitutas às familiares, ora representava a falta insubstituível da família de origem. É nessa relação perpassada por contradições e ambivalências que Marcelo vai se desenvolvendo como co-autor da sua própria história.

A igreja, outra instituição bastante presente na vida de Marcelo, desempenhava funções relacionada à regulação social, por meio das suas leis e normas a serem seguidas como prova do amor e obediência à Deus. As identificações baseadas na interação entre Marcelo e o contexto da igreja, desde a sua infância, parecem ter contribuído para um percurso norteado pelos princípios religiosos.

Outra instituição relevante no processo de desenvolvimento de Marcelo – além da igreja e do GAMA - refere-se à escola, onde Marcelo desenvolvia suas habilidades e capacidades cognitivas, obtendo reconhecimento pelo êxito nos estudos. Nesse sentido, a educação formal representava um importante campo de identificações na vida de Marcelo, que prosseguiu nos estudos e continua investindo na sua formação profissional.

Nessa síntese, apreende-se que a natureza das instituições envolvidas na trajetória de Marcelo, a aproximação ou distanciamento dessas instituições com os padrões socialmente aceitos contemplava um importante elemento na formação do sujeito, na construção de uma trajetória bem sucedida, em oposição ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais.

Processo de significação

O conjunto de circunscritores apreendidos na trajetória de Marcelo parecia envolto num processo mais amplo de significação sobre as mais diversas experiências na vida de Marcelo. O modo como os significados foram sendo construídos e transformados, os sentidos atribuídos às diversas experiências, sentimentos e vivências de Marcelo durante a sua trajetória no GAMA atuavam como um poderoso *circunscritor* que associado aos demais podem elucidar as possibilidades e desafios enfrentados por Marcelo na sua convivência no abrigo. Dentre os processos de significação na trajetória de Marcelo, os sentidos associados à falta da família, ao sentimento de rejeição pelos familiares foram gradativamente transformados em sentidos ligados ao êxito, independência e autonomia.

Apesar da ênfase nesse trabalho no êxito das trajetórias dos sujeitos, considera-se importante apontar também as dificuldades emocionais preservadas ao longo de trajetória de Marcelo, como certa insegurança, momentos de melancolia. No entanto, entende-se que essas características pessoais são facilmente identificadas em sujeitos inseridos em outros contextos (como a família), e não impediram Marcelo de um convívio social satisfatório. Nesse sentido, o sentimento vivenciado em relação a sua trajetória, na concepção de Marcelo, remetia à superação, ao crescimento, ao êxito, sendo considerada pelo mesmo como bem sucedida dentro do seu contexto social vigente.

*“Mas hoje, em síntese, eu posso dizer que eu sou alguém realizado, eu sou alguém feliz, eu sou alguém que morou num internato sem pai, sem mãe, hoje sem família, assim família maternal e paternal. Mas **hoje eu tenho a minha família e hoje eu consegui vencer** essas etapas dessa minha trajetória do meu primeiro ano de vida até os meus vinte sete anos de vida hoje” (MARCELO).*

4.4 – Considerações sobre o Instituto GAMA

Após a análise das trajetórias de vida, algumas questões foram pensadas sobre o Instituto GAMA - contexto de convivência comum aos participantes dessa pesquisa - no intuito de direcionar o estudo para uma abordagem complexa das situações analisadas. Apesar do foco nas trajetórias individuais, este trabalho partiu do pressuposto (compartilhado com a Perspectiva da Rede de Significações) de que a investigação deve priorizar o processo interacional entre a pessoa e o meio, como fundante do desenvolvimento humano, e que ignorar alguma dessas partes seria recair em reducionismos incoerentes com a complexidade do desenvolvimento humano.

Na ocasião da primeira visita ao GAMA, as crianças brincavam livremente nas ruas da entidade: umas jogavam futebol, outras brincavam de roda. A cena era de uma infância remota, com crianças alegres e saudáveis, envolvidas em brincadeiras coletivas. Os trajés e as aparências das crianças ressaltavam a simplicidade do lugar, assim como seus sorrisos e vitalidade remetiam a uma sensação de bem-estar na instituição. A pesquisadora foi recebida por um adolescente (12 anos), que se apresentou como prefeito mirim, satisfeito e orgulhoso com seu “cargo político” no GAMA.

A infra-estrutura do Instituto reproduzia características de uma vila, uma comunidade particular, com ruas asfaltadas, espaços comunitários (escola, creche, igreja, área de lazer), casas similares às residências privadas. As pessoas da comunidade transitavam livremente nas

ruas do GAMA, nos seus trajetos cotidianos. Não havia muros, nem portaria limitando a saída das crianças e adolescentes, mas podia-se observar o respeito aos limites e regras impostos pela instituição (o índice de evasão é praticamente inexistente). Havia crianças cuidando de crianças, adolescentes conversando em rodas, adultos atentos e interessados pelo cotidiano das crianças, cenas nem sempre comuns nas famílias.

A primeira impressão da pesquisadora sobre o GAMA foi de um ambiente onde tudo parecia transcorrer naturalmente, em um convívio cordial entre as muitas crianças atendidas; um lugar com regras e valores pautados na convivência familiar. Aos poucos, as histórias pessoais foram aparecendo e denunciando as contradições existentes entre a situação da família de origem e a vida no GAMA. Uma das Casas-Lares acolhia um grupo de irmãos (mais de quatro) vítimas de abuso sexual pelo próprio genitor; em outra casa encontrava-se um grupo de irmãos com problemas mentais e vivência de violência doméstica. Ao lado da imagem de uma infância feliz e tranqüila, coexistiam histórias de violência, maus tratos, abandono, ressaltando o caráter dialético da existência humana.

Nesse percurso de aproximação com a instituição, conhecer o marco originário do GAMA foi um passo importante para a compreensão do seu funcionamento, suas funções e identidade. O fundador do GAMA, aqui chamado de Sr. Jafé, era um homem simples, determinado, religioso e com uma família numerosa. Diante da miséria em que viviam muitas crianças no seu município, o Sr. Jafé decidiu construir um abrigo. Mas esse empreendimento representava muito mais do que um auxílio às crianças abandonadas e carentes.

“(...) era um sonho que ele (Sr. Jafé) tinha de fundar esse orfanato. Era como uma promessa que ele fez a Deus, que no tempo que ele tivesse condições ele fundaria esse orfanato” (FUNCIONÁRIA).

“Na cabeça do meu pai algumas coisas eram muito fortes. Ele queria uma cidade, ele queria todos os meninos que não tivessem pra onde ir. Era uma visão de quarenta anos atrás; a instituição chegou a ter duzentos e vinte meninos abrigados; hoje, tem, aproximadamente, sessenta; uma diminuição muito forte. Na cabeça dele, a instituição não podia ter muros, porque não era prisão, e não podia ter pavilhões, mas as Casas-Lares, esse era o desafio. Eu diria que meu pai não era religioso; era cristão; trabalhava a justiça social junto com o amor ao próximo” (DIRETOR).

Retomando as informações já apresentadas no Capítulo 1, o Sr. Jafé idealizou o GAMA a partir da influência das Aldeias SOS na Europa, não só em relação à infra-estrutura, mas ao próprio funcionamento das Casas-Lares.

“Quando o GAMA começa, já existiam na Europa as aldeias SOS. Mas, no Brasil, não tinha ainda. Pensando nas aldeias SOS, ele (Sr. Jafé) monta a estrutura da instituição, só que com uma diferença: quando a criança chega na Aldeia SOS, ela tem que se desligar da família, tanto que a mãe substituta assume a guarda daquela criança ou adolescente. Na cabeça dele (do Sr. Jafé), não. A instituição é um prolongamento da família e essa criança tem que voltar para essa família, tanto que, pra gente, a adoção tem que ser a última coisa. Nós temos duas adoções nessa história todinha de vida” (DIRETOR).

Apesar do discurso sobre a intenção do Sr. Jafé em promover a reinserção familiar das crianças e adolescentes acolhidos, a prática na instituição era diferente. Na história do GAMA predominavam jovens com longos períodos (mais de seis anos) de abrigo.

“(...) o período para elas passarem aqui é, realmente, o período de abrigo, que são três anos; mas não é nossa realidade hoje. Elas chegam e, como as famílias não se estruturam nesse período, ela termina passando um longo tempo, dez anos, doze; a gente tem meninos, hoje, que chegaram aqui bebês e estão até hoje” (FUNCIONÁRIA).

É importante perceber a interação entre o conjunto de significados, desejos, expectativas, motivações (implícitas e explícitas) do fundador do GAMA e a própria dinâmica institucional. Como propõe Castoriadis (1982), as instituições só podem ser pensadas dentro da sua rede simbólica, que está articulada com sua herança histórica. A relação do Sr. Jafé com as crianças abrigadas envolvia afeto, disciplina e um caráter familiar. A primeira criança acolhida no GAMA foi um bebê adotado por ele (Sr. Jafé) que, por sua vez, residia com toda a sua família dentro da instituição. Desse modo, a fundação do GAMA tem como primeira referência uma relação familiar, visto que o Sr. Jafé assumiu a paternidade da criança, ao adotá-la. E assim prosseguiu com as demais crianças recebidas na instituição, não adotando legalmente, mas assumindo o lugar da figura paterna.

“(...) ele (Sr. Jafé) era assim, tinha isso aqui como se fosse dele, do sangue dele” (FUNCIONÁRIA).

“A relação, tanto do meu pai com as crianças e das crianças com meu pai era de pai. [...] Meu pai não queria que as crianças saíssem da instituição e quando uma mãe já tinha condições de levar uma criança, meu pai que era diabético entrava em coma. Não sei quantas vezes ele entrou em coma diabética porque não queria que uma criança ou adolescente saísse do GAMA” (NELSON).

A recordação de uma situação vivenciada pelo Sr. Jafé com uma das primeiras crianças recebidas, ainda bebê, no GAMA aponta a natureza familiar projetada na instituição.

Quando, após alguns anos, os pais biológicos retornaram para buscar a filha, a forma como ele reagiu sinalizava o vínculo estabelecido com a criança.

*“(...) ele virou uma fera, porque **ele tinha essa menina como se fosse dele**, porque ela chegou sem pai e sem mãe. Foi ele que botou o nome. Então, **ele tinha tudo como posse dele**. A rigidez que eu achava era essa; ele não deixava ir de férias pra casa, tinha que ficar lá, pois **ele tinha medo que os meninos fossem e não voltassem mais**. Hoje em dia, eles vão; a gente sabe que eles vão e voltam. **Ele era muito possessivo**” (FUNCIONÁRIA).*

O Sr. Jafé (falecido há mais de 30 anos), exercia um grande poder sobre as crianças e funcionários, apresentando-se como referencial de autoridade e lei. A sua figura é como um mito perpetuado até os dias atuais, através do seu filho e sucessor, Nelson, que se mantém como dirigente do abrigo e aparece como uma referência central nas trajetórias dos sujeitos da pesquisa.

Essa relação familiar do fundador com as crianças e adolescentes, reproduzida por outros adultos no GAMA, se configura como uma das principais características e contradições constituintes da instituição. Nesse abrigo, percebe-se a carência de um trabalho efetivo voltado para a reinserção familiar ou inserção em família substituta⁵², possivelmente porque tem como proposta implícita e originária de ser a própria família da criança. Para Vidal (1991), o grupo institucional pode ser pensado como um grupo de “familiares”, pois mobiliza interações e relações de familiaridade e se constitui a partir das fantasias familiares e dos padrões domésticos. Nesse sentido, o “pacto fundador”⁵³ do GAMA, relacionado ao sentimento de filiação entre o Sr. Jafé e as crianças abrigadas, perdura ao longo da história da instituição, apesar dos esforços de seus integrantes para implementar a proposta pedagógica do GAMA em coerência com a política atual de reinserção familiar. Vale ressaltar que essa leitura incide sobre processos inconscientes na instituição, não sendo percebida por aqueles que se encontram envolvidos nessa dinâmica institucional.

A estrutura da instituição, composta por Casas-Lares, introduz a figura da *larista*, que desempenha funções importantes de prover cuidado, educação e afeto às crianças e adolescentes, assim como na manutenção de uma convivência de ordem familiar.

*“(...) tem a **mãe social**, que é uma larista, que toma conta. Cada casa comporta doze, quatorze crianças e adolescentes. Ali **eles vivem como se***

⁵² O abrigo é uma medida transitória, excepcional e trabalhar em prol da reinserção da criança na família de origem ou substituta (família extensa/guarda e adoção).

⁵³ “a razão de ser originária da organização; a convergência de interesse e desejos, ou os conflitos, que levaram a organização a constituir-se” (Carmem & Cunha, 2001, p.67)

realmente fossem uma família. A gente não separa meninos e meninas, justamente para dar a idéia de família mista. Então, tem rapaz, tem moças, tem crianças tudo misturado na família, com essa mãe substituta, e elas moram aqui mesmo, na instituição” (FUNCIONÁRIA).

“[...] temos cinco laristas, uma tira a folga; quando elas têm filhos, eles vêm pra cá, também, e moram na mesma casa. A alimentação é por casa. O sistema de casa lá é para que esse menino possa se aproximar, o máximo, da família,, por isso que a gente não tem um refeitório único; ele tem na casa dele o dia-a-dia de qualquer família: ele acorda naquela casa, lá ele tem a alimentação, ele tem a cama, o guarda-roupa dele; ele tem tudo ali como se fosse a casa dele” (NELSON).

A proposta da instituição parece pautada na busca por um ambiente familiar, porém as relações entre laristas e crianças/adolescentes escapam aos regimentos institucionais, visto que possuem uma dinâmica própria, de acordo com os papéis, sentidos, experiências, sentimentos vivenciados por cada um. Essa imprevisibilidade e ambivalência na esfera relacional não se restringem aos abrigos, permeando os diversos contextos de convivência, inclusive a família. Afinal, os conflitos, as contradições, as diversidades de papéis permeiam qualquer espaço de convivência humana (consideradas as particularidades de cada ambiente).

“São relações difíceis como uma mãe que tem relação difícil com o filho em casa, com suas dificuldades, com seus altos e baixos; relações afetivas. Têm mães que criam relação bem afetiva com os meninos da casa, um vínculo forte, mas, assim, difícil. Não é fácil pelo preparo, porque uma coisa é você ter um preparo com doze meninos com cabeças diferentes, com revoltas, uns com muito amor para dar e outros só com revolta. Então, essa mãe tem que ter muita concentração, muita dedicação, muito amor” (NELSON).

Além das laristas e demais adultos, as crianças dispõem da própria instituição como uma referência organizadora do seu desenvolvimento psíquico. Käes (1991) explica que as instituições mobilizam investimentos e representações que favorecem aos sujeitos a identificação com o grupo social, a inserção na subjetividade e na ordem simbólica e a aquisição de modelos identificatórios. Essa rede simbólica do GAMA permite a manutenção do vínculo institucional com os abrigados, apesar das possíveis falhas nas relações com os adultos. Nos finais de semana e encontros promovidos pela instituição, é possível reencontrar muitas pessoas que já saíram do GAMA. O discurso de Nelson remete a essa característica familiar do GAMA, ressaltando o apoio aos seus integrantes pelo tempo necessário a cada um. A manutenção dos vínculos e a possibilidade de retornar sempre que desejar são características previstas nas famílias, mas que também parecem reproduzidas no contexto do GAMA.

“Tem um menino nosso, lá, que ele está com 22 anos e, aí, o pessoal diz: ‘vocês vão ficar com ele até os 30 anos?’ Se for preciso a gente vai ficar com ele até os 30 anos” (NELSON).

No contexto social e cultural do GAMA, algumas mudanças foram identificadas em relação às famílias e crianças abrigadas nas últimas décadas. Inicialmente, tratava-se de mães, empregadas domésticas, que não tinham com quem deixar os filhos e, principalmente, em situação de muita pobreza. Nos últimos anos, observa-se que as famílias estão perdendo a convivência com suas crianças por motivos de violência física e sexual. Além disso, identifica-se um rápido rompimento dos vínculos entre os familiares e suas crianças e estas, por sua vez, têm apresentado maiores dificuldades de aprendizagem e de comportamento do que nas gerações anteriores.

“(...) agora uma coisa que acho diferente da época antiga pra de hoje é que hoje os meninos vêm com mais problemas do que os de antigamente; os meninos de hoje assistem mãe ser morta, ser agredida, envolvimento com drogas, que já têm visto tudo isso, e os de antigamente não tinham isso. Eles vinham pra cá mais pela necessidade, da mãe não ter condições de criar, pela questão de emprego porque, geralmente, eram todas empregadas domésticas e as patroas não queriam ficar com a mãe e o menino; e hoje, são meninos com “n” problemas. Aí, procuram o conselho, procuram o juiz” (FUNCIONÁRIA).

*“(...) a partir do momento que eles entram aqui, na instituição, a própria família corta esse vínculo; começa visitando e, de repente, pára. Então, termina cortando todo vínculo com essa criança, com esse adolescente, e chega ao ponto **deles acharem que a família somos nós...**” (FUNCIONÁRIA).*

A violência, enquanto fenômeno crescente na sociedade contemporânea, tem imprimido nas histórias das crianças abrigadas uma fragilidade nos vínculos afetivos e, conseqüentemente, nas suas relações sociais. Assim, é preciso considerar o contexto sócio-cultural diferenciado das gerações anteriores (nas quais se situam os participantes da pesquisa), tanto em relação ao motivo do abrigo quanto às relações familiares no êxito na vida social.

“Mudanças nos meninos é mais forte. Quarenta e quatro anos atrás eram órfãos, hoje são praticamente todos vitimizados. A diferença entre um órfão e vitimizado é enorme. É muito mais fácil cuidar de um órfão do que de um vitimizado” (NELSON).

“Hoje tem uma clientela de abusada sexualmente pela família e vitimizadas, porque foram espancadas pelos pais. Esse público é muito mais difícil de se trabalhar, muito mais carente, rebeldes, de não aceitar as coisas. Porque eles têm um bocado de traumas que vêm carregando há muito tempo. Nós temos adolescentes que viram a mãe sendo assassinada pelo pai. Então,

“você trabalhar com isso é muito mais difícil do que com pessoas que foram para a instituição porque o pai faleceu” (NELSON).

O investimento do GAMA na convivência comunitária, na participação das crianças e adolescentes nos diferentes espaços comunitários como escola, faculdade, igreja, congressos, esportes, configura-se como importantes oportunidades para o desenvolvimento social. A ampliação do campo interacional das crianças e dos adolescentes do GAMA, por meio da convivência comunitária e em diversos grupos, parece resultar num contexto propício para as relações e práticas sociais.

Quando o GAMA incorpora em seu discurso a perspectiva de que as crianças abrigadas são capazes de construir uma trajetória de vida bem sucedida, investindo em seus estudos, na sua convivência comunitária e desenvolvimento pessoal, vai ao encontro do que Altoé (2004) ressalta sobre a importância de a instituição considerar o sujeito, sua singularidade, destituindo-o de qualquer estereótipo. De acordo com Nelson, a maioria dos jovens que cresceram no GAMA, mais de 1.400 nessas quatro décadas de funcionamento, teve uma trajetória bem sucedida.

“Pra mim, um dos grandes desafios é se eu estou dizendo aos meninos que é possível, eu tenho que acreditar que é possível. Então, eu dei cursos nos presídios do estado de Pernambuco, há três anos atrás (sic), eu não vi nenhum menino da instituição dentro dos presídios do Estado de Pernambuco” (NELSON).

“E hoje, se você pegar o corpo de funcionários da instituição, uns dez são ex- meninos da instituição” (NELSON).

“Dizer a essa pessoa: - ‘Você pode!’ Dizer a Bárbara, que tem dois filhos do pai dela, que ela pode superar tudo isso e ser uma cidadã, meter a cara na vida e estudar, é um desafio. Isso é passado pelos outros egressos quando vão lá e egressos que também tiveram dificuldades, tiveram muitos problemas e hoje estão lá contando as dificuldades” (NELSON).

Esse discurso institucional ressalta a importância da quebra de estereótipos, do investimento na integração social dessas crianças à margem da sociedade e a possibilidade de elas contarem com novas referências identitárias seja através de grupos e/ou instituições. É a instituição-abrigo, perpassada por muitas outras instituições (família, religião, política), que, num processo de co-construção, promove novos relacionamentos e a formação de identidade dos indivíduos.

5. SÍNTESE (PROVISÓRIA) DAS ANÁLISES

Nesta etapa final do estudo, a articulação entre as análises individuais objetivou a compreensão dos possíveis encontros e desencontros entre as trajetórias de vida, considerando, dentre os múltiplos elementos envolvidos nas situações analisadas, aqueles já destacados nas sínteses anteriores, a saber: os vínculos afetivos, os modelos identificatórios, as instituições/contextos e o processo de significação. Dentro do recorte delimitado nessa pesquisa, os elementos citados acima foram considerados como os *circunscritores* mais expressivos, e não únicos, no direcionamento das trajetórias bem sucedidas de sujeitos que conviveram em instituição de acolhimento. O tratamento separado de cada *circunscritor* atende mais ao critério da didática do que à natureza interacional desses elementos, como poderá ser observado a seguir.

Vínculos afetivos

A complexidade das trajetórias de vida está associada ao conjunto de elementos e processos interacionais envolvidos nesse percurso. Nesse sentido, os vínculos afetivos não consistem em elementos isolados e *a priori* no desenvolvimento dos sujeitos, mas são dependentes das relações, dos contextos e das experiências, num movimento permanente de atualização e ressignificação.

As trajetórias de vida de Marcelo, Joana e Paulo compartilham duas experiências de repercussões significativas para o desenvolvimento infantil: a separação familiar e o acolhimento numa instituição de abrigo, que, na perspectiva de certas teorias clássicas da Psicologia, facilmente desencadeariam sérios problemas na formação da personalidade. No entanto, as histórias de vida pesquisadas ilustram a diversidade de elementos envolvidos no processo de desenvolvimento e de percursos possíveis num contexto específico.

Os vínculos afetivos foram identificados como um *circunscritor* presente em todas as trajetórias e em todos os momentos da vida dos sujeitos, produto das interações desses com a mãe, com adultos substitutos e com diferentes pessoas (crianças/adolescentes /adultos) do seu convívio social.

Considerando o período inicial da vida dos sujeitos, Marcelo foi o único que permaneceu apenas sob os cuidados diretos da mãe durante seu primeiro ano de vida. Já Paulo e Joana, ainda bebês, tiveram uma convivência compartilhada com outros adultos (uma fazendo-se presente física e simbolicamente no cotidiano do filho. Nesse sentido, para os participantes da pesquisa, a convivência com a mãe e os adultos substitutos no primeiro ano de vida, por meio de uma relação de dependência e identificação, parece ter resultado em

aquisições - de ordem física, emocional e social - relevantes para o processo de desenvolvimento.

Na teoria winnicottiana, as experiências saudáveis no período anterior à separação familiar favoreceriam as relações interpessoais posteriores nos contextos substitutos à família. Dessa forma, as histórias de vida analisadas apontam para uma vivência satisfatória com a mãe, marcada por uma relação de cuidado, possivelmente resgatada nas relações posteriores no abrigo, favorecendo o convívio social dos sujeitos.

Apesar das restrições dos dados relacionados ao período de convivência dos sujeitos com a família, no primeiro ano de vida, os resultados da pesquisa parecem consonantes com a hipótese levantada no início desse trabalho de que as *experiências positivas na esfera relacional, anteriores ao período de abrigamento, contribuíram para um desenvolvimento saudável*. Pelo menos, no que se referem às necessidades básicas de proteção, cuidados, alimentação e sustentação física, Marcelo, Joana e Paulo parecem beneficiados pelas funções maternas desempenhadas pela mãe, e em alguns casos com o auxílio de outros adultos.

A partir das narrativas dos sujeitos sobre a família de origem, compreende-se que a vinculação da criança com os pais torna-se vulnerável a um rompimento quando os entraves externos (culturais, sociais ou mesmo de ordem religiosa) adquirem uma dimensão ameaçadora à integridade física e psíquica do bebê, e também da própria mãe. As histórias de vida sinalizam que o motivo do abrigamento não se restringe a uma causa única, mas decorre de um conjunto de falhas na rede social da família, como: situação sócio-econômica precária, direitos básicos violados pela omissão do Estado (falta de moradia, emprego, alimentação, saúde etc.) e principalmente pela ausência de suporte na família extensa e nas relações de vizinhança. Nesse sentido, as reformulações atuais das políticas públicas voltadas para as famílias consistem numa pauta imprescindível para uma sociedade comprometida com o direito à convivência familiar e comunitária de suas crianças e adolescentes.

Logo após a separação familiar, Joana e Paulo estabeleceram novos vínculos afetivos com alguns adultos do GAMA, capazes de oferecer uma base de segurança nesse período de ruptura da relação com a mãe. Ao chegarem ao GAMA, o acolhimento transcorreu de forma pessoal e espontânea, principalmente pela família dos presidentes do abrigo, no caso de Joana, e pela larista, no caso de Paulo. Já a trajetória de Marcelo é marcada por uma relação instável e de afeto negativo com sua primeira larista, porém possivelmente amenizada nas suas conseqüências a partir da estabilidade da figura paterna representada pelo diretor do GAMA e do vínculo afetivo e familiar com as primas em sua companhia durante a primeira infância. Assim, a mudança do contexto familiar para o institucional resulta numa ampliação

significativa do campo de relações sociais, visto a pluralidade de pessoas e espaços comunitários articulados ao abrigo. Nesse sentido, o GAMA representou um ambiente favorável aos vínculos diante das várias possibilidades de relações afetivas e interações sociais. Nas Casas-Lares, as laristas recebem a função de assegurar uma vinculação afetiva com as crianças acolhidas, porém o estabelecimento do vínculo depende das características (questões subjetivas) de cada pessoa e das interações entre elas, o que nem sempre resulta no esperado. Assim, as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa apontam para situações em que não foi possível uma vinculação afetiva com determinadas laristas, mas viável com outros adultos (como os dirigentes, por exemplo) nesse contexto. Dessa forma, reforça-se a importância da participação das diferentes pessoas no abrigo e a necessidade de um trabalho contínuo com os cuidadores das crianças e dos adolescentes, a fim de manejar os aspectos subjetivos envolvidos nas relações com os abrigados, otimizando a dimensão afetiva nesse contexto.

Uma característica primordial dos vínculos estabelecidos entre os jovens e funcionários/dirigentes do GAMA refere-se à sua estabilidade, condição relevante para o desenvolvimento emocional. Observa-se nas histórias de vida dos sujeitos a presença de vínculos estáveis e permanentes durante o período de abrigamento e mesmo após o desabrigamento, como os vínculos construídos com o diretor; com a larista Mônica, no caso de Paulo; a larista Nice, com Marcelo, e Sra. Sônia com Joana.

Além dos vínculos com adultos, o abrigo apresentou-se como um contexto propício às relações entre as crianças e os adolescentes no GAMA, cuja função é complementar ao papel de cuidado exercido por adultos, atenuando possíveis falhas nesses cuidados, além de consistir num importante suporte afetivo para a superação das adversidades, das relações instáveis e da carência afetiva.

Nesse sentido, a estrutura de Casa-Lar adotada pelo GAMA parece favorecer as relações interpessoais, na medida em que reproduz certos aspectos do contexto familiar por meio da semelhança com residências particulares, tais como o quantitativo restrito de crianças e adolescentes (de diferentes faixas etárias), a manutenção do grupo de irmãos, e, principalmente, presença constante de um adulto. Essa convivência num contexto com características familiares e estáveis parece favorecer relações de familiaridade, baseadas no sentimento de filiação e fraternidade, para aqueles que não tiveram a possibilidade de retornar ao convívio da família de origem. Dessa forma, a leitura sobre as histórias de vida pesquisadas vai ao encontro da segunda hipótese desse trabalho, de que *no contexto do*

abrigo, a presença de vínculos afetivos e estáveis com um(s) adulto(s) e/ou seus pares (crianças/adolescentes) propiciaram condições favoráveis ao desenvolvimento psicossocial.

Além dos vínculos entre as pessoas, as narrativas de Marcelo, Joana e Paulo remetem ao vínculo institucional com o GAMA e a Igreja. Essa vinculação favorecia a permanência dos jovens nesses contextos durante a infância, adolescência, e mesmo após o desabrigo, ao contrário das situações observadas em determinados abrigos, onde há um alto índice de evasão das crianças e dos adolescentes. Todos os participantes da pesquisa continuam frequentando o GAMA e a igreja mantida no abrigo, inseridos em diversas atividades propostas nesses contextos. A manutenção dos vínculos com o GAMA e a igreja demonstra a qualidade da convivência dos jovens nessas instituições, além da estabilidade e segurança proporcionadas nesses ambientes.

Diante da relevância dos vínculos afetivos nas trajetórias dos sujeitos implicados nessa pesquisa, algumas questões aqui levantadas podem auxiliar na orientação dos programas de abrigo, a saber: Como o abrigo favorece vínculos afetivos, estáveis e duradouros, considerando as particularidades do corpo funcional e a transitoriedade da medida de abrigamento? Há espaço para uma circulação efetiva do afeto positivo nas relações interpessoais no abrigo? Como os funcionários lidam com os diferentes papéis exigidos no contexto institucional, uns pautados no vínculo empregatício, e outros relacionados às funções psicoafetivas demandadas pelas crianças e pelos adolescentes?

Modelos identificatórios

Após a análise das histórias de vida, sinalizando a diversidade de elementos envolvidos na trajetória dos sujeitos, os modelos identificatórios foram considerados como um *circunscritor* em comum no desenvolvimento dos participantes da pesquisa que obtiveram êxito na vida social após um longo período de convivência em abrigo. Partindo do pressuposto de que as identificações resultam de uma construção pessoal e, ao mesmo tempo, conjunta com outras pessoas nos diferentes ambientes, a análise dos modelos identificatórios implica no resgate das relações e dos contextos envolvidos no percurso dos sujeitos.

Nas narrativas de Marcelo, Paulo e Joana, as identificações foram apreendidas como um processo contínuo, contextualizado e dinâmico, perpassado por construções/desconstruções, aproximações/afastamentos, mudanças/continuidade, significações/ressignificações durante o desenvolvimento psicossocial. Com o decorrer do tempo e das oportunidades, os indivíduos vão se inserindo em novos grupos e contextos que

dispõem de diferentes modelos identificatórios, selecionados de acordo com cada momento e situação, como o padrão de comportamentos a serem seguidos na vida social.

Durante a infância, as influências dos pais ou adultos substitutos predominam sobre os valores, ideais, normas, princípios éticos e sociais compartilhados pelas crianças. Nesse sentido, as laristas e os outros adultos do GAMA, como os dirigentes, foram as principais referências na formação identitária dos participantes da pesquisa na infância, contribuindo para o bom convívio social, a apropriação dos códigos morais, a crença religiosa, o investimento nos estudos etc.

Já na adolescência, o convívio intenso dos sujeitos nos grupos de adolescentes incide em importantes mudanças no convívio social. As histórias de vida, em consonância com os referenciais teóricos trabalhados nessa pesquisa, apontam para a intensificação da vida em grupo, a necessidade de corresponder às expectativas desses por meio de comportamentos imitativos, como características observadas na adolescência. Nesse sentido, a convivência de Marcelo e Paulo nos grupos de adolescentes do GAMA, esse novo campo de interações, resultou na substituição dos modelos identificatórios relacionados ao GAMA e à igreja pelos do grupo, e, conseqüentemente, em mudanças de comportamento no contexto escolar, do GAMA e da igreja. As atitudes de obediência às normas e regras institucionais, o investimento nos estudos e no convívio religioso perdia espaço para o questionamento das figuras de autoridade, o desinvestimento nos estudos, distanciamento dos ideais e das regras do abrigo. Já Joana teve uma experiência diferente em relação à participação no grupo de adolescentes, distante de uma atitude de rebeldia ou oposição, visto que o seu grupo era reconhecido pelo êxito nos estudos escolares, servindo de referência aos outros alunos na escola pública.

Essas particularidades vivenciadas no processo de identificação, durante a adolescência, foram interpretadas como aspectos saudáveis no processo de formação identitária, visto que, a partir da experiência com diferentes modelos identificatórios, os sujeitos pareciam se apropriar de modo mais crítico e seguro de um conjunto próprio, mas construído *com e pelo* outro, de valores, normas, ideais, princípios éticos, sociais e religiosos.

Logo após esse período de mudanças e transformações nas trajetórias de Marcelo e Paulo, foi possível perceber a predominância de modelos identificatórios relacionados à rede simbólica das instituições – com destaque para o GAMA e a Igreja – composta por seus valores, pelas suas representações simbólicas, pelas normas, pela cultura. Neste trabalho não foi possível explorar todas as instituições envolvidas nas trajetórias pesquisadas, motivo pelo qual o foco foi direcionado ao GAMA e à Igreja pelas funções estáveis na vida dos sujeitos.

As práticas institucionais do GAMA, baseadas em oportunidades de crescimento pessoal e profissional dos jovens, intervieram como importantes elementos pragmáticos e simbólicos na formação identitária desses. Em todas as narrativas, inclusive dos funcionários e do dirigente do GAMA, foi possível apreender uma visão construtiva, de potencialidades e confiança, sobre as crianças e os adolescentes atendidos na instituição.

As expectativas positivas da Instituição-GAMA sobre a vida dos abrigados, o histórico de trajetórias de vida bem sucedidas de ex-abrigados, os valores institucionais direcionados à educação e convivência cristã, o respeito às regras e normas foram alguns dos elementos implicados no processo de identificação de Marcelo, Joana e Paulo, permeado por condutas pró-sociais.

Nesse sentido, a igreja também proporcionava um importante suporte social aos participantes da pesquisa que, por meio da inserção nas atividades e cotidiano da igreja, se mantinham em constante interação com as pessoas da comunidade, além de compartilharem um conjunto de práticas sociais norteadas pelos sentidos e significados ligados ao cristianismo, aos princípios morais. As atividades atuais desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa remetem às identificações com esses contextos institucionais, haja vista Marcelo que atua como pastor (em formação), Paulo é responsável pelo Ministério da Música da igreja do GAMA, e Joana, professora na escola bíblica infantil também na igreja do abrigo.

A partir das considerações sobre os modelos identificatórios dos sujeitos da pesquisa, propõem-se algumas questões aos abrigos e demais contextos de convivência, visando à reflexão sobre as práticas institucionais, como: que modelos identificatórios são compartilhados nos grupos e nas organizações em que se encontram as crianças e os adolescentes? Como propiciar alternativas de identificações que impulsionem os jovens a uma trajetória bem sucedida? Que valores, princípios éticos e ideais são apresentados (implicitamente) pelas instituições envolvidas no cotidiano das crianças? Quais as expectativas e representações simbólicas sustentadas no contexto de convivência (abrigo, família, creches etc.) sobre o futuro de suas crianças e seus adolescentes?

Instituições

Nas histórias de vida analisadas, as instituições aparecem como agentes nas interações com os sujeitos da pesquisa, e não apenas como o cenário onde transcorreram as experiências pessoais. Retomando o conceito utilizado nesse trabalho sobre instituição, é essa uma realidade simbólica que estabelece modos de relacionamentos, regula as relações nos grupos e

constitui a realidade social (CARDOSO & CUNHA, 2001). Dessa forma, justifica-se o uso desse termo concernente ao GAMA, à igreja, à família, à escola, dentre outras instituições, como identidade simbólica que prescinde uma estrutura concreta.

Muitos aspectos sobre as instituições já foram abordados nos tópicos anteriores, sinalizando a centralidade dos processos interativos no estudo das trajetórias de vida. É dentro desse campo de interações que as instituições atuam como importante *circunscritora* no desenvolvimento psicossocial dos sujeitos. Dessa forma, nesse estudo, foram atribuídas duas funções principais às instituições, diretamente articuladas aos *circunscritores* anteriormente tratados: uma função relacionada aos vínculos e às relações afetivas e, a outra, ao processo de identificação.

Considerando as diversas instituições envolvidas na trajetória dos sujeitos dessa pesquisa, privilegiou-se a igreja e, principalmente, o GAMA como principais contextos constituídos por uma dimensão física e simbólica.

A igreja, apesar de localizada dentro do espaço do GAMA, era aberta para as pessoas da comunidade, e tinha a participação assídua das crianças e dos adolescentes do GAMA, simbolizando uma mediação entre o abrigo e a comunidade. Na infância e adolescência dos participantes da pesquisa, as interações sociais, no contexto da igreja, ampliavam a rede de relações interpessoais, propiciando a afetividade entre as pessoas e, conseqüentemente, outros vínculos afetivos, além dos constituídos no abrigo.

Para Paulo e Joana, a vinculação com a igreja foi preservada durante todo o período de convivência no GAMA, estendendo-se aos dias atuais. Enquanto para Marcelo o vínculo com a igreja sofreu algumas intercorrências durante o período fora do GAMA, a partir das identificações nas novas relações e contextos, mas foi resgatado durante os períodos de crise e desamparo, como um suporte social e afetivo. Nesse sentido, a igreja parecia representar um elo entre os sujeitos e o abrigo, atuando como meio para retomar as relações e os vínculos estabelecidos *no e com* o GAMA.

A igreja também aparece como um contexto favorável ao desenvolvimento de habilidades pessoais e de atividades construtivas. Nesse sentido, Marcelo, Paulo e Joana, bastante participativos nas programações da igreja, como cultos, Ministério da Música, trabalho social com a população carente, estudos bíblicos, eventos evangélicos etc., receberam forte influência dessa instituição. Essa aproximação com ela transparece ainda nos fatos importantes da vida dos sujeitos que foram registrados nesse contexto, como o casamento de Marcelo e de Joana, apontando para a qualidade do vínculo com essa instituição. Essa

vinculação com a igreja continuou na vida adulta, sendo os participantes da pesquisa considerados membros regulares da igreja do GAMA.

A partir dos laços emocionais entre os membros da igreja, as identificações tornavam-se possíveis nesse contexto. A rede simbólica constituída pela sua história (que se confunde com a do GAMA, ambos fundados na mesma época e de forma articulada), pelos princípios, pelos valores, pela cultura, pelas normas, pela tradição, propõe modelos identificatórios aos sujeitos que dela participam. Como abordado anteriormente, a igreja consistiu num importante espaço alternativo de identificações para os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, as histórias de vida de Marcelo, Paulo e Joana apontam para a importância das identificações com modelos e ideais sustentados por essa instituição religiosa, na associação com condutas e práticas coerentes com os padrões socialmente aceitos. A importância da igreja no processo de identificação dos sujeitos refere-se à sua ligação com condutas pró-sociais e, portanto, com modelos identificatórios favoráveis ao êxito na sociabilidade durante o desenvolvimento.

A articulação entre o GAMA e a igreja resultava num conjunto de regras, normas, princípios de convivência, organizadores do cotidiano das crianças e dos adolescentes abrigados. Na narrativa de Joana, as exigências e normas estabelecidas no GAMA, muitas vezes, resultavam em conflitos e resistências por parte dela e dos companheiros da Casa-Lar, diante da obrigatoriedade na frequência diária aos cultos, da proibição de novelas, filmes, maquiagem, certos tipos de roupas etc. Posteriormente, a partir dos questionamentos dos jovens, houve um movimento de flexibilização de certas exigências no abrigo. Nesse sentido, as interações entre os jovens e as instituições, GAMA e igreja, promoviam certas transformações no cotidiano no abrigo.

Nas trajetórias de vida analisadas, o Instituto GAMA consistia efetivamente num contexto substituto à família, por dois motivos principais: o primeiro, porque não houve a reinserção dos sujeitos na família de origem ou inserção em família substituta por meio da adoção ou guarda pela família extensa; e o segundo, pelo resgate de relações de familiaridade no abrigo.

A excepcionalidade e a transitoriedade da medida de abrigamento, previstas no ECA – 1990, não foram aplicadas à situação dos jovens dessa pesquisa, em que deve ser considerado o contexto social, cultural e jurídico referente ao período do abrigamento nas décadas de 70 e 80. A permanência prolongada nos abrigos era uma realidade muito comum antes da implantação do ECA, e ainda hoje encontram-se resquícios dessa herança histórica, porém devidamente repensada. Há, claro, os casos de jovens que não puderam retornar à família,

nem tiveram a possibilidade de adoção, justificando a permanência em abrigos ou repúblicas até atingirem a maioridade, ou aí permanecerem pelo tempo necessário.

Essa questão do período de abrigamento, no caso particular do GAMA, além dos aspectos jurídicos envolvidos, destaca os elementos simbólicos sobre a história e as origens da instituição. Conforme trabalhado nas análises anteriores, o pacto fundador do GAMA, os desejos e as contradições relacionados com sua origem repercutem nas relações e práticas estabelecidas nesse contexto. Nesse sentido, a longa permanência da maioria das crianças e dos adolescentes no GAMA evidencia, como questões subjacentes, a história da instituição articulada com o desejo do seu fundador de acolher crianças e adolescentes como extensão da sua família e não, simplesmente, como medida provisória para a viabilização da reinserção familiar. A permanência prolongada no abrigo aparece como uma importante característica da identidade do GAMA, que só pode ser compreendida a partir dos elementos sociais, culturais e simbólicos envolvidos na dinâmica institucional.

Nesse sentido de correlação entre o GAMA e o contexto da família, as *relações de familiaridade* são facilmente apreendidas nas histórias de vida. Nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, ao se referirem ao GAMA e às pessoas com as quais conviviam nesse contexto, eram muito comuns expressões do tipo: “*o abrigo é minha casa, minha família; a larista é como uma mãe; o diretor é como um pai; e os amigos, como verdadeiros irmãos (sic)*”. As representações familiares direcionadas ao GAMA sinalizam as relações afetivas e as funções psicoafetivas resgatadas no contexto institucional.

Foge ao propósito dessa pesquisa a discussão sobre a pertinência ou inadequação do uso de expressões comuns ao contexto familiar no GAMA, e os riscos de o abrigo *camuflar-se* como uma família, como diria Marin (1999). As observações consideradas relevantes sobre as relações familiares no abrigo, independente dos termos utilizados, referem-se à possibilidade das instituições de acolhimento resgatarem as funções psicoafetivas previstas na família, como: vinculação afetiva, estabilidade nas relações, segurança, proteção, cuidado, socialização primária, identificações, transmissão da cultura e linguagem etc. Nesse sentido, os participantes da pesquisa parecem beneficiados pelos vínculos afetivos e pela convivência com adultos do GAMA, capazes de resgatar as funções psicoafetivas no contexto institucional. Dessa maneira, o resgate das figuras materna e paterna por adultos no abrigo, além das relações fraternas entre as crianças e os adolescentes, consistiram em importantes condições propiciadas pela instituição a favor da afetividade, segurança e estabilidade necessárias ao desenvolvimento psicossocial.

Desse modo, a partir dos vínculos e das relações afetivas propiciadas pela instituição-GAMA, foi possível resgatar as funções psicoafetivas, no contexto institucional, favoráveis ao desenvolvimento emocional saudável. A outra função atribuída às instituições refere-se ao processo de identificação, também já abordado anteriormente nessa síntese.

Considera-se pertinente retomar questões sobre a dimensão física, mas principalmente sobre a rede simbólica formadora da instituição-GAMA. Em relação aos aspectos físicos, já foram abordados os possíveis benefícios da infra-estrutura de Casas-Lares, mas uma das grandes contribuições é a articulação proporcionada com outros espaços comunitários. Como visto antes, o GAMA faz parte de uma rede composta por diversos espaços comunitários, como: igreja, escola, creche, escolas profissionalizantes, etc. Assim, nas narrativas percebem-se que, após a entrada dos sujeitos no abrigo, havia uma significativa ampliação das relações e dos contextos dos abrigados, constituindo-se o GAMA como principal rede de apoio social.

Quanto à rede simbólica da instituição-GAMA, constituída pelo seu conjunto de representações sociais, crenças, mitos, história, valores, ideais, normas, matrizes identificatórias, cadeia de significados, entre outros elementos, observou-se que essa repercute na dinâmica organizacional do abrigo, atua como organizadores da vida dos sujeitos que a integram e, principalmente, regulam os comportamentos por meio dos seus modelos identificatórios. Nesse sentido, a compreensão sobre o desenvolvimento dos sujeitos em determinado contexto institucional requer uma articulação com o simbolismo constituinte da instituição. Desse modo, conhecer a história do GAMA, suas origens, algumas de suas representações simbólicas contribuiu para o estudo contextualizado das histórias de vida. Muitos aspectos sobre a rede simbólica do GAMA já foram abordados, mas a principal participação da instituição nas trajetórias dos sujeitos dessa pesquisa refere-se aos modelos e ideais compartilhados com as crianças e os adolescentes abrigados, favorecendo a identificação dos sujeitos com o grupo social mais amplo, além das referências de limites e transgressões necessárias para uma vida social satisfatória.

Nesse processo de identificação, mediado pelo GAMA, o discurso institucional, baseado numa concepção construtiva e de expectativas de êxito social sobre os abrigados, consiste num importante elemento implicado nas identificações, e que não ecoa num vazio empírico no cotidiano do abrigo. Ao contrário, a instituição-GAMA viabiliza alternativas para que as crianças e os adolescentes atinjam as expectativas lançadas sobre si. A partir das narrativas dos participantes da pesquisa foi possível identificar algumas atividades propostas no contexto do GAMA como estratégias de valorização das competências das crianças e dos

adolescentes abrigados, a saber: estudo, lazer (momentos para brincadeira livre), prefeitura-mirim (trabalhando a formação política e de cidadania), ações social em comunidades carentes, formação profissional etc.

A partir dos investimentos do GAMA, Marcelo concluiu o ensino médio e fez vários cursos profissionalizantes durante a convivência na instituição, Joana fez preparatório para o vestibular, curso técnico na área de saúde e concluiu o ensino superior, e Paulo, após o término do ensino médio, tem seu curso de graduação financiado pelo abrigo. Assim, é possível perceber as oportunidades geradas no contexto institucional que preparam os jovens para uma vida de autonomia após a saída do abrigo. Dessa forma, retoma-se a terceira e última hipótese admitida nesse estudo sobre o GAMA, a de que *as condições relacionadas às atividades produtivas (escola, trabalho etc.) e à participação nos diversos espaços comunitários, mediadas pelo abrigo, favoreceram a inserção social e autonomia dos sujeitos afastados da família de origem.*

É a instituição-abrigo perpassada por muitas outras instituições (família, religião, política) que, num processo de co-construção, promove novos relacionamentos e a formação de identidade dos grupos e dos indivíduos. Uma questão que se coloca nessa discussão, como contribuição aos abrigos e a outros contextos de convivência, é a que se interroga sobre os tipos de instituições – matrizes identificatórias, conjunto de valores, normas e representações simbólicas – que estão envolvidas nos contextos de desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Processo de significação

A partir das análises desse estudo, dentre os fatores que atuam como *circunscritores* da trajetória de vida dos sujeitos da pesquisa, propõe-se o processo de significação. Os sentidos e significados são construídos a partir das interações entre o sujeito e o meio, de suas emoções, experiências, relações interpessoais, dentro de um processo contínuo e dinâmico, passível de mudanças e novas aquisições; norteiam as ações dos sujeitos em determinadas direções e para certas práticas sociais. Essa compreensão sobre o processo de significação é uma das contribuições da Perspectiva da Rede de Significação para o estudo do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, o processo de significação foi considerado como um dos *circunscritores* envolvidos no direcionamento das trajetórias de vida dos participantes da pesquisa, porém situado num lugar diferenciado dos demais. Esse *circunscritor* parece

envolver todos os outros, promovendo a articulação entre os diferentes elementos e a construção de novas configurações da rede de relações e contextos do sujeito.

Dentre os diversos sentidos construídos ao longo da trajetória dos sujeitos, dois conjuntos de significados foram explorados nas narrativas dos participantes da pesquisa, considerados como importantes elementos discursivos no percurso desses sujeitos: um referente à família e outro ao contexto do GAMA. Na construção desses sentidos e significados, cada sujeito imprime certa singularidade nesse processo.

Como visto na narrativa de Paulo, os sentidos relacionados à família e ao papel social de mãe eram atribuídos ao contexto do GAMA e a sua larista, respectivamente. Essa construção de significados parecia articulada com o convívio cotidiano com a larista Mônica, o vínculo afetivo construído entre eles, os sentidos também atribuídos pela larista na relação com Paulo e o afastamento da mãe. Nesse sentido, as interações de Paulo no contexto do GAMA e os demais fatores envolvidos no seu cotidiano resultavam numa significação da Casa-Lar como sua família, enquanto sua mãe era dissociada dos significados da figura materna. Em relação à Joana, a situação parece um pouco distinta, apesar dos sentidos sobre família atribuídos ao GAMA e aos adultos, a vinculação com a mãe, que a visitava sistematicamente, parecia favorecer-lhe uma extensão desses significados.

Já para Marcelo a falta de qualquer informação e contato com os familiares mobilizava-o numa (re)construção constante de significados sobre a família. Esse processo parecia permeado por contradições e incertezas que pareciam repercutir nas suas relações e vinculações afetivas. Marcelo remetia os significados sobre família, em direção a vários adultos, nas diversas oportunidades que surgissem, para agregar novos pais e mães, por meio das relações com os parentes das outras crianças. Esse movimento intenso de atribuição de sentidos familiares, protagonizado por Marcelo, parecia corresponder a uma busca pelo verdadeiro significado, em sua história, baseado na família de origem.

Em relação à convivência no GAMA, os significados construídos diferem entre os jovens. Para Paulo e Joana, o GAMA era significado como um contexto familiar permeado por sentidos construtivos e sentimentos de gratidão pelo apoio recebido. Já o conjunto de significados construídos na trajetória de Marcelo sobre o GAMA era repleto de contradições e ambivalências. Nesse caso, ora o GAMA era significado como uma família, ora como um paliativo diante da ausência dos familiares; ora era um lugar da provisão, ideal para qualquer pessoa, ora era o lugar da falta, da alienação; ora a família era aquela que cuidava, ora era definida pelos laços consangüíneos. Assim, os conflitos entre Marcelo e sua família de origem parecem repercutir nas significações sobre o GAMA e os adultos substitutos de forma

ambivalente e conflitiva, repercutindo nas suas relações construídas de aproximações e afastamentos.

Nesse sentido, o processo de significação está associado às práticas adotadas pelo sujeito, repercutindo em suas interações e em seus modos de relacionamentos. Esse processo permeia as relações dos sujeitos com as instituições, com outras pessoas e com os diferentes contextos. Assim, considera-se que as significações permeiam todos os processos afetivos e sociais na vida dos sujeitos, que os vínculos afetivos e os modelos identificatórios necessariamente que dependem da forma como as relações são significadas, de como os sentidos são construídos nas interações sociais.

Conclusão-principal

A partir das análises das histórias de vida dos sujeitos dessa pesquisa, foi possível compreender que, dentre os múltiplos fatores envolvidos no direcionamento das trajetórias ao êxito na vida social, podem ser considerados como os *circunscritores* mais expressivos: os vínculos afetivos, os modelos identificatórios, as instituições envolvidas na formação dos sujeitos e o processo de significação, sendo esse último de natureza mais ampla, que envolve todos os outros elementos e promove a articulação entre eles.

O gráfico, a seguir, objetiva ilustrar a configuração - sem qualquer pretensão de simplificação -, das interações entre os *circunscritores* analisados nas trajetórias de pessoas que foram afastados da família de origem, desde o primeiro ano de vida, e conviveram em instituição de acolhimento desde a infância até a idade adulta.

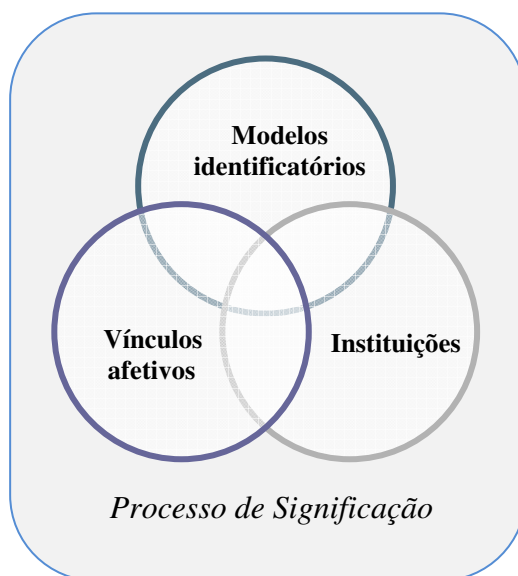


Gráfico 2: Principais *circunscritores*, analisados nesse estudo, associados às trajetórias bem sucedidas de sujeitos que conviveram em abrigo, durante a infância e a adolescência.

Os *circunscritores* apresentados foram considerados os pilares para a compreensão dos fatores afetivos e sociais envolvidos nas trajetórias de vida bem sucedidas. Relacionado a cada um desses *circunscritores*, considera-se a existência de muitos outros elementos de ordem física, social, cultural, histórica, relacional etc. Todo esse conjunto de elementos foi considerado imerso nas malhas das significações e situado em contextos delimitados pelos aspectos sociais e culturais.

A partir desses resultados foi possível sinalizar os processos psicossociais favoráveis ao êxito na vida social de pessoas que conviveram em abrigo. Tais resultados, talvez possam ser aplicados também noutros contextos.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, considerou-se que os contextos de desenvolvimento devem ser explorados dentro de suas particularidades e de seu sistema sócio-cultural, sem uma concepção determinista *a priori* das suas possibilidades e limitações ao desenvolvimento humano. Concorde-se com o entendimento hegemônico de que a família é o lugar mais adequado à convivência de crianças e adolescentes (salvo os casos em que se torna um espaço de violência e exclusão) pelas condições (vínculos e compromisso mútuo) favoráveis aos processos afetivos e sociais no desenvolvimento infantil. No entanto, na impossibilidade do convívio com a família, outros contextos vêm assumindo a função do cuidado e de proteção de crianças e adolescentes, sem necessariamente falharem nessa tarefa de substitutos da família.

Os serviços de acolhimento ainda são necessários e possivelmente assim serão por muito tempo, atuando muitas vezes como a única rede social organizada da criança, acarretando, portanto, necessariamente, novas propostas de abrigos, em conformidade com as legislações vigentes e com as demandas psicossociais do desenvolvimento. Desse modo, vislumbra-se a possibilidade dos abrigos atenderem à população infanto-juvenil com maior dignidade, desde que não sejam instituídos como o lugar da exclusão, massificação e de práticas punitivas encontradas nos antigos orfanatos.

Os estudos mais recentes já vêm abordando essa visão construtiva sobre os abrigos, com foco nas possibilidades e oportunidades propiciadas nesse contexto institucional. Dessa forma, o estudo nesse campo empírico contribuiu para uma visão mais complexa e atenta às especificidades das trajetórias de sujeitos em abrigos.

As histórias de vida analisadas sinalizaram o modo singular que cada sujeito em interação com o outro e com seu meio vai construindo o seu percurso. Porém, dentro de uma organização mais rígida dos elementos discursivos, simbólicos, sociais e culturais, certa previsibilidade pode ser atribuída aos comportamentos e às práticas sociais, num contexto específico.

Nesse sentido, os resultados dessa pesquisa apontaram para um conjunto de fatores de ordem afetiva e social - os vínculos, os modelos identificatórios e a natureza das instituições envolvidas - como *circunscritores* importantes do desenvolvimento saudável em situação de abrigo. Esses fatores psicossociais aparecem articulados dentro do processo de significação,

produção de sentidos, a partir das interações sociais, ligados às relações e práticas que circunscrevem a trajetória de vida de cada sujeito.

As contribuições desse trabalho de investigação integram-se num esforço maior para o estudo do desenvolvimento humano em diferentes contextos sociais, pautado na relativização do papel dos diferentes ambientes sócio-afetivos e, em particular, nas condições existentes nos programas atuais de abrigo.

A partir desse estudo, surgiu o interesse de investimento futuro em estudos comparativos entre trajetórias em instituições de acolhimento não-governamentais e governamentais, entre pessoas que ingressaram no abrigo em diferentes momentos do desenvolvimento e entre aqueles que obtiveram êxito na vida social e os que não o conseguiram. Tais sugestões de investigação científica poderão contribuir para o estudo das condições favoráveis ao desenvolvimento humano, assim como aprofundar questões relacionadas às particularidades e generalidades nos diferentes contextos de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, Sônia. **Sujeito de direito, sujeito do desejo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMORIM, K. de S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A matriz sócio-histórica. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. de S.; SILVA, Ana Paula Soares da; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARPINI, Dorian Mônica. Repensando a Perspectiva Institucional e a Intervenção em Abrigos para Crianças e Adolescentes. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**. v. 21, nº 1. Brasília, 2003. p. 70-75

ASSIS, S. G. de; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BECKER, H. S. A história de vida e o mosaico científico. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 101-115.

BOWLBY, John. Psicanálise e cuidados com a criança. In: BOWLBY, John (Org.). **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Trad.: Álvaro Cabral. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Efeitos sobre o comportamento do rompimento de um vínculo afetivo. In: BOWLBY, John (Org.). **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Trad.: Álvaro Cabral. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Autoconfiança e algumas condições que a promovem. In: BOWLBY, John (Org.). **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Trad.: Álvaro Cabral. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Formação e rompimento de vínculos afetivos. In: BOWLBY, John (Org.). **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Trad. Álvaro Cabral. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BLOS, Peter. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDOSO, C.; CUNHA, F. C. da. Compreendendo a organização: uma abordagem psicossociológica. **Cadernos INTG**. Fundamentos teóricos, 1. Recife: Instituto de Tecnologia em Gestão, 2001.

CARVALHO, A. M. A., Em busca do vínculo – Uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. In: **Família, Sociedade e Subjetividades: Uma perspectiva multidisciplinar**. PETRINI, J. C. & CAVALCANTI, V. R. S. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2005. cap. 9, p. 183-194.

_____. *et al.* Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Psicologia em Estudo**. v. 11, n. 3. Maringá, set./dez. 2006. p. 589-598.

_____.; IMPÉRIO-HAMBURGER, A.; PEDROSA, M. I. Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos. **Publicações Ifusp**, v. 1196, São Paulo. p. 1-34, 1996.

CARVALHO, Alysson Massote. Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e desafios. In: CARVALHO, A. M. A.; LORDELO, E. da R. & KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo; Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ªed. Impressão: 2000. Trad.: Guy Reynaud. Revisão técnica: Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CRUZ, Lílian Rodrigues da. **(Des)Articulando as políticas públicas no campo da infância: implicações da abrigagem**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos. **PSICO**, v. 39, n. 1. Porto Alegre: PUCRS, jan./mar. 2008. p. 33-40, Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1455/2793>.

ENRIQUEZ, Eugène. O trabalho da morte nas instituições. In: KAËS, R; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E.; FORNARI, F.; FUSTIER, P.; ROUSSILON, R. & VIDAL, J. P. (Orgs.). **A Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos**. Trad.: Joaquim Pereira Nelson. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

FERREIRA, Bruno Eduardo Silva; GARCIA, Agnaldo. Aspectos da amizade de adolescentes portadores de diabetes e câncer. **Estudos Psicológicos**, v. 25, n. 2. Campinas, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000200013&lng=&nrm=iso>. Acessado em: 04.01.2008. doi: 10.1590/S0103-166X2008000200013.

FREUD, Sigmund. A sexualidade infantil. (1905). In: **Obras Completas**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Psicologia de grupo e a análise do Ego (1921). In: **Obras Completas**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. O aparelho psíquico (1940). In: **Obras Completas**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

KAËS, R. Realidade Psíquica e Sofrimento nas Instituições. In: KAËS, R; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E.; FORNARI, F.; FUSTIER, P.; ROUSSILON, R. & VIDAL, J. P. (Orgs.). **A Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos**. Trad.: Joaquim Pereira Nelson. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

KLEIN, M. (1937). Amor, culpa e reparação. In: _____. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Trad. de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Trad.: Pedro Tamin. Prefácio: Daniel Lagache (Dir.). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEITÃO, M. B. S. Bion: considerações a respeito dos grupos. In: BAREMBLITT, G. (Org.). **Grupos: teoria e técnica**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

LEVY, L. “Quero falar com o Dr. Ciro”: o poder judiciário e a função paterna. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-RIO / São Paulo: Loyola, 2003. v. 1. 288 p.

LEWIS, M. A adaptação e a natureza da vida social. In: _____. **Alterando o destino: por que o passado não prediz o futuro**. São Paulo: Moderna / Campinas: UNICAMP, 1999.

LORDELO, E. da R.; CARVALHO, A. M. A.; & KOLLER, S. H. (Orgs). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo / Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2002.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MARCÍLIO, M. L. **A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950**. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. 3ª ed. revista e ampliada v. 01. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIN, I. da S. K. **FEBEM, Família e Identidade: o Lugar do Outro**. 2ª ed. São Paulo: Escuta, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contextos de observação, interação e descoberta. In: In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25ª ed. revista e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINUCCI, D. L. Grupos no hospício: o desejo como tarefa. In: SAIDON, Oswaldo; KAMKHAGI, Vida Rachel (Orgs.). **Análise institucional no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.274- 286.

OLIVEIRA, Z. M. R.; GUANAES, C.; COSTA, N. R. A. Discutindo o conceito de “jogos de papel”: uma interface com a teoria de posicionamento. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. de S.; SILVA, A. P. S. da; CARVALHO A. M. A. (Orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OSÓRIO, L. C.. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PAGÈS, M. **A vida afetiva dos grupos**: esboço de uma teoria da relação humana. Trad.: Luiza L. Leite Ribeiro. Revisão técnica: Célio Garcia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

PAGÈS, M. *et al.* **O poder das organizações**. Trad.: Maria Cecília Pereira Tavares e Sônia Simas Favatti. Revisão técnica: Pedro Aníbal Drago. São Paulo: Atlas, 1987.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicol. estud.** v. 9, nº 1. Maringá, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24.05.2008. doi: 10.1590/S1413-73722004000100009.

RIZZINI, I.; RIZZINI, I. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. v. 1. Rio de Janeiro: PUC – Rio / São Paulo: Loyola, 2004. 94p.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicol. Reflex. Crit.** v. 13, nº 2. Porto Alegre, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12.07.2008. doi: 10.1590/S0102-79722000000200008

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Katia S.; SILVA, Ana Paula S.. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; & CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. 5ª ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2003.122p.

SERAPIONI, Mauro. O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

81232005000500025&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 14.01.2008. doi: 10.1590/S1413-81232005000500025.

SILVA, Ana Paula Soares da; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Continuidade/descontinuidade no envolvimento com o crime: uma discussão crítica da literatura na psicologia do desenvolvimento. **Psicol. Reflex. Crit.** v. 15, n° 3. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12.07.2008. doi: 10.1590/S0102-79722002000300012

SILVA, Enid Rocha Andrade da (Coord.). **O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil.** Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

SZYMANSKI, H. Teorias e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

STOECKLIN, Daniel. Das potencialidades de crianças e adolescentes em situação de rua ao desenvolvimento social. In: RIZZINNI, Irene. (Coord.). **Vida nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis.** Rio de Janeiro: PUC-Rio / São Paulo: Loyola, 2003.

TRAVIESO, Pilar Isabel. Psicologia social: reflexões sobre a família e internato. In: COHEN, Cláudio (Org.). **Saúde mental, crime e justiça.** 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

TYSON, Phyllis; TYSON, Robert L. **Teorias Psicanalíticas do Desenvolvimento: uma integração.** Trad.: Maria Joana Veríssimo Veronesi. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VIDAL, Jean Pierre. O Familiarismo na Abordagem "Analítica" da Instituição: a instituição ou o romance familiar dos analistas. In: KAES, R.; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E. *et al* (Orgs.). **A Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos.** Trad.: Joaquim Pereira Nelson. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

WINNICOTT, D. W.. **A família e o desenvolvimento individual.** 3ª ed. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. **Privação e delinquência.** Tradução Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Trad.: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. Reimpressão 2007.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que estou ciente da pesquisa “Histórias de vida construídas em abrigos – Uma alternativa possível” cujo objetivo será analisar as histórias de vida de adultos com experiência significativa de abrigamento durante a infância e adolescência. Esta pesquisa será realizada através de entrevistas com utilização de gravador a fim de registrar os relatos dos participantes, podendo ser necessário mais de um encontro com os mesmos para a realização da pesquisa. Fica acordado que fui orientado de que as informações fornecidas por mim, serão estritamente confidenciais. Porém, estou de acordo de que os dados científicos, desde que não sejam identificados, poderão ser usados em congressos e publicações no intuito de compartilhá-los com outros centros de estudo, que não receberei qualquer valor em dinheiro, e terei a garantia de que todas as despesas necessárias para a execução da pesquisa não serão de minha responsabilidade.

Estou ciente que se trata de uma atividade voluntária e que posso desistir a qualquer momento. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando aos pesquisadores, sem prejuízo para ambas as partes em qualquer ocasião. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informado(a) que a pesquisa pode envolver algum possível desconforto ou constrangimento, por tratar de assuntos ligados a minha história de vida, porém entendo que minha participação trará benefícios para os estudos nessa área, bem como propiciará um resgate importante da minha trajetória pessoal.

Diante dos esclarecimentos obtidos sobre a pesquisa em questão, concordo em participar desse estudo, desde que não tenha prejuízo de quaisquer direitos legais assegurados pela minha condição de participante da pesquisa.

Recife, ____/____/20____.

PARTICIPANTE - Assinatura: _____

Nome completo: _____

TESTEMUNHA 1 - Assinatura: _____

Nome completo: _____

TESTEMUNHA 2 - Assinatura: _____

Nome completo: _____

PESQUISADORA - Assinatura: _____

Juliana Oliveira de Souza - Mestranda em Psicologia – UFPE/CFCH

Endereço: Rua Potengy, 87, IPSEP, Recife-PE. Telefones: (81) 3471-4019/8766-4041.

ANEXO II



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N.º 302/2007 - CEP/CCS

Recife, 09 de outubro de 2007

Registro do SISNEP FR – 144971

CAAE – 0214.0.172.000-07

Registro CEP/CCS/UFPE Nº 216/07

Título: "Histórias de vida construídas em abrigos – uma alternativa possível"

Pesquisador Responsável: Juliana Oliveira de Souza

Senhora Pesquisadora:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou, de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epigrafe, aprovando-o e liberando-o para início da coleta de dados em 09 de outubro de 2007.

Ressaltamos que o pesquisador responsável deverá apresentar relatório ao final da pesquisa.

Atenciosamente

Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto
Coordenador do CER/CCS/UFPE



José Angelo Rizzo
Vice - Coordenador do CEP/CCS/UFPE

A

Mestranda Juliana Oliveira de Souza
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – CFCH/UFPE